



Ultrafertil Deseja Instalar-se em Pres. Prudente Mas Encontra Dificuldades Para Localizar-se

Esta é já a segunda tentativa do grupo ULTRAFERTIL em instalar-se na cidade de Pres. Prudente. Não é preciso dizer que a Ultrafertil com 7 fabricas de fertilizantes no interior de São Paulo transformou-se no maior complexo integrado da América Latina. Ela opera com o que de

mais moderno existe em equipamento e tecnologia aplicados à agricultura. Um Centro de Serviços Agrícolas como da Ultrafertil representa a construção de um complexo industrial que vai da instalação de silos, equipamento automático de mistura de materiais granulados armazenar para mistu-

ras ensacadas e produtos químicos defensivos; tanque para armazenamento de Amônia Anidra; escritório de vendas e administrações; centro de treinamento para orientação dos agricultores; balança para pesagem dos produtos à granel; desvio ferroviário, implementos apropriados para a aplicação de fertilizantes sólidos ou líquidos e calcário; recepção e exposição; depósito e equipamento de moagem de calcário, ensacadeira automática, etc. Prevê-se ainda nos planos da Ultrafertil a construção de silos para o armazenamento das colheitas da região.

O QUE FAZ

A sua finalidade é produzir fertilizantes altamente concentrados e no elevado teor nutricional. São os fertilizantes nitrogenados fosfatados e potássicos de que a agricultura brasileira tanto precisa. O município de P. Prudente e a região representam para a Ultrafertil um centro produtor em potencial dos seus produtos. Antes de instalar-se em outras cidades do interior a ULTRAFERTIL já tinha voltado suas vistas para esta região. Mas as dificuldades encontradas foram tão grandes que seus planos foram prorrogados.

E AGORA

Agora um grupo de cidadãos interessados no desenvolvimento de Presidente Pru-

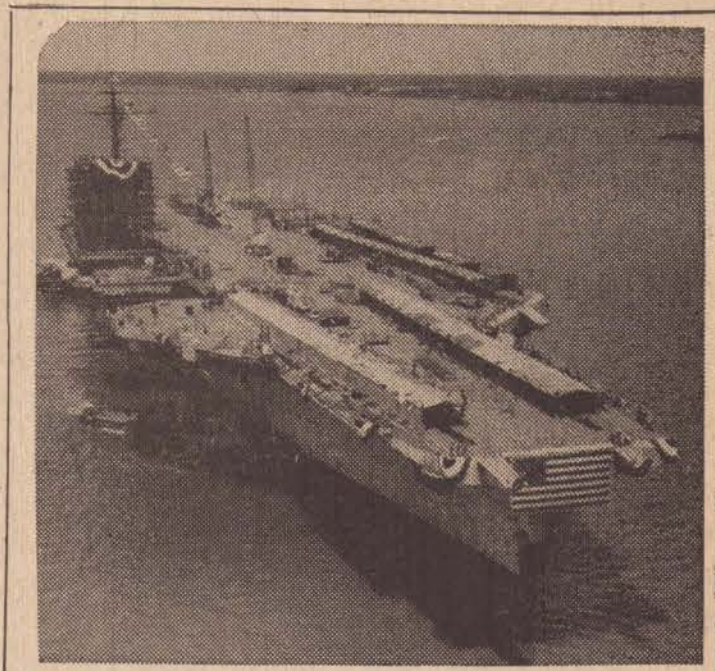
dente e da região insistiu mais uma vez junto à empresa para que ela construa aqui sua indústria.

Como não se encontra concluído o plano da área destinada ao Distrito Industrial é certo que a Prefeitura não pode conceder-lhes ali a área desejada de 12 mil metros quadrados para suas instalações. Numa propriedade de próxima à área do distrito industrial engenheiros e técnicos da ULTRAFERTIL viram possibilidades de tornar efetiva sua participação no desenvolvimento industrial de Pres. Prudente. Entretanto, ainda mais vez se criam embaraços, como se todos nós estivéssemos desinteressados sua instalação.

O Poder municipal tem condições legais para levar

tar a área e torná-la de utilidade pública, se persistir a relutância em torno da sua aquisição.

Chegou-se agora a um ponto em que os poderes legislativos do município estão na obrigação de tomar uma posição. Ou vamos perder mais essa oportunidade? Onde está o nosso interesse em tornar realidade o progresso industrial do município. Custa crer que prudentinos estejam criando obstáculos justamente a uma empresa que quer ser a primeira a chegar no município nesta fase em que a Comissão da Bacia Paraná-Uruguai considerou Pres. Prudente em condições de desenvolver o primeiro distrito industrial do interior do Estado.



BATISMO DE UM PORTA-AVIÕES — "Eu te batizo John F. Kennedy", disse Carolina Kennedy, filha do falecido Presidente dos Estados Unidos, ao quebrar contra o casco do novo porta-aviões a tradicional garrafa de champagne. Contemplam a cena em Newport News, Virginia, o Presidente Johnson, o pequeno John Kennedy e a viúva de Kennedy. Num discurso pronunciado pouco antes do ato perante uma multidão de 15.000 pessoas, o sr. Johnson manifestou a esperança de que a existência do porta-aviões transcorra numa era de paz.

Dom Helder: Hoje em Londrina

O arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, foi convidado pela Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco para tomar parte, hoje, amanhã e depois de amanhã, do Primeiro Encontro dos Trabalhadores da Agricultura nos Estados do Sul. O importante conclave ruralista será realizado em Londrina. Dom Helder Câmara aceitou o convite.

POLÍTICA SALARIAL:

MAIA FLEXÍVEL

O Governo não cogita de alterar a política salarial adotada, mas aperfeiçoá-la, no sentido de tornar mais flexível ao seu emprego. A declaração é do sr. Osvaldo Iorio, representante do ministério do Planejamento, no grupo interministerial, encarregado de apreciar os direitos derivados da adoção da política salarial vigente, e oferecer alternativas de solução. Participam ainda do grupo, Ivo Pinheiro, do ministério do Trabalho, e Carlos Roga e Helio Kama, do ministério da Fazenda.

TARSO DUTRA: FORTE

CANDIDATO AO GOVERNO DO RS

O deputado Julio Brunelli, da Arena do Rio Grande do Sul, considera o ministro Tarso Dutra como o mais forte candidato, no seio do partido situacionista, ao governo do Estado nas próximas eleições a realizarem-se em 1970. Afirmou o parlamentar que o prestígio do titular da Educação não foi nem será abalado em consequência das críticas infundadas que está sofrendo.

132 médicos gaúchos

voltaram às boas com o INPS

Em face da promessa do governador Perachi Barcellos de entrar em contato com o ministério do Trabalho, deliberaram os anestesistas do INPS suspender o movimento grevista que haviam encetado em Porto Alegre. Dêsse modo, 132 médicos retornaram aos trabalhos, sob a promessa de pagamento dos honorários referentes ao ano de 1967.

CIBRAS Já Está Operando na Região

Com a instalação do seu escritório em nossa cidade, a rua Nicolau Maffei 342, primeiro pavimento, a agência da CIBRAS, Cia. de Indústrias Brasileiras, iniciou-se a

sua primeira fase operacional na Alta Sorocabana.

Várias autoridades e dirigentes da CIBRAS estiveram presentes ao ato de instalação do escritório, entre os

quais destacamos: Antonio Veronesi, diretor-presidente Fausto Botelho, gerente de vendas; Armando Chaves, inspetor seccional; Lázaro

Ferreira Jullo, inspetor regional; Nelson Diniz, chefe da equipe na região; e o sr. Deuclides Araújo, inspetor de Equipe na Região. (conclui na 3.ª página)

Diretor do DET na FIESP-CIESP

São Paulo — SSI — O diretor do Departamento do Trânsito, sr. Paulo Pestana, esteve na Federação e centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Foi recebido no salão nobre dessas entidades por grande número de industriais diretores da FIESP-CIESP, liderados pelo seu presidente, sr. Theobaldo de Nigris. Coube ao sr. De Nigris saudá-lo. Inicial-

mente disse da honra das entidades da indústria em receber o diretor do DET. "Esteja certo o operoso homem público que de há muito deseja a classe industrial paulista trazer-lo aqui, afim de que, através de um diálogo direto com os empresários, pudéssemos todos desfrutar de sua larga experiência sobre os problemas decorrentes do transito em nossa capital", afirmou.

A seguir, teceu vários considerações sobre o transito de São Paulo ressaltando que as questões que o caracterizam sempre foram do interesse das classes produtoras e, em especial das esferas industriais. O sr. Theobaldo De Nigris concluiu suas palavras agradecendo a presença do diretor do DET.

Falando e seguida, o sr. Paulo Pestana agradeceu a palavras do presidente da FIESP-CIESP, falando de sua honra e estar entre os homens da produção paulista. Disse da necessidade do apoio de todos e que sem isso nada seria possível de se realizar. Depois traçou a sua orientação para resolver os problemas do transito em quatro itens: Prioridade aos transportes coletivos, respeito aos pedestres, maior fluidez de trafego nas arterias e campanha educativa sobre transito. Disse que em dois meses de trabalho vem tentando re-

solver o transito da parte central da cidade, Largo do Arouche, Praça da Republica, Rua Augusta, Consolação e outras, já obtendo bons resultados nessa parte.

Respondendo ao sr. Oswal do Palma, presidente do Sindicato da Indústria da Construção e Montagem de Veículos e vice-presidente da FIESP-CIESP, que indagou qual a opinião do diretor do DET a respeito da criação da Secretaria Municipal de Transportes, face ao Departamento Estadual do Trânsito, o sr. Paulo informou que há um perfeito entrosamento entre o órgão que dirige e ao Departamento de Obras da Municipalidade, o que tem sido de grande valor.

Novos esclarecimentos foram solicitados em seguida ao sr. Paulo Pestana, que prestou uma serie de informações no que concerne ao planejamento para o futuro.

Realizou-se na tarde de ontem, uma Assembléia Geral Extraordinária dos cooperados da C.L.V.P. de Presidente Prudente, na sede do Sindicato Rural (patronal).

Esta Assembléia não foi convocada pela diretoria da Cooperativa de Laticínios Vale do Paranapanema, mas sim por uma comissão, que tinha sido incumbida de vender o patrimônio daquela organização, que após consultar e receber parecer favorável de mais da metade dos cooperados, elaborou o edital de convocação.

Foi eleito, na oportunidade pela maioria dos 75 cooperados presentes, o sr. Augusto Abilio Cepeda, para presidir a referida Assembléia.

Três assuntos, estavam na pauta dos trabalhos: a venda do patrimônio da Cooperativa, a destituição da atual diretoria e a formação de uma comissão, destinada, segundo o presidente eleito, "regularizar os assuntos da entidade, assim como saldar suas dividas contraídas com os próprios cooperados".

Quanto ao primeiro assunto, foram apresentadas três propostas de compra do patrimônio da organização por firma particular ou por grupos de interesse econômico.

Os cooperados, após discutirem os prós e contras, e também as formalidades destas três propostas, optaram unanimemente pela aceitação da apresentada pela firma "VIGOR", da ca-

pital paulista, que ofereceu 325 mil cruzeiros novos, à vista.

Também foi destituída a atual diretoria da Coopera-

tiva de Laticínios Vale do Paranapanema, sendo consequentemente, nomeada pelos 75 cooperados, uma comissão especial para subs-

tuir-la. Tal comissão é formada pelos senhores: Abilio Cepeda, David Domingos Cirelli, e Montano Portolezi.

Estaria Realmente Vendida a C.L.V.P.?

Cresce o Consumo do Gás Liquefeito de Petróleo

O gás liquefeito de petróleo para uso doméstico apresenta crescente expansão no consumo e, portanto, impõe maior volume de suprimento para atender à procura pelas donas de casa. A capacidade de produção interna é pequena.

De janeiro a agosto de 1967 a importação de GLP pelo Brasil foi de 171.341 toneladas, que nos custaram CIF US\$ 9.055 milhões. O consumo industrial, por seu turno, está em crescimento e, em 1966 já havia alcançado 3% do total, isto é, 24.000 toneladas. Mediante a Resolução 1-67, o Conselho Nacional do Petróleo restringiu-o.

A PETROBRAS, aliás, está executando um programa de fomento da produção de GLP. A Refinaria "Presidente Bernardes", no Cubatão, contribui com grande parcela no suprimento. A participação do gás estrangeiro alcança a média de 30% do consumo. Ora, o dispêndio em cambiais onera, substancialmente, o Balanço de Pagamentos com a compra de petróleo cru.

A boa distribuição de GLP para uso doméstico, sua excepcional disponibilidade (salvo casos esporádicos de escassez) e o seu baixo preço por calorimetria determinaram a atual procura em larga e ascendente escala. De outro lado, concorre para reduzir o desmatamento das regiões mais populares, que redunda na conservação de matas e bosques, além de florestas junto a centros urbanos do Interior, tal como ocorre no Sudoeste do Estado de São Paulo. Atente-se no fato de que o consumo de uma tonelada de GLP contribui pa-

ra evitar a derrubada de 50 GLP suscitou o aparecimento de árvores. Além do mais, o uso de indústrias de fogões e botijões, as quais proporcione nam emprego a numerosa mão de obra. Mobiliza, também, enorme frota de caminhões médios e pesados, além de motoristas e ajudantes. Multiplica empregos nas organizações distribuidoras, em escritórios, depósitos e armazens.

MARCA DA IMPORTAÇÃO

Dados fornecidos ao Departamento de Estatística da Secretaria de Economia e Planejamento pelo Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, indicam que a importação pelo porto de Santos de GLP em 1957 não foi além de 2.011 toneladas, no valor CIF (Custo, Seguro e Frete) de US\$ 205 mil, equivalentes em cruzeiros da época

a CR\$ 7 milhões. Dez anos mais tarde de janeiro a outubro de 1967, o volume tinha ascendido a 169.456 toneladas que custaram CIF US\$ 8.816 milhões... Isso, apenas por aquele porto paulista. O aumento em toneladas foi de 98,81%. O valor cresceu mais de 3.000 vezes. Apenas para abastecimento do Estado de São Paulo e regiões com as quais mantem divisas, como o Sul de Minas, Triângulo Mineiro, Sul de Mato Grosso e Goiás, bem como Norte do Paraná.

Na atualidade, o GLP é importado ao custo de US\$ 52 a tonelada, valor médio, CIF Santos. Ao tomar o valor CIF em 1957 (janeiro a outubro) e a quantidade importada, cumpre atender no fato de que o ano passado está incompleta, impedindo cotejo mais realista com 1966.

MISSÃO COMERCIAL ESPANHOLA REUNE-SE COM EMPRESARIOS

SÃO PAULO — SSI — A Missão Comercial Espanhola que se encontra em São Paulo esteve na sede da Câmara Oficial Espanhola. Os integrantes da Missão se reuniram com os representantes das entidades de classe ligadas os setores do comércio, indústria e da produção em geral. Da mesma

reunião participaram empresários interessados no intercambio comercial com a Espanha do setor de equipamentos industriais.

A Federação e o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo estiveram representadas no encontro pelo sr. Osvaldo Palma, seu vice-presidente.

DE INTERESSE DA INDUSTRIA

CONCORRENCIAS PUBLICAS

SÃO PAULO — SSI — A Campanha Municipal de Transportes Coletivos de S. Paulo abriu novas concorrências publicas para a aquisição do materiais diversos. Como se tratam de concorrências do interesse da industria, copias dos editais foram enviados à FIESP-CIESP. De acordo com os editais vencem no próximo dia 29, as destinadas à aquisição de 1.000 lampadas "Osran-Bilux" 7,951,3 polos e 24 pontas de

eixos esquerdos GMC, adaptação para Alfa Romeo. No dia 30 para a compra de 700 ms. de tapete plastico, liso, azul; 1.020 guarnições de eixo de embreagem e 12.300 lonas do freio, para onibus Mercedes Benz e Alfa Romeo e no dia 15 aquisição de 1 (um) rotor completo, em bronze especial, do freio dinamometrico. Informações pormenorizadas a respeito poderão ser obtidas nos escritorios da empresa.

Delegacia Regional de Policia de P. P.

PORTARIA N.º 16/68

O doutor MAURICIO HENRIQUE GUIMARAES PE REIRA, Delegado Regional de Policia de Presidente Prudente.

Tendo em vista que:
a) — A Portaria n.º 11 do Sr. Secretário da Segurança Pública, publicada na edição de 1.º do corrente do Diário Oficial do Estado, tem caráter normativo para todo o Estado, mas genericamente; e

b) — se fez mister adaptar a ação policial às determinações constantes da Portaria n.º 1/68 do MM. Juiz de Menores desta Comarca.

BAIXA as instruções seguintes com o objetivo de garantir a realização dos festejos carnavalescos dentro de clima de ordem e segurança:

1.º) — Os bailes carnavalescos só poderão ser realizados mediante alvará policial, fornecido nesta cidade pelo sr. Dr. Delegado-Chefe do Setor de Diversões Públicas;

2.º) — Os alvarás deverão ser requeridos, improrrogavelmente, até o dia 16 de fevereiro p.m., a fim de serem providenciados os respectivos licenciamentos;

3.º) — Os prêmios, blocos, cordões, ranchos e outros agrupamentos carnavalescos só poderão sair à rua mediante alvará policial, fornecido nesta cidade pelo sr. Dr. Delegado-Chefe do Setor de Diversões Públicas;

4.º) — Os prêmios carnavalescos dependerão de vistoria, inclusive quanto aos veículos, pela mesma autoridade e pelo Dr. Delegado de Trânsito.

5.º) — Os blocos, cordões,

ranchos e outros agrupamentos carnavalescos, após a posse do necessário alvará policial, ficam autorizados a fazer suas evoluções nas ruas da cidade, observadas as restrições impostas em benefício do trânsito, sendo-lhes vedado, porém, transitar pelas calçadas das ruas do centro, bem como penetrar em cafés, restaurantes, bares, cabarês, "dancings" e outros estabelecimentos congêneres. É proibida qualquer coleta de doativos.

6.º) — A exibição em público de estandartes, insígnias ou alegorias para fins carnavalescos, só será permitida após terem sido previamente vistoriados pelo Setor de Diversões Públicas, devendo os pedidos nele serem entregues até o dia 16 de fevereiro próximo futuro.

7.º) — Os ensaios carnavalescos só poderão ser realizados em recinto fechado, entre 19,00 e 22,00 horas, mediante alvará fornecido pelo Setor supra-mencionado.

8.º) — As vespertas carnavalescas serão iniciadas às 15,30 horas e encerradas às 18,00 horas e os bailes carnavalescos terão início às 21,00 horas e serão encerradas às 4,00 horas.

9.º) — Somente em recintos fechados será permitido o uso de máscaras, desde que estas não impeçam a imediata identificação das pessoas pela Polícia.

10.º) — É terminantemente proibido usar, nos bailes e funções carnavalescas, tanto na via pública como em recintos fechados, vestimentas sumárias e atentatórias à moral.

11.º) — É vedado o uso de lança-perfume, pós, líquidos não voláteis e outras substâncias capazes de irritar ou molestar, ficando sujeito o infrator à apreensão dos re-

ceptivos próprios para os transportar, tais como bisnagas, seringas, etc. e a processo por infração ao artigo 65 da Lei de Contravenções Penais.

12.º) — Cada estabelecimento de diversões, associações, clubes ou entidade que promover festas carnavalescas deverá sob pena de suspensão ou cassação do respectivo alvará de funcionamento, manter um serviço permanente de fiscalização a ser exercida no local de ingresso e no próprio recinto, subordinando-o à orientação e supervisão das Autoridades policiais escaladas.

13.º) — Caberá a orientação do serviço às Autoridades Policiais designada ou, na falta ou impedimento desta, ao policial escalado, de maior graduação ou categoria.

14.º) — Não será tolerado o excesso de lotação nas casas ou recintos em que se realizarem festejos carnavalescos, ficando o responsável pela infração sujeita às medidas policiais cabíveis.

15.º) — Terão livre ingresso em todos os locais onde se realizem festejos carnavalescos, sujeitos ao licenciamento da Divisão de Diversões Públicas, os funcionários da Divisão de Diversões Públicas e funcionários que se apresentarem munidos de escala de serviço.

16.º) — Nos bailes e casas de diversões públicas, será exercida rigorosa fiscalização, a fim de que a cerveja, o "chopp", o guaraná, a água mineral e outras bebidas de consumo permitido, alcoólicas ou não, sejam vendidas pelo preço estabelecido em tabela aprovada por Autoridade competente e afixado em local visível ao público.

17.º) — Não será permitido o uso de animais para fins carnavalescos.

18.º) — As Autoridades Policiais deverão dar todo apoio aos representantes do MM. Juiz de Menores, aos Agentes Federais, Estaduais e Municipais, a serviço de suas respectivas Repartições.

19.º) — A Polícia exercerá durante os festejos carnavalescos e pré-carnavalescos, rigorosa fiscalização tomando medidas policiais cabíveis contra os infratores, especialmente nos seguintes casos: depreciação de bens públicos e particulares (arts. 163, 265 e 266 do Código Penal); porte de armas (art. 19 da Lei das Contravenções Penais); provocação de tumulto (art. 40 da L.C.P.); fingir-se algum funcionário público ou usar publicamente uniforme ou distintivo de função pública que não exerce (arts. 45 e 46 da L.C.P.); importunação ofensiva ao pudor (art. 61 da L.C.P.); apresentar-se algum publicamente em estado de embriaguez, de modo que cause escândalo ou ponha em perigo a segurança própria ou alheia (art. 62 da L.C.P.); servir alguém bebidas alcoólicas a menor de 18 anos, a quem se acha em estado de embriaguez, a pessoa que o agente sabe sofrer das faculdades mentais, a pessoa que o agente sabe estar judicialmente proibida de frequentar lugares onde se consomem bebidas de tal natureza (art. 63 da L.C.P.); perturbação da tranquilidade (art. 65 da L.C.P.); ultraje público ao pudor (art. 233 do C.P.).

20.º) — As Autoridades Policiais designadas terão a colaboração do pessoal de Diversões Públicas.

Registre-se e publique-se através da imprensa escrita e falada local e CUMPRE-SE

Presidente Prudente, 12 de fevereiro de 1968.

O DELEGADO REGIONAL DE POLICIA.

Maurício Henrique Guimarães Pereira.

Declarção

Pela presente, declaro que foi extraviado minha Carteira Nacional de Habilitação de motorista "PROFISIONAL", n.º 3.148 — Pron tuário, n.º 4.296, expedida pela 42.ª Circunscrição de Trânsito de Santo Anastácio, em 16 de novembro de 1.962, ficando a mesma sem efeito caso seja encontrada, visto que já estou providenciando a competente segunda via.

Para clareza, firmo a presente fazendo-a publicar no jornal "O IMPARCIAL".

Santo Anastácio, 12/fev/1.968

(ass.) Katsumi Tanaka

LUXO
BELEZA
ALEGRIA
ANIMAÇÃO
PRÊMIOS

Carnaval é na Prudentina

Sandovalina: candidato em potencial à sucessão

Esteve em nossa redação, o senhor Antonio Narciso Sandoval, um dos pioneiros da cidade de SANDOVALINA, foi ele que instalou o distrito em 1954 e quando passou a município, foi o primeiro prefeito no período 1960/63.

CANDIDATO

Quando a reportagem perguntou ao senhor Antonio Nascimento Sandoval se era candidato à sucessão em sua cidade, eis o que disse o visitante: "De fato sou candidato novamente a prefeito de Sandovalina, pois gostaria de continuar aquilo que já iniciei quando prefeito no período 1960/63. Estou recebendo apoio da velha ala de meus amigos que me elegeram naquele ano".

PROGRAMA

Perguntou a reportagem se tinha algum programa de linedo e respondeu: "Meu programa se resume no seguinte: 1 — desapropriação para fins agrários, conforme já iniciei no outro período administrativo, seria uma espécie de reforma agrária mirim. 2 — assistência mé-

dica municipal permanente com médico residente. 3 — ambulância para o transporte de doentes que necessitem ser hospitalizados. 4 — assistência aos pequenos lavra-

dores que lutam com dificuldades em suas lavouras e aos pobres em gerais. 5 — paz e sossego para todos, como consegui no primeiro período administrativo".

DR. ARARIPE DE SOUZA
PSIQUIATRIA
DIRETOR CLINICO DO SANATÓRIO SÃO JOÃO
Doenças Nervosas — Psicoterapia — Alcoolismo
RUA DR. GURGEL, 186 — FONE, 5005

CÂMARA MUNICIPAL DE PRES. PRUDENTE

De autoria do vereador Joaquim Z. Nascimento, presidente da Casa, a Câmara Municipal aprovou ontem requerimento nos seguintes termos:

CONSIDERANDO QUE

tramite no Congresso Nacional projeto que pretende estabelecer imunidade para os pronunciamentos de vereadores e que intenso movimento vem sendo feito em torno da matéria;

CONSIDERANDO QUE a cada dia mais se torne necessária a auto-disciplina e a moderação dos pronunciamentos do homem público, sem que com isso se entenda diminuída a sua liberdade de pronunciamento, e que o de imunidades possa ser confundido com impunidades;

CONSIDERANDO FINALMENTE que imunidade deste tipo podem apenas conduzir os legislativos municipais a um comportamento agressivo sem fundamento, pois se fundamento houver na agressão, dispensa-se a imunidade.

REQUEIRO A MESA, ouvido o plenário, seja oficiado às bancadas da ARENA E DO M.D.B. na Câmara e no Senado, fazendo as cientes de que os vereadores de Presidente Prudente se manifestam contrariamente à Lei de Imunidades para os vereadores, ora em tramitação no Congresso Nacional.

Sala das Sessões, 12 de Fevereiro de 1968
a) Joaquim Zeferino Nascimento.

Declaração

Declaro, para fins de direito, o extravio do certificado de propriedade da Pic-up Willys-51, americana, motor T-48.500, 4 cilindros, uma tonelada, cor verde e branco, emitido pelo DST de Prudente em nome do Dr. Anacleto Roberto Barbosa a mim endossados São Paulo, 20 novembro de 1967.

Galante
TRANSPORTADORA LTDA.

ALTA SOROCABANA
MÉDIA SOROCABANA
MÉDIA MOGIANA

SÃO PAULO
Rua Afonso Arinos, 177 — Fone, 92-8715

CASA BRANCA
Rua Capitão Horta, 64 — Fone, 388

PRESIDENTE PRUDENTE
Rua Luiz Cunha, 257 — Fone, 4674

Barbosa da Silveira E A Sociedade em Tópicos

Proveitosa a reunião da Sociedade de Amigos da Cidade, terça-feira última na sede do Corinthians. Importantes assuntos foram discutidos, estudos e a diretoria tomará inúmeras providências de interesse da cidade, por intermédio de ofícios e fazendo sugestões. Atilio Fabbris, Luiz Roberto Marcondes de Oliveira, Luiz Guilherme de Oliveira, Celso Francisco Pinto e o colunista abordaram os assuntos em toda a profundidade. Geraldo Soller e Staleley Zaina não compareceram o primeiro estava viajando o segundo por motivos imperiosos. A próxima reunião será dia 20, terça-feira, às 17 horas, no mesmo local.

É com grande prazer que consignamos o aniversário natalício no dia de amanhã, de uma das mais extraordinárias damas de nossa sociedade, a senhora IRACEMA MARTINS MARREY, esposa do Dr. Pedro Luciano Marrey, Governador do Distrito L-12 do Lions Clube. Com sua personalidade marcante, com sua simpatia contagiante, com sua comunicabilidade, a senhora Iracema Marrey, é bastante admirada, e muito principalmente por colaborar decisivamente nos movimentos filantrópicos. Amanhã à noite, as portas de sua mansão de abrigo para receber aqueles que irão cumprimentá-la. Modestamente apresentamos nossas congratulações à ilustre senhora.

A Prudentina vai realizar durante o carnaval o tradicional concurso de blocos e fantasias com distribuição de prêmios. Aos blocos, primeiro colocado NCR\$ 500,00 e ao segundo NCR\$ 250,00. Com referência as fantasias, à primeira colocada masculina NCR\$ 150,00 e à primeira feminina o mesmo valor. Quanto ao carnaval infantil, aos blocos NCR\$ 100,00 e NCR\$ 50,00 respectivamente primeiro e segundo. Com referência as fantasias infantis, NCR\$ 50,00 à primeira masculina e feminina. Os preparativos continuam acelerados e tanto Antonio Macca como Dr. Alberto Fernandes, estão trabalhando para o sucesso absoluto do carnaval tricolor. Ontem foi inaugurado o luminoso giratório com o dizeres: "Carnaval é na Prudentina".

ANIVERSÁRIOS — Hoje 16 — João Tavares Pimentel — Marilda Ruiz — Mario Luiz Garrido filho do casal Carlos Garrido — Wanderley Junker Martins — Solange Aparecida Lisboa, residente em Rancheira — Domingos Medina Junior — Anphilophio de Oliveira, funcionário da Delegacia Regional de Educação Física, residente em Martinópolis — aniversário de casamento de Domingos Medina e Rabel B. de Oliveira. Amanhã 17 — Miguel Di Colla — Marai das Graças de Souza — Sílvia

Maria Rosan — Analia Mori Faria Motta — Maria de Lourdes Amorim — Mary Tarabay.

Amanhã no Tenis Clube, a partir das 12,30 horas, as famosas e suculentas FELJODAS CARIOCAS. Reservem suas mesas com a devida antecedência. E, domingo, o já tradicional ALMOÇO-MUSICADO, com a participação de Zingar no violino, e a gentileza de Jorginho e sua equipe, no servir. Para domingo, o cardápio é o seguinte: SALADAS ESPECIAIS — MAIONESE DE FRANGO — LAZANHA "A TOSCANA" — GALETO À MODA DA CASA — ARROZ "BREJEIRO" e como sobremesa A MODA DA CASA. Façam as reservas com a devida antecedência.

Visitaram nossa redação quarta-feira última, os senhores Antonio Veneroni, diretor-presidente da CIBRAS, Fausto T. Botelho, gerente de vendas, Valdemar Sotello, inspetor geral para todo o Estado do Paraná e nosso amigo Joaquim E. Martins, o conhecidíssimo Quincas, que será o agente em nossa cidade. Foram recebidos pelos nossos diretores Mario Peretti e Sergio Antonio. A companhia inaugurou seu escritório, naquele dia, às 18,30 horas.

Waldomiro Bavareco, nosso colega sofreu quarta-feira à tarde, desastre, pois subindo a Avenida Manoel Goulart, em sua lambreta, bateu num caminho. Waldomiro sofreu fratura do fêmur e imediatamente foi internado. Já está apresentando melhoras. Desejamos rápida recuperação.

CINEMAS

Cine Presidente

Hoje — FECHAS ARDENTES — Stuart Granger com sessões às 14 horas e às 20,30 horas

Amanhã — às 14 horas e sessão única às 20 horas — ESTES HOMENS MARAVILHOSOS COM SUAS MAQUINAS VOADORAS — Stuart Whitman

Cine João Gomes

Hoje — AS CARIOCAS — Norma Benguel — em sessão única às 20,30 hs.

Amanhã — às 19,30 e 21,15 — FLECHAS ARDENTES — Stuart Granger



Agência Franco

IMÓVEIS — ADMINISTRAÇÃO

sind. creci — 3627

C. Franco

Mafel — 148 — Tels. 2531 — 2625

ALUGA-SE

Rua Ruy Barbosa, 407, com 3 dormitórios, 1 tipo apto., armário embutido sala c/ piso de mármore, copa, cosinha, banheiro, biblioteca, dispensa, adega, dep. p/ empregada, área de serviço, garagem.

Rua Antonio F. de Menezes, 33, com 3 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro, dep. p/ empregada dispensa, tanque coberto, garagem.

Rua Joaquim Nabuco, 81, com 3 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro, quarto de empregada, entrada p/ carro e c/ telefone.

Rua Dr. Gabriel Lessa, 251, com 2 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro, e salão comercial em baixo.

Rua Ruy Barbosa, 1.123, com 3 dormitórios, sala, cosinha, banheiro, dep. p/ empregada, área.

Rua Maria Aparecida, 538, com 2 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro, aquecedor central, garagem.

Rua Revmo. Corolno, 1.311, com 2 dormitórios, sala-copa, cosinha, banheiro, área na frente e fundos, entrada p/ carro.

Rua Revmo. Coriolano, 1.323, com 2 dormitórios, sala, cosinha, banheiro, área na frente e fundos.

Rua Maria Anita, 58 (casa de madeira) 4 cômodos.

VENDE-SE

Fina residência nas proximidades da Catedral, contendo, 4 dormitórios, sendo 1 apto., sala grande, copa, banheiro completo, cosinha, dep. p/ empregada, quarto de despejo, garagem.

Residência excelente localização, com living, 4 dormitórios, sala, Hall de granito, copa, cosinha, banheiro, área de serviço, lavanderia, dep. p/ empregada, área de taco e mármore, garagem, fogão caipira.

Residência a 3 quadras da Catedral, contendo 3 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro completo, dep. p/ empregada, área interna e externa, garagem.

Residência contendo, 3 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro em côres, dep. p/ empregada área, garagem.

Residência construída numa área de 84 m², construção de madeira, com 3 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro, área de frente, área de frente, área de serviço, toda forrada.

Residência, parte tijolos parte madeira, contendo, 3 dormitórios, 2 salas, área, de frente e fundos, inst. sanitária completa c/ box, cosi-

na, poço coberto c/ bomba elétrica p/ carro, piso de sinteco, terreno todo murado.

Excelente apto. contendo 2 dormitórios, sala, copa, cosinha, banheiro completo, dep. p/ empregada, armários embutidos.

1 terreno 11/22 rua Botucatu eq. Jaboticabal

1 terreno 11/22 de eq. rua Bala — Vila Marina

2 terrenos situados no Jardim Bongiovani c/ 540m².

1 terreno de 22/22 — rua Tabapuá — Vila Formosa

1 terreno 22/33 — Rua Maromó — Vila Formosa

1 Terreno de 44/55 — rua Cicero de Barros eq. Raposo Tavares

Terreno de 22/33 — rua Fernando Costa c/ Liberdade

Terreno de 22/44 — Rua Revmo. Coriolano — entre Emilio Mori e S. Sebastião

Terreno 10/27 — rua Planalto eq. c/ rua 11 — Jardim Bongiovani

Terreno de 11/33 — murado — Rua Dr. Domingos L. Ceravolo

Terreno de 11/22 — Rua Liberdade — Vila Santa Izabel

Área de 105 alqueires no Linoeiro a 13 kms de Prudente

Apôio à Sucessão

O prefeito Watal Ishibashi, em entrevista concedida ao repórter Altino Correia, da Rádio Presidente Prudente, afirmou que oportunamente vai se manifestar sobre o nome que apoiará para a sua sucessão.

Disse contudo que três figuras estão cogitadas no seu círculo política para merecer o seu apoio: dr. Odilo Antunes de Siqueira, Milton Rodrigues ou Joaquim Pellegrine.

Deixou claro que esse apoio dependerá da popularidade e da respectividade que aqueles homens encontrarem junto à população de Presidente Prudente.

Proteja sua Saúde beba **Água Sta. Inês** Pedidos pelo Fone, 2825

Em quando em vez ouça a **Martinópolis Rádio Clube**

Ficou mais fácil ter o melhor trator: qualquer dos 7 modelos Massey-Ferguson a prazos mais longos e juros e taxas mais baixas!

O prazo de pagamento dos tratores e implementos Massey-Ferguson foi estendido para 5 anos. E as taxas e juros foram baixados para 15% ao ano. Faça-nos uma visita. Temos muito que conversar... Mas lembre-se: esta oferta só é válida até 30 de abril de 1968.



"VIMASA" VIATURAS E MAQUINAS LTDA.
Revendedor Autorizado:
Av. Manoel Goulart, 662 — Fones: - 2361 e 3710
PRUDENTE PRUDENTE

SOMOS 37 FAMÍLIAS EM 4 ESTADOS DO BRASIL

A cuidar dos seus interesses

BANCO FINANCIAL DE MATO GROSSO S.A.

Em PRES. PRUDENTE:
Rua Siqueira Campos, 620
(prédio próprio)
telefone, 2473 — 2545



ESTADO DE SÃO PAULO
Alfredo Marcondes
Araçatuba
Presidente Epitácio
Presidente Prudente
São Paulo
Mirandópolis

NO ESTADO DE MATO GROSSO
Amanhael
Aquidauana
Barra do Graça
Bonito
Caarapó
Cáceres
Camapuã
Campo Grande
Corumbá
Coxim
Culabá
Dourados
Itaporã
Ladário
Nova Andradina
Orfeolândia
Rio Brillante
Rondópolis
Parnaíba
Pocané
Ponta Porã
Sidrolândia
Três Lagoas
Várzea Grande
Fátima do Sul
Vila Glória de Dourados
Cassilândia
Porto Murtinho
NO ESTADO DA GUANABARA
Rio de Janeiro
MINAS GERAIS
Uberlândia

BOM DIA, CIDADE GS

FOSSA — Apesar de reclamos já feitos por nós, continua aberta, nas imediações do aeroporto, fossa-negra construída pela PM, destinada aos servidores daquele setor. O perigo é constante, dado o trânsito de menores, rumo à escola, naquele local. É uma providência que deve ser tomada, antes que uma ocorrência mais triste venha a se registrar. Quem avisa amigo é.

ÁGUA — Sessenta moradores da rua Alvares Machado e adjacências subscreveram abaixo-assinado, pedindo providências ao prefeito da cidade, acerca da falta de água naquele setor. Apontam os queixosos que a água vem à noite, mas que, durante o dia, há falta do precioso líquido. Nisso reside talvez uma pequena falha técnica, que certamente o D.A.E. da PM irá resolver satisfatoriamente.

ALARGAMENTO — O vereador Mário Tamaoki apresentou requerimento ao Executivo, seguido de abaixo-assinado, pedindo o alargamento da rua Quintino Bocaiuva, na vila Marcondes, para facilitar o estacionamento de veículos naquela artéria. É medida plausível. Resta saber até que ponto há interesse de atender aos reclamos dos sofridos moradores da quele bairro.

LIONS — O "caçula" da vila Marcondes tem reunião festiva hoje à noite, no Tennis Clube, com duas particularidades: — estréia do uniforme, e a cerimônia de posse do cidadão Eugênio Bolinger recentemente engajado por aquele clube de serviço. Os "leões" do Cinquentenário continuam sob vibração, devendo se constituir num elenco que bons serviços há de prestar à comunidade local. De parabens Marcelo Rozas e seus presidiados.

CAIXA — Tem a Caixa Econômica Federal de São Paulo novo titular nesta cidade. É ele Hélio Gonzaga Luzia. Procedeu de Assis, e já assumiu o posto caracterizando-se pelo dinamismo que já vem imprimindo a autarquia, neste setor. Um bate-papo com Hélio Gonzaga Luzia bastou para sabermos tratar-se de um valôr a mais, para presidente Prudente. Nossos votos de boas vindas ao moço e, bom trabalho.

PANIFICADORA — Antonio Carlos Moreno já está dando mostras de grande visão comercial, ele que está há algum tempo em nossa cidade. Vem de instalar uma filial de "A Soberana", no bairro do bosque, atendendo em especial aos moradores das adjacências da avenida Getúlio Vargas. É mais um incremento ao comércio da cidade.

POSSE — Em mãos ofício da Sociedade de São Vicente de Paulo, que convida o colunista para a Assembleia de posse da nova diretoria a se realizar domingo, às 10.00 horas, no Seminário Diocesano. Antes, Don José de Aquino Pereira celebrará Missa em ação de graças.

BOMBEIROS — O correspondente de "O Estado de São Paulo", nesta cidade, trouxe a público,



MÁRIO TAMAOKI

através às páginas daquele jornal, denúncia acerca do estado de abandono em que se acha o Corpo de Bombeiros de nossa cidade, sem recursos para a faturação de seu trabalho. É matéria que suscitará comentários oportunos. Inclusive sobre diferentes ângulos. Vamos sentir a reação dos poderes administrativos, para depois, apresentarmos outras facetas negativas em torno daquela corporação.

TRATORES — Mato Grosso vai mesmo comprar 600 tratores da Romenia por 26 mil cruzeiros novos cada um. Parte do pagamento será feita com erva mate, que o Estado produz com sobras. O governo mato-grossense aguarda apenas, a autorização do Itamarati, para mandar buscar os 600 tratores. Esse lote corresponde praticamente à produção das 7 fábricas nacionais somadas, durante um mês inteiro de trabalho. A indústria brasileira tem capacidade para produzir 30 mil tratores por mês, mas não consegue produzir nem mil, porque não pode vender nem isso. O trator nacional custa caro porque paga muito imposto e porque as fábricas trabalham com mais de margem ociosa. As despesas de produção, ao invés de serem repartidas entre 30 mil unidades, são repartidas entre apenas 600 ou 700.

TRIÂNGULO — Controvertido assunto vem à baila, após declarações do ministro Gama e Silva, que alude seu propósito de pedir ao governador Abreu Sodré, a revogação do ato que determina a exigência do "triângulo refletor", nos veículos automotores. É curiosa a matéria. Muitos já adquiriram aquele triângulo a 1, 12 e até 15 cruzeiros novos. Muita gente já faturou bem, face à exigência. Poderia haver externo do dinheiro aplicado? Seria infantildade acreditar nisso. Vamos esperar para ver o que dará a medida do ministro Gama e Silva, que ressalta não ter o D.E.T. competência para exigir o "triângulo refletor".

DENTISTAS — Dois dentistas da cidade já aceitaram colaborar com a Santa Casa, ao lado do Dr. Rubens Sanches, que vinha sozinho atendendo à clínica graciosa da instituição. São eles o dr. Lirio do Prado e Dr. Zanon, odontologistas da Rua Dr. Gurgel. Convenhamos que se trata de uma adesão humaníssima, mas pequena, se atentarmos para o detalhe que possuímos mais de 60 profissionais de odontologia em Presidente Prudente.

CIBRAS já está operando na região...

(Conclusão da 1.a Página)

O prefeito Watal Ishibashi esteve representado pelo sr. Luis Mauricio Sandoval, o comandante do 18.º Batalhão foi representado pelo tenente Humberto Libero Cesaroti. Falaram naquela oportunidade os srs. Antonio Veronesi e Armando Chaves. O primeiro historiou a vida da CIBRAS, esclarecendo como se deu o seu surgimento, o que tem feito e porque se instalou em Presidente Prudente.

Fez um agradecimento pela acolhida que recebeu do comércio, indústria, agricultura e autoridades em geral. Posteriormente foi servido coquetel aos presentes.

FINALIDADES DA CIBRAS

A CIBRAS possui mais de 100 vantagens para um só participante. Trata-se de um plano consagrado há mais de 10 anos. Possui a carteira de veículos, a carteira de imóveis e a carteira de utilidades domésticas. Na carteira de veículos encaixam-se todas as marcas de carros, destacando-se o Sedan-Volkswagen, o Aero Willys, Regente, Itamaraty, Galaxie, Rural Willys, Mercedes 1111, Scania Vabis, FNM e outros.

No setor de imóveis destacam-se casas, apartamentos, chácaras, granjas, e sítios. Utilidades domésticas, dormitórios, salas de jantar, copa, geladeira, máquina de lavar, televisor, máquina de costura, enceradeira e aspirador.

O plano da CIBRAS não é consórcio, não é cooperativa, não é grupo, não é fundo mútuo nem insercionários, e é feito sem entrada, sem juros, pelo preço real de custo do produto que o interessado deseja.

A Carteira de Crédito CIBRAS é constituída de uma série numerada de unidades, dezenas e centenas atribuídas a participantes interessados na aquisição de veículos novos ou usados, casas, apartamentos, utilidades domésticas, pelo preço real sem acréscimo de juros.

As carteiras são indivisíveis e independentes entre si, podendo o participante

subscriver mais de uma carteira, porém cada uma constitui uma operação autônoma.

O participante contribui mensalmente como base, o equivalente a 1/4 do salário mínimo vigente na Capital de SÃO PAULO, até a classificação e liberação da carteira.

Classificada e liberada a carteira, o participante recebe autorização para aquisição do veículo, casa, apartamento ou utilidade doméstica, importância equivalente a 240 vezes a contribuição mensal vigente, passando a pagar mensalmente como amortização 1 salário mínimo vigente, optado no item 3.º do Plano Padrão, até a integralização, sendo facultado ao participante antecipar a liquidação do débito, em qualquer tempo, mediante aviso prévio.

OUTRAS VANTAGENS

Os participantes em dia com a carteira, tem opção de estacionar ou acompanhar as eventuais altas do salário mínimo, tomando como ba-

se a contribuição mensal, vigente no item 3.º, com exceção das carteiras classificadas e liberadas, que seguirão o Plano Padrão.

Considera-se classificada e liberada a carteira, cujos pontos atingem quantia igual a soma de 60 salários mínimos vigente no mês, considerando-se um ponto como valôr igual a um cruzeiro novo.

As carteiras são classificadas e liberadas, exclusivamente através de pontos, assim atribuídos sobre as contribuições mensais:

a) 1 a 12 meses cada	"	1 ponto
b) 13 a 24 " "	"	2 pontos
c) 25 a 36 " "	"	3 pontos
d) 37 a 48 " "	"	4 pontos
e) 49 a 60 " "	"	5 pontos

(100%)
(200%)
(300%)
(400%)
(500%)

Mais informações devem ser obtidas no escritório da CIBRAS, a rua Nicolau Mafel 342, 1.º andar.

O Que é Bom Deve Continuar... Goya Reeleito Presidente da LPF

Aconteceu na noite de ontem na sede da L.P.F. a reunião de caráter extraordinário para a eleição da nova diretoria. A assembleia foi aberta



Pedro Goya e Takashiro Kawaguchi, representam a mola propulsora na Administração do futebol menor de Presidente Prudente. Parabéns por suas reeleições.

às 20,45 horas, estando representadas as seguintes agremiações.

América — Posto Pasqual — Atlântico — Tapeçaria Paulista — Guarani — Maristela — Municipal — São Bento — Frigorífico Bordon — Palmeiras — Atlas — Crevima — Nissel — Karasawa — Corinthians — Acco — São Paulo — Vila Industrial — Unidos — Presidente Prudente e Mackenzie.

O Presidente Pedro Goya, inicialmente declarou aberto os trabalhos, agradeceu a colaboração de todos durante o mandato passado. A seguir o tesoureiro Takashiro Kawaguchi fez uma exposição das receitas e despesas do ano anterior, tendo sido o balanço aprovado por unanimidade.

O presidente em seguida disse que sua missão estava cumprida, e que passava os trabalhos de direção da assembleia ao Sr. Abílio Bragança.

Por sua vez o Sr. Abílio informou aos presentes que apenas estava registrada a candidatura do Sr. Pedro Tokuo Goya.

Diante dessa informação um dos presentes sugeriu uma eleição por aclamação e a mesma ocorreu por unanimidade.

Goya agradeceu à confiança nele depositada, assim como membros da

diretoria prestando ainda informes sobre metas que pretende atingir nesta nova temporada, as quais damos apenas em resumo.

Falou o presidente eleito, do trabalho que está sendo efetuado a fim de se conseguir assistência médica aos atletas amadores inscritos na L.P.F.

Comentou sobre a criação de uma escola de árbitros para o apitadores que formarão o quadro de juizes da LPF, acrescentando que aqueles que se destacarem poderão submeter-se a exames para ingresso ao quadro especializado da Federação Paulista de Futebol.

Deu a conhecer aos presentes, que no mês de abril próximo, deverá estar concluído o Estádio Municipal Amador de Presidente Prudente.

A seguir foi dada por encerrada a assembleia que elegeu a nova diretoria da LPF, e que ficou assim constituída:

PRESIDENTE
Pedro Tokuo Goya
1.º VICE-PRESIDENTE
Tetsuo Uema
2.º VICE-PRESIDENTE
Keniti Kimura
1.º SECRETARIO
Antonio Costa Netto
2.º SECRETARIO
Antonio José de Alencar
1.º TESOUREIRO
Vitório Yoshio Goto
2.º TESOUREIRO
João Lacolle Miguel
DIRETORES DE ESPORTE
Roberto de Brito e Mário Peretti
JUNTA DICIPLINAR DESPORTIVA
Presidente
Dr. Paulino Ichikawa
Secretarios
João da Silva e João T. Kichi
CONSELHO FISCAL
Mário Hayashida
Celso Luiz Disaró
Genildo Rotta
SECRETARIO EXECUTIVO
Takashiro Kawaguchi.

Serviço de Utilidade Pública
"BANCOMINAS"
O SEU BANCO
Secretaria do Est. dos Negócios da Educação
Departamento de Educação
COMUNICADO

A 14.ª Inspeção Regional do Ensino Secundário e Normal de Presidente Prudente, comunica que, a partir do dia 20 do corrente mês, e até 30 de março do corrente ano, manterá na sede da Inspeção, na Avenida Coronel Marcondes, 950, inscrições para professores que pretendam ministrar aulas excedentes nos Estabelecimentos do Ensino Secundário e Normal — oficiais da Região.

Demais informações serão prestadas na Secretaria da 14.ª Inspeção Regional.
Pres. Prudente, 14 de fevereiro de 1968.
LUIZ DE CARVALHO GOMES
Inspetor do Ensino Sec. e Normal Resp. pelo Expediente.

LETRAS DE CAMBIO B M G
Alta rentabilidade — consulte-nos
Resgate imediato, em qualquer Agência do
BANCO DE MINAS GERAIS S.A.
Investimentos BMG S/A.
CRÉDITO E FINANCIAMENTO
Rua Barão do Rio Branco n.º 426 — Fones: 2396 e 2616

LOJA DUTON
PRECISA DE VENDEDORES PARA PRODUTOS ELETRO-DOMÉSTICOS.
APRESENTAR "ATE" AMANHÃ", MUNIDOS DE DOCUMENTOS.

BAR — VENDE-SE
Vende-se em ótimo ponto da cidade um bem montado e espaçoso bar, com sorveteria e mesas de snooker, podendo servir para restaurante. Motivo: Mudança do proprietário. Tratar pelo fone 2540.

Valdir Bim poderá ser da Lusa Santista nos próximos dias
Seguirá amanhã com destino a Santos um dirigente do Esporte Clube Corinthians de Pres. Prudente. O emissário alvi-negro estará ultimando as negociações, para a transferência do guarda-metas Valdir Bim para a Portuguesa Santista. Sabe-se que a priori o moço queiro solicitou para cessão do atestado liberatório do craque a importância de 20 mil cruzeiros novos. Ressalte-se que o Jerônimo pretendia manter o valoroso arqueiro em suas fileiras, em tratando o craque tem demonstrado constantemente o desejo de deixar a Capital da Alta Sorocabana.

Futebol paranaense assedia Prudente a cata de reforços

Várias equipes do futebol paranaense, tem mantido contactos permanentes com a capital da alta sorocabana, visando a aquisição de reforços para seus elencos. O Londrina de F.R. que já conseguiu os concursos de Reginaldo Lidu e Dobreu, pretende conquistar novos elementos.

De outra parte dirigentes do Atlético de Paranavaí, estiveram também tentando a conquista de reforços. Pretendiam levar Carlão, Polaco, e Coité com o que não concordou a Prudentina. Ofereceram Thomaz Vicente e Zé Carlos que entretanto não chegaram a um acordo.

TELA PANORÂMICA DA "DIVISÃO ESPECIAL"

CLASSIFICAÇÃO	
Pontos Positivos	
1.º) — Corinthians, Santos e Ferroviária	6
2.º) — Juventus, São Paulo e Port. Desportos	4
3.º) — Palmeiras, Guarany, Comercial, São Bento, XV de Novembro e Botafogo	3
4.º) — América de São José do Rio Preto	1
5.º) — A.A. Portuguesa Santista	0
Pontos Negativos:	
1.º) Corinthians e Santos	0
2.º) São Paulo e Port. Desportos	2
3.º) S.E. Palmeiras e Comercial	3
4.º) Juventus, Ferroviária e América	4
5.º) São Bento, Botafogo, XV de Novembro, e Guarany	5
6.º) A.A. Portuguesa Santista	8
Principais Artilheiros:	
1.º) Toninho do Santos e Têia da Ferroviária	4
2.º) Flávio do Corinthians, Tupazinho do Palmeiras e Sicupira do Botafogo	3

Rápidas do Esporte

WALTAIR GREGHI

- O avante Terto que "salvou a Pátria" do São Paulo FC ante-ontem, tem sua presença garantida, desde o início, no jogo de domingo em R. Preto contra o Botafogo; Babá ou Ismael é que deverão ceder o posto.
- Pela apertadíssima de ante-ontem frente o Juventus por 1 a 0, os profissionais do São Paulo receberam de "bicho" 120 cruzeiros novos cada. O embarque para Ribeirão Preto será amanhã após o almoço.
- O Internacional, de Porto Alegre que estava tentando a contratação do ponteiro, Almir, junto ao São Paulo acabou não conseguindo nada diante do preço imposto pelo tricolor a seu passe.
- Será o Atlético Paranaense que inaugurará o sistema de refletores do Morumbi no próximo dia 21. O São Paulo FC não conseguiu acertar nem com o "Inter" gaúcho, nem com o Cruzeiro, como se previa.
- Com a presença do Atlético Paranaense dia 21 contra o São Paulo, o "central" Bellini fará suas despedidas da platéia paulistana. O interessante é que o "grande capitão" atuará um tempo por cada equipe, pois atualmente pertence ao time paranaense.
- Os são-paulinos Quarentinha e Almir seguiram ontem para Franca afim de tentar seu ingresso na equipe da "terra do calçado".
- Palmeiras, através seus dirigentes, afirmaram ontem que o goleiro Valdir só poderá ser negociado com o "Inter", de Porto Alegre após a "Libertadores".
- "Apesar de vencermos, não gostei da atuação da equipe. Time precisa melhorar muito mais" — palavras do técnico Mário Travaglini, do Palmeiras após vitória de ante-ontem frente a Ferroviária.
- Palmeiras joga domingo na capital, pela "Libertadores", contra o Galícia, de Caracas.
- Palmeiras voltou a se comunicar com o Independente, de Buenos Aires aventando a possibilidade de trazer para Parque Antártica o avante Artme. Sabe-se, de antemão, que essa transação será difícil.
- O médico Zéquinha, do Palmeiras que levou "aquele" pisão no pé ante-ontem, no encontro contra a Ferroviária, poderá não ter condições de jogar domingo contra o Desportivo Galícia.
- Delegação do Comercial, de Ribeirão Preto chega hoje a capital bandeirante para o encontro de ama-

- nhã contra o Juventus, na rua Javari.
- O jogador Fito, indicado pelo atleta Zé Carlos, do Taubaté vem agradando nos testes que realiza no Santos FC, podendo ficar em definitivo.
- Os jogadores Clodoaldo e Bugle, do Santos FC retornaram de Sorocaba contundidos e são problemas para a próxima contenda do time de Vila Belmiro.
- Santos FC acertou um jogo amistoso para domingo em Curitiba, contra o Coritiba.
- Nós próximos dez dias Pelé e Carlos Alberto, ambos do Santos FC, já terão condições de voltar aos treinamentos.
- Sir Stanley Rouss, presidente da FIFA — Federação Internacional da Futebol Association — estará no Rio de Janeiro na segunda-feira de carnaval, para uma visita de cortesia a CBD.
- Corinthians Paulista deu 300 cruzeiros de "bicho" a cada um dos seus profissionais pela vitória de ante-ontem contra o Botafogo.
- Notícias nada boas para os corinthianos: Pelé tem presença assegurada no encontro que o Santos travará com o Corinthians pela divisão especial proximamente; a revelação foi feita em Santos ontem, sabendo-se que, no momento, o "rei" está machucado.
- Delegação do Santos viaja amanhã após o almoço para Curitiba afim de, no domingo, enfrentar amistosamente a equipe do Coritiba EC.
- Na semana entrante o Santos FC estará inaugurando seu novo local de concentrações. Será há poucos quilômetros de Santos, via Anchieta.
- Jogos vindouros da Especial. Sábado, Juventus x Comercial. Domingo, Botafogo x São Paulo, XV de Novembro x América, Portuguesa Santista x Guarani, São Bento x Portuguesa de Desportos, Ferroviária x Corinthians.
- O corinthiano Flávio não jogará domingo em Araraquara, pois sua contusão é algo grave, sofrida ante-ontem contra o Botafogo.
- Atlético Mineiro, segundo se anunciou ontem em Belo Horizonte, está trabalhando sigilosamente junto aos clubes paulistas, procurando reforços.
- Jogadores da seleção paulista de basquetebol que enfrentarão a URSS apresentaram-se ontem ao técnico Brito, Cunha, na capital bandeirante.

FUTEBOL ENTRE BANCÁRIOS

Estiveram ontem em nossa redação o senhor Athayde Faria, gerente da agência do Banco Português de nossa cidade e Dr. Joaquim Faustino, assessor do departamento jurídico, a fim de comunicar que amanhã, sábado, às 9,30 horas, no Parque São Jorge haverá uma partida de futebol, entre os bancários desse estabelecimento de crédito, da cidade de Bauri, e seus colegas de Pres. Prudente.

Após a partida, haverá um churrasco de confraternização entre os funcionários, tendo Athayde Faria, convidado a direção deste jornal para participar, e aproveitamos a oportunidade para consignar nossos agradecimentos.

VAI VOLTANDO AOS POUCOS...

O jovem Suingue, que veio de Kancharia e foi revelado pela Prudentina, vai aos poucos retornando ao melhor de sua forma física e técnica. O atleta após o acidente que sofreu, retornou aos treinamentos e esteve na temporada passada emprestando ao Fluminense.

Agora retornou ao Palmeiras e sendo lançado nos últimos jogos vem subindo dia a dia de produção. Antes de ontem substituiu Ademir da Guia na etapa complementar, e anotou o tento que deu a vitória ao Palmeiras sobre a Ferroviária por 2x1.

"H.M.S.L. Serviços Hospitalares S.A." Assembleia Geral Ordinária

Ficam convocados os senhores acionistas desta Sociedade, para se reunirem em assembleia geral ordinária, no dia 20 de março de 1968, às 20 horas, em sua sede social, à rua Dr. Gurgel, 101, em Pres. Prudente, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:
a) Relatório da Diretoria, Balanço, Contas de Lucros e Perdas e Parecer do Conselho Fiscal;
b) Eleição dos membros do Conselho Fiscal;
c) Outros assuntos de interesse social.
Acham-se a disposição dos senhores acionistas na sede social, os documentos de que trata o artigo 99 do Dec-Lei n.º 262 de 26-9-1940
Presidente Prudente, 6 de fevereiro de 1968
Dr. Gabriel Costa Neto
Dir. Presidente

EDITAL

O SASSOM põe em concorrência pública a aquisição de uma viatura tipo "Kombi", para os serviços de ambulância do instituto. Detalhes sobre a concorrência acham-se afixados na portaria do SASSOM, na rua Siqueira Campos, 698.

DELEGACIA SECCIONAL DO IMPÓSTO DE RENDA DE BOTUCATU

O senhor Mariano de Moura, Coletor Federal de nossa cidade, nos cedeu para publicação, as novas alterações inseridas na legislação do imposto de renda, bem como à integral remodelação processada nos formulários necessários à apresentação das declarações de rendimentos e informações de fonte, e que deverá ser exigida de todos os contribuintes o atendimento fiel dos itens da presente instrução.

Tratando-se de matéria importantíssima nós iremos publicando em capítulos para que os interessados tomem conhecimento da matéria:

FORMULÁRIOS

- PESSOA FÍSICA**
 - Declaração de Rendimentos — novo modelo, aprovado pela O.S. DIR. 10-67 de 7-12-1967.
 - Fôlha Suplementar — Cédula "G" — modelo aprovado pela O.S. n.º DIR-23-65 de 21-12-1965.
 - Relação dos Rendimentos pagos ou creditados no ano base — modelo aprovado pela O.S. DIR. 2-67, de 12-4-1967.
 - Ficha Individual modelo 17 — há em uso.
 - Declaração de dependente — modelo aprovado pela O.S. DIR-23-65, de 21-12-1965.
- PESSOA JURÍDICA**
 - Declaração de Rendimentos — novo modelo, aprovado pela O.S. DIR-10-67, de 7-12-1967.
 - Recibo de entrega de declaração e notificação de lançamento:
 - obrigadas à antecipação: modelo aprovado pela O.S. n.º DIR 8-67 de 6-12-1967.
 - desobrigadas da antecipação: admissível utilização do antigo modelo.

- utilização do antigo modelo.
 - Guia de pagamento de imposto lançado:
 - obrigadas à antecipação: modelo aprovado pela O.S. DIR n.º 8-67 de 6-12-1967.
 - desobrigadas da antecipação: admissível utilização do antigo modelo.
- OBS. — maiores detalhes itens "b" e "c", reportar-se ao ofício-circular n.º 1-18, expedido por esta O.S. aos exatores federais, em data de 15 de janeiro de 1968.
- Relação de rendimentos pagos ou creditados no ano base, desdobrável em:
 - "Rendimentos de Assalariados";
 - "Rendimentos Diversos" — O.S. DIR-2-67, de 12-4-1967.
- OBS — A relação rendimentos de Assalariados", deverá ser acompanhada da "Relação das Guias de Recolhimentos" (duas vias) modelo aprovado e anexo à mesma O.S. DIR-2-7
- Ficha Individual modelo 17 — já em uso (em uma vida);
 - Ficha "Registro de pessoas jurídicas — modelo oficial medindo 128 x 78 milímetros.
- OBS. — A relação "Rendimentos de Assalariados", empresas que iniciaram atividades ou sofreram alterações durante o ano de 1967, ou ainda, que não a tenham apresentado.
- FONTE**
 - Guia de Recolhimento do Imposto Retido na Fonte — novo modelo aprovado pela O.S. — DIR-2-67, de 12 de abril de 1967 (modelo anexo em 5 vias).
- (Continua no próximo número)

Suplemento Educacional

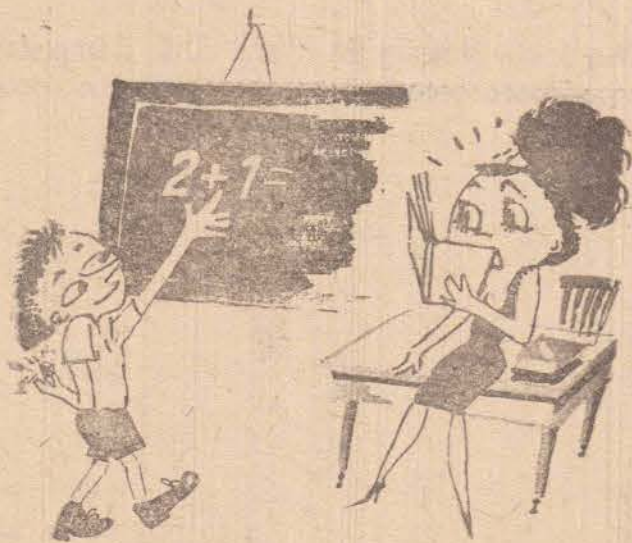
Presidente Prudente (domingo), 24 de março de 1968 — Ano I — N.º 1 — Direção do Prof. J. E. Campello

escola



imprensa

O IMPARCIAL



QUE É SER UM BOM PROFESSOR?

- 1 — Introdução
- 2 — Como surgiu a educação — Gilberto C. Iuan
Página 3
- 3 — Há diferença entre instruir e educar — Maria C. Iuan
- 4 — Técnicas de Produção — Capital Humano — Lina P. C. Dool.
- 5 — Hierarquia de valores na época atual — O status de professor primário — Maria Madalena Moreira
- 6 — Como pode a História ajudar à compreensão da realidade brasileira — D. S. Abreu.
- 7 — Referências Literárias à primitiva realidade brasileira — (Pero Vaz de Caminha, Jean de Lévy, Gabriel S. de Souza)
Página 4
- 8 — Que conhecimentos são indispensáveis à superação do ambiente? — (Roselux Paque Barros)
Página 5
- 9 — O Brasil ainda é um país cuja exportação depende da agricultura? — Ede de Tolla Sanches, Yoshio Koianagui, Doly Garrido).
Página 6
- 10 — Para conhecer a realidade brasileira é preciso senti-la — (Luiza S. Damatto)
Página 7

DO OVO A CIVILIZAÇÃO

- 1 — Introdução
- 2 — Que você vê? Quando vê uma criança? (Revista Criança e a Escola n.º 1)
Página 8
- 3 — Havia processo civilizador na educação física dos povos antigos? (Ilce Paixão Delazari)
Página 9
- 4 — Um conceito inadequado de leitura prejudica o processo civilizador (Equipe do SOP—Departamento de Ed.)
Página 10

MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE?

- 1 — Introdução
- 2 — Memória: fator preponderante nas educações tradicionais. (José E. Campello)
- 3 — A plasticidade humana (Maria C. Iuan)
- 4 — Pensar é criar — Secretaria da Educação — Programa de Ensino de 1968
- 5 — Um novo conceito e novos objetivos para a Língua Pátria — Secretaria da Educação—Programa de Ensino de 1968.
Página 11
- 6 — Preparando o caminho da Criatividade — Adma Ganem — SEC
Página 12 - -13 e 14

a palavra da redação

Orgulhamo-nos dessa empreita. Comunidade e escola juntos num trabalho de equipe. Se, o que se passa na Escola for alheio à população, não se poderá dizer que houve integração entre a teoria escolar e a vivência do cidadão.

Experiências de longo tempo colocadas em termos de Planejamento irão dar aos alunos de nossas Escolas Normais atitude científica e conhecimentos adequados a sua profissão. Assim, todos os domingos estaremos publicando este suplemento que no sentido de resolver a dificuldade de carência de textos aos alunos do curso Normal, estará ao mesmo tempo colocando artigos de literatura, história geografia, psicologia, prática do ensino, música, sociologia, filosofia etc., todos voltados a um tema central que se propõe resolver depois de 2 meses.

Não só o estudante irá se aproveitar deste suplemento; nossos leitores de uma maneira geral poderão acompanhar problemas educacionais discutidos a longo prazo por várias ciências.

À cada suplemento dominical novas idéias juntar-se-ão para completar uma visão do conteúdo do suplemento anterior.

O que é ser um bom Professor

Para o seu filho, para os estudantes que escolheram essa carreira, que condições são necessárias para exercer essa profissão que pode acelerar o desenvolvimento de um país?

Duas são as principais: conhecimento da realidade brasileira no seu sentido mais amplo, informações e habilidades técnicas necessárias a qualquer profissional.

Da primeira é preciso que se diga que ninguém pode trabalhar, executar uma profissão sem saber os objetivos da nacionalidade, as condições do meio ambiente, quais as possíveis soluções para os seus problemas, uma palavra enfim: CONHECER O MEIO PARA ATUAR SOBRE ELE.

O segundo aspecto corresponde às características indispensáveis a serem conhecidas por um futuro professor.

Para compreendermos esses quesitos, vários professores irão aos poucos publicando artigos de sua especialidade, os quais fornecerão a síntese necessária aos problemas sugeridos.

O processo educativo, como sabemos, é universal. Surge em todos os povos e em todas as civilizações. Mesmo antes de haver escola, professor, havia o processo da educação.

Educava-se de maneira empírica; quer dizer, de acordo com a experiência de cada um.

Mas, à medida que os homens iam adquirindo novos conhecimentos, começaram a refletir, a ponderar, sobre a Educação. Começaram a pensar que, assim como acontecia com outros ramos do conhecimento humano e da ciência, também a educação poderia ser sistematizada; isto quer dizer: organizada com regras, com técnicas próprias, obedecendo a um plano.

E assim foram caminhando os homens, pelo método do ensaio e erro. Assim por exemplo, quando surgia uma dúvida, um problema no terreno educativo, procuravam dar uma solução. Se esta não dava certo, tentava-se outra. E assim, foram, sem querer, lançando as bases de uma nova ciência: a Pedagogia. Aconteceu com a Pedagogia um fenômeno curioso: é que, antes de existir a ciência conhecida como Pedagogia, durante séculos e séculos existiu um conjunto de conhecimentos mais ou menos sistematizados, sem qualquer designação específica. As idéias sobre Educação eram empíricas, como já vimos. E ninguém se lembrou de procurar desde logo, qual

quer palavra para designar o conjunto metodizado de conhecimentos sobre a questão educativa.

Aparecimento da palavra Pedagogia:

Só muito mais tarde aparece o vocábulo Pedagogia, para designar uma ciência e uma arte que tinham raízes antiguíssimas, quase tão velhas como a própria Humanidade. A palavra Pedagogia surge pela primeira vez no dicionário, em 1762, registrada no Dictionaire de la Langue Francaise.

O termo já devia ser usado na linguagem corrente porque os dicionários registram, quase sempre, tardiamente as palavras de emprego usual.

Evolução da palavra pedagogo

origem da Pedagogia:

A palavra pedagogia derivou de pedagogo. Na Grécia e em Roma, chamava-se pedagogo, ao servo ou escravo que acompanhava as crianças

à escola. O próprio termo significa, em grego, aquele que conduz a criança (paidos — criança e agos — eu guio). Depois, quando Roma conquistou a Grécia, pedagogo passou a significar preceptor. Entre os gregos vencidos, muitos eram levados para Roma. Alguns cultos e ilustrados eram incumbidos de educar os filhos dos nobres. Alguns escravos eram: filósofos, sábios, gramáticos, poetas.

Mais tarde, depois da extinção da escravatura, também desapareceu o pedagogo escravo. Passaram a receber o nome de pedagogo, os estudantes pobres das universidades que se instalavam nas casas dos nobres e grandes senhores, para servirem de professores aos filhos dos mesmos. Ganhavam pouco ou só cama, comida e roupa lavada. Depois, os tais pedagogos-estudantes, passaram a ensinar para grupos de crianças reunidas na casa dos senhores. Surgiu daí o esboço de escola particular. Então a palavra pedagogo passou a significar mestre-escola.

Depois, o povo atribuiu à palavra pedagogo, um sentido pejorativo, porque de modo geral os pedagogos se apresentavam de modo irritante, com ar doutoral. Pedagogo passou a significar: pedante, por muito tempo.

Hoje, pedagogo é o especialista em Pedagogia ou o professor de Pedagogia.

HÁ DIFERENÇA ENTRE INSTRUIR E EDUCAR

(M.C. Tuam)

I — Instrução e Educação

Largo debate se tem travado, e se continua travando sobre estas palavras: instrução e educação. Pretendem alguns autores que os termos educação e instrução devam ser considerados sinônimos. Afirmam outros que tais vocábulos representam idéias diferentes. Os primeiros defendem que todo saber conduz à virtude, e que sendo assim, instruir, será educar. No entanto, para outros pode haver instrução sem haver educação. Alegam baseados nos fatos, que há criminosos profundamente instruídos e que a instrução não os impede de serem criminosos, antes pelo contrário, lhes fornece armas terribéis contra a sociedade.

A — INSTRUÇÃO — Instruir consiste em proporcionar conhecimentos a um sujeito que os adquirirá mediante a cooperação de suas potencialidades. O resultado será a cultura.

Instrução é uma transmissão sistemática de conhecimentos e de informações científicas, técnicas, etc. Vem do latim (in stru ere = construir, pôr, dispor) com o objetivo de ministrar ou saber a cultura.

B — EDUCAÇÃO — é ação desenvolvida no sentido de formar, de desenvolver as potencialidades do homem (não só a intelectual).

A palavra poderia derivar-se do verbo "Educare", que significa: criar, alimentar. Para outros educadores, de um verbo mais antigo "educare", composto da preposição ex, que significa direção para fora e do verbo ducere, condu-

zir significando em consequência de dentro para fora.

No sentido vulgar, diz-se homem educado ao que possui um certo grau de cultura e ajusta suas atitudes aos costumes sociais. Neste sentido o ter educação e o ter urbanidade são sinônimos.

II — A Educação segundo

alguns autores

- Educar é dar à alma e ao corpo toda beleza e perfeição de que são susceptíveis (Platão)
- A educação é arte de formar homens — (Rousseau)
- A educação é preparação para a vida completa — (Spencer)
- A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aqueles que ainda não estão amadurecidos para a vida social — (Durkheim)
- Educação é vida — Dewey
- Educar é despertar o humano na criança (Terezinha Frann)

Como se vê, as definições de educação são numerosíssimas. Algumas delas são naturalmente confusas e imprecisas. Falam em: felicidade, perfeição, vida completa, termos que, por sua vez ainda não encontraram uma justa e adequada definição. Isto demonstra, de uma forma evidente, a dificuldade da questão. É sempre difícil resumir sem poucas palavras

qualquer fenômeno complexo, principalmente quando se trata de um fenômeno social. A educação não tem um fim único e exclusivo, não é exercida apenas por uma entidade.

III — Conclusão

Compreendemos por educação, o desenvolvimento e aperfeiçoamento intencional de todas as faculdades do homem.

Instrução e educação estão muito unidas, não podem ser contrariadas, nem separadas e muito menos confundidas. A completa educação exige uma dimensão instrutiva. Toda instrução devidamente realizada contribui para a educação.

Enquanto a instrução se dirige apenas às faculdades cognitivas, a educação por sua vez, se orienta para todas as faculdades, especialmente a vontade. A instrução é um processo de fornecer conhecimentos, de fornecer materiais; o método é de fora para dentro. Representa cultura.

A educação é um processo de desenvolver. O método é de dentro para fora. Representa formação.

Ao final dessas considerações observa-se que se completam. Uma não exclui a outra; devem ambas colaborar na obra comum da formação completa dos indivíduos. O professor não cumpre sua missão se somente ministrar a seus alunos as noções e ensinamentos marcados nos respectivos programas. O bom professor deve educar e não só, instruir.

HIERARQUIA DE VALORES NA ÉPOCA ATUAL-STATUS DO PROFESSOR PRIMÁRIO

MARIA MADALENA MOREIRA

O regime escravocrata e senhorial que dominou no Brasil até fins do século passado imprimiu profunda marca em nosso sistema educacional, marcas essas que embora atenuadas perduram até hoje. Na sociedade colonial brasileira eram as escolas, e principalmente os cursos secundários, privilégio exclusivo dos jovens das famílias aristocráticas. Os cursos secundários eram chamados "cursos de doutores", pois a êle se dirigiam os filhos da classe nobre que seriam mais tarde os bacharéis. Consideravam como única profissão compatível com a dignidade da classe a que pertenciam a de advogado, médico ou sacerdote e de um modo geral as ocu-

pações para as quais se exige um preparo acadêmico, buscando nessas profissões a garantia de uma posição social.

As profissões que se relacionavam de perto com o trabalho manual eram desprezadas, consideradas como ocupações próprias para os escravos, os pobres, as classes inferiores. Com o início da industrialização a educação passou a ser considerada como um canal de ascensão social. A classe média, então formada, colocou na escola e principalmente na escola secundária a sua esperança de elevar-se na escala social.

Até em nossos dias, a aspiração maior de toda a família da classe média ainda ver seus filhos "letrados", colocando no ápice dessa aspiração as três profissões consideradas mais importantes: médico, advogado, engenheiro. Como essas profissões dependem de Cursos Superiores em Faculdades e as condições econômicas da classe média não podem assegurar a possibilidade de tais cursos para seus filhos, que desde cedo precisam contribuir no orçamento doméstico, a aspiração da classe média concentra-se então, no professor primário, para cuja formação não se dispõem grandes somas e que na sociedade

(Continua na página seguinte)

HIERARQUIA DE VALORES NA ÉPOCA ATUAL-STATUS DO PROFESSOR PRIMÁRIO

ocupam lugar de destaque. De fato, a figura do mestre desde o seu aparecimento na história da educação foi sempre respeitada e considerada.

Por outro lado, o Curso Normal é o que garante (ou garantia) pronta colocação para seus formados. Com apenas três (agora quatro) anos após o primeiro ciclo o curso médio, o jovem servia de posse de um diploma e pronto a exercer uma profissão, tornando-se independente economicamente já aos 18 ou 19 anos.

Por essa e outras razões, está o professor primário colocado numa posição social

invejável e torna-se a meta de aspiração de todos os que querem "subir" na vida rapidamente.

Por causa do desprezo dado ao trabalho manual (trabalho de escravo) as nossas escolas técnicas foram sempre colocadas em último plano nas pretensões da população.

Embora um operário especializado numa técnica qualquer possa ter melhor remuneração, que um professor ou funcionário público, socialmente ele é considerado inferior e a sua remuneração mais alta é tida como uma afronta para os "tra-

balhadores de gravata".

O nosso desenvolvimento industrial é ainda relativamente recente, não tendo podido abalar as raízes dos valores e padrões culturais vigentes, de maneira que as populações tomem consciência da nova realidade ocupacional e encarem os cursos técnicos sem os preconceitos aos quais se acham presos ainda hoje.

Precisamos formar a nossa mentalidade de país industrializado em substituição à nossa mentalidade de país aristocrático se quisermos que o Brasil caminhe rápido para o desenvolvimento.

LINA P. C. DOOL

O maior problema do Brasil, no tocante à educação, é de não saber o que fazer para alfabetizar 50 milhões de brasileiros em idade escolar.

Admitindo-se que a escolarização das crianças brasileiras venha a ter efeitos positivos na economia para o desenvolvimento, ainda temos que afirmar que seria esta de caráter muito remoto. Daí a razão de os economistas apenas aprovarem investimentos, cuja rentabilidade seja imediata e acelerada.

A alfabetização, aliada à educação de base, vem representando a tarefa de maior urgência no país, e é nela que se deveria absorver a maior parcela dos investimentos da educação.

Mais de 20 milhões de crianças e jovens brasileiros se encontram fora das escolas. O desperdício de "Capital Humano" é estonteante em nossa Pátria, haja visto, o exemplo da exportação de nossos homens de Ciência para o estrangeiro. Isso prova o desconhecimento de que a "EDUCAÇÃO É UM MEIO DE PRODUÇÃO E O PRINCIPAL CAPITAL DE UM POVO".

A crescente industrialização do Brasil vem nos dar a visão clara de que faltam técnicos para dirigir as indústrias, e que de nada adian-

tam os investimentos se não temos pessoal especializado para aproveitá-los.

Nota-se que a preocupação dos países desenvolvidos é de fazer chegar a toda população, o máximo de conhecimentos técnico-científicos. Por que? Porque as técnicas de produção são responsáveis pelo desenvolvimento.

E, o Brasil, país em desenvolvimento, conta com a obsolescência das técnicas de produção.

Lauro de Oliveira Lima afirma que "ter uma profissão hoje, é considerado uma forma de possuir capital de giro".

Os nossos educadores no entanto, não aceitando o "Capital Humano", não podem engrenar-se nas equipes que planejam o desenvolvimento.

Está é a grande falha do Brasil.

O nosso sistema escolar está ainda impregnado do tradicionalismo aristocrata, de uma educação para a elite.

Com o desenvolvimento industrial, o Brasil conta com uma revolução social: a velha aristocracia rural passa a dar lugar à burguesia industrial. A classe média se fortalece, a mobilidade vertical ascendente intensifica-se levando

elementos de origens humildes aos mais altos níveis.

E, como a ascensão social se processa, reconhecidamente através da Educação, o caminho mais acertado para esta ascensão passa a ser a "ESCOLA".

Essa transformação no mundo de valores, vem dar à Escola brasileira novas perspectivas. A elite intelectual vai cedendo lugar à formação profissional e técnica.

A Escola para esta sociedade não pode ser a escola rígida, de horários fixos, de aspecto sombrio, mas a escola da reflexão, da criatividade, da produção, da crítica, da integração.

Só reformulando o nosso sistema escolar haverá o entrosamento entre a escola e a realidade e consequentemente o sistema de produção dará a essa uma dinâmica capaz de sincronizar-se com a marcha do tempo e com a evolução.

Desenvolvimento é tecnologia e tecnologia é Capital humano. Desenvolver pois, é mudar as técnicas de produção. E mudar as técnicas corresponde a sério problema da Educação, problema este que solucionado dará autonomia a um povo, pois o capital humano é um "capital de giro".

TÉCNICAS DE PRODUÇÃO - CAPITAL HUMANO

COMO PODE A HISTÓRIA AJUDAR À COMPREENSÃO DA REALIDADE BRASILEIRA

No estudo globalizado das matérias que compõem o currículo do 1.º ano Normal, a História entra como elemento informativo no sentido de dar ao aluno uma visão da realidade brasileira que ele irá enfrentar como futuro professor.

No primeiro bimestre de aulas, será oferecida uma visão da vida econômica brasileira através dos séculos, mostrando

D. S. ABREU.

as razões do atual sub-desenvolvimento que a caracteriza.

Para que o estudante não fique com um sentimento negativista e de impotência daquilo que ele vai enfrentar como profissional, serão ressaltados os aspectos posi-

tivos daquilo que já se conseguiu na luta pela emancipação econômica nacional.

Principalmente, procurar-se-á inculcá-lhe um sentido de missão que o espera pois que será principalmente com a elevação do nível educacional do povo brasileiro que se obterá a vitória contra o sub-desenvolvimento.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS À PRIMITIVA REALIDADE BRASILEIRA

As primeiras informações que tivemos do Brasil recém descoberto nos vieram através dos viajantes que por aqui passaram ou dos jesuítas. Apresentamos a seguir alguns trechos de suas cartas.

Visita à aldeia

E o capitão mandou aquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados que fossem meter-se entre eles; e assim mesmo a Diogo Dias, por ser homem alegre, com quem eles folgavam. E aos degredados ordenou que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos; e andaram entre eles. E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia. E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de es-

teio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E debaixo, para se aquecerem, faziam seu fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham, a saber muito inhame, e outras sementes que na terra dão que eles comem. E como se fazia tarde, fizeram-nos logo todos tornar; e não quiseram que lá ficasse nenhum. E ainda, segundo diziam, queriam vir com eles. Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, espécie de tecido assás belo, segundo V. Alteza todas essas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse. E com isto vieram; e nós tornamo-nos às naus.

(Trecho da crata de Pedro Vaz Caminha, 1500 — Dominus Editôra S.A. — 1963.)

De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los

Resta saber como são tratados os prisioneiros. Logo depois de chegarem são não somente bem alimentados mas ainda lhes concede mulheres, não hesitando os vencedores em oferecer a própria filha ou irmã em casamento. Tratam bem o prisioneiro e satisfazem-lhe todas as necessidades. Depois de os engordarem, matam-nos afinal e os devoram em obediência ao seguinte cerimonial. Todas as aldeias circunvizinhas são avisadas do dia da execução e breve começam a chegar de todos os lados, homens, mulheres e meninos. Dançam então o canícan. O próprio prisioneiro, longe de mostrar-se pesaroso, enfeita-se todo de penas e salta e bebe como um dos mais alegres convivas. Depois disso, é ele agarrado e sem que oponha a menor resistência, é amarrado pela cintura com cordas de algodão ou de fibras de uma árvore.

(Continua na página seguinte)

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS À PRIMITIVA REALIDADE BRASILEIRA

vore. Deixam-lhe os braços livres e o fazem passear, assim pela aldeia, em procissão, durante alguns momentos. Não se imagine porém, que o prisioneiro com isso se deprima. Ao contrário, com audácia e incrível segurança, jacta-se das suas proezas passadas e diz: "Também eu, valente que sou, já amarrei e matei vossos maiores". Em seguida, os dois selvagens que o conservam amarrado, afastam-se dele umas três braças de ambos os lados e esticam fortemente as cordas de modo a que o prisioneiro fique imobilizado. Trazem-lhe então pedras e cacos de potes e dizem-lhe: "Vinga-te antes de morreres." Começa o prisioneiro a atirar projéteis com todas as suas forças contra os que ali se reúnem em torno dele. Esgotadas as provisões de pedras e cacos, o guerreiro designado para dar o golpe e que permanecerá longe da festa, sai de sua casa, ricamente enfeitado com lindas plumas, barrête e outros adornos, e armado de um enorme tacape aproxima-se do prisioneiro e lhe dirige as seguintes palavras: "Não és tu da nação dos maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e devorado aos nossos pais e amigos?" O prisioneiro, mais altivo do que nunca, responde: "Sim, sou muito valente e realmente matei e comi muitos. Meus parentes me vingarão". O colóquio continua, falando muitas vezes vítima e algoz. O selvagem encarregado da execução, levanta então o tacape com ambas as mãos e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai redondamente morto. Em seguida, as mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte dos prisioneiros, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme. Logo depois, o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo e o espostejam com

rapidez. Os selvagens pegam os filhos e lhes esfregam o corpo, os braços e as pernas com o sangue inimigo a fim de torná-los mais valentes. Todas as partes do corpo, inclusive as tripas, são colocadas no moquém, em torno do qual as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher as gorduras que escorrem pelas varas dessas grandes e altas grêinas de madeira; e exortando os homens a procederem de modo que elas tenham sempre tais petiscos, lambem os dedos e dizem: "iguatu", o que quer dizer "está muito bom".

(Jean de Léry — "Viagem à Terra do Brasil" — Livraria Martins Editora, 1964).

Capítulo CLII, que trata da maneira dos casamentos dos

Tupinambás e seus amores

A mulher verdadeira dos Tupinambás é a primeira que o homem teve e conversou; não há em seus casamentos, outra cerimônia mais que dar o pai, a filha a seu genro e com isto ficam casados; e os índios principais têm mais de uma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado e estimado; mas elas dão todas as obediências à mais antiga, e todas a servem, a qual tem armada sua rede junto da do marido, e entre uma e outra há sempre fogo aceso; e as outras mulheres tem as suas redes em que dormem, mais afastadas, e fogo entre cada duas redes. E sempre há entre essas mulheres, ciúmes, mormente a mulher primeira, porque pela mór parte é mais velha que as

outras, e de menos gentileza. O que tem mais filhas é mais rico e mais estimado e mais honrado de todos, porque são as filhas muito requeridas dos mancebos que as namoram; os quais servem os pais das damas dois e três anos primeiro que lhas dêem por mulheres; e não as dão senão aos que melhor os servem, a quem os namorados fazem a roça e vão pescar e caçar para os sogros, que desejam de ter, e lhe trazem a lenha do mato; e como os sogros lhes entregam as damas, eles se vão agasalhar no lar dos sogros com as mulheres, e apartam-se dos pais, mães e irmãos e mais parentela com quem dantes estavam.

Capítulo CLIV, que trata da criação que os Tupinambás dão aos filhos

Como nascem os filhos aos tupinambás, logo lhes põem o nome que lhe parece; os quais nomes que usam entre si são de alimárias, peixes, aves, árvores, mantimentos, peças de armas e de outras coisas diversas; aos quais furam logo o beico de baixo, onde lhe põem, depois que são maiores, pedras por gentileza. Não dão os tupinambás a seus filhos nenhum castigo, nem os doutrinam, nem os repreendem por coisa que faça; aos machos, ensinam-nos a atirar com arcos e flexas ao alvo e depois aos pássaros; e trazem-nos sempre às costas até a idade de sete e oito anos, e o mesmo às fêmeas; a estas, em as mães a enfeitar-se, como fazem as portuguesas e a fiar algodão, e a fazer o mais serviço de suas casas, conforme a seu costume.

(Gabriel Soares de Souza — Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Brasileira, volume 117).

QUE CONHECIMENTOS SÃO INDISPENSÁVEIS À SUPERAÇÃO DO AMBIENTE

ROSELUX PAQUE BARROS

A biologia é muito mais uma ciência de relações do que uma ciência de fatos. — Os fatos são indispensáveis para estabelecer as relações; mas a Biologia não atinge seu cume enquanto não explica as relações que existem entre as células de um mesmo indivíduo; entre os diversos seres que habitam a mesma região. Os seres vivos formam uma intrincada rede de relações nutritivas. Os vegetarianos (consumidores primários) são comidos pelos carnívoros (consumidores secundários) e estes se comem uns aos outros. As onças, as corujas, e gaviões, as cobras e as lagartixas — e o próprio homem — comem carnívoros ou herbívoros e se beneficiam assim, indiretamente, com o trabalho de síntese de alimentos executado pelas plantas clorofiladas. E há também os consumidores secundários de tamanho pequeno, como pulgas e os mosquitos que sugam a paca e os vermes que vivem em seu intestino. Completando essa cadeia de relações nutritivas, os decompositores (principalmente bactérias) estão sempre prontos para transformar os cadáveres de plantas ou animais em substâncias mais simples.

O ambiente condiciona a vida dos organismos por meio das substâncias que lhe fornece e através das condições climáticas gerais. A temperatura, o regime de chuvas e ventos, a quantidade de luz, a umidade atmosférica, dão a cada região características próprias, adequadas à vida de certas espécies, mas impróprias para o florescimento de outras. Assim, a diversidade de flora e de fauna. Todo ser vivo dispõe de mecanismos que o tornam capaz de explorar o meio exterior e dele tirar proveito.

Quando o ambiente se modifica, as espécies adquirem novos caracteres adaptativos ou se extinguem. É natural, portanto, que cada espécie apresente peculiaridades que a tornem adaptada ao ambiente em que vive.

A variedade de habitats

Há seres que vivem dentro de folhas de livros, no interior de raízes, frutos, fígados ou cérebros, sobre pedras escaldadas pelo sol, nas lentes dos microscópios na água coberta de gelo, nos buracos dos dentes ou dentro de tubos de ensaio. Em cada um dos três grandes ambientes — terra, água e ar — distinguem-se muitos habitats.

Quais os habitats diferentes em cada um desses ambientes? Os seres que vivem em paus podres serão os mesmos que vivem nos túneis subterrâneos? E os que voam? Trepam em árvores e andam no solo? Poderiam viver nas regiões abismais, os seres que vivem boiando no mar? Alguns se escondem entre as pedras, outros vivem em encostas arenosas, e há os que exigem períodos de exposição ao ar, entremeados com fases de imersão. Nas águas dos lagos e dos rios variam as espécies de acordo com a quantidade de sais minerais e oxigênio dissolvidos, a correnteza, a natureza do fundo, o clima e as alterações devidas às estações do ano. Há seres que habitam ora um, ora outro meio, como a tartaruga que sai da água para pôr ovos, os peixes marinhos que sobem os rios para desovar, as aves migratórias. Outros passam a fase inicial da vida dentro da água e o resto fora dela, como os sapos e muitos insetos de larvas aquáticas. Não há organismo que viva constantemente suspenso no ar, mas vários passam a maior parte da vida voando. Poços de petróleo, cavernas sem luz, também possuem seus habitantes.

O homem — o maior dos transformadores de ambientes — tem criado habitats artificiais que logo são povoados pelas espécies que a eles conseguem adaptar-se. Além disso transporta plantas e animais para regiões que não habitavam, com consequências às vezes más, às vezes boas.

Ambiente - adaptações

Um modo prático de descobrir as adaptações mais importantes de uma determinada espécie é imaginá-la transportada para um ambiente estranho. Convencem-nos de que os peixes estão adaptados à água, quando os pescamos. Vemos que morrem sufocados dentro do ar, e isto ressalta o valor adaptativo de nossos pulmões. Por outro lado, durante um banho prolongado de mar verificamos que faltam ao nosso corpo mecanismos capazes de explorar as potencialidades do meio aquático. Nossa pele, que se mantém saudável em contacto com o ar, fica macerada dentro d'água. Os músculos são impotentes para manter nosso corpo bolando e, mergulhando, não podemos respirar. Dentro do mar não conseguiríamos alimentos e, embora cercados de água, padeceríamos sede ardente, pois a água salgada não nos satisfaz. Morreríamos por esta combinação de razões, se nos sa tortura não fosse abreviada pelos dentes dos tubarões.

Que conclusão você consegue tirar desse exemplo?

A vida tem muitas soluções para um mesmo problema. — Num mesmo ambiente, organismos diversos podem viver. Num alagado por exemplo encontramos plantas e animais dos vários tipos. Cada qual resiste ao ambiente e o explora a seu modo. Enquanto as algas — absorvem os alimentos e o gás carbônico dissolvidos na água, as utriculárias captam insetos em suas minúsculas armadilhas e o aguapé, graças ao seu tecido flutuante, mantém as folhas fora da água em que estão imersas as raízes. Os caracóis, peixinhos e larvas de libélulas, embora com aparelhos respiratórios muito diferentes, conseguem com igual eficiência retirar da água o oxigênio dissolvido. As larvas de mosquitos e os percevejos d'água vêm à tona para respirar, tal como as baleias nos oceanos, enquanto certas aranhas acham mais cómodo capturar uma bolha de ar na superfície e levá-la para o fundo para não precisar emergir com frequência.

Quais os aspectos que explicam o modo de vida de cada espécie?

Os seres vivos transformam o ambiente — Se os habitats condicionam a direção em que evoluem as espécies, os seres vivos, por seu lado, também influem na evolução do ambiente. As plantas verdes são responsáveis pela existência de oxigênio no ar e pelo baixo teor de gás carbônico que nele existe. Sem elas o ar seria irrespirável para os animais. No solo sua influência é também notável. As plantas protegem o solo contra a erosão, ao mesmo tempo que modificam mecânica e quimicamente e o cobrem de humo, o que torna mais fácil a vida dos vegetais e a dos animais. As plantas pioneiras conquistam os terrenos desnudos — arenosos, rochosos ou encharcados — e os preparam para a colonização por outras espécies. As gramíneas e ciperáceas, as cactáceas e euforbiáceas e as pitangueiras das praias fixam as dunas e acabam por transformá-las em terreno próprio para plantas mais exigentes. Os líquens se instalam em pedras nuas e seus cadáveres servem de alimento para outras plantinhas rupícolas, com certas bromélias, que aceleram a

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)

QUE CONHECIMENTOS SÃO INDISPENSÁVEIS À SUPERAÇÃO DO AMBIENTE?

corrosão. As plantas aquáticas e semi-aquáticas, e depois as de solo encharcado, mantêm uma luta constante para transformar as bordas das lagoas em terra firme.

Os animais agem menos diretamente sobre o solo, mas basta lembrar as ilhas de coral, o afogamento da terra pelas minhocas, as construções às vezes monumentais dos cupins, as barragens feitas pelos castores, os depósitos de guano e outros excrementos de aves para reconhecer a importância da ação geológica de certos animais.

O homem civilizado é, entretanto, sem termo de comparação, o maior transformador da crosta terrestre. Como? Abate florestas, arrasa montanhas, represa rios, perfura a terra, melhora plantas e animais para deles tirar proveito, e com o fumo de suas indústrias e os estímulos radioativos dos átomos que explode, envenena a atmosfera, tenta mudar o regime das chuvas polvilhando as nuvens com microcristais. A ação do homem contaminou a Terra como se fosse uma micose incoersível avassalando a epiderme do planeta. E, não contente com isso, tenta invadir outros astros. Transformando radicalmente seu hábitat natural, criou para si mesmo inúmeras comodidades e alguns perigos. Mas, a esta altura, não pode mais recuar. A humanidade está condenada ao progresso ou ao desastre.

O equilíbrio na natureza

Equilíbrio lembra permanência, manutenção de uma mesma situação e, no entanto, vemos o mundo dos seres vivos alterando-se constantemente em torno de nós. O número de insetos aumenta no verão; cada planta dá flores e frutos em determinados meses. De ano para ano pode aumentar ou diminuir a população de certas espécies. E se considerarmos a história da terra através de milhões de anos através dos períodos geológicos — concluímos que certas espécies se extinguem enquanto outras surgem: por ex., os dinossauros e os répteis voadores da era Mesozóica foram sucedidos pelos mamíferos e aves de hoje.

Onde está o equilíbrio da natureza?

Este é um dos aparentes paradoxos que ocorrem na biologia. Nossas afirmações são frequentemente, unilaterais: Salientam apenas um aspecto da realidade. Se a considerarmos de outro ponto de vista, podemos ser levados a afirmar exatamente o contrário com igual entusiasmo. Se não fosse assim, seria difícil estudar e descrever a natureza. Portanto, não faz mal que nossas conclusões comportem exceções, ou sejam válidas apenas em certas condições ou sob certos aspectos. O importante é dar-lhes apenas o valor que merecem.

Tomemos por ex., um de seus colegas. Ele lhe parece "equilibrado", isto é, os músculos, o cérebro, o estômago, os pulmões, trabalham coordenadamente. As diversas funções do corpo cooperam e se completam, de modo que, de um dia para outro, seu colega parece o mesmo sistema biológico em equilíbrio. E no entanto ocorrem nele mudanças nitidas ao longo do dia, quando repousa ou trabalha come ou dorme. Considere a respiração: sentado provavelmente você respira 14 a 17 vezes por minuto, mas jogando bola o ritmo respiratório se acelera consideravelmente e durante o sono se atenua. Ao longo de períodos maiores, as transformações são mais acentuadas, como se nota do nascimento até a infância e durante a puberdade até no envelhecimento. Também, em cada ocasião o estado de saúde individual está em equilíbrio, mas, ao longo do tempo, flutua consideravelmente.

Do mesmo modo, o "equilíbrio da natureza" existe, em cada momento; mas se altera com o tempo, quer consideremos períodos pequenos ou grandes. Cada parte de um sistema natural está integrado harmoniosamente no conjunto e sofre variações que determinam reajustamentos. O resumo da natureza é, portanto, instável, embora um equilíbrio perfeito nunca seja atingido.

Sucessões vegetais

Quando um pedaço de mata é destruído pelo homem ou pelo fogo e o local é abandonado a si mesmo, dentro de algumas décadas a mata se reconstitui. Mas a recolonização se faz por etapas. O terreno nu é primeiro invadido

pelo capim e por outras ervas; mais tarde nascem arbustos e só por fim surgem árvores. Isto porque a derrubada modifica as condições ecológicas do local. O terreno descoberto recebe sol direto e fica superaquecido, superiluminado e seco. O capim, por outro lado, só vinga no descampado. Graças às sementes trazidas pelo vento de regiões vizinhas, instala-se na derrubada, primeiro esparso, depois mais denso, até que cobre todo o solo desnudado. Começa a haver, então, competição entre as diferentes espécies herbáceas que conseguiram implantar-se na área, e certas espécies são deslocadas por outras mais vigorosas. Ao mesmo tempo a natureza do solo vai sendo modificada pela presença dos vegetais. A terra coberta, protegida do sol retém mais umidade. Certas sementes, que não vingariam antes, agora podem germinar. Surgem assim ervas maiores e pequenos arbustos aqui e ali. Ao cabo de muitos anos já predominam os arbustos de certas espécies. Sua sombra prejudica o capim e outras ervas e torna o ambiente propício para a germinação das sementes que produzirão árvores. Assim o capim e as outras espécies pioneiras vão desaparecendo, enquanto as árvores vão surgindo em maior número e suplantam os arbustos. A sua sombra aparecem as ervas umbrófilas que cobrem o solo da selva: as lianas se vão enrolando nos troncos e sobre estes se instalam as epífitas. Mais algum tempo, e está reconstituída a floresta. Este ex., esquemático salienta certos fatos que se observam sempre que as plantas recolonizam uma região desnuda. Uma sucessão de associações vegetais se desenrola à medida que o tempo passa. Cada associação que se instala no terreno prepara o ambiente para a associação que a suplanta. A sucessão se desenvolve até alcançar o estágio final compatível com as condições climáticas locais. Esta formação final é o clima da sucessão, o que se manterá enquanto não mude o tipo geral de clima.

(Continua)

adaptação do texto de Oswaldo Frota Pessoa do livro — Manual de Biologia. Editora Fundo de Cultura - Rio de Janeiro do livro — Ecologia (O. Frota Pessoa e Krasilchik

O BRASIL AINDA É UM PAÍS CUJA EXPORTAÇÃO DEPENDE DA AGRICULTURA?

(Ede de Tolla Sanches, Yoshio Koianagui, Doly Garrido)

O exame da pauta de exportação mostra que esta guarda, até os dias atuais, características da economia colonial, pois continua baseada no fornecimento de bens primários e produtos tropicais aos países temperados, e assim, o comércio exterior brasileiro é, ainda hoje comandado pela agricultura que concorre com o maior número de produtos na pauta de exportação.

Canas de Açúcar — O Brasil continua a ser um dos grandes produtores mundiais de açúcar mas tem deixado de ser grande exportador devido ao acelerado desenvolvimento do mercado interno. Os Estados Unidos são os maiores compradores de açúcar no mundo, e o Brasil é um dos países indicados para suprir o déficit causado pela apralização da exportação cubana para aquele país.

As áreas de maior produção do açúcar pertencem ao nordeste (Pernambuco) e ao sul (S. Paulo). As refinarias do sul são mais favorecidas, em virtude de possuir os maiores centros de consumo, transportes mais organizados, técnica mais evoluída e equipamentos mais modernos. Além disso, as terras sulinas são mais descansadas com rendimentos melhores.

Algodão — Apesar de já se fazer sentir a concorrência de fibras artificiais, especialmente na indústria dos países mais desenvolvidos, o algodão deverá sustentar, por longo tempo, a predominância no consumo industrial de fibras, cuja tendência é ao incremento e ampliação dos estoques nos países importadores, acarretando aumento das exportações mundiais no período 1963-64.

Áreas produtoras — As áreas produtoras são o Nordeste e o Sudeste. O nordeste, que representa 42% da produção nacional e o sudeste com 43%, em que se destaca São Paulo com 36% da produção nacional e Paraná com 13%.

O MCE, que adquire 40% da exportação bra

sileira é o principal importador. Seguem-se em importância o COMECON, com 38% e o Japão com 12%.

Cacau — o cacau que no Brasil é nativo na bacia amazônica, existe em grande quantidade no Estado da Bahia, onde não constitui indústria extrativa e sim agrícola.

O Brasil é um dos grandes produtores desse produto, contribuindo com 18% do comércio mundial e exporta cerca de 72% da sua produção.

O comércio do cacau, no mundo, é controlado pelo Acordo Internacional do Cacau. Os países produtores e signatários desse Acordo tentam controlar o mercado mundial, no que encontram dificuldades, entre elas o da localização em áreas de clima tropical que os impossibilita de acumular estoques em armazenagem perecível. Enquanto isto, os países compradores, de áreas temperadas, podem manter estoques crescentes, o que lhes permite uma retração nas compras, que pode ser aumentada pelo uso de sucedâneos.

Amendoim — Grande substituto do azeite de oliveira, consideradas as suas propriedades semelhantes, é cultivado economicamente no Brasil, sempre em escala crescente, principalmente no Estado de São Paulo, onde funcionam diversas usinas para o preparo do seu óleo.

FUMO — Planta originária da América Central, e de natureza sensível às condições climáticas extremas e a estações prolongadas, o tabaco não se adapta a regiões de temperatura muito elevada, de chuvas contínuas ou de período mais ou menos longos de seca.

O fumo brasileiro é conhecido e apreciado, principalmente na Alemanha e Holanda. A produção brasileira que foi em 1962 de 187.040 toneladas, é suficiente para o consumo do país, havendo sobras para regular exportação. As mais bem organizadas plantações situam-se

nos Estados da Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, onde o seu beneficiamento é feito metódicamente, com produtos característicos

ERVA-MATE — Também originária da América do Sul, sua exploração e uso como substituto do chá, de origem oriental, vem aumentando consideravelmente. O Estado do Paraná tem-se mantido como principal produtor nacional do mate, vindo em seguida o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso (sul). Nosso grande freguês era a Argentina. Mas, o país vizinho tratou de incentivar em seu território a cultura da erva-mate. Hoje, nosso principal comprador é o Uruguai, seguido da Argentina e Chile.

Juta — Se observarmos que o Brasil importava até 1944 a quase totalidade da juta que consumia (fornecida pela Índia) e consegue agora não só auto-abastecer-se, como exportar excedentes e ocupar o 5.º lugar na respectiva produção mundial, é nitido o progresso conseguido, seja na sua cultura, seja na sua industrialização a níveis cada vez melhores de qualidade. A interação favorável agricultura-industrialização da juta no país induz a que, pela elasticidade-preço, as safras do produto se tornem doravante cada vez mais regulares e crescentes, não sendo de admirar que, ao findar a atual década dos 60, tenha o Brasil ascendido ao 4.º lugar na respectiva produção mundial, sobrepassando a Tailândia e ficando logo abaixo da China. Responde a Amazônia praticamente pela totalidade da produção brasileira de juta. A juta é uma fibra cujas regiões de preferência são as de clima quente e super-úmido, especialmente junto às margens de rios, em terrenos sujeitos a inundações.

Mandioca, feijão, arroz e milho — Das culturas alimentícias, destacam-se a mandioca, feijão, arroz e milho, não apenas pela área cultivada como também pelo valor da produção e que é muito difundida no Brasil. Por se constituir em base da alimentação brasileira de diversas regiões, a produção é quase toda consumida no país.

(Continua na página seguinte)

O BRASIL AINDA É UM PAÍS CUJA EXPORTAÇÃO DEPENDE DA AGRICULTURA?

Fruticultura — Os diversos climas e altitudes brasileiros permitem o cultivo de todas as variedades de frutas conhecidas, desde as de características de regiões frias até as tipicamente equatoriais. Entretanto, das frutas que constituem objeto de exportação apreciável, destacam-se apenas a laranja, a banana e o abacaxi. As plantações de banana localizam-se no litoral do Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá, onde ocupam as planícies e as encostas inferiores da Serra do Mar. O consumo interno é considerável, fora a exportação de grandes carregamentos para a Argentina, Inglaterra, Uruguai e Holanda.

Os maiores laranjais brasileiros localizam-

se nas colinas da baixada fluminense, nas imediações do Rio de Janeiro, nas antigas terras de café do Vale do Paraíba e nas regiões de Campinas, Sorocaba e Limeira no Estado de São Paulo. Nossos principais compradores são: Inglaterra, Argentina, Holanda, Alemanha, Bélgica e França.

O abacaxi é fruto genuinamente do Brasil, de onde se espalhou para outras partes do mundo. Os principais compradores do abacaxi brasileiro são: Argentina, Espanha, Inglaterra e Alemanha.

Cultura da vinha — a sua cultura remonta ao início do século com a instalação de viticultores no Rio Grande do Sul (70%), secundado

por São Paulo. A cultura da vinha no Brasil deu origem a uma importante indústria de bebidas, com acentuado consumo nos grandes centros de consumo.

Resta concluirmos que, é portanto pela influência das cidades (horticultura) e da industrialização que a agricultura se diversifica e se estabiliza.

BIBLIOGRAFIA

Geografia Econômica do Brasil — Lamartine Cardoso
Atlas Nacional do Brasil — IBGE.
Conjuntura Econômica — Ano XIX — N.º 5 — Fundação Getúlio Vargas.
Livros Didáticos.

PARA CONHECER A REALIDADE BRASILEIRA É PRECISO SENTÍ-LA

LUIZA S. DAMATTO

Muitos são aqueles que saem do Brasil para conhecer as belezas dos outros países, isto porque não sabem: dar valor ao que nosso sentir e ver o que existe aqui.

O Brasil é então, Terra de contrastes, belezas e cores.

A cor, além de ser uma sensação, constitui, também, uma espécie de linguagem ou vocabulário de nossos sentimentos. Quantas vezes, em conversas, referimo-nos a "dias cinzas", a "negros pressentimentos", a um "futuro cor de rosa", ao "amarelo de raiva", ao "verde da esperança".

A cor tem a magnífica faculdade de agir sobre os nossos sentimentos, sensibilidade e humor. Atualmente merece grande importância, nos centros médicos mais adiantados a "Cromoterapia", este moderno ramo da psiquiatria que trata as enfermidades, pela cor.

E, se cores podem curar, que poder não terão as suas ações profiláticas?

Cada cor do espectro, paralelamente às suas vibrações magnéticas, possui um campo de vibrações emotivas com características próprias, que podem ser usadas, quando se conhecem suas influências.

Através da cor conseguimos transmitir (pela pintura de ambientes e até mesmo pela nossa indumentária) mensagens que expressam sentimentos e desejos.

A parte de efeitos na percepção, uma das qualidades mais importantes da cor, é a impressão subjetiva de temperatura que ela cria. Os fundamentos destas reações, de natureza mais emotiva, talvez residem no fato do "amarelo" ser a cor da luz solar e o "azul" dos dias inverniais, o que já determina a associação imediata com "quente" e "frio".

E observa-se, também, uma necessidade de "equilíbrio térmico", por parte da nossa visão. Quando o olho se cansa de uma cor, procura, por uma razão fisiológica de restabelecimento de equilíbrio a cor complementar. Ora, sabe-se perfeitamente, que, se duas cores são complementares, uma terá que ser "Quente" e a outra "fria".

As cores frias, verdes, azuis e violetas, nos agradam pelos seus efeitos de quietude tranquila e frescura. Mas, à medida que assumem aspectos de frieza acentuada, criam um ambiente de depressão.

As cores quentes, amarelos, laranjas e vermelhos, atraem pelos efeitos de vivacidade, calor e alegria. São dinâmicas e estimulantes.

Mas, quando usadas em grande escala, nos envolvem num clima exagerado de excitações.

É o EQUILÍBRIO das cores, num esquema adequado, próprio para cada local, que cria, através da psico-estética, o ambiente em que se tem prazer de permanecer.

Cores são dotadas, também, aparentemente, de uma "topografia".

As cores quentes avançam. Amarelo, laranja e vermelho parecem "sair" dos seus planos, aproximar-se de nossos olhos. São "saiantes", agressivas. Por outro lado, azul, verde e violeta criam a ilusão de profundidade. Temos a impressão de que se situam atrás dos planos que as contêm.

As cores em tonalidades escuras parecem mais pesadas que as claras.

As sensações de tamanho também caracterizam as cores.

O olho humano não as foca de igual maneira. As "quentes" projetam-se atrás da retina. A lente ocular torna-se mais convexa, o que dá a sensação de ser vista uma cor quente em maior extensão, do que ela na realidade possui. Já as cores frias, focadas diante da retina, obrigando a lente ocular a tomar uma forma menos convexa, fazem com que as vejamos em menor superfície. A cor que apresenta maior dimensão é o amarelo, seguindo-se o vermelho e o branco.

A parte do mecanismo ocular e mental de cores, são de grande importância as reações psíquicas que elas produzem. Decisivas talvez, pois afetam diretamente nossa vida cotidiana.

As cores expressam estados anímicos e emoções.

Todos nós temos opiniões a respeito de determinadas cores. Apreciações que diferem, mas que coletivamente convergem, quando se tratam das reações físicas ante o frio de uma habitação pintada de azul, ou o calor de uma outra pintada de vermelho.

No campo psicológico, as experiências baseiam-se antes em razões emotivas do que em conclusões científicas. E, embora as interpretações sejam mais de ordem individual, muitas vezes caracteristicamente pessoais, combinam entretanto no aspecto das sensações coletivas de grupos. Isto é, no que diz respeito a reações inconscientes e associações que se faz com cores em relação à natureza.

Assim, por exemplo, amarelos e vermelhos são quentes e verdes e azuis frios. E esta consideração é geral.

Nossas respostas aos estímulos da cor são, na maioria das vezes, instintivas. Reações semelhantes a trechos musicais alegres ou melancólicos. E guardando as respectivas distâncias, ao olfato e gosto. Nos individuais, as rea-

ções relacionadas a acontecimentos do passado, que tiveram grande significação em nosso mundo interior. Fatos que são revividos, pela associação de idéias. Basta às vezes um som, um cheiro, e fundamentalmente, uma cor.

Normalmente, não encontramos a razão destas emoções. Contentamo-nos em dizer que "esta cor me ataca os nervos", ou "me faz bem". As causas escondem-se no inconsciente. As reações, em grande parte, processam-se pelo mecanismo dos reflexos condicionados.

Um "Fenômeno Psíquico" consiste na reação global, interna ou exteriorizada de um organismo vivo (indivíduo) a uma situação estimuladora. Os norte-americanos sintetizaram numa fórmula as fases do fenômeno: S → I → R. Esta equação é irreversível. S representa o estímulo. I o "organismo integrador" ou função integradora e R a reação. O "organismo integrador" formado pelo conjunto de atributos hereditários, congênitos e dos adquiridos durante o crescimento e desenvolvimento — tem a sua maneira própria de elaborar os estímulos de qualquer espécie. As reações, portanto, de indivíduo para indivíduo, são completamente diferentes. Não importa que o estímulo seja o mesmo. E convém lembrar, neste ponto, que a luz é o mais comum dos estímulos ou causa das sensações de cores.

A força psicológica das cores é também relacionada com formas geométricas e símbolos. As religiões e a política fizeram e fazem abundantemente, uso destes conhecimentos.

O simbolismo da cor está associado aos sucessos, tradições, honras, bandeiras e a toda sorte de celebrações.

As cores afetam diretamente o equilíbrio psicossomático. Na vida cotidiana, em que a exemplo de uma enorme roda-gigante sentimental, se alternam euforias e depressões, calor e frio, ansiedade e melancolia, quietude e agitação, alegrias e tristezas, a cor representa um papel fundamental.

Inclui sobre gostos e idéias, decisões e esperanças, integrando ativamente o quadro emocional.

A maioria dos psicólogos modernos inclinam-se pelas conclusões da "Gestalt" — Psicologia da Forma (Kohler, Kofka, Guillaume, Wertheimer e outros), escola que tem apresentado um grande número de renovações no Campo da Psicologia Experimental. Admite a "Gestalt" a "percepção" como um fenômeno secundário resultante da ação discriminadora ou analítica da inteligência, agindo sobre a percepção. A psicologia, portanto, a cor interessa como percepção, interpretada, entretanto, pela mente com o auxílio da inteligência e experiências pessoais.

DO OVO À CIVILIZAÇÃO

De que maneira poderíamos entender o problema da independência de um indivíduo? Esse problema poderia sugerir outros mais:

1 — Um trauma infantil poderia levar um indivíduo a uma prisão adulta futura? Que problemas sociais poderiam surgir?

2 — Até onde vai a dependência do feto humano?

3 — O Nativismo literário demonstra a autenticidade de um autor?

4 — De que processos civilizadores depende um recém-nascido?

O problema da liberdade, da independência pode atingir os campos mais diferentes na vida de um ser humano: até sua comunicação pode estar falseada e tolhida.

Como pode a educação dar ao indivi-

duo condições de escolha e análise da sua liberdade?

Aqui também, vários articulistas irão historiar, levantar hipóteses, colocar o pensamento da ciência, sugerir normas que remontarão à origem do ser humano. Outros estudarão de perto a sua fase infantil; outros ainda, sua fase adulta (Do ovo à civilização).

QUE VOCÊ VÊ, QUANDO VÊ UMA CRIANÇA?

(Extraído da Revista "A Criança e Escola — N.º 1)

Da sua maneira de responder, depende sua maneira de educar. Há muitas maneiras de compreender a infância ou de não compreendê-la.

Eis algumas que nos preocupam:

UM ADULTO EM MINIATURA. Estão neste caso as pessoas que enfileiram diante da criança um rosário de deveres e de comportamentos próprios de gente grande: não faça barulho, Pegue direito no lápis. Olhe só para o seu caderno. Quem está falando sou eu: preste atenção.

É evidente que essas pessoas vivem tendo decepções com as crianças. Nunca conseguem delas o que desejam por mais que lhes pareça tão fácil, tão simples, tão certo...

UM ANJINHO. Quem de nós não encontrou mães sempre prontas a explicar, desculpar e encobrir o mal-feito de seu anjinho? Coitado, é pequenino! Ele não tem obrigação de ser perfeito! Isso é difícil demais para uma criança deste tamanho... e enquanto isto, o anjinho abusa da complacência dos grandes. Transforma-se num pequeno tirano indisciplinado, egoísta, cuja mãe não pode ter um instante de sossego, um objeto de estimação.

Essas pessoas não sabem, mas estão pondo em prática o velho adágio de Rousseau: **AS CRIANÇA NASCEM BOAS. A SOCIEDADE É QUE AS CORROMPE.**

Também não sabem, provavelmente, que, como ponto de partida para a educação, essa ideia está totalmente superada. Faz-nos perder o período crucial da formação de hábitos — a primeira infância — deixando a criança desamparada, presa fácil de neuroses resultantes dos conflitos que ela própria, incapaz de dirigir-se de forma inteligente, cria para si mesma.

UM PEQUENO DEMÔNIO. Para muita gente, as crianças são como árvores a podar e amarrar. Se as deixarmos à vontade, mentem, furtam, colam, brigam, provocam a desordem, destroem o que houver pela frente. Educar é proibir, castigar, dominar. Nunca se deve deixar que a criança resolva, escolha, tome a iniciativa. Ela tem "maus instintos". Ou, como diz a Bíblia, é concebida no pecado e nascida na corrupção.

Educar, para uma pessoa que pensa assim, é uma intolerável obra de vigilância e disciplina (no velho sentido negativo, como imposição de formas de comportamento) pela qual pais, mestres, tios, confessores, toda e qualquer gente grande tem que viver policiando a criança... e cujos resultados poucas vezes correspondem ao esforço dispendido.

UM BRINQUEDO. Para outros, a criança vale como um amor, tão engraçadinho, que Deus criou para enfeitar este vale de lágrimas. Quando pequenina, "não é uma delícia" carregá-la o dia inteiro? Mais adiante, vesti-la como um manequim? Contar-lhes história Cobri-la de beijinho?

As pessoas que pensam assim não pensam na criança-pensam em satisfazer a si mesmas, extravasar carícias superficiais, usar a criança como quem exhibe um animal amestrado. Não pensam nas consequências do que fazem sobre a criança. Preocupam-se apenas em colher satis-

fações de momento. São mães, tias, avós, vizinhas ou professoras que tratariam da mesma forma um cachorrinho de raça, ou uma boneca de porcelana importada... Acontece que a criança, que não é bicho nem brinquedo, reage a esse tratamento de forma muito desfavorável ao seu próprio desenvolvimento. Torra-se exigente, recorre a mil subterfúgios, quando sente seu prestígio ameaçado, "dá cenas" para chamar a atenção sobre si, deixa de comer, etc. Quem de nós não poderia contar um caso exatamente assim?

Tais ideias sobre a infância são moeda corrente entre nós. Evidentemente, não se trata de atitudes fundamentadas na ciência, ou claramente formuladas. Ao contrário, são atitudes emocionais, correspondendo a diferentes tipos de personalidade e diferentes culturas familiares. Como professores, comparando crianças observando as repercussões de diferentes ambientes domésticos sobre elas, vamos compreendendo aos poucos, que é preciso atuar sobre esses pontos de vista, conduzir os pais a uma melhor compreensão de o que é a Criança — caso contrário, grande parte de nossos esforços podem perder-se, enquanto um ser humano se prepara para entrar na vida adulta como uma pesada carga de desvantagens — às vezes mesmo de aleijões psicológicos.

Nossa responsabilidade, pois, é dupla: todo professor deve estar preparado para utilizar as informações de ciência a fim de aperfeiçoar seu modo de ensinar e para esclarecer e orientar os pais e melhorar as relações intra-familiares.

Vejam alguns dos fundamentos indispensáveis para se compreender o que é a Criança:

A. A Biologia. O estudo dos seres conduziu os cientistas a observar que a infância é uma marca de superioridade biológica. Quanto mais simples um organismo, menor sua capacidade de desenvolver-se e aprender depois do nascimento, inversamente, quanto mais complexo, mais incompleto é ao nascer. Os organismos primários nascem praticamente adultos. Em poucas horas, atingem os padrões de atividade necessários a subsistência e reprodução. Quanto mais subimos na escala animal, maior o período de infância. Biologicamente, o organismo infante ou não-adulto se caracteriza por:

a) **dependência** — o organismo muito jovem depende de outrem, genitores ou mais velhos, para poder sobreviver.

b) **plasticidade** — ou seja, capacidade para aprender. Quanto mais subimos na escala animal, maior é a significação da aprendizagem para o desenvolvimento individual, e maior o período durante o qual é possível ao organismo, aprender.

c) **crecimento e desenvolvimento** — A fase jovem do ciclo vital se caracteriza por intenso desdobração celular, que dá origem não só ao aumento do número de células (crescimento) mas à progressiva diferenciação de funções (desenvolvimento) e integração de comportamentos em padrões de eficiência crescente.

B. A Psicanálise. Graças aos trabalhos de Sigmund Freud e seus discípulos, tornou-se evidente que a infância tem uma importância

crucial para o desenvolvimento de toda a personalidade.

Freud descobriu no tratamento de doenças mentais, que os conflitos e dificuldades de ajustamento pessoal, mesmo quando só explodem na idade adulta, têm raízes na infância, nas primeiras experiências psicologicamente marcantes para o indivíduo (que muitas vezes, o próprio sujeito esqueceu aparentemente, por um mecanismo de repressão ou recalque).

Essa descoberta permite-nos compreender a grande responsabilidade dos adultos que orientam a vida de uma criança: o que se passa na infância repercute sobre toda a vida da pessoa. A criança nunca é "pequena demais" para sentir, perceber, compreender se a respeitamos ou não como pessoa humana em evolução.

C. A Psicologia Evolutiva. A medida que as ciências médicas e antropométricas foram determinando o curso das alterações que se passam no organismo humano, do nascimento até a idade adulta foi possível resolver muitas das interrogações da psicologia, que trata do comportamento humano, o qual depende intimamente do desenvolvimento dos inúmeros tecidos do organismo humano. Assim, por exemplo, ficou evidenciado que o comportamento do recém-nascido é limitado porque lhe falta a mielinização das bainhas nervosas (o que só ocorre depois do nascimento). Estudos diversos mostraram que o organismo precisa ter atingido um certo grau de maturidade antes que a criança seja capaz de aprender a andar, a subir escadas ou a controlar voluntariamente a eliminação. Outros comprovaram que os músculos grandes se desenvolvem normalmente antes dos pequenos, de modo que o exercitar os grandes músculos favorece a coordenação dos mais delicados.

Tais descobertas, exemplos tomados ao acaso entre inúmeros outros, longe de serem "assunto de gabinete", interessam vivamente ao educador-pai ou professor. Economizam-lhe esforços prematuros. Indicam-lhe práticas valiosas. Corrigem técnicas de trabalho. Tornam sua expectativa mais realista. Permitem-lhe avaliar o desenvolvimento individual com maior objetividade.

A única maneira eficiente de trabalhar sobre a natureza é colaborar com a natureza. Para tanto, é preciso conhecer suas leis.

Essas contribuições nos permitem compreender que a criança não é apenas um adulto em porte pequeno, um anjo, um demônio, ou um brinquedo: a criança é uma pessoa humana em evolução. A infância tem suas características, suas necessidades particulares, seus modos de comportamento compatíveis com a imaturidade de um organismo dependente, mas ativo, plástico, ávido de aprender.

Tratar com a criança — seja como professor, como pai, ou como amigo — é participar, de alguma forma, do seu desenvolvimento. Essa é a perspectiva sob a qual **ARNOLD GESELL** propõe que se encarem os problemas da criança — sejam eles quais forem. Quando se cria qual quer conflito entre cultura e criança, entre expectativa de adulto e reação infantil, entre métodos de ensino e processos de aprendizagem, **GESELL** adverte: é tempo de dar atenção aos fatores do desenvolvimento.

Esta é a concepção que convidamos você a explorar.

HAVIA PROCESSO CIVILIZADOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS POVOS ANTIGOS ?

ILCE PAIXÃO DELAZARI

A História da Educação Física traduz estudo dos principais sucessos relacionados aos exercícios físicos, considerados no tempo e no espaço.

CONCEITO E IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE OS POVOS PRIMITIVOS, ANTIGOS E SELVAGENS.

A expressão "EDUCAÇÃO FÍSICA" tem para nós uma extensão muito maior que a sua compreensão; por isso que, quando falamos em Educação Física, presuponemos EDUCAÇÃO, através das atividades físicas — claro está que os selvagens e os povos antigos não tinham essa compreensão, pois davam uma extensão bem menor que a de nossos dias à prática das atividades físicas.

POVOS PRIMITIVOS — o homem pré-histórico

POVOS ANTIGOS — egípcios, hindus, chineses, assírios, caldeus, japoneses, babilônicos e outros.

POVOS SELVAGENS — os índios.

O HOMEM PRÉ-HISTÓRICO vivia em cavernas, "livre como o vento e forte como a peroba".

Praticavam atividades físicas naturais tais como: a corrida, marcha, as escaladas, as pescas, as lutas e outras, por necessidade natural da vida. Educavam-se, cultuavam-se, mas naturalmente sem o saber.

Nesse primeiro período da história antiga não temos conhecimento de nada comprovando a prática de atividades físicas, num sentido formativo e utilitário ou higiênico.

Os POVOS ANTIGOS, egípcios, hindus, e chineses se salientaram em todos os sentidos: artístico e cultural.

EGÍPCIOS — foi no século passado que os sábios historiadores franceses

Champollion e Bolta juntos com o arqueólogo inglês Rowlinson pesquisando as regiões do Vale do Nilo, descobriram decorações murais, que, pelas atitudes figurantes e pelo colorido preto e vermelho, fizeram crer que se tratava de retratação das antigas DISPUTAS PARTIDÁRIAS, realizadas talvez há 40 séculos da nossa era.

Heródoto, o pai da História, viajando pelo Egito, teve oportunidade de constatar certos fatos da vida histórica e lendária daquele povo; no seu retorno à Grécia, falou ao povo, durante a realização da Assembléia, de uma das antigas olimpíadas... A História, entretanto não nos conservou "IN TOTUM" as suas palavras, mas acredita-se que Heródoto tivesse abordado a questão da prática de atividades físicas, como elemento constante do gênero de vida daqueles povo milenar.

Realizavam ainda os egípcios exercícios físicos aplicados às pompas religiosas, aos trabalhos funerários e à agonística guerreira. Segundo alguns historiadores, aquele povo, vivendo às margens do legendário Nilo, desconhecia todos os processos relativos à natação.

HINDUS

Habitavam o planalto central da Ásia.

Os hindus em seus livros deixaram transparecer sua vida, seus usos e costumes. suas vitórias decantados através de belos poemas;

Preconizavam os exercícios corporais, a MASSOTERAPIA (tratamento através da massagem), o controle respiratório, como princípios médicos e higiênicos.

Nas leis de MANÚ que controlavam a organização social dos hindus, encontramos: "Para as sociedades, a hierarquia das castas e para o indivíduo, a pureza física e moral".

As danças e os jogos também foram muito praticados por esse povo e validavam a execução de todas as pompas reli-

giosas.

CHINESES

Pela observação da filosofia de CONFÚCIO, ao apregoar a prática dos exercícios físicos, somos levados a crer que sua filosofia desejava a unidade do ser humano, para posterior regeneração dos costumes. É por isso que encontramos na História, desde o século XIII A. C. a prática dos exercícios físicos pelos chineses.

Mais tarde os chineses já praticavam a educação física, sob o aspecto fisiológico e com caráter moralizador.

A ginástica curativa também foi grandemente influenciada durante a dinastia dos CHANGS, sendo que seu fundador inscreveu em sua bandeira a frase "RENOVA-TE TODOS OS DIAS; FÁ-LO DE NOVO E SEMPRE DE NOVO".

Preocupavam-se os chineses com a postura correta, com a cura de certas deformidades físicas, com a observância de certos hábitos higiênicos. A hidroterapia era empregada largamente e a prática diária de exercícios físicos e massagens, uma necessidade vital.

Daí deduzimos que a prática da Educação Física entre os antigos chineses casava-se com finalidades de ordem fisiológica, médica ou higiênica e, sobretudo, religiosa ou moral.

Referíamos-nos aos egípcios, aos hindus e aos chineses, embora reconhecemos que os assírios, os caldeus, japoneses e os babilônicos também praticavam atividades físicas, tais como a equitação, mas com acentuadas tendências guerreiras.

OS POVOS SELVAGENS

Ainda hoje vivem em tribos, num estado primitivo... e por isso mesmo praticam atividades físicas naturais e alguns deles, até mesmo como esporte.

Como exemplo temos os Wanas os Watussis, os Otentotes, na África, que além de exímios saltadores, são também bons corredores.

UM CONCEITO INADEQUADO DE LEITURA PREJUDICAR O PROCESSO CIVILIZADOR

(Equipe do SOP — Departamento de Educação)

(Secretaria da Educação — Promoção de Ensino de 1968)

ADMA GANEM — SEC

INTRODUÇÃO

Visa o presente trabalho o estudo comparativo entre leitura, segundo os moldes do ensino tradicional, e de acordo com a metodologia baseada nas atuais técnicas bio-psico-pedagógicas.

TRADICIONAL

RENOVADO

I — CONCEITO

— Ler é decifrar símbolos impressos. Ou, num outro conceito, é um processo de absorção mental sempre uniforme para todos os indivíduos.

— Ler é perceber, é compreender, é reagir, é integrar. O ato de ler, função extremamente complexa, envolve processos sensoriais e mentais na percepção dos símbolos gráficos, que varia de indivíduo para indivíduo.

II — OBJETIVOS

Valorização da leitura oral e expressiva, relegando-se a compreensão ao 2.º plano.

O objetivo máximo, em suma, é o domínio do mecanismo.

Valorização da compreensão visando a que a criança, além de dominar o mecanismo da leitura, seja capaz de usá-la como instrumento auxiliar no seu crescimento, e, desenvolvendo o gosto por ela, realize a sua integração pessoal e social num processo contínuo.

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)

UM CONCEITO INADEQUADO DE LEITURA PREJUDICAR O PROCESSO CIVILIZADOR

III — PASSOS BÁSICOS

a — *Motivação*: O professor conta a estória ou faz o resumo da lição como incentivo para despertar o interesse da criança. O aluno já tem em mãos o texto de leitura.

b — *Leitura oral corrente e expressiva* feita pelo professor, visando a boa dicção, pontuação correta, entonação apropriada e velocidade.

c — *Leitura silenciosa* pela classe feita rapidamente e sem qualquer orientação.

d — *Leitura oral e interpretação do trecho lido*, pelas crianças. A avaliação faz-se em termos de nota, levando-se em consideração a expressividade, a pontuação e a velocidade.

e — Estudo isolado do novo vocabulário, exigindo-se a sinonímia.

f — *Exercício de Linguagem Escrita*:
— Cópia.
— Ditado.
— Formação de orações.
— Reprodução do texto.

a — *Incentivo*: O professor procura despertar o interesse da classe mediante o uso de incentivos vários, tais como: gravuras, perguntas, adivinhações, conversas, hora da novidade, parte da estória a ser lida etc., sem abranger entretanto todo o conteúdo do texto.

b — *Apresentação do novo vocabulário*. Os novos vocábulos são apresentados pelo professor no quadro-negro, dentro de orações semelhantes às do texto, focalizando em seguida a pronúncia e o significado. Esses novos vocábulos são usados pelas crianças para formar novas orações.

c — *Leitura silenciosa dirigida e comentário*. O professor encaminhará o pensamento da criança formulando questões em função das diferentes habilidades de compreensão, a saber: a descoberta da idéia central e de pormenores, o estabelecimento de conclusões ou da sequência da narrativa, e outras. Deverão ser selecionadas apenas duas habilidades para cada texto.

A seguir, o professor dirige o comentário sobre o texto lido, guiando as crianças para que expressem suas idéias e opiniões, oralmente ou por escrito, de acordo com as questões que dirigiram a leitura silenciosa.

Observe o professor que somente no início deste passo a criança terá em mãos o texto a ser lido.

d — *Leitura oral com fins específicos* ou seja, orientada por objetivos bem definidos, tais como:

- ler para imitar uma personagem;
- ler para dramatizar uma cena;
- ler o trecho mais engraçado;
- ler um, dois ou mais versos de uma poesia que encerra uma idéia completa;
- ler determinado trecho e dar as impressões a respeito da atitude de uma certa personagem.

A leitura oral visa a desenvolver e aperfeiçoar as capacidades de elocução, de expressão, de articulação, de inflexão da voz e da pronúncia; contribui para ao ajustamento sócio e emocional do aluno, particularmente, em atividades de leitura coletiva.

A avaliação da leitura, quer individual, quer coletiva, é feita de três maneiras:

- a — pelo professor;
- b — de colega para colega;
- c — por auto-avaliação.

De preferência, faz-se esta avaliação não em termos de nota, mas através de apreciação objetiva, salientando-se os pontos positivos para manter o entusiasmo da criança pela leitura.

e — *Atividades relacionadas*

Visam a desenvolver e fixar as habilidades de leitura, devendo-se iniciá-las desde o primeiro passo básico. Assim,

Em Linguagem Oral:

- Hora da Conversa — Hora da Novidade — Hora do Canto
- Hora da Poesia — Dramatização — Côro Falado — Preparo de Composições Fráticas e Criadoras.

Em Linguagem Escrita:

- Aproveitamento do preparo de Composição feita em Linguagem Oral.
- Gramática Aplicada.
- Ortografia.

f — *Atividades de enriquecimento*

As idéias adquiridas com o texto de leitura são aplicadas em novos trabalhos, sejam de linguagem como: discussão, relatório, dicionário de classe, álbum de gramática, dramatização, côro falado etc., ou em atividades de gênero diverso como: desenho — construção — música — modelagem — cartazes — pintura — murais — fantoches.

MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE ?

Se todos os livros e revistas que lemos contivessem a mesma ilustração, o mesmo vocabulário e conteúdo, a vida seria monótona e sem sentido. Porque então as cores, a moda, a revista em quadrinhos, o cinema, a música evoluem constantemente? Porque os valores são continuamente substituídos? Onde foram seus au-

tores buscar informações?

Um tradicionalismo cultural forneceria elementos criadores? A auto-afirmação de um indivíduo depende de sua memória, chavões ou de superar obstáculos com atitudes próprias? Porque o aprender de memória é esquecido e gera a passividade? Porque o criar corresponde à caracte-

terística essencial do homem: a inteligência?

Da mesma forma algumas considerações serão tecidas, em termos de ciência: no sentido de valorizar a criatividade (é urgente no Brasil) e colocar a repetição no lugar que lhe é destinado.

MEMÓRIA: FATOR PREPONDERANTE NA SEDUÇÕES TRADICIONAIS JOSÉ E. CAMPELLO

A influência da religiosidade nos chamados povos tradicionais (hebreus, egípcios, chineses, hindús), teve na sua cultura um lugar de destaque.

Baseando-se nos livros sagrados procuraram todos eles os valores dos seus ancestrais (que acreditavam) de origem divina.

Tôda a sua vida girava em torno do essencial à sobrevivência. Apenas os chineses se diferenciaram um pouco. Assim, sua organização social era determinada pela repetição de valores antigos.

Os hebreus através de um tradicionalismo teocrático passivamente viviam; suas atividades diárias eram simples sua cultura, mais simples ainda. Um profeta maior passava as determinações divinas a um chefe de tribo ou clã. Era ele o depositário de tôdas as tradições; juiz supremo aqui na terra; em nada repartia seu mando. O homem desligava-se da terra apesar de viver na terra. A acuidade de razão teológica esquecia a necessidade de acuidade de superação da vida terrena.

Os hindús, através de um tradicionalismo filológico, tinham uma filosofia de vida conformista. O Nervana era sua promessa. A vida não era um castigo, uma purificação. Isso, pos-

to em termos de estrutura social, transformou-se num sistema de castas. Um pária seria sempre pária; não se importava com isso. Nunca entre os hindús haveria mobilidade social. O homem se conformaria ao ponto de esquecer a sua natureza essencial? Daí um abandono do homem a ponto de uma subnutrição como meio de maior aproximação do FIM. A transmigração dos espíritos seria o denominador comum. Por ela sua vida seria sempre a mesma. O melhor que poderiam fazer, era esperar.

Os chineses, em alguma coisa se diferenciaram dos demais. Apesar de seus livros sagrados, o conceito de vida era extenso à própria vida. Um chinês adorava viver. Era ambicioso, porque viver era sua ambição.

Dessa maneira a melhor condição de vida era dada aquele que melhor e maior quantidade de símbolos (idéias) retivesse. Sua posição social era determinada pela capacidade de memória individual. Havia então entre eles a emulação. De certa maneira era uma sociedade de classes estratificada pela cultura (memória?). Um artesão poderia ser um mandarim, dependia da capacidade individual e ambição pessoal. Entre os hindús nem isso era colocado; entre os hebreus da mesma forma.

Há muita semelhança entre aquela civilização e a nossa sociedade brasileira. Todos estudam por objetivos diferentes também, mas muito mais, por necessidade de ascensão social. Se atentarmos para o problema veremos que o que regula diferentemente o nosso sistema social é o fato econômico, ao invés do cultural como os chineses.

Os egípcios se dirigiam por um sistema de classes de uma maneira ainda diferente das citadas acima. Um sacerdote poderia fazer com que seus descendentes o substituíssem. Mas, muitas vezes uma classe dominante, entre eles, perdia completamente o poder. Isso se dava pela tomada do poder à força (no seu mais amplo sentido). Essas situações não eram comuns; o que importava era a capacidade de ocupar status e papéis em que a repetição com genialidade era o mais importante.

Colocadas as considerações acima nos preocuparíamos em observar:-

Houve consideração da criatividade? Como era a novidade entre eles?

A memória serviu de atrazo cultural ou equilíbrio social? Cabe ao articulista seguinte (de filosofia educacional), fazer o paralelo e integrar os problemas com sugestões adequadas.

A PLASTICIDADE HUMANA

(Maria C. Iuan — adaptação)

O ser humano é muito maleável. Façamos a comparação com outros animais.

Cachorros e gatos, por mais que vivam no meio humano, não se humanizam. Enquanto a criança é capaz de animalizar-se. Quanto aos cachorros e gatos, a permanência na companhia do homem lhes modifica, sem dúvida, o comportamento e as reações. Mas nunca chegam a adotar um comportamento humano. Cachorros e gatos não perdem as suas características de animal, enquanto a criança se transforma. (Ver caso da menina loba e do casal Kellog).

Parece que não existe um comportamento imutável na espécie humana; num meio animal a criança pode se tornar até uma espécie de animal.

Também parece que ser um bípede, para o qual o homem, anatômicamente, é constituído, não é conseguido se a criança não entrar em

contato com seres que praticam essa posição (bípede) e esse modo de locomoção. O mesmo acontece com a linguagem, tão especificamente humana: a criança não pode descobrir a palavra senão num meio que fala. Como disse Pierson: a criança é um "candidato à humanidade"; o tipo "adulto" não está "fixado" nela de maneira tão absoluta como no animal.

Poder-se-ia dizer que o homem nasce "selvagem" e fraco. Não sabe procurar, por si, o alimento, nem conhece o mundo que o cerca. Porém é extraordinariamente plástico e adaptável. Não há desenvolvimento humano sem contato com a humanidade. Sem cultura, a conduta do homem seria imprevisível, dependente das particularidades do ambiente em cada caso.

O homem se destaca pela duração do período de crescimento, em relação aos animais. A infância se alonga à medida que se sobe na escala animal e que há paralelo muito evidente

entre o grau de complexidade do cérebro adulto e a duração da infância.

O homem se caracteriza pela demora do crescimento.

Segundo Osterrieth, há uma série de argumentos que mostram que só ali pela idade de um ano, aproximadamente, é que o filho do homem seria comparável aos recém-nascidos dos animais superiores.

O animal nasce "pronto" para a vida, biologicamente "acabado", ou quase acabado. A criança, ao contrário, vai prosseguir em sua organização física e construir seus mecanismos de adaptação ao meio em que se encontra prematuramente colocada. E, como a criança não dispõe de mecanismos já montados, é obrigada a construí-los, donde sua longa infância.

Tudo isso pode ajudar-nos a precisar a significação do fenômeno "infância" como período necessário à "humanização" do indivíduo, a aprendizagem da natureza humana.

PENSAR É CRIAR — Um novo programa para as Escolas Primárias Paulistas

A Escola Primária tem finalidade soberana: ensinar a criança a pensar. "Pensar é criar". Há um mundo físico para ser identificado: uma sociedade e uma Pátria para delas participarmos responsabilmente; uma sensibilidade para ser a florada, apurada e enriquecida. A Escola Primária é que apresenta as primeiras con-

dições ordenadas para esse difícil e permanente aprendizado.

O ensino primário deve propiciar condições para que a criança:

1 — Desenvolva hábitos e atitudes adequados em relação à saúde e ao desenvolvimento físico.

2 — Raciocine com lógica e clareza.

3 — Aprenda a ler, escrever e calcular com precisão e desembaraço.

4 — Adquirir conhecimentos adequados a seu nível de desenvolvimento.

5 — Desenvolva a criatividade.

6 — Tenha responsabilidade.

7 — Desenvolva a sociabilidade.

UM NOVO CONCEITO E NOVOS OBJETIVOS PARA A LÍNGUA PÁTRIA

CONCEITOS

A finalidade específica da Escola Primária é dotar a criança da capacidade de expressão, assim falando como escrevendo. Expressar-se é compor. Tôda a preocupação é a de dotar o estudante do poder de criar. A composição exige plano, orientação, interesse, estímulo, ensino. Seja para a composição livre (prática ou imaginativa), todos os recursos têm validade: desde completar ou formar orações, reprodu-

zir — até compor estórias. Bom ensino da Língua Pátria é o bom ensino de leitura integral e de composição plena. Composição para finalidade prática: carta, bilhete, recado, telegrama, convite, dedicatória, relatório, recibo, ata, etc. — ou com preocupação artística; tudo o mais que se escreve fora dos esquemas comuns, com acentuada interpretação pessoal.

OBJETIVOS

1 — Levar a criança a expressar preci-

sa e corretamente suas idéias.

2 — Favorecer o enriquecimento do vocabulário e seu uso de forma fluente e significativa.

3 — Desenvolver as técnicas específicas da linguagem: falar, ouvir, ler e escrever como veículo de integração ao meio social.

4 — Levar a criança a ser capaz de apreciar o que é significativo e belo na linguagem escrita e falada.

(programa de Ensino — 1968)

Enquanto a Escola Tradicional se preocupava com o que a criança devia aprender, a Escola Nova, com sua pedagogia mais humana, preocupa-se com o que a criança pode aprender; nem todas as crianças estão igualmente amadurecidas para se dedicar ao mesmo trabalho, e nem todas possuem as mesmas condições físico-emocionais, intelecto-sociais exigidas para o processo de ler.

Sabemos que tanto a leitura como a escrita exigem da criança um certo amadurecimento, que não é uniforme, e que varia de indivíduo para indivíduo, e de matéria para matéria.

A observação dessas diferenças individuais, associada à aplicação de testes estandarizados, poderão conduzir o professor ao conhecimento da prontidão de seus alunos para a aprendizagem da leitura. Esse período que possibilita a adaptação da criança ao ambiente escolar, e a formação de hábitos para essa aprendizagem, é chamado de Período Preparatório.

Quais são os objetivos do Período Preparatório?

Magdala Lisboa Bacha, em seu livro "As Crianças Aprendem a Ler", à página 28, da publicação do Pabae — B.H. — 1 960, cita os seguintes:

- Desenvolvimento da linguagem oral. (fala e audição).
- Enriquecimento de experiências.
- Desenvolvimento da discriminação visual e da auditiva.
- Desenvolvimento de bons hábitos, atenção, seguir instruções, participação de trabalho em grupo etc.
- Desenvolvimento do desejo de ler.
- Ajustamento à situação escolar.
- Desenvolvimento da habilidade de ouvir leitura oral.

No entanto, para alcançarmos estes objetivos, não podemos desconhecer os fatores que interferem na aprendizagem da leitura e o programa do Período Preparatório.

Que fatores interferem na aprendizagem da leitura?

São inúmeros e todos eles devem ser estudados com atenção e carinho pelo professor.

Psicólogos chegaram à conclusão de que as experiências do indivíduo, os processos de ensino empregados e a idade mental (I.M) influem na aprendizagem da leitura.

O que é a Idade Mental? Idade mental é a medida do nível da inteligência do indivíduo em certa época. É determinada pela capacidade do indivíduo de realizar tarefas peculiares de uma certa idade cronológica, tarefas essas já realizadas pela média de pessoas dessa idade. Por exemplo: o grau médio obtido por grupos de crianças de 8 anos, constitui a norma de inteligência para as pessoas dessa idade. Avalia-se a I.M através de testes estandarizados como por exemplo: teste do desenho de F. Goodenough, testes de Binet-Simon e suas revisões e também de observações.

Sabemos, no entanto, que não há I.M. ideal para iniciar a aprendizagem da leitura, porque, vai depender do método empregado, da base de experiências, de ajustamento social, físico e emocional.

Nem todas as crianças chegam à escola com a mesma bagagem de experiências. Crianças que são cercadas por adultos que falam bem, com correção e rico vocabulário, cujos pais se interessam por seus brinquedos e as encorajam a contar-lhes suas atividades, que têm oportunidades de passeios, viagens, de folhear livros e revistas, evidentemente, terão mais probabilidade de êxito do que outras menos favorecidas.

Para ser avaliado o cabedal de experiências da criança, costuma-se observar a sua participação em brinquedos, na hora das novidades, na interpretação de gravuras, de desenhos, etc.

Quanto ao ajustamento social e emocional queremos lembrar que a segurança emocional da criança vai influir na sua capacidade de aprender. Por esse motivo, o professor deve observar o ajustamento do aluno, através de situações diversas: na sala de aula, no recreio, nos brinquedos. A criança necessita de segurança no lar para sentir segurança na escola. Somente um clima emocional equilibrado permitirá auto-confiança, cortesia e respeito pelo trabalho alheio, cooperação, participação.

A linguagem oral é outro fator de grande importância na aprendizagem da leitura. Por quê? Quem lê interpreta os símbolos impressos. Terá maior facilidade de compreensão a criança que vier com bom vocabulário oral, com pronúncia clara, com boa organização de idéias, expressando-se através de orações bem estruturadas. Nem todas as crianças chegam à escola com a mesma habilidade de compreensão e expressão. O ambiente onde vivem, a inteligência, a

formação dos órgãos vocais, a audição, a segurança emocional, são responsáveis pela maior ou menor maturidade linguística que interferirá na aprendizagem da leitura. O professor poderá diagnosticar as habilidades da linguagem oral de seus alunos através de uma observação dirigida. Por exemplo: A criança é capaz de se expressar claramente ao narrar histórias e acontecimentos? Faz-se entendida quando necessita de algo? Conhece nomes dos objetos da classe? Toma parte em discussões? Como é seu vocabulário? Como interpreta uma gravura?

Focalizemos agora os fatores físicos. Reconhecemos que para todas as atividades humanas é imprescindível boa saúde. É evidente que desnutrida, cansada, portadora de moléstias, com deficiência visual e auditiva, não terá interesse nem entusiasmo pela aprendizagem. Cabe ao professor encaminhá-la para a recuperação física. Qualquer defeito de visão ou audição merece atenção e os portadores dessas deficiências deverão ocupar lugar favorável na sala de aula. As crianças que demonstrem perturbações, devem ser encaminhadas para tratamento especial. Há hábitos e habilidades especiais indispensáveis para a aprendizagem da leitura. Assim, a atenção, a habilidade de resolver situações problemáticas e o hábito de interpretar ordens ou instruções, precisam ser observados para ver se a criança já está em condições de interpretar trechos escritos.

Para desenvolver hábitos de atenção o professor deve dosar as atividades, providenciar material interessante e ambiente favorável.

Notamos que a criança está habituada a certas atividades, como por exemplo, resolver pequenos problemas diários terá maior facilidade para penetrar na leitura de uma história e perceber a sua sequência: princípio, meio fim, fatos dependentes, conclusões, etc.; a criança que está acostumada a executar serviços caseiros, e capaz de atender a ordens ou seguir instruções, com maior facilidade do que as outras.

Não podemos deixar de lembrar que amaneirade transmitir uma ordem é impróprio para o seu bom cumprimento. A linguagem usada deve ser clara e acessível.

Outros fatores que devem ser focalizados dentro os que interferem na aprendizagem da leitura são a discriminação visual e a discriminação auditiva. Percebemos os caracteres das páginas impressas a través da visão. A criança que ainda não está com o ajustamento visual perfeito, sente dificuldade na leitura. Ela necessita de exercícios específicos que possibilitem esse ajustamento. Veremos que esses exercícios são indispensáveis ainda nos estágios seguintes de leitura.

A criança será observada na sua capacidade de notar, em objetos semelhanças e diferenças em cor, tamanho, posição, forma, pormenores. Posteriormente, em gravuras e depois, em palavras, como veremos adiante. Será observada também se acompanha com os olhos uma linha, movendo-os da esquerda para a direita, se reconhece seu próprio nome dentro outros.

Como vimos a visão é importante. Sabemos, no entanto, que é íntima a relação entre a visão e a audição na aprendizagem da leitura. Logo, a criança precisa estar preparada para estabelecer relação entre a palavra que lê e o seu som.

Os exercícios de discriminação auditiva através de sons não vocais, depois de sons vocais e por último sons de palavras levarão o professor, sempre atento, a anotar as reações provocadas entre seus alunos, e, conseqüentemente a nizar novas atividades dosadas e interessantes. O interesse em aprender a ler não pode ser esquecido como um dos fatores que interferem na aprendizagem da leitura. Qualquer atividade somente será executada com êxito se formos movidos pelo interesse. Na aprendizagem vamos encontrar o interesse como mola propulsora. A criança deve ter vontade de aprender a ler. O professor distinguirá a ansiedade da criança para ler, observando sua reação ante: os livros do "Cantinho do livro", o interesse de folhear livros e ver-lhes as gravuras; o querer que o professor ou outra pessoa leia as suas histórias nos livros preferidos.

Conhecendo todos esses elementos que atuarão favorável ou desfavorávelmente na aprendizagem da leitura, resta-nos organizar um programa com atividades variadas, dosadas, interessantes para deixar à criança em condições satisfatórias para o estágio inicial de leitura.

Assim, apresentamos comentários e sugestões para o desenvolvimento de um programa para o Período Preparatório.

Programa do Período Preparatório:
Para aprender a ler, a criança precisa estar

preparada. Esse preparo será obtido através de atividades específicas dentro de um programa que venha restringir os fatores que interferem na leitura. Assim, o programa do Período Preparatório visa a:

A — ajudar a criança e se ajustar a escola.
Essa ajuda será feita mediante:

1. Reconhecimento das dificuldades - O 1.º dia de aula se apresenta para o aluno, para o mais ajustado, cheio de momentos de ansiedade. Tudo lhe parece estranho. O professor, nossa fase inicial, deve despende todo o tempo necessário ajudando às crianças a se ajustarem ao novo ambiente e aos novos colegas através de experiências agradáveis. Assim, conversando com a criança, o professor procura saber dos seus gostos, de suas atividades em casa, dos seus brinquedos e animais de estimação. Dá atenção ao que ela narra, e, delicadamente conduz os demais a participar da narrativa, ouvindo-a. Providencia jogos, histórias, dramatizações dentro do interesse demonstrado pela classe, por grupos de alunos, e, muitas vezes, individualmente. Não se deve forçar a aprendizagem, mas procurar localizar, um motivo para a sua realização feliz. Um erro cometido pela criança, nunca deve sofrer crítica severa, uma sugestão positiva dará melhores resultados. Podemos dizer: "está bom; da próxima vez, vamos fazer juntos para ver como sairá?".

2. Programa flexível e informal — Na escola a criança deve se sentir feliz. Um programa informal e adaptado às necessidades do momento colabora para alcançar essa felicidade. As atividades diárias são planejadas de maneira que sejam variadas, curtas e interessantes e que deem oportunidade aos alunos de trabalharem independentemente e em grupos, permitindo a cada criança a contribuição de idéias e a responsabilidade pela execução do trabalho que tenha escolhido para fazer. Por ex.: "Hora das Novidades", na ornamentação da sala de aula, no conhecimento com pessoas que trabalham na escola, no plano para uma festa, no cuidar das plantas e do material escolar, a criança se sentirá membro de um grupo e aprenderá a colaborar, dentro da flexibilidade e da informalidade do programa.

3. Sala de aula atraente - Não pode ser esquecida a importância de um ambiente agradável na sala de aula. Produzimos, mais, num local acolhedor de trabalho. Além de prover um ambiente físico higiênicamente por feito, com relação ao mobiliário, à luz e ao arejamento, vamos providenciar para que seja educativo e prazeroso para os alunos.

Utilizando-se destas sugestões, o professor pode tornar atraente a sala de aula, procurando renovar de vez em quando a disposição informal do mobiliário, barra com gravuras nas paredes; aquário; plantinhas. Ou então, num cantinho da sala, sobre mesa ou estante colocar livros com gravuras coloridas, cartões com histórias ditadas pela criança, recortes de revistas. Ou ainda quadros de notícias onde serão afixadas as ocorrências e os avisos; um cartaz com os aniversariantes do mês; outro com os ajudantes e as responsabilidades dos alunos; exposição de desenhos feitos pelos alunos; exposição de fotografias das crianças, de suas casas, de suas famílias. Em todo o equipamento da sala de aula, o professor pode colocar legendas como: nosso giz, nossas plantinhas, a mesa, o armário, nossas gravuras, o cantinho de Ciências, etc. Relembramos uma vez mais que, mais importante do que o aspecto físico, é a atmosfera emocional da classe para que cada um sinta segurança e o seu valor dentro dela.

4. Conversar com a criança de como viver e trabalhar em conjunto.

Por meio de conversas com as crianças sobre os problemas da classe, cuidará o professor da formação de bons hábitos, atitudes e habilidades, tais como: a ordem e o aseo da sala, entrada e saída para o recreio, ou então, a melhor maneira de trabalhar em grupo.

5. Conhecimento da escola. Para que as crianças saibam onde estão vivendo, com quem e como, pode o professor planejar uma excursão pelo prédio da escola a fim de permitir aos alunos conhecimento das várias dependências: diretoria, gabinete dentário, biblioteca, cozinha, instalações sanitárias, outras classes, etc.

B. Ajudar as crianças a trabalhar independentemente e em grupos.

Desde os primeiros dias de aula o professor deve ter a preocupação de formar hábitos de trabalho independente, em seus alunos. Depois das crianças estarem habituadas a se valerem de seus próprios recursos, é que se vai dividir a classe para trabalhar em grupos e, assim, se-

(CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)

PREPARANDO O CAMINHO DA CRIATIVIDADE

rem atendidas as diferenças individuais. Essa proveitosa, pois, enquanto o professor atende a formação de hábitos permitirá um trabalho, mais grupo, o outro estará ocupado com atividades individuais, sem a sua assistência direta. Seguem, algumas sugestões para a formação dos hábitos de trabalho independente. O professor poderá:

- Fazer planos com as crianças. É importante que se dê, aos alunos, oportunidade de perguntar acerca do trabalho que irão executar, desta forma evita-se a interrupção para esclarecimentos.
- Avaliar os trabalhos feitos pela criança. Sabendo que seu trabalho vai ser avaliado ela terá mais responsabilidade e auto-confiança.
- Dar oportunidade às crianças de trabalho em grupo, com o professor. Esta atividade estimula o grupo que trabalha independente, pois lhe dá esperanças de também trabalhar com o professor.
- Reservar um período livre. A criança pode utilizá-lo, desenhando pintando, folheando livros, armando quebra-cabeças, enfim, qual quer atividade a que possa dedicar espontaneamente.
- Dar pequenas responsabilidades. No quadro "Ajudantes", poderá ser colocado o nome dos alunos que vão se responsabilizar por: contar os alunos presentes, cuidar do arranjo da classe, da sua limpeza, de regar as plantas, etc.
- Dar oportunidade de recolocar nos devidos lugares os objetos que as crianças tiverem usado, como: tesouras, tintas, régua, pinéis, giz, brinquedos, etc. Estes serão colocados sempre em lugar acessível e do conhecimento dos alunos para que eles possam fazer uso deles independente.
- Dar atividades dosadas de acordo com o interesse e as possibilidades de cada criança.

TIPOS DE TRABALHOS INDEPENDENTES

O professor encontrará abaixo, uma série de sugestões para os trabalhos independentes:

- Atividades manuais:
 - recortar figuras de revistas
 - recortar papel colorido para colar e formar desenhos
 - desenhar e colorir
 - fazer dobraduras
 - fazer colagens
 - fazer alinhaves, costuras, bordados
 - enfiar contas
 - Atividades com livros:
 - manusear livros da biblioteca
 - arrumar a biblioteca
 - organizar álbuns com gravuras de interesses das crianças
 - Jogos de discriminação visual:
 - lôto de figuras
 - labirinto
 - emparelhar figuras
 - completar figuras
 - verificar semelhanças
 - Jogos de discriminação auditiva:
 - Apresentar em um cartaz figuras e perguntar:
 - que figuras têm o nome começado com o mesmo som?
 - que figuras têm o mesmo som final?
 - Atividades para desenvolver a coordenação visual motora:
 - cópia de figuras simples
 - traçado de figuras seguindo uma linha pontilhada, com movimentos da esquerda para a direita
 - traçado de linha acompanhando labirinto
 - exercícios ritmados no quadro-negro
 - Atividades para desenvolver o controle motor e a leitura incidental:
 - dar ordens escritas: desenhar, colorir e a indicação do que queremos que executem, através de desenho.
 - Atividades relacionadas com o assunto que estiver sendo desenvolvido.
- C. Favorecer o enriquecimento de experiências**
De acordo com as necessidades das crianças vão ser planejadas as atividades para enriquecer suas experiências. Recomenda-se que elas sejam centralizadas para o que está mais próximo da criança: a casa, a escola e alguns dos auxiliares importantes da comunidade. Algumas experiências envolverão a participação da classe toda, outras serão individuais. Por exemplo:
- Excursões: dentro da escola, a lugares não distantes da escola e, depois, a lugares distantes.
 - Pintura, modelagem, desenhos, jogos, música, brinquedos, estórias, poesias, recortes, construções, dramatizações, etc.
 - Observações seguidas de relatórios orais sobre a vida de animais, o desenvolvimento de uma planta, etc.

D. Ajudar a criança a desenvolver a linguagem oral.

Vimos no início a importância da linguagem oral. De um modo geral, todas as atividades desenvolvidas no período preparatório contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral. Há, porém, atividades específicas, como:

- Conversas informais, apenas troca de idéias.
- Hora das novidades — A criança narra sobre; um presente, uma estória, um fim de semana, um aniversário, enfim, sobre aquilo que a empolgou. Os coleguinhas poderão se inteirar do assunto e participar, fazendo perguntas.
- Telefonemas — Dramatizar ligações telefônicas em que a formação de bons hábitos, atitudes e habilidades não será esquecida. A criança será orientada para a utilização do telefone, aparelho indispensável na vida moderna.
- Discussão — Em geral as discussões surgem naturalmente após ou mesmo durante um planejamento. Se duas idéias diferentes surgem, elas têm que ser discutidas para que concluam qual a melhor.

Plateia-se:

- excursões
- hora das novidades
- festas
- experiências de Estudos Sociais, Ciências e Matemática.
- arranjo da sala de aula.

As estórias constituem uma das mais ricas fontes de experiências de linguagem. Desta forma, o professor lê e conta estórias, estimulando as crianças para esta atividade ou então, as crianças contam.

estórias sobre seus desenhos (dar liberdade delas se expressarem espontaneamente pois nem sempre têm disposição para tal).

- anedotas
- estórias à vista de quadrinhos
- estórias sobre suas vivências

As dramatizações oferecem oportunidade para o desenvolvimento lingüístico. A princípio serão simples e as dificuldades serão graduadas.

Por exemplo:

- partomimas — imitação, dramatização muda. Ex. "Quem sou?" (imitar e deixar os colegas adivinharem).
- brinquedos imitativos: "o médico", "a costureira", "a lavadeira", "o trem", "o automóvel", "um batizado", "um almôço", etc.
- dramatizações de cenas simples:
 - Faça de conta que... você chegou à escola. A professora estava entrando. Você a cumprimentou e lhe ofereceu flores. Ela agradeceu. Você foi ao encontro de outros colegas...
- dramatizações de fatos de estórias: diálogo logo entre os personagens de uma estória, por exemplo.
- dramatizações de estórias curtas e simples.
- dramatizações, com máscara, de cenas de estórias e estórias curtas.
- fantoches.

E. Favorecer o desenvolvimento do interesse pela leitura.

Já abordamos importância de uma sala de aula acolhedora e atraente. Vamos sugerir algumas situações que possibilitem alcançar esse objetivo:

- Livros variados e sugestivos para serem folheados pelos alunos e lidos pelo professor, de acordo com da classe.
- Planos, estórias e relatórios ditados pelas crianças, escritos no quadro-negro ou em papel manilha com letra manuscrita. Desta forma elas estabelecerão relação entre a escrita e a leitura e poderão ter grande interesse em aprender a ler.
- Legendas e notícias: é outra maneira de manter contato com palavras e orações, através do quadro de notícias, como sugerimos anteriormente.

F. Ajudar a criança a desenvolver a discriminação visual.

Além das atividades já sugeridas em tópico anterior, sugerimos também, atividades para desenvolver habilidades para distinguir semelhanças em tamanho, cor, forma, posição, detalhes internos, qualidades. As atividades relacionadas com estes aspectos devem ser iniciadas, primeiramente, com OBJETOS (fase de concreto): lápis, bolinhas, moedas, cubos, etc., a seguir com desenhos e recortes (fase do semi-concreto) e, finalmente, com PALAVRAS (fase do semi-abstrato).

Algumas sugestões para o desenvolvimento da discriminação visual:

- Para concentrar a atenção e coordenação motora: recortes, jogos de encaixe, quebra-cabeça, colagem, alinhaves, modelagem, enfiar cortas; seguir uma linha pontilhada, com movimentos da esquerda para a direita.

Acompanhar um labirinto, contar objetos enfileirados, olhar gravuras em série.

2. Distinguir semelhanças e diferenças entre objetos: caixinhas, lápis, moedas, bolinhas, livros, etc., fazendo comparação em tamanho, cor, forma, posição, qualidades, pormenores.

3. Distinguir semelhanças e diferenças em tamanho, cor, forma, posição, pormenores em desenhos e recortes de gravura:

— EM TAMANHO — lôto de figuras, encaixar figuras de diversos tamanhos em lugares de tamanhos iguais aos delas; entre várias figuras iguais, porém de tamanho diferente, assinalar a maior ou a menor, etc.

— EM CORES — assinalar a figura de cor diferente; pintar a gravura ou o desenho nas cores indicadas; no flanelógrafo; mandar retirar a figura de cor diferente; emparelhar figuras da mesma cor, etc.

EM FORMA — quebra-cabeças; dominó de figuras; emparelhar figuras iguais.

— EM POSIÇÃO — no flanelógrafo: colocar figuras iguais em forma, tamanho e cor, porém, em posição diferente e mandar indicar qual a que está diferente das outras; mandar colocar as demais gravuras na mesma posição da primeira, etc., pedir para colocar uma figura abaixo, à direita, à esquerda, à cima de outra.

— EM PORMENORES — desenhar uma figura faltando algum pormenor e perguntar o que está faltando.

4. Depois de dominadas as fases acima sugeridas, o professor passa a exercícios com palavras. A criança não lê, apenas pela configuração executa o que se pede. Ex:

— Faça uma linha ligação as palavras iguais

bôlo	caneta
caneta	boneca
boneca	bôlo

— Procurar em uma lista de palavras a que for igual a da ficha:

mamãe	casa
	lôbo
	mamãe
	mala
	mamãe

G. Ajudar a criança a desenvolver a discriminação auditiva.

Quando nos referimos aos fatores que interferem na aprendizagem da leitura, vimos a importância do desenvolvimento da habilidade para perceber sons.

Sugestões de atividades para distinguir:

- Sons não vocais
 - Ouvir diversos ruídos (palmas, campainhas, batida de lápis na mesa, etc.). Mandar a criança dizer determinado som, dentre os sons ouvidos.
 - Distinguir entre três batidas, qual a mais forte.
 - Marchar ao som de música: com força quando a música for forte, na ponta dos pés, quando for suave. Parar repentinamente a música e perguntar se estava alta ou suave quando parou.
 - Deixar cair objetos sobre a mesa e mandar a criança distinguir que tipo de objeto foi.
- Sons vocais
 - De olhos fechados, a criança vai distinguir que colega lhe falou.
 - Imitar a voz de animais, o barulho do vento, do automóvel, etc.
 - Usar entonação adequada na voz ao representar personagens de estórias.
- Sons em palavras
 - Dizer uma poesia e pedir às crianças para baterem palmas quando ouvirem palavras rítmicas.
 - Identificar sons iguais em diversas palavras ouvidas (mala, bala, avá, sala, fada).
 - Apresentar uma palavra e pedir às crianças que diga outras que terminem ou que comecem como aquela.
 - Mandar a criança terminar uma quadrinha, sem a última palavra.

H. Ajudar a criança no desenvolvimento da habilidade para interpretar gravuras.

Para favorecer o desenvolvimento lingüístico e enriquecer experiências, as gravuras são de grande eficiência. Nos pré-livros há alta ilustração, razão porque há necessidade de se desenvolver a habilidade de interpretar gravuras.

O professor deve expor o "Cantinho das Novidades" e observar a reação da classe. Relacionar as gravuras com as atividades.

Ex.: aniversariantes, responsabilidades, excursões, etc.

As gravuras da classe levarão legenda para que a criança interprete a relação entre ambas. Sugestões de atividades:

- Interpretar uma estória em quadrinhos, analisando cada cena, separadamente.

PREPARANDO O CAMINHO DA CRIATIVIDADE

2. Colocar em ordem uma série de gravuras de uma estória.
3. Jogo das lojas: "Onde se compram?"
4. No flanelógrafo, estabelecer relações entre coisas semelhantes.
5. Formar álbuns de gravuras da mesma espécie.
6. **Ajudar a criança no desenvolvimento da habilidade de manusear um livro**
Os bons hábitos para manusear livros devem ser formados desde os primeiros contatos com eles, no período preparatório. O professor será o grande modelo.

J. Ajudar a criança na Leitura Incidental.

A leitura incidental pode ser desenvolvida na classe através das legendas nos objetos escolares, nas gravuras, nas notícias, e deve ser enriquecida por atividades sistematizadas que contribuirão para avaliar o nível de prontidão da criança. Como conseqüência, será avaliado o aluno em relação ao conceito de leitura: leitura compreensão, isto é, se ele atribui significado ao texto expresso por sinais gráficos. O professor poderá introduzir, incidentalmente, palavras do pré-livro, nomes das crianças, números, cores, ordens como: desenhe, pinte, faça.

Desta forma a criança se sentirá estimulada, pois ao começar o estágio inicial reconhecerá muitas palavras do seu pré-livro o que virá lhe dar confiança maior na aprendizagem da leitura.

Conclusão: Como fazíamos inicialmente, a leitura é um processo mental de grande complexidade. O êxito do período inicial da leitura está condicionado ao êxito do período preparatório que é **BÁSICO PARA** todos os períodos de leitura.

UM NOVO JORNAL

"Um novo jornal" é força de expressão. Estamos nos esforçando para melhorar o nosso jornal. A circulação diária com regularidade já é uma meta superada. A cidade e a região desenvolvem-se a tal velocidade que já estamos ficando para trás. Mas estamos dispostos a responder ao desafio do progresso. Confiamos tanto em Pres. Prudente e na Alta Sorocabana que queremos investir mais e mais nas nossas oficinas. Um jornal de 4 a 6 páginas diárias já não fica bem para um mercado tão rico de notícias. Por isto estamos iniciando nova etapa de trabalho que nos permitirá em pouco tempo recuperar o chão perdido e andar par a par nesta maratona do desenvolvimento. Mas não basta termos planos e querer fazer "o novo jornal". É preciso que tenhamos o indispensável apoio dos nossos leitores, como até aqui temos tido e o amparo dos que nos confiam a divulgação de suas mensagens, certos da nossa penetração cada vez mais nesta vasta região do oeste paulista. Você pode ajudar a fazer "o novo jornal".

"O IMPARCIAL"

I — Redatorial

E as mãos foram dadas — SUCESSO.

Com todos os problemas iniciais, com a simplicidade de um jornal do interior, mas, com uma vontade de fazer jornalismo, estamos contentes. Nossa tiragem aumentou. Pudemos atender às nossas finalidades.

Nunca foi tão fácil colocar uma idéia em prática, nos disse um concidadão. Realmente, da adequação e esforço de funcionários, redatores, articulistas não houve necessidade de importar nada. O SUPLEMENTO é todo nosso.

Aqui está o segundo. Tão substancioso como o primeiro mas o que é mais importante com a certeza de que estamos no caminho certo.

Advertidos que fomos por um assinante, convém novamente insistir e esclarecer que este suplemento faz parte de um PLANEJAMENTO que está sendo posto em prática em nossas Escolas Normais. Assim, os alunos de 1.º ano normal estão desenvolvendo conhecimentos de uma maneira integrada sob o tema: O QUE É SER BOM PROFESSOR? Os objetivos fixados para aqueles alunos determinam um "melhor conhecimento da realidade brasileira", e "dar informações adequadas à profissão que escolheram".

Para o 2.º normal, sob o tema: DO ÓVO A CIVILIZAÇÃO, os conhecimentos também integrados visam dar aos alunos noções de "evolução, independência, nacionalidade", tendo o homem como origem e fim.

No 3.º normal o tema é "MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE", procurando dessa maneira mostrar a importância da criação na sua vida profissional e na vida dos seus futuros alunos.

É importante resaltar que NENHUM ASSUNTO se conclui, de maneira definitiva, em quaisquer TEMAS propostos. Tal observação de vale no sentido de impedir possíveis mal-entendidos em termos de ciência.

Mas, enfim, estamos em todas as classes de nossas Escolas Normais; somos manuseados como se manuseiam livros; o que escrevemos tem sentido e valor... e.. até o n.º 3.

INDICE DOS ASSUNTOS

II — O QUE É SER UM BOM PROFESSOR? (1.º normal)

1 — Introdução

2 — O que Nóbrega nos contou do Brasil do seu tempo?

"cartas jesuíticas"

3 — E a terra dava açúcar

Irene Inocentini

4 — Na luta pela produção, só a terra oferece problemas?

Firmino de Almeida, Pg. 3

5 — Quem produz e obtem meios, deve conhecer o fenômeno Educação?

Elena Faria de Barros

6 — Escolas Normais e Educação, certas nos seus objetivos?

Ondina Barbosa Gerbasi

7 — Também da voz deve cuidar um professor

Silvia C. Cerávo

8 — Professor, e a educação física, heim?

Vitória Moherdau

9 — Mas, a matemática é moderna mesma?

Jorge Tufic Abrahão

III — DO ÓVO À CIVILIZAÇÃO

1 — Introdução

2 — O óvo: dependência total do ser humano?

adaptação do O corpo Humano

3 — O nenê nasceu. Independência?

adaptação Ma. Rosário Cerávo

4 — Psiquismo infantil ou prolongamento da vida biológica?

Paul Osterrieth

5 — Homem algum é uma ilha

Elizabeth Faria P. Lima

6 — Como entrar em contacto com a civilização?

adaptação — Maria Silvia B. Ramos e Doralice J.E. Moreti.

7 — O romantismo: independência social ou intelectual?

Feliciano Ribeiro

IV — MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE?

1 — Brincando a criança começa a criar

Aparecida Maria Henrique

2 — Quando começa a criança a criar?

Hellen de Oliveira Gonçalves

3 — Como despertar o poder criador da criança?

Maria Bastos Nogueira

4 — Antes da Criação: Maturação e aprendizagem

Gilberto C. Iuan

5 — Como pode alguém aprender?

Julieta Salomão Jacob

6 — Seu Filho já aprendeu a ler?

Lina P.C. Doll

7 — Criatividade no superlativo — Gregos

Arlete Piai Silva.

O Que é Ser Um Bom Professor?

A dureza da primitiva realidade (Nóbrega), foi aos poucos sendo compreendida através das primeiras culturas. Estas por sua vez passaram a criar um tipo de sociedade que muito influiria na educação do atual Brasil.

Dois Brasis se apresentariam com o correr dos tempos;

cada um com seus problemas econômicos, ecológicos e educacionais (geografia, ciências e prática do ensino).

Entretanto em nossas Escolas normais muito se faz para dar ao professor condições de atuar nessa realidade (música, educação física e matemática). Que mais poderiam dar elas?

O QUE NÓBREGA NOS CONTOU DO BRASIL DO SEU TEMPO

BIBLIOGRAFIA:

Pe. Nóbrega — "Apontamento de Coisas do Brasil" in Novas Cartas Jesuíticas, — Serafim Leite S. I. — Cia Ed. Nacional, 1940.

Depois que o Brasil é descoberto e povoado, têm os gentios mortos e comidos grande número de cristãos e tomadas muitas naus e navios e muita fazenda. E trabalhando os cristãos por dissimular estas coisas, tratando com eles e dando-lhes os resgastes com que eles folgam e têm necessidade, nem por isso puderam fazer deles bons amigos, não deixando de matar e comer, como e quando puderam. E se disserem que os cristãos os salteavam e tratavam mal, alguns o fizeram assim e outros pagariam o dano que estes fizeram; porém há outros a quem os cristãos nunca fizeram mal, e os gentios os tomaram e comeram e fizeram despovoar muitos lugares e fazendas grossas. E são tão cruéis e bestiais, que assim matam aos que nunca lhes fizeram mal, clérigos, frades, mulheres de tal parecer, que os brutos animais se contentariam delas e lhes não fariam mal. Mas são estes tão carniceiros de corpos humanos, que sem excepção de pessoas, a todos matam e comem, e nenhum benefício os inclina nem abstem de seus maus costumes, antes parece e se vê por experiência, que se ensoberbecem e fazem piores, com afagos e bom tratamento. A prova disto é que estes da Baía sendo bem tratados e doutrinados com isso se fizeram piores, vendo que se não castigavam os maus e culpados nas mortepassadas, e com severidade e castigo se humilham e sujeitam.

E A TERRA DAVA AÇÚCAR

Irene Innocentini

Na revolução que o uso generalizado do açúcar provocou na Europa do séc. XVI, o Brasil, principalmente o Nordeste, embora madrugasse também em São Vicente a indústria açucareira, desempenhou papel importante. Ao açúcar fabricado no Brasil abriram-se mercados grandemente vantajosos.

Sabe-se que antes de 1500 o europeu adoçava seus alimentos e suas bebidas apenas com um pouco de mel; desconhecia o açúcar que tendo

começado a aparecer na Europa quase exclusivamente com o remedio, nas boticas, não tardou a tornar-se indispensavel à alimentação de aristocratas, de burgueses e de quase toda a sua população em geral. Sobretudo depois que essa população começou a consumir também bebidas tropicais: café, cacau ao lado do chá da India.

Revolucionando dêsse modo o sistema de alimentação europeia, o Brasil recém-descoberto, surgiu no comércio internacional como o produtor de um artigo que não tardou em trazer aos portugueses rendimentos mais estáveis do que o comércio com o Oriente.

Compreende-se que a atenção dos portugueses se voltasse para as terras americanas que divididas em capitánias, foram nos espaços mais favoráveis á cana de açúcar, alteradas na sua paisagem pela presença de famílias patriarcais vindas de Portugal com capitais suficientes para se estabelecerem feudalmente nas mesmas áreas.

Estas famílias contavam com ameríndios para o seu serviço militar; escravos negros para os engenhos; com o judeu para intermediário no comércio internacional do açúcar; com religiosos para a organização moral, religiosa e intelectual da sociedade, visto estarem estes interessados na catequese do indígena, na moralização dos costumes, na educação da mocidade etc.

Daí os centros urbanos que primeiro se desenvolveram em áreas especializadas na cultura da cana e fabricação de açúcar terem sido no Brasil os pontos em que se iniciaram os mais significativos desenvolvimentos de cultura moral, intelectual, religiosa, científica, e artistica na America Portuguesa: a educação humanística com os collegios jesuíticos do sec. XVI destacando-se o de Salvador pela sua amplitude e importância; a literatura brasileira com seu poema Prosopopeia escrito em Pernambuco por Bento Teixeira; a vida monástica com os mosteiros e conventos estabelecidos em Pernambuco, no Maranhão, no Rio de Janeiro focos de devoção e atividades religiosas com uma repercussão na vida brasileira dos primeiros tempos coloniais que ninguém hoje ousa negar, tenha sido valiosissima; a literatura israelita que segundo historiadores especializados no assunto teve seu começo no Recife, na primeira metade do sec. XVII com o poema escrito pelo Rabi Aboab da Fonseca.

Foi à sombra do açúcar que se desenvolveram em primeiro na America Portuguesa as artes, da arquitetura, escultura, pintura, urbanização, culinária, da doçaria e da renda a ciência médica; as ciências naturais; os estudos etnológicos, sociais e historicos voltados para o ameríndio e para a análise das primeiras relações de europeus em populações ameríndias e com a natureza americana e tropical.

Essas artes e ciências tiveram suas primeiras expressões no Brasil como manifestações do sistema de cultura ibero-Catolico que foi o predominante no desenvolvimento da civilização brasileira do açúcar.

Algumas delas resultaram vigoradas pelo impulso que lhes trouxe a presença holandesa no Nordeste açucareiro do Brasil, durante o sec. XVII.

Foi com os holandeses atraídos para o Brasil pelo açúcar que na América Tropical se verificaram os primeiros estudos sistematicamente científicos de flora e de fauna: que se tracou o primeiro plano científico de urbanização de Recife; que se organizou o primeiro jardim zoológico completado por um botânico; que se organizaram as primeiras quermesses, que se pintaram as primeiras paisagens e se fixaram desenhos de valor científico ou artisticos (pintores e artistas holandeses) tipos de homem e de mulher, casas, costumes, plantas edificios, aparelhos de açúcar, etc; que se iniciaram cultos de Cristianismo evangelico acompanhados de esforços protestantes de catequese e educação de indígenas; que se esboçaram formas também não ibéricas, do governo representativo admitindo-se nessa representação elementos das populações dominadas pelos invasores.

NA LUTA PELA PRODUÇÃO SÓ A TERRA OFERECE PROBLEMAS?

Prof. Firmínio de Almeida

O estudo da distribuição dos seres vivos pela terra, de sua relação com as condições ambientais, do cunho particular que emprestam a cada região, das interdependências dos seres e das modificações por eles provocados nos vários biociclon, é feito por duas ciências que estão intimamente ligadas: a Ecologia e a Biogeografia.

O tratado da divisão da terra em regiões características pelo aspecto e distribuição dos seres vivos que lhes são peculiares, pertence a Biogeografia e as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem, em condições de perfeita adaptação são objetos da Ecologia.

Os fatores que as explicam são encontrados pelos ecólogos nas próprias condições de equilíbrio da Biosfera e nas relações com a Geosfera.

O alimento, fator que tanto pode pertencer a um quanto ao outro meio, é um deles pois a fartura de alimento facilita a proliferação de espécies perfeitamente aclimatadas.

O que vemos, no caso do aumento dos insetos no mundo atual é consequencia da maior produção de alimentos que a tecnica moderna aplicada principalmente na agricultura, vem permitindo ao homem.

Esses animais constituem cerca de 70% das espécies de todo Reino Animal e daí a expressão já clássica de que o mundo de hoje pertence aos insetos.

Se a grande maioria desses pequenos Artropodos conseguissem sobreviver ao imperativo do equilíbrio biológico da luta pela vida, jamais o homem teria conseguido algum exito no combate as pragas que, ainda consomem somente no Brasil, mais de 30% da sua produção agro-pecuária.

A aquêle que duvidar do que foi dito, basta lembrar-lhe a luta que atualmente os agronomos e biólogos brasileiros vem enfrentando sem muito resultado satisfatório apesar do emprego de inseticidas cada vez melhor, no esterminio da formiga Atta-capiguara que, principalmente aqui na região da Sorocabana está liquidando com as nossas pastagens.

O aparecimento das boas pastagens que o pecuarista mais esclarecido formou com o emprego de forrageiras especiais, como o capim colonião e pangola, em substituição as deficientes pastagens naturais de outrora, veio fornecer fartura de alimento ao gado mas, por outro lado também alimento à indesejavel formiga que pode assim proliferar com facilidade, tornando-se num flagelo para a pecuária.

Se todas as iças que saem ruma só revoada nupcial de um único saveiro de Atta-capiguara, conseguissem formar novos saveiros, seria impossível a vida humana sobre a face da Terra, pois elas são numerosas.

A nossa sorte é que apenas 3 iças dentre 10 mil de uma revoada conseguem realizar suas finalidades e esta situação permite-nos a luta contra uma porcentagem minima desses insetos sobreviventes aos seus muitos inimigos e adversidades de toda a sorte.

Um outro exemplo tipico está no caso do aparecimento em numero cada vez maior de certos vertebrados.

Os grandes páiós cheios de milho de colheitas récordes trouxe alimentação farta aos ratos que vivem em parte de cereais, permitindo um aumento grande desses mamíferos roedores e.

(continua na página seguinte)

como são alimentados de um grande número de ofídios, em consequência ocorreu no mundo o aparecimento de um número também maior de cobras.

Outro fator importante que não pode ser desprezado na Ecologia é o da relação entre a temperatura do ser vivo considerado e a do meio em que vive. Os animais homeotermos são encontrados em toda a face da terra não por obra do mero acaso mas porque conseguem manter a temperatura do seu corpo, independente da temperatura ambiente. É por esta razão que encontramos as aves e os mamíferos habitando em todas as regiões climáticas, enquanto os répteis são somente encontrados nas regiões onde o frio não é muito intenso.

Vemos aí a temperatura influenciando na distribuição dos seres vivos sobre a terra, restringindo com dificuldades à sobrevivência dos menos adaptados organicamente.

Muitas vezes, um acidente geográfico como por exemplo uma cordilheira elevada, é barreira natural para a distribuição de certos animais em uma determinada região e isto porque a pressão atmosférica é outro fator importante na relação equilibrada entre ser vivo e o meio.

Assim sendo não se poderão seguir as afinidades dos animais que se acham disseminados nas vertentes opostas das altas cadeias de montanhas, senão remontando às épocas que tais barreiras não existiam, pois então os seres, por sua própria constituição e necessidades alimentares, na dependência mais ou menos estreita do meio, cada habitat possuindo uma comunidade animal ou vegetal que lhe é peculiar.

Nenhum ser pode estar isolado na natureza. Ao estudarmos o comportamento natural de qualquer ser vivo (A), temos que considerar a ação de outros seres (B) e a do meio físico (M) que atua:

Temos assim um complexo:

(M)
(A) (B)

Desprezando as modificações que ao meio físico trazem os seres vivos por seu metabolismo, modificações que, naturalmente, influirão sobre esse complexo MAB.

QUEM PRODUZ E OBTEM DEVE CONHECER O FENÔMENO EDUCAÇÃO?

HELENA FARIA DE BARROS

Adaptação de uma parte do Capítulo "Educação e Sistema Escolar", do Livro Sumário de Didática Geral — Luiz Alves Mattos.

Durkheim afirma que a educação é a influência das gerações adultas sobre as gerações novas de modo a transmitir-lhe certos estados físicos, intelectuais e morais requeridos pela sociedade em geral e pelos grupos, em especial.

Dewey diz ser a educação não apenas transmissão das experiências do grupo, mas também reconstrução destas experiências.

Da análise destas duas afirmações semelhantes, podemos verificar que a educação pode ser encarada como um processo individual e um processo social. A educação constitui uma realidade essencial da vida individual existente em todas as épocas e em todos os povos. É portanto, também realidade social.

COMO PROCESSO INDIVIDUAL, a educação consiste na progressiva assimilação por parte de cada indivíduo, dos valores, conhecimentos, crenças, ideais e técnicas existentes no patrimônio cultural da humanidade.

Podemos perceber esta realidade da educação em nós, ao nos modificarmos, ou nos transformarmos. Quando tais ações atingem o mais íntimo de nossa personalidade, e produzem em nós efeito permanente, evidenciam o aspecto pessoal e individual.

Desse processo individual devem resultar:

- a) a formação da mente do indivíduo (formação intelectual)
- b) a formação de seu caráter

"O IMPARCIAL" — Suplemento Estudantil

c) o desenvolvimento e a valorização de sua personalidade.

d) integração do indivíduo no seu meio físico e social e sua capacidade para modificá-lo e melhorá-lo, ao sabor das convívias humanas.

A educação como processo individual pode ser: a) assistemática; b) sistemática.

EDUCAÇÃO ASSISTEMATICA — É espontânea inconsciente e ocasional. É Educação que resulta da convivência, de todo e qualquer contacto social da conversa com um amigo, da leitura de um livro, da assistência a um programa de televisão ou rádio, etc. É a Educação dada por agentes educativos como Igreja, Família, Grupo de brinquedos, grupos de profissão, pela comunidade, etc...

É a Educação que se processa pelo convívio, pela imitação e pelas observações ocasionais, ao sabor dos incidentes e das circunstâncias, sem plano pré-concebido.

EDUCAÇÃO SISTEMATICA — É a que se processa conscientemente, com objetivos definidos; é intencional, crítica, seletiva e atinge os aspectos mais complexos de nossa civilização tecnológica.

Para desempenhar as funções da educação sistemática, as sociedades humanas, organizaram e mantêm uma instituição especializada e complexa: a ESCOLA.

Como processo social, a educação constitui uma realidade familiar, nacional, social e histórica. Ela consiste na contínua transmissão de valores do patrimônio cultural da geração adulta para a nova geração, visando a assegurar a continuidade da cultura e da organização social, bem como o progresso da civilização, por meio de constante análise, crítica e revisão desses valores.

Se o processo social da educação fôsse interrompido em todos os países, em menos de um século a humanidade volta ia à barbaridade primeira. Todo o seu patrimônio cultural ficaria perdido. Esse patrimônio cultural abrange tudo o que a humanidade conquistou durante longos séculos, em experiências, conhecimentos, crenças, ideais, organização social e recursos mentais, morais e tecnológicos.

A educação pode ser ainda encarada também como produto ou como resultado do processo e consiste nas conquistas finais do indivíduo.

O "quantum" de experiências vividas por ele, o estado em que se encontra no final do processo educativo.

Assim é que falamos em pessoas educadas e não educadas, não só no sentido de seus modos ou maneiras sociais, mas sim por alguma coisa mais íntima e radical, que influi na totalidade da pessoa e surge espontaneamente de seu interior revelando-se em todos os seus atos e dados: elevação e firmeza.

ESCOLAS NORMAIS E EDUCAÇÃO, CERTAS NOS SEUS OBJETIVOS?

Ondina Barbosa Gerbasi

— Finalidades da Escola Normal —

Encontramos as finalidades do curso normal na Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional e na Lei 3.739 de 20-1-1957. Esta última tem como finalidade precípua a formação do corpo docente para o ensino primário.

Podemos deduzir que o objetivo, a finalidade precípua é a formação de professores capazes para o exercício primário. O que vemos é que o ensino normal sofreu desvios no seu objetivo, devido à importância que se deu às funções adjetivas da escola. A Escola Normal foi criada em nosso país com o objetivo essencial de preparar o corpo docente para o ensino primário. No entanto desde a criação das primeiras instituições as suas finalidades precípua foram desviadas, aumentando no decorrer dos tempos a importância das funções adjetivas que lhe foram atribuídas. O ensino normal foi assim desprofissionalizado em nosso meio, recebendo cada vez mais uma clientela desinteressada pelo magistério. De tal forma a Escola Normal foi desvirtuada, que as suas funções adjetivas passaram a constituir

a razão de ser de grande número de instituições criadas, em muitas das quais o objetivo que deveria ser o principal passou para segundo plano quando não foi completamente desprezado.

Causas que tem levado a Escola Normal ao desvio das finalidades:

1 — Título que fornece: A Escola Normal confere um diploma profissional que pode ser útil em uma eventualidade, funciona como um "seguro de vida".

2 — Atende bem a classe média — Como rem todos podem cursar uma Faculdade por motivos diversos, o normal vem de encontro às aspirações da classe média que de posse do diploma de professor primário sente uma certa garantia futura e uma certa satisfação por alcançar o status de professor tido como situação social privilegiada.

3 — Constituição do próprio currículo — favorece uma falsa interpretação pois é composto de matérias muito sugestivas para moças que veem o curso como de formação exclusiva para esposa e mãe.

4 — Considerado curso fácil — Este fato não é verdadeiro porque sabemos que as matérias são novas e exigem do aluno reflexão e capacidade de generalização exigem maturidade intelectual e cultural.

5 — A Escola Normal é ainda procurada por aqueles que nela veem um trampolim para alcançar as escolas superiores ou posições melhores do que as oferecidas pelo magistério.

6 — Obtenção de pontos — O diploma de professor primário dá ao professor secundário 5 pontos para classificação como candidato às aulas excedentes de um estabelecimento de ensino em qualquer disciplina. Assim hoje em dia é o curso normal também procurado por essa única finalidade. O professor por exemplo de Matemática de Português de Inglês etc. que passou por um curso clássico ou científico para entrar na Faculdade, se vê prejudicado pois não tem os 5 pontos conferidos ao diploma do normal e alguns então arriscam a fazer o curso para terem igualdade de condições.

O que vemos é uma nova função adjetiva da escola normal, isto constitui um sério problema para a formação da escola normal boa, portanto todo aluno que pretende cursar o normal deve estar ciente de sua finalidade.

O Ensino Normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância. Podemos então dizer que: A Escola Normal é Escola de Formação de Professores primários.

Vejam então primeiramente o que entendemos por: Escola — é onde praticamos uma série de atividades, é um grupo onde seus componentes possuem objetivos comuns. A escola é um grupo social afetivo. Este grupo é formado pelos educandos e educadores, ambos com objetivos específicos formação do homem e sua integração na sociedade. Integração não significa uma simples adaptação, mas sim um processo dinâmico de assimilação na sociedade. Assimilação — mudança interior. Esse processo de assimilação vai provocar modificação no indivíduo e no meio. Devemos der rubar esse antagonismo entre a escola e a sociedade, há necessidade de um diálogo entre a escola e o meio. Deveríamos ter a escola comunitária. A escola não deve ser uma instituição a parte, ela é um órgão social. O seu objetivo é proporcionar meios melhores para o indivíduo no meio em que ele vive. A escola deve exercer uma influência moral no comportamento da comunidade. Deve proporcionar condições para que os educandos cresçam em saber em força e em felicidade.

Características que a escola deve apresentar:

1 — A escola deve ser simplificada — A escola não pode reproduzir todas as atividades do meio social tão complexo. A complexidade da vida levou à necessidade da escola. Surge então com o objetivo de dar à juventude aquilo que a família não pode dar. Vai transmitir aos jovens o segredo da vida cultural e a participar efetivamente na sociedade a que ele pertence. A escola tem também função seletiva, tem uma organização de um currículo, um programa de forma que a escola vai estudar o fatos que mais interessam a formação dos educandos.

2 — Organizar um meio purificado — A escola vai procurar eliminar todos aqueles aspectos maléficis da sociedade, porque não é função da escola reproduzir a sociedade em seus defeitos. A escola é um órgão que visa proporcionar o

(continua na página seguinte)

que há de melhor para seus alunos, leva-os à felicidade. A escola deve ser atualizadíssima mantendo contatos com todas as fontes de informações do meio social. Cabe à escola formar a juventude para um mundo melhor simplificando e depurando o conteúdo da escola.

3 — Promover um ambiente de vida democrática e de confraternização — O medo que sempre imperou na escola deve ser substituído pelo espírito de responsabilidade. Os privilégios devem ser substituídos pelo mérito. A escola deve ainda promover um ambiente de integração social, de harmonização. A escola deve oferecer um ambiente hospitaleiro ao aluno.

4 — Promover um ambiente impregnado de ideais — Quando falamos em ideais, falamos em ideais dissociados da realidade, a escola não vai transmitir ideais utópicos, ela deve mostrar a realidade nacional a seus alunos. A escola deve visar a melhoria individual e coletiva mas baseada na realidade. Deve incentivar nos alunos o amor à verdade, o desejo de cooperação, colaboração. Deve transmitir a cada aluno o desejo de superar a si mesmo.

II - Formação de Profs. primários - A lei Diretrizes e Bases da Educ. Nac. diz que a escola de grau médio é de formação adolescentes a escola normal também o é. A escola normal dá uma formação profissional. Quando falamos em formação devemos estabelecer diferenças entre treino e formação. Treino: implica em mudanças extrínsecas, leva a uma certa formação de comportamentos, hábitos, práticas, mas não podemos garantir que o indivíduo esteja realmente participando dessas atividades. O treino pode levar a uma série de conformismo. É o resultado do primeiro contato com nosso meio social. É o início de um processo de educação. A **formação**: — vai muito além do treino implica em mudança intrínseca. É essa formação que a escola normal visa dar aos professores. A escola normal deve dar uma formação técnica, mas fundamentada nas leis que regem a educação humana. A formação humana deve convergir para o bem do indivíduo. O professor não deve prescindir dessa formação técnica.

Quais as funções da Escola Normal em relação ao Normalista?

1 — Deve levar o normalista a compreensão do trabalho docente: em que consiste o ato pedagógico.

2 — Procurará tirar do normalista o conceito de que o cumprimento do programa formal vá dar uma formação acabada.

3 — Levar o normalista a perceber que a autenticidade profissional vai se iniciar com o primeiro contato que ele vai ter com a realidade prática. Aqui podemos citar a importância do estágio que procura dar esta autenticidade, colocando o aluno-mestre frente a frente com a classe. É principalmente o estágio que colocando o aluno frente aos problemas reais que vai habilitar o futuro professor a desempenhar sua função, seu papel diário: dar aulas.

4 — Levar o normalista a planejar: Ainda aqui poderíamos citar a importância do estágio. O aluno normalista aprenderá teoricamente o que é planejar e como planejar, e durante o estágio será colocado frente à realidade. O professor encarregado do estágio poderá fazer com os alunos um planejamento que englobe o currículo da Escola Primária e o aluno mestre participará ativamente deste planejamento, constando realmente a eficiência e resultado do planejamento.

5 — Deve dar oportunidade do normalista praticar — oportunidade de experiências docentes, principalmente durante o estágio.

6 — Levar o normalista a ver a Escola Normal e a Escola Primária como um organismo estruturado e dinâmico.

Deve ser dado ao normalista oportunidade de ver o professor da escola normal e da escola primária, trabalhando para alcançar o mesmo objetivo. Para que isso aconteça deveria existir um entrosamento maior entre os professores dos dois cursos e esse entrosamento deveria trazer vantagens recíprocas. Os professores da escola normal iriam orientar os professores primários e estes dariam oportunidade ao professor da escola normal de verificar as experiências e praticar experiências de muitas vivências dentro da escola primária. Seria dado aos estagiários oportunidades de participação ativa. Com isto estaríamos alcançando o objetivo da escola normal, formar professores capazes para o exercício primário.

É dando que recebemos, e só podemos dar alguma coisa se a possuímos, não podemos exigir autenticidade se não conseguirmos ser autênticos, não podemos falar em forma integralmente o aluno primário se não oferecemos base para esta formação.

Portanto a Escola Normal é responsável pela formação dos futuros cidadãos, por intermédio

da formação que dá ao aluno mestre. É importante portanto o trabalho em planejamento, quando cada um dá de si para benefício do grupo.

Cientes disto procuremos melhorar o nível do ensino normal para melhorar o nível educacional do país.

TAMBÉM DA VOZ DEVE CUIDAR UM PROFESSOR

Silvia C. Cerávolo

Técnica vocal: A higiene da voz —
Emissão — Dicção — Respiração —
Articulação

A HIGIENE DA VOZ

Higiene da voz é o conjunto de regras práticas a ser observado a fim de manter o perfeito estado da boa voz. Para isso, 1.º; deve-se pôr em prática:

- A) Regime sóbrio e conduta regrada. Fazem bem o leite, os xaropes e pastilhas peitorais.
 - B) O tempo mais propício para exercícios de vocalização é o do jejum ou o que segue à digestão. Um exercício físico moderado (como uma pequena caminhada) que produz certo calor úmido no organismo torna a voz flexível, clara e sonora. É preferível que haja hora fixa para exercícios diários.
- 2.º — deve-se evitar:
- A) comidas cruas, frutas verdes, uso imoderado de condimentos, vinagre, licões fortes e fumos porque irritam e enrouquecem a voz.
 - B) As intempéries, mudanças bruscas de temperatura, insolação cerração sereno vigílias, resfriados, lavagem de boca com água fria, bebidas geladas, sorvetes, etc.
 - C) Cantar com exaltação, ao ar livre em frente de uma janela aberta, particularmente ao cair da tarde ou à noite e após as refeições. Expor-se ao ar frio depois de ter cantado.
 - D) Gritos imoderados, risos exaltados, discursos em tom sustido, conversas muito longas e animadas.
 - E) Emoções vivas, discussões exaltadas.
 - F) Forçar a voz para além dos limites de altura de que é capaz, descuidar das afecções da garganta e de peito.

EMISSION DE VOZ

Os conhecimentos da técnica vocal são indispensáveis a todos aqueles que cantam em coro ou orfeão (coro: grupo de pessoas que cantam juntas. Orfeão: coro "à capela": não acompanhado por instrumentos).

Eles auxiliam a correta emissão da voz, a articulação exata na pronúncia ao serviço da melhor interpretação da canção.

O canto é uma modulação da voz falada e, como esta, fica subordinado às inflexões de intensidade e agilidade, controladas e distribuídas de acordo com o que se pretende exprimir. Correta emissão de voz presume sons produzidos com naturalidade, sem forçar os músculos vocais, sem contrações fisionômicas, no empenho de conseguir diversas acomodações do organismo fonador numa preocupação de registros e empostação de voz. Os meios para emissão de voz normal não se encontram propriamente nos compêndios de fisiologia, nem nos métodos de canto. Firmam-se no julgamento auditivo, do aluno e do mestre. Isto não quer dizer que o conhecimento fisiológico da formação do som vocal não possa contribuir para melhor emissão e verificação da voz.

O órgão vocal é um instrumento bom ou mau, segundo o modo pelo qual é utilizado. Exige, além de técnica especializada para o seu uso, um pensamento claro do que se pretende com ele obter.

Um som agradável é justo, afinado, de timbre simpático e maleável. Portanto não deve ser áspero, nem anasalado, muito menos velado com traído-se na garganta ou limitando o seu alcance pela abertura dos lábios.

Nos coros, a produção de voz tem importância capital. Visa em primeiro lugar a equilibrar o volume de sonoridade, em relação a acústica do ambiente. Depois contrabalançam as vozes, para que se incorporem num todo homogêneo. Nada mais desagradável realmente, no caso de: ouvirem-se vozes que se ressaltam no conjunto. No coro, tem muita importância o **Início a Inter-**

rupção e Terminação do Som.

Ao atacar a nota inicial de uma frase ou motivo, a emissão deve ser precisa firme, sem aspiração preliminar, nem golpe de glote (glote-abertura da laringe circunscrita pelas duas cordas vocais inferiores) baseada no controle de respiração e obediência à regência. As vozes de cada raípe devem estar coesas ao iniciar o som, passando de um ao outro sem simultaneamente. Quando isto não acontece, há desafinação e prejuízo do desenho melódico, quando não se altere mesmo a harmonia.

Nos orfeões escolares, insistir para que entrem de preferência, com suavidade (piano), lembrando sempre que "sabe cantar forte, quem sabe cantar piano; quem somente sabe cantar forte, não sabe cantar".

Observar que a graduação dos sons deve obedecer a uma distribuição de sonoridade gradativa, sem alterações bruscas.

RESPIRAÇÃO

Saber respirar é condição indispensável a quem entoa ou fala.

O ato respiratório compreende a **Inspiração** e a **Expiração**.

No canto a inspiração é sempre mais rápida e profunda; a expiração é mais prolongada e controlada.

O movimento de **inspiração** é feito com naturalidade, sem erguer os ombros, nem dilatar as narinas, inspirando pelo nariz com os lábios levemente entreabertos, numa atitude calma. A **Expiração** é realizada pela boca, lentamente, apoiando-se no diafragma.

DICÇÃO E ARTICULAÇÃO

Prolação de vogais e consoantes

A técnica vocal compreende o aperfeiçoamento da dicção no canto.

No coro, mais dificultada é a pronúncia, em virtude da fusão dos timbres e desenvolvimento dos harmônicos. Torna-se imprescindível, por isso, uma **articulação perfeita**.

Durante muito tempo, acreditou-se no Brasil, que o nosso idioma era inadapável ao canto. Cantava-se constantemente em italiano ou francês. Foi Alberto Nepomuceno um dos primeiros da utilização da língua brasileira à música, cuja riqueza e pujança de expressão é agora por todo reconhecida.

Uma **dicção** correta pressupõe perfeita prolação (duração dos sons) de vogais e consoantes, acentuação das sílabas, de acordo com seu valor na significação das palavras, e pontuação das frases.

A **declamação** rítmica muito contribui para clareza de dicção. Consiste esta declamação na leitura do texto em voz alta de acordo com o compasso e ritmo da música sem entoação, propriamente musical, apenas falada. Observa-se, porém, cuidadosamente a acentuação das sílabas fortes e a diminuição de intensidade nas sílabas atômicas.

Antes de cantar qualquer composição, por mais singela que seja, deve-se procurar perceber o que ela quer significar.

É muito usada a entoação da boca chiusa, isto é, boca fechada. É de grande efeito no canto de conjunto; efetua-se por meio dos lábios ligeiramente cerrados, sem que se toquem os dentes, estando a ponta da língua levemente apoiada no interior do maxilar superior.

Produz-se assim ressonância pelas narinas, sem timbre anasalado, que se deve evitar.

PROFESSOR, E A EDUCAÇÃO FÍSICA, HEIM?

VITÓRIA MOHERDAUY

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA VIDA DE UM POVO
A educação física nos principais planos educacionais

CONSIDERAÇÕES

Muito se fala a respeito da importância da educação física da recreação e do esporte como atividade altamente educativas.

Leigos e técnicos dão os mais variados conceitos enalterando ou contradizendo esse valor. Constantemente, autoridades dirigentes e amigos tem sido chamados a opinar sobre o assunto e

os argumentos usados no ataque ou na defesa dessa questão são os mais contraditórios.

Medidas prós e na maior parte das vezes, contra, tem sido tomada nesse setor. O problema tem suscitado debates onde leigos e técnicos especializados desgraçadamente, em um mesmo plano, emitem como não podia deixar de ser, os mais diversos pareceres do que se entende por educação física e sua verdadeira importância na construção moral, política, religiosa, intelectual e social, de uma Nação.

E qual é sua importância realmente. Convém no entanto ressaltar que para melhor argumentação, artes de mais nada, achamos que cada cidadão deveria voltar-se para o seu íntimo, para o seu "Eu" e verificar qual o papel que representa para o rumo da nacionalidade brasileira. Estamos em época de definir posição: Eis que estamos procurando definir, primeiramente o que a educação física representa para o quadro geral da educação, e consequentemente, para um Brasil mais feliz e melhor.

Educação Física e Educação

Sendo a educação física um elemento que faz parte da educação, necessário se faz considerá-la inicialmente, em linhas gerais.

Sabe-se que o ser humano quando nasce é insuficiente, não tem capacidade de se educar ou atingir por si só sua maturidade, deve portanto ser ajudado por outras pessoas mais experientes. Deve aprender tudo, e o faz tudo por suas próprias experiências e pelos exemplos que recebe, e a esta atividade formativa do homem que se executa desde o seu nascimento, até a idade adulta, prolongando-se durante toda a vida denominamos "Educação".

Definição de Educação

É extenso o conceito educativo e difícilimo se torna encontrar uma definição susceptível de abrangê-lo em toda sua amplitude e complexidade, em razão de ser considerado sob vários pontos de vista — Biológico — Psicológico — Social — Filosófico.

Em face destas observações a "EDUCAÇÃO é um conjunto de ações, influências e sugestões exercidas sobre o homem visando seu desenvolvimento integral e aproveitando suas possibilidades — Bio — psico — socio — Filosófico e espirituais, afim de torna-lo apto a contribuir para o bem estar e progresso da humanidade".

A educação é a preparação e o treino para a vida, é uma ajuda positiva, dada pelo educador ao educando a fim de que possa ajustar a todas as situações da vida.

A educação física é considerada como um um aspecto da educação, com idênticas bases e princípios — ela formará, desenvolverá, preparará ou educará o indivíduo como um todo através das atividades físicas e rítmicas. A educação física tem uma parte importante na educação: que é a "formação física" — formar o corpo, dar-lhe eficiência — educar os movimentos além de preparar o indivíduo, desde a infância até a maturidade para todos os problemas sociais, fornecendo-lhes poderes para ir de encontro a todas as necessidades da vida atual e moderna.

A educação física não somente ginástica ou jogos, mas uma completa organização educativa — formativa que proporciona uso total do corpo: a) como sabê-lo movimentar-lo em todas as direções; b) c/a prática de atividades naturais; c) com atividades que o indivíduo experimenta ou pratica com a sua própria força ou habilidade em relação ao seu ambiente — cantar — dançar — jogar — pescar — acampar.

A educação física desenvolve a força, a velocidade, a agilidade, o equilíbrio, e também hábitos individuais e condutas sociais.

Contribuição da Educação Física

Dos fins principais da educação

O tipo de educação física, e o valor a ela dispensado por um povo, refletem a filosofia desse povo e geralmente revelam os propósitos dominantes do Estado.

E qual será realmente a nossa atual filosofia educacional.

O projeto de Lei que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, ora em estudos pelos mais destacados educadores, nos concede a resposta ao reafirmar os magnos propósitos da

educação nacional em "assegurar o integral desenvolvimento do indivíduo, seu ajustamento social, seu amor à família e à pátria, à liberdade e à paz, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana".

Apenas não sabemos compreender como tão ampla e elevada concepção tenha podido relegar a educação física, a mas íntima forma de simples exercícios — a menos que se pretenda que "treinar física" seja considerado contribuição exclusiva da educação física para a educação geral. Tal seria, contrariar fatos comprovados à luz de experiências, observações e conclusões de tantos elementos, eminentes cientistas e pedagogos de todo universo, os quais afirmam que "a educação física, quando bem orientada, pode contribuir mais para o conjunto dos fins principais da educação, que qualquer outra atividade escolar.

A verdade entretanto, é que circunstâncias de ordem econômica política e social tem concorrido para que a educação física em nossa terra não tenha podido oferecer aos jovens todo o seu potencial de recursos e oportunidade como contribuição valiosa e indispensável para a educação integral.

Todas as oportunidades educacionais preciosas no que diz respeito a educação física permanecem desastrosamente desprezadas, quer por desconhecimento, incompreensão, ou meios interesses financeiros.

Enquanto outros povos têm sabido aproveitar suas energias e experiências no aprimoramento e seleção dos melhores tipos de atividades que devem integrar os programas de educação física para as crianças e jovens nós ainda lutamos para vencer a etapa primária da educação física de todos os povos — o reconhecimento do conceito que a educação física deve merecer no conjunto das atividades educacionais.

Tal etapa entretanto só poderá ser vencida através de fatos concretos demonstrados à luz de experiências, que somente a honestidade de propósitos e o ideal patriótico do Prof. de educação física poderá comprovar.

Cumpre-nos demonstrar praticamente à despeito, a grande verdade afirmada por tais eminentes educadores, "a educação física quando bem orientada pode contribuir mais para o conjunto dos fins principais da educação que qualquer outra atividade escolar".

A fim de que essa verdade possa ser melhor compreendida, passemos a analisar, ainda que resumidas, as contribuições que a educação física realmente pode oferecer a cada um desses objetivos principais.

Segundo a "Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos", são os seguintes os fins principais da educação, apontados, justificados e difundidos pelas autoridades competentes no assunto: saúde, desenvolvimento de habilidades fundamentais para a vida, formação de caráter e desenvolvimento de finalidades dignas de um bom membro de família e bom cidadão, aproveitamento sadio das horas livres ou de folga e finalmente preparação vocacional

(continua no próximo número)

MAS, A MATEMÁTICA É MODERNA MESMO?

JORGE T. ABRAHÃO

Quem ouve falar em matemática moderna é, geralmente, levado a pensar que existem, pela menos duas matemáticas: uma antiga e outra Moderna —; é provável até que deduza ser uma delas melhor que a outra.

Esta confusão resulta especialmente do nome Matemática Moderna, talvez uma designação pouco feliz, porém que obedece a uma linha atual na nomenclatura de todos os campos da atividade humana onde tudo é chamado NOVO, MODERNO, JOVEM. Na realidade sucede que as necessidades matemáticas dos últimos 50 anos se diversificaram a ponto de muitos psicólogos, pedagogos, lógicos e matemáticos, animados de um espírito novo terem ini-

ciado um movimento revisionista. Apareceram então novos rumos e novas áreas a exemplar, mas isso não significa que se possa abandonar a estrutura fundamental da matemática a que alguns professores ilustres denominam "Matemática Eterna".

Falando em termos atuais e bem modernos, considera-se a Matemática como ciências inacabada, incompleta, diferentemente de como se pensava antes. Acredita-se ainda, que seja matéria de fácil aprendizagem e que todos podem alcançar um bom conhecimento matemático indispensável ao mundo moderno e à vivência cotidiana.

Os responsáveis pelo movimento renovador examinaram conceitos e definições, pesaram as verdadeiras necessidades matemáticas e tiraram dos tradicionais programas muitas noções já consideradas de pouco valor funcional, eliminaram o "pêso morto" enfim, colocaram a Matemática, desse modo, em situação de ciência dinâmica, inacabada, em constante evolução e impulsionada pelo gênio humano, a luta por solucionar os problemas de um mundo altamente complexo. Este mundo atual exige, cada vez mais bons matemáticos, cuja falta é notada mesmo nos países de grande progresso. Os matemáticos começaram estudando a Matemática da Escola Elementar e da Escola Média, tendo como objetivo facilitar o acesso mais rápido e lógico dos alunos aos princípios fundamentais da Matemática. Para que este esforço obtenha pleno êxito, o que não será difícil, é preciso que cada um contribua com seu próprio esforço, e aos normalistas cabe aprender para depois orientar a aprendizagem com clareza, rigor, lógica, inteligência e invenção, únicos ingredientes capazes, de conduzir à criatividade essencial ao desenvolvimento de qualquer Ciência.

A Matemática não está desligada da vida, a toda honra, adicionamos, subtraímos, multiplicamos e dividimos; em nossa vida fazemos parte de muitos conjuntos (lar, igreja, escola, amigos), outros dos quais não fazemos parte nos são úteis (governo, segurança, bancos); o número de conjuntos que nos cerca é infinito. O Termo conjunto sugere, imediatamente, idéias de: coleção, grupos, componentes, etc. De um modo geral é esta a significação matemática do termo. Apenas a matemática usa a palavra CONJUNTO para qualquer tipo de coleção. Deste modo: enxame, cardume, pilha, constelação, etc. seriam chamados simplesmente conjuntos e qualquer membro, componente ou participante de um conjunto será denominado ELEMENTO.

A linguagem matemática deve ser econômica: poucas palavras, não é bastante conhecer o fato matemático em si, é importante também, dominar a linguagem própria para exprimir este fato. Pode-se dizer que um conjunto está bem definido, quando: "dado um elemento qualquer, ao acaso, é possível DECIDIR COM SEGURANÇA, se ele pertence ou não ao conjunto em questão". Um conjunto, de definido, ao passo que o conjunto de pessoas abelhas, de aviões, de bolas são conjuntos bem louros não é bem definido pois há certos cabe-louros cuja tonalidade nos deixa inseguros quanto à decisão: são louros ou não são louros.

SIMBOLISMO — é de uso universal o símbolo e para significar "pertence ao conjunto", e o símbolo e significa "não pertence ao conjunto". O emprêgo de símbolos universais oferece duas vantagens: economiza palavras e permite a compreensão entre povos de línguas diferentes; outros símbolos, além destes serão vistos no decorrer do curso.

Exemplos do emprêgo destes símbolos: que são empregados somente para relacionar elementos e conjunto, abelha enxame (o elemento abelha pertence ao conjunto enxame). Peixe invertibrados (o elemento peixe não pertence ao conjunto dos investibrados).

Para facilitar a referência a conjunto, é hábito designá-los por letras maiúsculas: A, B, C..., em quanto os elementos são designados por letras minúsculas: a, b, c... exemplos: a CB (o elemento a pertence ao conjunto B), x M (o elemento x não pertence ao conjunto M).

Para relacionar conjuntos entre si usam-se os símbolos que significa "contem", e C que significa "está contido", assim:

A B (conjunto A contém o conjunto B)

M C N (conjunto M está contido no conjunto N).

Do Ovo à Civilização

O trânsito do ser humano pela vida tem suas peculiaridades.

Dependente na célula, parte para uma possível independência adquirida, como criança. Suas reações biológicas se aprimoram de tal maneira, que passa a ter reações bastante distintas. Começa a entender o mundo à sua maneira (psiquismo), e, à medida que o tempo passa, inteligente como é, começa a se agrupar, viver em sociedade. Seu mundo se amplia quanto mais entra em comunicação com os meios de informação adequados.

Chega ao momento então que opina aceita ou rejeita aquilo que lhe é oferecido. Colabora então para a sua própria independência.

O OVO: DEPENDÊNCIA TOTAL DO SÉR HUMANO ?

Texto extraído do livro:
CORPO HUMANO — SUAS MARAVILHAS E SEUS CUIDADOS

OS SEGREDOS DA CÉLULA HUMANA

No interior do núcleo da célula, encontramos uma geléia, a cromatina, que é a massa de cromossomas.

Os cromossomas são importantíssimos, pois além de conterem os gens, que são responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários, permitem-nos distinguir, através do seu número, a que espécie pertence uma determinada célula, isto é, se é uma célula humana, uma célula de galinha ou uma célula de macieira.

Em quase todos os seres vivos, as células que constituem o corpo do indivíduo (células somáticas) têm o DOBRO dos cromossomas dos gametas (células germinativas). Assim é que, no homem, as células somáticas possuem 46 cromossomas, enquanto que o óvulo e o espermatozóide, que são células germinativas, possuem a metade, isto é, 23 cromossomas. Quando os núcleos se unem, a célula resultante, que irá dar origem ao novo indivíduo, volta a ficar com 46 cromossomas. Isto garante a constância numérica dos cromossomas para cada espécie; se isso não acontecesse, esse número dobraria em cada nova geração.

Isolando-se cada cromossoma, observa-se que ele é constituído por dois braços, cujo tamanho varia de cromossoma para cromossoma, unidos por uma bolinha denominada centrômero.

Internamente, o cromossoma possui uma estrutura admirável e espantosa chamada DNA, sigla de ácido desoxirribonucleico (o que pode ser traduzido por: "um ácido no núcleo das células, feito de açúcar desoxidado. Esta única molécula é a maravilhosa máquina da hereditariedade. Mas, é, ainda, mais que isso — o DNA é a própria vida.

O DNA tem uma memória viva que o tempo não apaga. Armazena um grande número de instruções e projetos que são lançados no devido tempo e lugar, para iniciar a construção de todas as células e estruturas do corpo, fazê-las crescer e sincronizar suas operações durante cada segundo de toda sua vida. O DNA existe não só nas células sexuais, mas em toda célula viva de qualquer animal ou planta da Terra!

Seu DNA pessoal é salpicado por todo o seu corpo em milhares de bilhões de partículas correspondentes ao número de células vivas do seu organismo. E em célula — no coração, no cabelo ou no fígado — leva uma informação completa a seu respeito.

Suas partículas de DNA têm a mesma com posição química, são mais ou menos do mesmo tamanho e parecem-se com as de seu cachorro ou de uma mosca, do mófo de pão, de uma folha de grama ou de um carvalho. Ainda assim, o DNA faz cada ser vivo diferente de todos os outros. Faz cachorros diferentes dos peixes ou pássaros; o mófo do pão, das macieiras; os elefantes dos mosquitos.

As instruções em código do seu DNA foram compiladas por uma seleção casual das de seu pai e sua mãe, na concepção da célula-ovo ou zigoto. Essa primeira célula era você integralmente, sua primeira pessoa, singular. O

DNA dessa célula estava preparado para gerar, num plano pré-organizado, o coração, pulmões e rins, seus sete litros de sangue, seus intestinos — toda sua pessoa. Preparou previamente todas as funções do corpo para o decorrer de sua vida, dotou você de todos os recursos e talentos que virá a ter no futuro. O número de funções que os DNA controlam variam de acordo com o organismo. A ameba unicelular quase não apresenta crescimento, não pensa e não tem fígado ou membros, por isso seu DNA tem poucas responsabilidades. Por outro lado, o número de funções do DNA num ser humano é avaliado em 700000.

O DNA nos surpreende com uma forma basicamente simples. Consiste em dois anéis entrelaçados, como se fosse uma fita, ligados por travessas a intervalos regulares — como uma escada em caracol. Assim, pode ser encurtado e alongado, comprimido e esticado.

Como as moléculas comuns tendem a ser atarracadas, os cientistas se encantaram com a figura extrema e o comprimento das fitas em espiral. O Dr. George W. Beadle, uma autoridade em DNA, cre que se as fitas de um núcleo de uma ÚNICA célula humana fossem desenroladas e esticadas de ponta a ponta chegariam a medir um metro e meio. Como são imensamente finas as fitas e tensos os anéis, e como está tudo isso tão bem comprimido numa partícula ultramicroscópica! Há uma lógica surpreendente na forma longa e fina do DNA — isto lhe dá uma capacidade, como a fita de gravação magnética, de armazenar todo esse imenso número de informações que vão ser necessárias no decorrer de toda uma vida.

Inúmeros átomos constituem a estrutura interna da gigante molécula DNA. As fitas em si são açúcares. Uniformemente distribuídos do lado de fora estão pontos de ácido fosfórico; e na parte interna, uns núcleos de quatro tipos de compostos de nitrogênio — degraus da escada em caracol.

Os nitrogênios juntos um código misterioso. Pois a sequência desses quatro núcleos de nitrogênio nas fitas do DNA que interpretam a madeira ou os músculos, as folhas ou os pulmões, as barbatanas as asas ou as pernas, conforme seja o caso — tal como as partículas eletrônicas nas fitas magnéticas produzem, de acordo com sua ordem os sons musicais.

Parece este alfabeto simples demais para toda a informação e as instruções que deve levar? O Dr. Beadle diz que se pusessemos o código DNA de uma única célula humana em letras do alfabeto e um datilógrafo as copiasse, elas lotariam uma enciclopédia de 1 000 volumes.

O NENÊ NASCEU. INDEPENDÊNCIA ?

PAUL H. MUSSEN

Desenvolvimento Psicológico da Criança — (M. Rosário Cerávolo)

'CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DOS RECÉM-NASCIDOS

Observemos sucintamente o estado físico geral de um recém-nascido. Seu corpo cresce com extrema rapidez durante o primeiro ano, sendo os aumentos relativos de dimensões e peso maiores do que em qualquer período posterior. O peso do bebê quando nasce — cerca de 3,5 quilos em média para os meninos e ligeiramente menos para as meninas — duplica durante os primeiros seis meses e quase triplica

no primeiro ano. O comprimento do corpo, que em média é de 50 cm para os meninos, ao nascerem, aumenta de um terço e mais no final do primeiro ano, para atingir cerca de 70 a 73 cm.

Durante a infância, diferentes partes do corpo crescem a ritmos diversos, até que as proporções do corpo se tornam mais semelhantes às dos adultos. De acordo com o princípio de desenvolvimento no sentido da cabeça para os pés, a cabeça e partes superiores do corpo crescem num ritmo mais rápido do que a parte inferior do tronco e as pernas. As dimensões da cabeça aumentam num ritmo surpreendente, começando quase imediatamente após a concepção e, por ocasião do nascimento, a cabeça já atingiu 60% das dimensões que terá na idade adulta. Um bebê recém-nascido parece ter todo o peso na parte superior, sendo o comprimento da cabeça um quarto do comprimento total do corpo. O cérebro duplica a sua dimensão durante os primeiros dois anos.

O tronco vem a seguir à cabeça no ritmo global de crescimento, atingindo aproximadamente 50% do seu comprimento total (adulto) no final do segundo ano. De todas as partes do corpo do recém-nascido, as pernas são as que mais se distanciam das dimensões adultas e, em relação às partes superiores do corpo, crescem lentamente.

As Necessidades dos Recém-Nascidos

Muitas necessidades biológicas dos seres humanos não inatas. Nelas se incluem a necessidade de oxigênio, de eliminação, de comida e bebida, de regulação da temperatura. A sobrevivência de um indivíduo depende da satisfação dessas necessidades. Na infância, muitas necessidades são satisfeitas de um modo auto-regulador, sem controle voluntário nem participação ativa da criança ou de outros. Por exemplo os mecanismos reflexos da respiração dotam o recém-nascido com oxigênio bastante para suprir suas necessidades. A reação reflexa do esfíncter cuida da sua necessidade de eliminação e, em circunstâncias normais e dentro de certos limites, as reações fisiológicas automáticas mantêm seu corpo numa temperatura relativamente constante. Os equilíbrios químico e fisiológico de seu corpo e, portanto, a sua energia são mantidos através do sono. A menos que a criança esteja doente, com dores ou extremamente incôfortável, dormirá tudo o que precisar e despertará quando estiver repousada. Em média, nas suas primeiras semanas de vida, os bebês passam cerca de 80% de seu tempo dormindo, embora se verifiquem vastas diferenças individuais.

Das necessidades biológicas básicas de um recém-nascido, duas, a fome e a sede, não são automaticamente satisfeitas. A satisfação dessas necessidades requer o auxílio de outros, e se não forem prontamente atendidas, as tensões do bebê tornam-se intensas e dolorosas. As relações sociais envolvidas na satisfação dessas necessidades situam-se entre as mais importantes experiências iniciais do bebê podem ter efeitos duradouros sobre o desenvolvimento da personalidade.

Capacidades Sensoriais

Se um bebê tem de aprender com o meio em que vive, deverá "notar" suas características salientes; isto é, deve estar apto a ver, ou vir, cheirar, tocar e sentir.

A estrutura, o aparelho neuromuscular e o funcionamento dos olhos não estão aperfeiçoados no nascimento, mas melhoram rapidamente. A coordenação e a convergência dos olhos, requeridas para a fixação visual e a percepção de profundidade, começam a desenvolver-se após o nascimento e parece estarem razoavelmente estabelecidas por volta das sete ou oito semanas de idade. Os bebês de apenas 15 dias de idade podem distinguir diferenças de brilho e tonalidade. Balançando um objeto

(continua na página seguinte)

brilhante de ouro diante de um bebê, ou projetando um ponto colorido e em movimento no teto por cima dele, seus olhos seguem o percurso. Quando se apresenta um par de estímulos — um complexo (como um tabuleiro de xadrez ou uma lente de lanterna) e um simples (um círculo ou um quadrado) — os bebês de duas semanas de idade preferem fixar os olhos no padrão mais complexo.

Se um som for produzido na sua presença e depois se aumentar ou diminuir a intensidade do mesmo, um recém-nascido poderá reagir fortemente — por exemplo, com mudanças nos movimentos rudimentares do corpo e no ritmo do coração e da respiração. Essa reação indica que os recém-nascidos ouvem diferenças de som. Contudo, raramente parecem ser sensíveis às diferenças de intensidade de um som.

Até onde pode ser determinado, os recém-nascidos só são sensíveis a odores acentuadamente agradáveis ou desagradáveis, mas as reações a diferenças no paladar (chupar em resposta a substâncias de gosto doce e fazer esgares às de sabor azedo) aparecem nas primeiras duas semanas da vida pós-natal.

As mudanças de posições espaciais estimulam os órgãos sensoriais, os músculos e os canais semicirculares do ouvido. Um recém-nascido reage, evidentemente, a mudanças espaciais. Quando cai ou o seguram de pernas para o ar, efetua ajustamentos gerais de postura. Se o seu corpo é rodado, a cabeça move-se e os olhos oscilam para um e outro lado.

Certo grau de sensibilidade à dor está presente no nascimento e torna-se mais aparente durante os primeiros dias de vida. A reação original à dor é a retirada da área onde a dor é sentida. Se a mão de um recém-nascido for picada com um alfinete, ele afastará imediatamente a mão. Durante o primeiro dia, só o faz em reação a muitas alfinetadas, mas, depois de alguns dias efetua o mesmo movimento de retração depois de apenas alguns estímulos. Parece existirem diferenças constitucionais na sensibilidade à dor ou na tolerância à dor, e os bebês femininos, em geral, reagem mais à dor do que os masculinos. O grau de sensibilidade à dor pode constituir um importante fator na aquisição posterior de medos e angústias.

Capacidades Perceptivas

Ainda que os órgãos sensoriais de um recém-nascido funcionem relativamente bem, parece improvável que ele perceba o mundo como os adultos. A percepção envolve a organização e interpretação de simples impressões sensoriais, e a percepção madura requer desenvolvimento e aprendizagem neurológicos mais adiantados.

Não obstante, mesmo os bebês muito novos dão provas de alguns tipos rudimentares e primitivos de capacidade perceptiva que são provavelmente, inatos. Assim, como já sabemos, os recém-nascidos seguem com a vista pontos luminosos em movimento, indicando serem capazes de fazer, pelo menos, uma diferenciação primitiva entre "figura" e "furdo". Além disso, os bebês de dois meses de idade sorriem a qualquer padrão que se incline para eles e aparente uma face humana, mesmo que se trate de uma máscara grotesca. Evidentemente, esses padrões móveis são distinguidos e suscitam reações desde muito cedo na vida, não exigindo grandes experiências específicas de aprendizagem, ou até nenhuma. É possível, portanto, que a capacidade para distinguir a face humana de outros objetos seja inata.

Os bebês também são capazes de perceber o perigo de queda. Numa experiência, bebês de poucos meses de idade foram colocados, individualmente, no centro de sólidas e resistentes chapas retangulares de vidro. Do centro para um dos lados dessas chapas, foram postos tabuleiros como os de xadrez, diretamente por baixo do vidro. Do outro lado, a mesma espécie de padrão foi colocado bastante centímetros abaixo do vidro, dando assim a ilusão de profundidade ou um declive visual. Se a mãe da criança postar-se na extremidade rasa da mesa e chamar pelo filho, este irá prontamente engatinhando para ela. Contudo, se o chamar do lado profundo, o bebê não atravessará o declive nem se aproximará dela, embora pudesse percorrer a chapa de vidro e soubesse que estava numa superfície sólida. Isto sugere que a percepção de profundidade pode ser inata. Se não for inata, é claramente aprendida muito cedo.

Contudo, em comparação com as ricas e complexas percepções do adulto, as do recém-nascido são, provavelmente, vagas, não diferenciadas e difusas. Jean Piaget, o brilhante psicólogo suíço, sugere que os bebês de poucos meses de idade nem sequer distinguem eles próprios e suas ações dos objetos envolvidos nessas ações. Seus próprios dados de investigação indicam que as transformações importantes na recepção, com o pro-

gresso da idade, são o resultado de um processo ativo de elaboração das impressões sensoriais derivadas do meio ambiente. Gradualmente, através da experiência de sentir coisas de diferentes maneiras (por exemplo, vendo, tocando ou chupando-as) e de compreender que os objetos podem aparecer, desaparecer e reaparecer, um bebê começa a distinguir entre ele mesmo e os objetos e acontecimentos externos.

Tal como outras espécies de aprendizagem, a perceptiva também depende da motivação. Um bebê muito novo sorrirá para qualquer figura que se pareça com um rosto, mas um de seis meses de idade distingue as faces dos estranhos e dos pais, sorrindo para os últimos, que estão associados à satisfação das necessidades. Os bebês, normalmente, não prestam muita atenção às cores, embora possam distingui-las. Mas uma criança de seis meses aprende facilmente a agarrar uma garrafa azul que contenha uma fórmula de sabor doce e a rejeitar uma garrafa encarnada que contivesse, anteriormente, líquidos amargos. Por outras palavras, os aspectos não-diferenciados do meio em que uma criança vive podem-se tornar salientes em virtude de estarem associados a estímulos agradáveis ou desagradáveis. Quando isso ocorre, são ativamente seguidos, diferenciados e percebidos. Nesta acepção, uma boa parte da percepção é aprendida.

Embora não seja possível especificar as contribuições relativas da maturação e da aprendizagem para o desenvolvimento perceptivo, é evidente que ambas estão envolvidas. "Nós não aprendemos completamente a perceber nem a percepção é completamente inata".

Reações Motoras

Ao nascer, um bebê pode efetuar uma quantidade surpreendente de reações motoras. Os psicólogos supõem que elas dependem somente da maturação, visto aparecerem independentemente da aprendizagem ou prática. Na aparência, surgem como resultado de transformações biológicas, como o aumento de dimensões e a complexidade do sistema nervoso, bem como do crescimento geral anatômico e fisiológico.

Algumas dessas reações têm valor de sobrevivência, ajudando o recém-nascido a ajustar-se ao novo meio externo — matando-o alimentado e saudável e, em certa medida, protegendo-o de estímulos nocivos ou causadores de danos. Por exemplo, ao nascer, quando os seus lábios (ou faces) são estimulados, quase todos os bebês fazem movimentos de sucção que os habilitam a obter alimento de um seio ou mamadeira. O reflexo pupilar (contração das pupilas em reação às luzes brilhantes ou relâmpagos) está presente no nascimento e fornece proteção contra danos potenciais. Outras reações com valor de sobrevivência, que os recém-nascidos manifestam, são: os movimentos de orientação cabeça-boca (movimentos de "busca" que ajudam um bebê a encontrar o bico do seio), engolir, abrir e fechar os olhos, tossir, vomitar o excesso de alimento e desviar o rosto de um estímulo irritante ou doloroso.

Um recém-nascido também é capaz de realizar uma série de reações localizadas e específicas. O reflexo de agarrar — fechar a mão com firmeza quando é estimulada pelo contato ou pressão na palma — é forte ao nascer, mas enfraquece após algumas semanas. Se a planta do pé de uma criança for golpeada, ela produz o reflexo de Babinski — estendendo o dedo grande e encolhendo os demais. Um bebê de duas semanas, colocado de bruços, numa posição inclinada, erguerá a cabeça de maneira que o queixo se eleve. Dando-se pancadas na coxa interior dos bebês masculinos, produz-se a ereção do pênis e o retesamento dos testículos.

Inúmeras reações maciças e generalizadas estão igualmente incluídas no seu repertório de comportamento. Um recém-nascido pode tritilar, tremer, torcer-se, contorcer-se e arquear as costas. A estimulação súbita por ruídos fortes, queda ou aplicação de estímulos frios ou quentes suscita uma reação de sobressalto — separando muito os braços, a cabeça para trás e estendendo as pernas.

PSIQUISMO INFANTIL OU PROLONGAMENTO DA VIDA BIOLÓGICA?

Paul Osterrieth

Se a característica essencial da criança é realmente estar em devir, em crescimento, cumpre, todavia reconhecer que as comparações familiares com a estatura que cresce ou com a ár-

vore cujo tronco e cujos galhos ganham em comprimento em grossura conduzem facilmente a uma visão muito elementar e muito simplista desse crescimento. Pensa-se demais, em geral, em acréscimo quantitativo mais ou menos contínuo; e não se pensa suficientemente em transformação gradual. Muitos pais e educadores são ainda levados a encarar o crescimento como o encher de vasilha dantes vazia, segundo o esquema de acumulação pura e simples de experiências e de conhecimentos. Essa perspectiva elementar não é de todo falsa, pois é bem evidente que uma criança de doze anos sabe e pode mais que uma criança de oito; mas é insuficiente: a criança de doze sabe e pode, sobretudo, de maneira diferente.

Com efeito, basta um instante de reflexão para perceber que, em verdade, qualquer nova aquisição, qualquer experiência, qualquer novo conhecimento que a criança assimila, não vem apenas juntar-se aos precedentes, mas os modifica e é por eles modificados, e daí resulta não apenas acumulação mas sobretudo reorganização, recomposição de relações e perspectivas. Toda a aquisição é reorganização do precedente para integrar o novo; todo elemento novo, introduzido numa totalidade, modifica de algum modo essa totalidade.

Assim a criança enganada pelo adulto não colhe simplesmente uma experiência suplementar do adulto que se venha juntar à anterior; seu próprio modo de encarar o adulto vem por isso, a modificar-se, todo o seu sentimento de segurança é posto em xeque e seu comportamento se ressentido disso. Assim, o pequeno que aprende ou, antes, descobre na linguagem de sua roda que "Bruxelas" não designa a casa onde mora, mas o conjunto de ruas e edifícios do qual sua casa faz parte, não aprende só um fato a mais ou o uso mais preciso de uma palavra que já empregava imprópriamente; recom põe, do mesmo passo, toda uma concepção e constrói toda uma série de novas relações. Quanto ao adolescente que ama pela primeira vez, esse não ajunta simplesmente uma experiência de nova ordem a uma longa série de outras experiências mais antigas, de gênero diferente; refaz completamente a noção que possui de si mesmo e sua maneira de encarar as pessoas do outro sexo.

Não há pois, de cada vez, simples acrescentamento, simples aumento quantitativo; há, ao mesmo tempo e, talvez, sobretudo, recomposição, modificação mais ou menos profunda do estado anterior. Tal como as proporções entre os segmentos do corpo se modificam durante o crescimento, ou o equilíbrio e a economia do funcionamento dos diversos órgãos experimentam mudanças, assim também o psiquismo é teatro de recomposições e de deslocamentos diversas no curso do desenvolvimento. Basta, por exemplo, pensar na maneira pela qual se comportam duas crianças de idade diferente ante objeto apetecível, mas situado fora do alcance; esse comportamento não será, absolutamente, aos dez o que seria aos quatro anos, e essa diferença não vem apenas do acréscimo dos meios de ação ou dos conhecimentos; exprime, sobretudo, uma organização de conjunto profundamente modificada. O adolescente ou a criança grande ama, age, sente, apreende o mundo exterior diferentemente do pequenino ou do bebê, diferentemente do adulto. Se uma das grandes diferenças entre a criança e o adulto é imputável à falta de experiência do primeiro, que quase ainda não teve tempo de adquiri-la, importa, entretanto, compreender que essa aquisição de experiência implica, na realidade, transformações; e tem antes o caráter de reorganização que o de acumulação. Pode-se, pois, conceder o desenvolvimento mental como incessante reorganização, como contínua reestruturação da configuração mental e do comportamento, como "passagem perpétua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior" (PIAGET).

Mas, para quem vive com a criança, esse desenvolvimento não se apresenta, absolutamente, contínuo e regular. Muito ao contrário há, como que períodos de estagnação, nos quais se indaga se a criança virá um dia a crescer; e, por vezes, da noite para o dia, são modificações súbitas, discretas ou espetaculares, algo assim como a floração repentina de certas plantas rum belo dia de primavera. Distinguem-se, no crescimento psíquico, fases de equilíbrio, momentos de estabilidade temporária, alternantes com períodos de "crise", caracterizados por profundas recomposições e transformações bem visíveis; po dem-se distinguir, sob diversos aspectos, escalões, fases, níveis. Além disso, segundo o ponto de vista em que nos colocamos, a cadência do desenvolvimento não é a mesma: fases de estabilidade ou de transformação rem sempre coin-

(continua na página seguinte)

cidem: a "frente do desenvolvimento", poder-se-ia dizer, não é, de modo algum, regular. Nessa organização de conjunto que é o psiquismo foi possível descrever separadamente o desenvolvimento de cada setor e deter-se o estudioso na evolução senso-motora, psicosexual, afetiva, social, intelectual... E podem as subdivisões alongar-se muito, como é fácil imaginar.

Metodologicamente, tem-se, talvez, razão em limitar os problemas por estudar, e encarar separadamente os diversos aspectos. Mas, serão, com efeito, desenvolvidos independentes, séries sem relação umas com as outras? Estamos em presença de um "organismo", não de um mosaico: o ser vivo é uma totalidade estruturada. "E já que as partes de uma pessoa não podem ser separadas fisicamente uma das outras, já que funcionam juntas, o ideal é que sejam consideradas simultaneamente"; mas, como nota Murlay em continuação a essa frase, ainda há por ora, uma impossibilidade. Conhece-se muito bem a marcha do desenvolvimento quanto a certos aspectos do psiquismo: a esse respeito a obra de um Piaget no que concerne à inteligência, é propriamente exemplar; mas até agora temos estado sensivelmente menos preocupados com as interações necessariamente existentes no desenvolvimento dos diversos setores artificialmente isolados os quais, na realidade, não podem ser independentes. Não é evidente, por exemplo, que o desenvolvimento afetivo orienta o desenvolvimento intelectual e este influi, simultaneamente, na evolução afetiva?

OS ESTÁDIOS

Se, por observação e experimentação metódicas, é relativamente fácil dividir em estádios ou períodos de equilíbrio a evolução de aspectos parciais do psiquismo, ou de certos tipos bem circunscritos de comportamento, é, ao contrário, muito mais difícil, e sem dúvida artificial, fazer outro tanto no tocante ao conjunto da personalidade. Escalões e crises, já o dissemos, não se situam nos mesmos momentos nos diferentes setores; vem daí de uma função a outra toda sorte de encavamentos de fases, e da tudo isso em tal enredo, que é bem aleatório pretender introduzir subdivisões rigorosas. Por isso, certos autores rejeitam a idéia de fases ou períodos gerais bem diferenciados e encaram o desenvolvimento como rigorosamente contínuo. Outros distinguiram fases gerais; nem sempre, contudo, puderam considerar devidamente a unidade do organismo psíquico em cada momento de seu desenvolvimento, nem o intrincado das diferentes variáveis desse psiquismo em suas relações recíprocas. Alguns até reduziram tudo à evolução de um aspecto único e, sem dúvida, importante, da organização psíquica; e deixaram, assim na sombra, outros aspectos não menos essenciais.

De modo algum pretendemos resolver aqui esse problema; ainda não é, sem dúvida, tempo disso. Mas se acreditamos poder distinguir as fases que dão o conteúdo dos capítulos seguintes, é porque nos pareceu que tanto a observação das crianças reais como os resultados das investigações científicas autorizavam certa divisão do desenvolvimento. Se os estádios podem ser definidos como "momentos do desenvolvimento caracterizados por um conjunto de traços "coerentes e estruturados que formam uma mentalidade global típica e consistente, mas passageira", então os períodos que vão do nascimento aos quinze/dezoito meses, dessa idade aos três anos, dos três aos cinco/seis anos, dos seis aos nove anos, dos nove aos doze/treze anos, têm probabilidade de constituir estádios. Reconhecemos de pronto que essas idades sejam aproximadas e nossa divisão esteja sujeita a discussões. É certo que uma apresentação do desenvolvimento por setor, por aspectos, por função, teria sido mais rigorosa e mais científica. Mas, teria acarretado muitas repetições, ter-se-ia arriscado a fazer perder de vista a unidade da personalidade infantil, assim como certas convergências que nos parecem, precisamente, capitais para a compreensão de cada idade; e, sobretudo, a imagem que do desenvolvimento se houvesse teria sido muito afastada dessa realidade infantil que acompanhados cada dia e estava, exatamente em nosso propósito por em evidência.

Evocados, assim, alguns problemas gerais, acentuada a importância da infância e exposta uma série de reservas importantes, podemos voltar-nos, agora, para o estudo do desenvolvimento propriamente dito.

"O IMPARCIAL" — Suplemento Estudantil

HOMEM ALGUM É UMA ILHA

Texto adaptado de:
Davis, Kingsley — "A Sociedade Humana"
Cap. 2.

Elizabeth Faria P. Lima.

I — Estudo da Sociedade

A — Características Básicas

B — Necessidades Societárias.

Os seres humanos não são as únicas criaturas que vivem em sociedade. Formigas, térmitas, pássaros, macacos, monos e muitos outros animais fazem o mesmo. Nesse caso, seria surpreendente se a sociedade humana não mantivesse relações com as sociedades animais. Na verdade, o simples fato de possuir o homem um organismo que evoluiu das formas mais primitivas sugere que a sociedade humana se desenvolveu igualmente de protótipos animais. Tal conclusão não significa que a sociedade humana seja idêntica à sociedade animal ou que o conhecimento desta última substitua satisfatoriamente o conhecimento da primeira. Significa, apenas, que a sociedade humana é um fenômeno tão natural como qualquer outro objeto de investigações científicas e que, ao tentar estudá-la como um todo, ganha-se a mais ampla perspectiva ao observá-la em primeiro lugar, na sua ação evolutiva, isto é, desde o seu embrião até a nossa civilização. Somente pela observação daquilo que o homem possui de comum com as outras criaturas pode-se descobrir o porquê da sua singularidade.

Antes de se iniciar o estudo dos tipos de sociedade, tratemos primeiramente das CARACTERÍSTICAS BÁSICAS de qualquer sociedade.

Todas as sociedades, animais ou humanas possuem certas coisas em comum que levam a classificá-las em conjunto. Em primeiro lugar, envolvem certo nível de associação mais próximo e mais complicado que uma simples congregação, porém mais amplo e menos complexo que um organismo. Em segundo lugar, as unidades que reúnem nesse mesmo nível não são células ou órgãos, mas indivíduos. Antes de poderemos compreender as sociedades é, pois, necessário saber algo sobre as congregações, por um lado, e os organismos, por outro.

Uma congregação consiste em indivíduos ligados entre si apenas devido à mesmas condições externas. Assim, uma inundação, por ex., pode reunir um grupo acidental de animais ou insetos. Somente quando os demais organismos do grupo auxiliam na satisfação ou resposta, é que se podem considerar lançados as bases da verdadeira sociedade, como, por ex., as larvas da vespa segregam um líquido fero e adocicado que é sugado pelas abelhas operárias que as alimentam; essa atividade mútua constitui uma relação social. Em suma, os tropismos e apetites constituem uma base da associação societária apenas quando unem os indivíduos entre si numa teia de estímulo e correspondência mútua. Sem essa correspondência mútua só pode existir uma reunião meramente acidental que se dissolve com o desaparecimento do estímulo externo. Assim, a congregação não tem o poder da auto-perpetuação, não possui capacidade de restituição ou resistência, nem qualquer força de unidade interna. Nos casos reais, às vezes é difícil traçar a linha divisória exata entre reunião e sociedade. Existem sociedades de nível excessivamente baixo que mais se parecem a congregações. A tais sociedades podem faltar algumas das características que geralmente associamos à expressão sociedade, tal como a "consciência mútua". Contudo, uma relação social, isto é, uma relação de estímulo recíproco não significa sociedade. Somente quando existe um SISTEMA DE RELAÇÕES é que podemos usar com propriedade essa expressão.

Desde que uma sociedade reúna organismos que se estimulam reciprocamente, pode surgir a idéia de compreendê-la pelo estudo dos indivíduos que a integram.

É necessário, no entanto, examinar-se a diferença existente entre o organismo e a sociedade.

O ORGANISMO é um complicado sistema de relações entre células. Nada mais sendo, sua existência depende das células; no entanto, possui uma unidade e uma estrutura própria que não podem ser compreendidos apenas em termos das respectivas células, pois es-

tas vivem e morrem enquanto o organismo subsiste por um período de tempo muito mais longo. O organismo tem uma história viva que persiste através dos estádios do crescimento, maturidade, decadência e morte. Possui duas necessidades precipuas: nutrição e proteção, para viver. Entretanto, o objetivo final da natureza não consiste na perpetuação do organismo particular em si mesmo, que deve desaparecer dentro em pouco, mas na perpetuação da espécie. Daí a necessidade de reprodução. Essas três necessidades fundamentais: proteção, nutrição, e reprodução — são interdependentes e contribuem todas, para a perpetuação do que é, de fato, uma realidade decorrente, a ESPÉCIE.

Da mesma forma que um organismo, uma sociedade, um sistema de relações, mas de relações entre os próprios organismos não entre células. Tal como aquele, possui uma estrutura determinada; e as partes dessa estrutura, quando em funcionamento, contribuem para a existência do todo, dando-lhe uma continuidade independente da dos indivíduos que a constituem. É essa posse de uma continuidade e estrutura próprias que torna impossível reduzir o estudo da sociedade ao simples estudo dos seus membros individuais.

A vida em sociedade serve como meio de ajustamento ao ambiente, dando a força dos números e da especialização aos indivíduos que lhe são associados e dessa forma auxiliando-os no tocante à proteção, nutrição e reprodução. Beneficia não somente seus próprios membros como, também, a espécie. O seu valor como meio de ajustamento é frequentemente verificado em toda história evolutiva, pois Wheeler verificou que um modo societário de existência surgiu independentemente entre certos tipos de formigas anteriormente solitárias. Entre os mamíferos é praticamente impossível encontrar uma espécie inteiramente solitária. Portanto, a forma societária de vida parece ter considerável valor para a sobrevivência. Por outro lado, a sociedade é essencial a sobrevivência apenas daquelas espécies que se adeptaram a um tipo de vida social. Certo tipo de abelhas solitárias conseguiram sobreviver tanto quanto as abelhas de tipo social, enquanto estas afastadas de sua colmeia, não puderam subsistir por muito tempo. Idênticamente, o HOMO SAPIENS, que vem sendo um animal social desde que se constituiu em espécie, tendo herdado esse traço dos seus ancestrais animais, não poderia existir afastado do seu tipo peculiar de sociedade.

O aparecimento da sociedade pode ser encarado como um dos grandes passos da evolução — passo dado por certas espécies e por outras não.

Poderíamos dizer que as necessidades universais são aplicáveis a todos os tipos de sociedade, dos insetos ao homem, e tais seriam:

- I — MANUTENÇÃO DA POPULAÇÃO
 - a) Provisão de alimentos
 - b) Proteção contra danos
 - c) Reprodução de novos organismos.
- II — DIVISÃO DE FUNÇÕES ENTRE A POPULAÇÃO
- III — SÓLIDARIEDADE DE GRUPO
 - a) Motivação do contato entre os membros
 - b) Motivação da tolerância e resistência mútuas para com os estranhos.
- IV — PERPETUAÇÃO DO SISTEMA SOCIAL

COMO ENTRAR EM CONTACTO COM A CIVILIZAÇÃO

Maria Silvia B. R. Leite
Doralice J. E. Moretti

IMPORTANCIA DA LEITURA

A leitura é um dos mais eficientes e poderosos instrumentos de intercâmbio social. Ela nos possibilita compreender a natureza e a evolução da sociedade; nos permite o contacto espiritual com os que estão ausentes no tempo e no espaço; nos facilita o aproveitamento da experiência das gerações passadas, da qual deriva ao mesmo tempo a tradição e o progresso; nos amplia a capacidade de pensar; ajuda-nos a resolver os nossos problemas de maneira mais consciente e satisfatória e enriquece a nossa linguagem.

(continua na página seguinte)

Qualquer aproximação que desejamos ter com os indivíduos e coletividades que não estejam imediatamente junto de nós, tem de ser por meio de informações, anúncios, prospectos, cartas, publicações, jornais, livros e revistas.

Por tudo isso, podemos dizer que a leitura deve ocupar na escola um lugar de relevo dominante.

Fora da escola, a importância da leitura se faz sentir, pois que a palavra impressa domina o mundo. Lê-se o livro, o jornal e a revista. Lê-se com diversos intuitos e com diversos fins:

1 — Para obter informações, isto é, para saber o que se passa na cidade, no país e no mundo. Isto através de jornais, revistas, livros, etc.

2 — Para adquirir conhecimentos, por meio de livros, folhetos, relatórios, etc.

3 — Para tirar dúvidas, através de consultas de dicionários, enciclopédias, etc.

4 — Para recrear o espírito, ou seja, pelo gosto de aventuras, para evadir-se da vida cotidiana, para satisfazer curiosidades, etc.

Procurando atender a essas finalidades de leitura, a Escola deverá apresentar um programa que proporcione ao professor, ocasião de levar o aluno a:

- aprender a leitura (leitura fundamental)
- ler para aprender (leitura funcional)
- ler para se recrear (leitura independente)
- ler para fazer avaliação (leitura corretiva)

FASES DE UM PROGRAMA DE LEITURA

Quatro são os tipos de experiências que devem ser oferecidas às crianças pelo programa de leitura:

A — Leitura Fundamental ou Básica: sua principal finalidade é o ensino sistematizado das habilidades básicas de leitura e é organizado de modo que possam se desenvolver numa sequência lógica e gradual.

Esta leitura deve ser feita diariamente em período especial com bons livros básicos e materiais suplementares (fichas de leitura e textos). A finalidade da leitura fundamental é portanto, levar a criança "ler para aprender a ler".

B — Leitura Funcional: este tipo de leitura visa dar ao aluno oportunidade para usar as habilidades e técnicas recentemente aprendidas. É empregada quando há necessidade em outras áreas do currículo, tais como: pesquisas para compreender bem Estudos Sociais, Ciências, Matemática, etc.; para encontrar soluções para problemas ou respostas para perguntas e informações sobre determinados assuntos.

O material empregado para a leitura funcional poderá ser: revistas, livros, fichas, jornais, enciclopédias, etc.

A finalidade primordial da leitura funcional, como vimos, é levar a criança "ler para aprender".

C — Leitura Independente ou pessoal: é a que atende as diferenças individuais e interesses especiais. É a leitura dedicada ao desenvolvimento pessoal do aluno e a sua recreação.

O material usado poderá ser fichas, com textos de revistas, livros, recortes de jornais, jogos com palavras cruzadas, etc.

A leitura independente tem por finalidade levar a criança "ler para se recrear".

D — Leitura Corretiva: é a que visa formar bons hábitos ou corrigir hábitos adquiridos. Apresenta atividades para corrigir falhas, antes que elas influenciem desfavoravelmente o ajustamento pessoal e social da criança, bem como o seu desenvolvimento educacional. Havendo assistência imediata há mais possibilidade de que as dificuldades não progridam nem persistam.

CONCLUSÃO: a criança deve ler como o adulto para seu prazer e para se informar e o

trabalho do professor deve consistir sobretudo em lhe preparar tal ambiente.

A Escola que dispersar ao programa de leitura a atenção devida, poderá transformar inteiramente as situações de ensino e de vida, elevando-se ao conceito de uma autêntica escola de cultura.

O ROMANTISMO: INDEPENDÊNCIA SOCIAL O INTELLECTUAL ?

Feliciano Ribeiro

É ainda matéria de debates e divergências entre críticos e historiadores a verdadeira origem do romantismo e o que foi de fato. Se entendermos a todas estas opiniões, também não chegaremos a determinada conclusão que nos possa aclarar o assunto. Por isso tomaremos então a opinião do nosso grande, ilustre e abalizado crítico Silvio Romero.

Há mais de vinte teses que tentam qualificar esta escola, sem que duas cheguem à mesma conclusão.

Vejam, portanto, algumas mais aceitas pela opinião do grande público.

"O romantismo foi uma reação religiosa contra a filosofia do século XVIII". É para alguns iludidos a fase "emanuêlica". Contra esta tese não necessitamos de recursos extras: temos fatos sólidos: ao lado de alguns poetas católicos, houve os que, na mesma corrente e época produziram obras essencialmente materialistas.

É ainda matéria de debates e divergências Assim como também Byron, Edgar Poe, Baudelaire, e ainda Goethe, na crítica, não foram católicos.

Uma outra:

"O romantismo foi certamente uma reação contra a Renascença, um retorno às cenas e à vida da IDADE MÉDIA..." Reação para busca de passado, tanto em literatura como em política, reflete negativismo, falta de criação, originalidade e autonomia. Pode haver uma base antiga, mas com característica atuais, o que sempre acontece; uma imitação total, porém, é negativa.

Isto já afirma Romero: "Os movimentos de retorno e reação em literatura e em política são sempre negativos, e seria um despropósito que o século XIX, o grande criador dos estudos históricos, o introdutor em todas as ciências do princípio da historicidade, viesse alentar-se de uma poesia anacrônica, emperada, reacionária contra as leis do desenvolvimento progressivo das idéias.

Outra fórmula um tanto absurda:

"O romantismo era o cepticismo, a dúvida filosófica e religiosa levada para a poesia". Como enquadrar nesta fórmula Schiller, Victor Hugo, Tennyson e Wordsworth? E mesmo Byron?

Buscam ainda uma outra: "o romantismo é o sentimentalismo na literatura". É esta é a mais aceita pelo público. Seria, no caso, o fruto da melancolia de Rousseau. E o homem romântico seria um desconsolado que chora suas mágoas, exibindo aparências tristes e esqueléticas. A mocinha romântica seria, ou é ainda para muitos, aquele anjinho meigo, deli-

cado, de faces tenras, resbotadas pelas paixões e desilusões.

É falta de senso querer personificar uma literatura por meio de tantas quimeras e devaneios temporâneos. Se não tivéssemos homens de espírito equilibrado e sociável, nada nos restaria de perene na literatura, a não ser as mágoas dos ridículos poetas-chorões.

Inventaram outra:

"O romantismo é o predomínio da imaginação e da fantasia". Desta vez teríamos um mundo fantástico, maravilhoso, extasiante, miraculoso. Aparecem os super heróis, vivendo uma vida ideal, supraterrânea. E Victor Hugo criou tipos semelhantes, mas se tivesse produzido nada mais que isso, seria hoje um dos muitos "esquecidos da posteridade". Em contrapêso, na mesma época, temos Balzac que relegou os sonhos e se aproximou da realidade vivida.

Buscando algo mais longe, vamos enfrentar um grupo de jovens alemães, tendo por deuses Heine e Boerne, rastejando ainda numa falsa interpretação da doutrina de Schlegel a respeito da literatura da época. Falsa interpretação porque: reduzir a poesia a críticas felinas contra Deus, contra Cristo, contra o Papa e contra os reis, seria presumível na boca de extremistas cegos e fanáticos, não porém uma obra de arte. E para Romero seria mais vantajoso "ir ali num sítio qualquer ouvir uma sertaneja cantar algumas trovas populares".

Talves Grimm tivesse melhor concebido ao afirmar que a literatura do século XIX constituiu "a volta de todas as nações às suas criações populares". PORQUE DE FATO O ROMANTISMO TROUXE A NATIVIZAÇÃO, A NACIONALIZAÇÃO, A VALORIZAÇÃO TELÚRICA DA LITERATURA.

Silvio Romero tentando explicar o romantismo, diria:

"A diferença entre a literatura do século XIX e a literatura dos outros tempos é a mesma que existe entre a ciência e a filosofia do século XIX e a ciência e a filosofia dos outros tempos". Pela análise destas linhas, chegaremos à conclusão mais acertada do que seja o romantismo. A literatura como meio de expressão de um povo é o reflexo de toda a vida em todos os seus aspectos socio-econômico-culturais. Como tal, o romantismo seria o retrato da vida da época, sem se restringir a concepções individuais desconexas e contraditórias.

O classicismo estava no absoluto, o romantismo no relativismo; a filosofia clássica era a "priori", a romântica "a posteriori"; no classicismo tudo era universal (gramática, arte,...), o romantismo valoriza o nacional. Há tantos direitos, gramáticas, artes originais, quantas são as raças que dividem a humanidade. — S. Romero — Daí a liberdade de criação; as letras foram nacionalizadas, provincializadas, individualizadas. Todos os prognos do romantismo abandonara o absoluto e agiram por indução.

"Lessing reformou a crítica literária, Winkelmann a crítica artística, Kant a crítica do conhecimento, Herder a crítica histórica, Wolf, Heine, Hermann, Lobeck, Kreuzer a crítica mitológica. Goethe e Schiller surgiram e a nova poesia estava criada".

Na Alemanha a filosofia de Hume operou da mesma forma.

Nesta concepção mais ampla, podemos afirmar que o romantismo não só expressou a literatura do século XIX como também permanece até hoje nos sistemas atuais que são frutos e consequências suas.

Memória ou Criatividade ?

Uma obra de arte, um edifício, uma frase, um livro são considerados criações em nossos dias, quando através de uma análise mais sistematizada observamos a inteligência que os criou. O magnetismo que aquela criação expressa envolve uma quantidade muito grande de experiências. Da adequação de experiências à expressão vai todo o gênio criador de um ser humano.

A criatividade assim comentada vê apenas o Homem adulto. Como então começa a criança a criar? Quando começa? Que fatores influem ?

Neste número tentaremos colocar em discussão, o problema da aprendizagem.

BRINCANDO A CRIANÇA COMEÇA A CRIAR

Aparecida Maria Henrique

A Educação tem por finalidade a harmonia entre o corpo e o espírito, e a harmonia entre um indivíduo e outro, "tornar o indivíduo útil a si mesmo e a Sociedade". A Educação Física concorre para o preenchimento dessa finalidade, através de suas formas de trabalho, que poderá ser resumidas em quatro principais, a saber: A ginástica, os jogos, os desportos e a dança.

Várias teorias e definições foram criadas por diversos autores, procurando cada uma conceituar o jogo, e entre elas destacamos a Schiller e Spencer (excesso de energia), Stanley Hauss (atavismo) Carr (função catártica), Gross (exercício preparatório).

Enfim diremos que "o jogo é recreio, descanso, agente de sociedade, agente transmissor de ideais.

Das classificações que tem sido feitas, destacamos a de Gross e Claparède, que dividiu os jogos em 2 grandes grupos;

- 1.º — Os que exercitam as funções gerais do organismo.
- 2.º — Os que exercitam as funções especiais do organismo.

NO 1.º GRUPO TEMOS:

jogos sensitivos ou sensoriais — ex. Cabra Cega, jogos motores — incluindo-se aqui todos os jogos de corridas, saltos, etc.

jogos psíquicos divididos em 3 grupos: volitivos-jogar sério afetivos — que podem ser de sensações agradáveis como desenho, música, ou de sensações desagradáveis como pregar sustos, fantasmas etc.

NO 2.º GRUPO TEMOS:

jogos de luta de caça, sociais, familiares, e de imitação, — as crianças imitam cenas ou personagens que mais lhe agradam tais como médicos, padres etc.

Dentro desta classificação, destacamos os jogos motores, que mais de perto nos interessam.

Podem ser classificados sob vários modos; recreativo, competitivo, livre; organizado ou dirigido.

Foi Schiller quem melhor os falou sobre o valor do jogo quando disse: "entre todos os estados do homem, é principalmente o jogo e somente o jogo, que realiza integralmente o humano e que descobre ao mesmo tempo sua dupla natureza". (O homem quando joga revela o eu "Ego", mostra o que realmente é).

São os jogos de grande valor pelas qualidades que desenvolvem quantidades físicas: saúde, força, destreza, resistência. Qualidades morais e sociais: coragem, audácia, sangue-rio, auto-controle, lealdade, espírito de iniciativa, observação, etc.

Permite ao professor um conhecimento metódico de psicologia da criança, suas tendências, qualidades, lacunas ou defeitos, para que sejam desenvolvidas, preenchidas ou corrigidas. Disse-nos um autor "Que se o jogo não servir para formação de um bom caráter e da personalidade da criança e do adolescente, não terá valer algum".

Assim não queremos que as regras sejam obedecidas para que isso seja agradável a es-

te ou aquele diretor, mas para que se torne um hábito e seja transferido para outras atividades. Desta forma os fins não serão imediatos mas mediatos. "Quem for fiel no pouco será fiel no muito".

O jogo organizado visa o desenvolvimento físico, mental e moral da criança. Os primeiros benefícios, os mais palpáveis, são os efeitos fisiológicos locais e gerais. O sentido muscular, as funções do equilíbrio, os órgãos sensoriais se aperfeiçoam. As grandes funções, isto é, a respiração, a circulação, a digestão são estimuladas. Em primeiro plano o jogo visa a saúde da criança. Paralelamente mas não em plano secundário o aperfeiçoamento das funções mentais, como a atenção, a imaginação, a memória e a aquisição de hábitos ou virtudes morais, como a lealdade, a bondade, o espírito de cooperação, etc.

Os jogos motores, em particular, constituem precioso recurso para o estudo da personalidade infantil. Para que esse recurso seja eficiente é preciso que o instrutor conheça a criança. E conhecer a criança nos jogos motores é observar o seu comportamento antes, durante e depois da realização do jogo.

O JOGO NA FASE PRÉ-PRIMARIA

As atividades físicas no período pré escolar, basear-se-ão nas condições biológicas, no desenvolvimento mental e social da criança, levando-se em alta conta atividade natural seu gosto pelas várias formas de brinquedos e jogos.

A criança tem forte tendência para a imitação. Da imitação simples, passa as mais complicadas, à medida que vai adquirindo habilidades e aumentando a sua coordenação motora. Imita animais domésticos, aves, os adultos em suas ocupações, máquinas etc.

Desta imitação faz um reino, um país de fadas do "faz de conta". Neste período sua fantasia é eliminada: — tudo para ela é possível, e estabelecer a diferença entre a fantasia e a realidade entretanto é lhe difícil, pois ambas se misturam harmoniosamente no seu espírito. Tudo para ela tem vida, plantas, animais, objetos, etc.

É notável a tendência que a criança tem para identificar-se com o herói e demais personagens dos contos e histórias. Nesta fase seu mundo psíquico é limitado. Abstrai-se no brinquedo de forma que passa a viver num mundo inteiramente seu, alheia ao ambiente que a rodeia. É importante nesta fase a escolha das histórias. Deve-se evitar as que aterrorizem, que emocionem muito.

Inicialmente, as crianças se interessam por histórias que se referem a coisas que a cercam. A seguir começam a apreciar histórias relativas à vida e atividades dos animais, objetos mágicos, etc.

Na sessão estoriada, as crianças realizam todas ao mesmo tempo os movimentos correspondentes as personagens da história. Assim, quando se conta que "Joãozinho correu e se escondeu de medo do lobo", todas as crianças correm e se escondem.

Os exercícios serão dados em caráter recreativo, com moderação evitando-se grandes esforços, deverão se apresentar sob a forma de evoluções jogo ou atividades rítmicas e marchas com cantos. Os jogos poderão ser no máximo de dois e adaptados às condições físicas e psíquicas das crianças. Devem seguir o critério de graduação de intensidade, vindo em primeiro lugar os ativos, a seguir os moderados e finalmente os calmantes.

EXEMPLO DE JOGOS MOTORES:

- 1.º — Bola ao Tunel
- 2.º — Caçada
- 3.º — Caçadores de Ursos.
- 4.º — Cachorros e Coelhoinhos

- 5.º — Preto e Branco.
- 6.º — O Gato e o Rato
- 7.º — Lenço Atraz
- 8.º — Morto e Vivo.
- 9.º — Nunca Três.
- 10.º — Pega pega aos Parés.
- 11.º — Barra Manteiga
- 12.º — Bola aos cantos
- 13.º — Corrida de Canguru
- 14.º — Corridas de Estafetas.
- 15.º — Montanha Russa.
- 16.º — Coelho sai da Toca
- 17.º — Apanhar Borboletas.
- 18.º — A trincheira.
- 19.º — Os Prisioneiros.
- 20.º — O Quebra Canela em Circulo.
- 21.º — Corrida num pé só.
- 22.º — Corrida da Cadeirinha.
- 23.º — Nunca três lateralmente.

Exemplos de Exercícios Mímicos:

Marchar — O Pato, O Anão e o Gigante, O Quadrúpede.

Trepar — O Tirador D'agua, O limpador de Chaminé o Caraguejo,

Saltar — O árabe sentado, O Polichinelo.

Levantar e Transportar — O Carregador d'agua, O Tocador de sino.

Correr — O Trem, O Ciclista.

Arremessar — O Malabarista O Moinho de vento.

Atacar e Defendêr-se — Mão: Queimadas, Cambalhota Para frente.

Exemplos de jogos Calmantes e Moderados:

Minha tia veio de Paris. A Orquestra, Somos tres Marinheiros, Pipita, Veneno, A chama-ja para a bola, Passar anel, Ai vai o Ganço.

Bom dia ETC, ETC.

Quando Começa a Criança Criar?

Hellen de Oliveira Gonçalves

Ao entrar na escola a criança possui uma quantidade variada de conceitos relativos aos seu meio. Porém, aos 6 anos estes conceitos são difusos, imprecisos, ingênuos e estreitamente ligados às características perceptuais dos objetos que a cercam.

Com o desenvolvimento acentuado da linguagem, neste período, há uma revolução de conceitos, que tornam-se mais lógicos e diferenciados, assemelhando-se muitas vezes aos formulados pelos adultos.

O aparecimento de uma real atividade simbólica ocorre durante o período de desenvolvimento intelectual, na fase das operações concretas que se prolonga dos 18 meses aos 11 ou 12 anos de idade.

A medida que a bagagem de experiências da criança se enriquece pela exploração do ambiente nota-se o desenvolver de certas habilidades.

Quanto mais favorável for a ação deste ambiente maior será o desenvolvimento destas habilidades na criança e mais rápida a sua autonomia e independência (uso de técnicas no lar e na escola).

As crianças assim estimuladas tendem a mostrar-se mais curiosas e interessadas, demonstrando maior desejo de participar em atividades criadoras como: modelar e pintar.

Atingindo a idade escolar estarão mais motivadas a aprender.

Assim não podemos admitir aprendizagem como incorporação de conhecimentos. Ela só se

(conclui na página seguinte)

verifica quando modifica o comportamento da pessoa que aprende através de vivências, experiências, elaboração e sistematização de idéias.

"APRENDIZAGEM PRESSUPÕE CRIATIVIDADE"

A criança é naturalmente criadora. Criando ela se expressa e se liberta. A experiência da arte, do desenho é uma manifestação funcional da filosofia estética. Absorve o juízo de valor. Exige de cada um a intuição, a empatia.

Nenhuma disciplina escolar, pode tão bem satisfazer a este aspecto do desenvolvimento da criança como as artes e sobretudo o **desenho**.

Uma criança ao derrubar tinta sobre o papel logo cria a imagem para o borrão.

Compõe sob "nova forma" uma coisa que já conhece (Técnica do fingers e técnica do rebatimento).

As menos maduras experimentam mais com as formas; as mais amadurecidas desejam ou pintam logo objetos e figuras.

Desde o início destas experiências o trabalho deve ser o de incentivar a criança, tornando a sua experiência agradável, feliz, desejável e sobretudo "livre".

A importância deste ou daquele desenho para a criança constitui morte lenta para a Arte.

Se o professor nota a criança, e a reconhece perante o autor, naturalmente a colocará no plano de valores. A pintura portanto, não é "boa" ou "má", mas é a expressão que a criança dá a sua experiência (técnica do sopro).

A imaginação criadora combina, organiza as imagens, repousa nos elementos pré-adquiridos (técnica da pintura a dedo).

A memorização também assume papel de relêvo no ciclo da atividade criadora.

Havendo uma perfeição conexão da experiência, memorização e expressão haverá na criança, desenvolvimento mental favorável que a levará a "experimentar profundamente, recordar vividamente e expressa-se clara e francamente".

USO DE TÉCNICAS NO LAR E NA ESCOLA

Técnica dos fingers

Com o dedo médio espalha a tinta no papel, em movimentos circulares, de dentro para fora. Tinta guache em várias cores.

Técnica do rebatimento

Marca o meio do papel, em um dos lados e deixa cair gotas de tinta bem aguada. Dobra a parte limpa sobre a respingada pressionando com as mãos e abrindo em seguida — Tinta guache em várias cores.

Técnica do sopro

Gotas de tinta bem aguada, sopradas com capim, macarrão ou caneta esferográfica sem a carga. Tinta guache em várias cores.

Técnica da pintura a dedo

Espalha o grude sobre toda a folha; em seguida espalha a tinta na cor desejada.

A criatividade varia de acordo com o gosto e o material: pente, garfo, bobe, etc...

Tinta guache

Grude: Uma colher de sopa de farinha de trigo, solvida em um copo de água e engrossado no fogo.

COMO DESPERTAR O PODER CRIADOR DA CRIANÇA?

Marina Bastos Nogueira

A idéia de que um dos principais objetivos da escola é ensinar a criança a aprender por si mesma tal como precisará fazer por toda a vida está cada vez mais divulgada.

Não é possível a escola fornecer a cada aluno todo o conhecimento que ele necessitará para viver e progredir. Mas a escola precisa despertar na criança o desejo de trabalhar e organizar a sua vida da maneira mais produtiva, ensinando-lhe as habilidades e técnicas fundamentais de que precisará para adquirir conhecimentos e para interpretar o que se passa em seu redor neste mundo que cresce e evolui cada vez mais acelerado, rêle encontrando seu lugar com participação ajustada e eficiente.

Na medida em que a criança adquire as habilidades e as técnicas básicas que ampliam suas

"O IMPARCIAL" — Suplemento Estudantil

relações com o meio e aprende a utilizar o próprio pensamento para o planejamento de suas ações, ele deverá ser encorajada a pô-las em prática, desenvolvendo a habilidade de dirigir a sua própria aprendizagem e cultivando assim sua capacidade criadora.

Não faltam oportunidades para isso em uma escola dinâmica. Os que até hoje contribuíram para o progresso da humanidade tiveram a liberdade de agir e pensar como pessoas independentes e criadoras.

A necessidade de dar atenção ao aprendizado independente e criador nas escolas tem preocupado os educadores e os levaram ao estudo minucioso do assunto a fim de melhorar a própria eficiência do professor, êsses estudiosos apresentaram uma infinidade de atividades independentes e muitas sugestões para a organização de programas que permitissem a sua realização.

No campo artístico, os horizontes são vastíssimos para a criatividade quer modelando (argila, gesso), quer aproveitando sobras, quer ilustrando estórias, quer trabalhando na madeira, no metal ou com papel, a criança tem oportunidade de mostrar continuamente o seu desenvolvimento.

O material necessário é barato e facilmente utilizável nas salas de aula. Toda classe deve ter o seu "Cantinho de Artes" onde a criança terá oportunidade de experimentar diversos materiais criando livremente.

Êsse cantinho tem como finalidade incentivar as crianças ao trabalho criador.

Ao professor cabe a tarefa de fazer o educando:

- 1 — Observar a natureza
- 2 — Apreciar boas combinações de cores formas, encontradas em desenho e pinturas.
- 3 — Apresentação e seleção de gravuras
- 4 — Comentários sobre ilustração de livros
- 5 — Realização de exposições dos trabalhos
- 6 — Criar um ambiente estimulante na sala de aula

O aluno terá oportunidade de manejar instrumentos, cortar serrar, modelar.

Um Cantinho de Artes deve ter: pincéis, lápis de cor, giz branco e colorido tesoura, tintas papeis de vários tipos, argila barro ou massa para modelagem e outros materiais que sem dispor de quase nada a criança adquire como: caixas de diversos tamanhos caixas de fósforo, barbante, linha, fios plásticos, botões, lãs, revistas e jornais, etc.

Não importa que o cantinho seja rico ou pobre, o importante é ensinar os alunos o uso correto, a conservação e o melhor aproveitamento do material de artes e deixa-los criar livremente. A sala de aula será assim um verdadeiro laboratório onde o educando experimenta, pesquisa, observa e aprende por si mesmo.

ANTES DA CRIAÇÃO: MATURAÇÃO E APRENDIZAGEM

GILBERTO O. IVAN.

Dois fatores concorrem para a formação da Personalidade: Maturação e Aprendizagem. Êstes dois fatores são interdependentes, não podem se apresentar isoladamente. Não se pode isolar a influência de um e de outro. Maturação e Aprendizagem são processos simultâneos no indivíduo que está em desenvolvimento.

A maturação é condição indispensável para que a aprendizagem se realize normalmente. O crescimento das estruturas corporais habilita o indivíduo a emprender toda uma série de atividades novas que por sua vez o habilitam à nova aprendizagem.

O crescimento orgânico de um estágio imaturo para o estágio amadurecido é chamado **maturação**. A maturação pode ser definida como sendo:

- 1) — O grau ótimo de desenvolvimento de uma função, sem o concurso do exercício;
- 2) — O desenvolvimento normal de uma função; e
- 3) — Segundo Elizabeth Hurlok: o desdobramento de traços potencialmente existentes no indivíduo, devido ao patrimônio hereditário. Explicação: êsses traços potencialmente existentes no indivíduo, referem-se às características existentes nos gens transmitidos ao

indivíduo pelos seus antepassados.

A capacidade de crescer tem de ser completada por outra capacidade, a de aprender. Algumas capacidades, entretanto, resultam principalmente da maturação: o instinto. Pois os **passáros não aprendem a construir ninhos**, nem o castor a fazer tocas. Suas técnicas são instintivas.

O homem porém, embora possua tendências instintivas, para que estas atuem é necessário a ação do meio, a influência da educação. O meio cultural pode modificar essas tendências instintivas no homem. Vejamos alguns exemplos para elucidar a questão: Mouly nos cita as pesquisas de Margared Mead, entre as tribos da Nova Guiné. Lá ela constatou que os homens faziam trabalhos domésticos e cuidavam das crianças, enquanto as mulheres caçavam, pescavam e realizavam outros trabalhos masculinos. Isto, segundo Mouly, poder ser aceito como prova de que o instinto maternal não é universal; é apenas um comportamento cultural, aprendido. Um outro exemplo é o das meninas-lobos da Índia. Foram capazes de aprender a andar com os 4 membros, apesar de um padrão herdado para andar de pé, comum aos seres humanos.

APRENDIZAGEM

A maturação não é suficiente para o desenvolvimento do indivíduo. É necessário que haja a aprendizagem. Repetindo o que acima foi dito, a maturação dá, apenas, condições para que a aprendizagem se realize normalmente. Por exemplo, não adianta a criança estar apta para falar se não ouvir a voz humana.

A aprendizagem envolve os exercícios, os quais promoverão o desenvolvimento do indivíduo. Pois o educando para se desenvolver necessita aprender também. O que vem a ser aprender?

Aprender é adquirir hábitos. É aquisição de habilidades. É também modificação de conduta.

ESTUDOS EXPERIMENTAIS DA INFLUÊNCIA DA APRENDIZAGEM E MATURAÇÃO NO INDIVÍDUO

Têm sido realizados estudos experimentais com a finalidade de determinar a influência da aprendizagem e da maturação sobre o nosso desenvolvimento.

Em 1926, Leonard Carmichael, fez um experimento, que consistiu em inibir completamente o exercício de uma função, sem interferir no seu processo normal de desenvolvimento. Dividiu diversos embriões de rãs e salamandras em 2 grupos: o de controle e o experimental. O de controle foi deixado para que se desenvolvesse normalmente na água. O grupo experimental foi colocado em uma solução anestésica (cloracetona), que os impedia de nadar, porém permitia a maturação neuro-muscular interna. Depois que os embriões de rãs e os de salamandra, em situação normal (água pura) já estavam nadando desembaraçadamente, o grupo experimental foi colocado também em água pura. Êste grupo levou de meia a uma hora apenas para nadar tão bem como os primeiros. Isto sugere que o desenvolvimento motor depende da maturação fisiológica e não do exercício.

Arnoldo Gesell, Helen Thompson e L.C. Strayer fizeram experiências com gêmeos univitelinos no exercício de subir escada. Tomaram um dos gêmeos como controle e outro como sujeito da experiência. Quando os gêmeos tinham 46 semanas (11 meses mais ou menos) maturação motora não atingida, — um deles foi treinado para subir escada, durante 6, semanas. Após as quais, colocaram os gêmeos para subir escada. O que não havia sido exercitado subiu em 35 minutos, enquanto que o já exercitado subiu em 26 minutos. Houve apenas um atraso de 9 minutos. Depois treinaram o gêmeo que não tinha sido exercitado, durante 2 semanas. Depois notaram que êste gêmeo subiu a escada em 10 minutos (muito mais depressa que o anterior). Concluíram que não adianta dar o exercício antes do grau de maturação.

CONCLUSÃO

Tanto o treino como a maturação são processos essenciais no desenvolvimento individual. Porém, somente quando um organismo atinge um estágio de desenvolvimento físico, o treino será completamente eficiente.

CONCLUSÕES PEDAGÓGICAS

- 1) — A maturidade deve ser levada em conta na elaboração dos programas escolares. Poucas crianças têm, por exemplo, a cordenação muscular necessária para aprender a escrever antes dos 7 anos.
- 2) — O exercício antes do grau de maturação pode ser inútil e até prejudicial;
- 3) — A maturação deverá ser completada com o exercício.

COMO PODE ALGUÉM APRENDER?

FORMAS DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem é uma experiência humana universal. A criança tem que aprender a se alimentar e vestir, a falar, equilibrar o seu comportamento em relação às outras pessoas e coisas. Entre 10 e 15 anos o jovem se preocupa em aprender o que lhe é ensinado na escola. Durante os anos escolares ele deve também começar a adquirir hábitos sociais e os costumes aceitos pela comunidade, se preocupando depois em aprender como tratar os vários tipos de pessoas e como arcar com as responsabilidades da vida adulta. Nos anos seguintes, novas situações que reclamam outras aprendizagens vão surgindo continuamente; novos hábitos e atitudes devem ser adquiridos e os antigos modificados ou abandonados. A necessidade de modificações na conduta ocorre durante toda a vida.

A aprendizagem é geralmente considerada um processo pelo qual organizamos as nossas reações e formamos novos hábitos. Devemos estar aptos a cumprir as novas reações que irão constituir o novo hábito, antes de podermos adquirir o mesmo.

A educação formal é, primariamente, um processo de direção e orientação da aprendizagem, mas nem toda essa aprendizagem pertence a este tipo. Fora da sala de aula, provavelmente, ocorre aprendizagens de natureza informal em número mais elevado do que as aprendizagens formais peculiares à escola. A maior parte da aprendizagem informal, que se realiza fora da escola é de natureza incidental e, por mais importante que seja, é quase toda não dirigida e carente de controle. Assim o termo "Aprendizagem" deve se referir a todas as modificações, relativamente permanentes de nossas tendências a reagir, que resultam da experiência, incluindo as aquisições incidentais e informais ao mesmo tempo que a aprendizagem dirigida e formal, habitualmente identificada com a educação.

Nem todas as modificações comportamentais resultam da aprendizagem. Algumas mudanças dos padrões reacionais resultam da maturação do organismo; Outras se devem a disfunções orgânicas temporárias, como uma perna quebrada ou uma lesão cerebral. Também estas mudanças podem derivar de condições bioquímicas passageiras, como a fadiga e o Hipertireoidismo. Assim, haverá mudanças significativas no nível de atividade do organismo, mas não fazem parte da aprendizagem.

Os produtos da aprendizagem não são entidades estáticas que, uma vez adquiridas, permanecem inalteradas até o fim da vida. Ao contrário são apenas relativamente estáveis, sofrendo constantes alterações e modificações.

Assim, como pode o homem dominar o meio que vive? Como pode dominar a si mesmo? A todo momento ele enfrenta situações novas, retém o resultado obtido e o aplica novamente em situação igual ou semelhante. O pensamento é método caracteristicamente humano de resolver problemas.

A aprendizagem e memória são comuns ao homem e animais. Sempre que aprende alguma coisa o indivíduo está, evidentemente, lidando com situação nova, pois se a situação fosse perfeitamente conhecida poderia confiar na memória e não precisaria aprender coisa alguma.

Através da aprendizagem os estímulos adquiridos significados e se tornam indícios de fatos objetivos.

Já dissemos que o indivíduo não é modelado passivamente pelas forças do ambiente, e os produtos de aprendizagem não são entidades estáticas; o indivíduo reage ativamente aos estímulos: e é sendo ativo que aprende.

Existem VARIAS FORMAS DE APRENDIZAGEM, e estas são quase tão amplas quanto os resultados decorrentes dela, e arbitrariamente, as formas de aprendizagem são divididas nas seguintes categorias:

- 1.0) — Aprendizagem por simples condicionamento, ou reflexo condicionado.
- 2.0) — Aprendizagem por ensaio e erro.
- 3.0) — Aprendizagem por imitação
- 4.0) — Aprendizagem por discernimento ("insight")
- 5.0) — Aprendizagem por reflexão (raciocínio)

APRENDIZAGEM POR SIMPLES CONDICIONAMENTO

Respostas condicionadas simples podem ser estabelecidas em crianças recém-nascidas e pos-

sivelmente, até antes do nascimento. Por exemplo: Se desde o momento do nascimento tocarmos uma campainha alguns momentos antes de dar o alimento à criança, regularmente durante um período de 3 a 6 dias, o choro e atividade genérica cessarão. O nascituro abrirá a boca, executando movimentos de sucção ao escutar o som da campainha.

Através dos repetidos para nossos olhos, é possível chegar a produzir uma contração da pupila apenas ao ruído da campainha. Ainda pelo condicionamento é possível produzir a contração ou dilatação através da simples ordem verbal "Contrair" ou "Dilatar", dada por outra pessoa, ou como reação às mesmas palavras ditas pelo próprio indivíduo.

Existem, assim, vários casos de condicionamento. Um cachorro nos vê e ouve quando lhe damos um pontapé ou um tapa, da mesma forma como quando o acariciamos ou alimentamos. Depois o simples fato de nos ver ou ouvir fará o cão encolher o rabo entre as pernas e procurar fugir, ou abanar alegremente a cauda, aproximando-se de nós.

Assim, a "Resposta Condicionada" típica é a reação preparatória involuntária provocada por um sinal que precede regularmente certo importante, isto é, estímulo que provoca resposta final importante para o indivíduo.

Condicionamento de Ordem Superior

Se ver, tocar e provar são ações que acompanham o brincar com, o rolar ou comer uma laranja, "A laranja" passa a significar uma "Coisa a ser Comida", "Uma Coisa que Rola" ou um "Brinquedo", dependendo das experiências que a criança teve com este objeto. Depois a palavra verbal "Laranja" passa a substituir o objeto atual como detentora de significado e determinante do comportamento. Mais tarde, a palavra escrita, associando-se à palavra oral funciona como um substituto por um processo de condicionamento o que denominamos "Condicionamento de Segunda Ordem".

Associando uma palavra "Escrita ou Falada" a outra nova sígnimo da primeira, o significado pode ser transferido de um estímulo secundário a outro, num processo sem fim.

A medida que a criança se desenvolve e assimila um grande número de significados, os condicionamentos de segunda ou terceira ordem (condicionamentos Superiores), passam a ser uma de suas mais importantes formas de aprendizagem.

A Generalização no condicionamento: Outro fato de muita importância é transferência ou "Generalização", que se dá como resultado do condicionamento. Por exemplo: Apresenta-se um rato de brinquedo a uma criança. Quando esta lhe estende a mão para segurá-lo, produz-se um som de grande intensidade.

Sobresaltada, a criança choraminga e se afasta do rato. Depois de várias vezes repetidas, a criança passa a chorar e fugir do rato, quando este lhe é apresentado isoladamente. Assim a criança foi condicionada para sentir "Medo" do rato. Outras experiências mostram que a criança agora teme um coelho, um gato, um cachorrinho um abrigo de peles, e qualquer objeto possuindo alguma característica semelhante ao rato.

Aprendizagem Por Ensaio e Erros

A fim de conhecermos intimamente algum lugar, percorremo-lo de um lado para outro, utilizando os sentidos e combinando locomoção. A fim de conhecermos certo objeto, muitas vezes temos de manejá-lo e fazê-lo funcionar, especialmente tratando-se de um instrumento.

O uso dos instrumentos e manipulação de coisas são observados em muito maior escala entre os seres humanos que os manejam desde a infância, mas os animais não são, absolutamente incapazes de comportamentos semelhantes. Ao invés de usar as mãos (Implicadas no Sentido Estrito da Palavra "Manipular"), o animal pode usar patas, dentes, presas, focinho, bico ou qualquer outra parte do corpo, a fim de mover objetos e chegar a conhecê-los bem. Thorndike realizou várias experiências com macacos e chimpanzés, os quais conseguiram através de vários ensaios e erros, manipulando varas, chegar a aprender a puxar o alimento para dentro da jaula.

Muitos psicólogos, não se satisfazem com experiências em que o animal fica às cegas (O rato no labirinto), por exemplo. Situações desta natureza tem que ser exploradas pouco a pouco e esse longo comportamento de ensaio e erro tem de mais a encobrir que a revelar o processo essencial da aprendizagem e da solução de problemas.

O Rato No Labirinto: Num labirinto constituído por passagens estreitas entre paredes, alguns becos sem saída e um caminho tortuoso que vai sem obstáculos até uma caixa com alimentos, o rato não pode ver muito longe à fren-

te, ao contrário do ser humano, capaz de procurar com um lápis o caminho certo num labirinto desenhado; o rato não tem, inicialmente, qual quer alvo definido. Logo porém, começa a explorar o ambiente, percorrendo as diversas passagens e farejando-lhe todos os pontos. Durante estes e ensaios e erros, chega até a caixa de alimentos e come. Quando colocado novamente no ponto inicial, mostra que já aprendeu algo, pois seu comportamento é menos ocioso, mais apressado, para menos, indolentemente nos becos sem saída. Agora ele já atem um alvo definido.

E se mais de uma tentativa for feita no mesmo dia e com o mesmo labirinto penetra cada vez menos, pelos becos, depois simplesmente hesita à sua entrada antes de continuar a busca e, finalmente, passa por todos eles sem se quer voltar a cabeça. Afinal, passa por todos os becos e corre do ponto de partida até a caixa com alimento.

O ensaio e erro típico envolve 6 elementos: a) Necessidade ou motivo: A natureza da necessidade ou motivo pode variar enormemente, como a fome a sede recuo ante estímulos dolorosos, etc.. Também pode ser uma necessidade de prestígio, tendência a agrupar-se, ou de auto-valorização. Sempre esta presente uma necessidade ou motivo, relevante as recompensas ou castigos que estão envolvidos na situação de aprendizagem. b) O PROBLEMA: está presente em todas as formas de aprendizagem sistemática; é a barreira, a situação problemática, que impede a realização de nossos motivos. Somente quando um obstáculo qualquer nos impede de atingir os objetivos desejados é que o desenvolvimento de novas habilidades, técnicas, informações e significações se torna necessárias. Porém se nossos motivos podem ser realizados, por meio de padrões inatos de comportamento ou por destrezas, hábitos e informações adquiridas anteriormente, não haverá aprendizagem.

c) ATAQUE VARIADO OU ALEATORIO: são as tentativas experimentais, que variam de indivíduo para indivíduo. Se a situação for nova para quem aprende, o ataque será cego, irracional e baseado unicamente no ensaio e erro. Porém se o educando possuir experiências relevantes, que se relacionam com o problema, e se a situação possui algo em comum com algumas condições antes experimentadas, poderá formular uma espécie de "hipótese" e agir de acordo com esta e abreviando assim o processo de aprendizagem.

d) ACERTO ACIDENTAL: às vezes o objeto é alcançado por uma série de atividades desconexas, uma das quais poderá ser correta. Em certas ocasiões porém, o mesmo resultado é atingido através de hipóteses planejadas e que são sistematicamente exploradas, provando que um é totalmente ou parcialmente correta.

O condicionamento instrumental e a aprendizagem por ensaio e erro são em grande parte, controlados pelo reforçamento (recompensa). As vezes, como ocorre no adrestamento de animais e até certo ponto, de crianças, os castigos e recompensas são aplicados de modo arbitrários, mas predeterminado, com o objetivo de eliminar ou fixar determinadas respostas.

e) SELEÇÃO E ELIMINAÇÃO — consiste em selecionar as respostas, eliminando as que são desagradáveis nem úteis para obter recompensas ou evitar castigos, e mantendo e fixando aquelas que são satisfatórias ao indivíduo.

f) INTEGRAÇÃO E COORDENAÇÃO: consiste em integrar e coordenar as reações escolhidas num processo unificado e de bom funcionamento.

Envolvendo essas seis fases, temos o seguinte exemplo de aprendizagem por ensaio e erro: a criança que deseja companhia (necessidade ou motivo gregário) se vê repelida pelas crianças do grupo (situação problemática); realiza, então, uma série de abordagens variadas (ataque variável). A criança tenta forçar sua entrada no grupo; Chora, pede, ameaça, lisongeia ou tenta subornar os companheiros. Uma dessas respostas é bem sucedida pelo menos em parte (sucesso acidental). O padrão de comportamento eficiente tende a se fixar e ser repetido como mecanismo de ajustamento (seleção e eliminação). As reações mais satisfatórias se integram e se transformam em atributos de personalidade (integração).

O padrão ensaio e erro opera, provavelmente, na maioria das situações complexas de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA:
PSICOLOGIA EDUCACIONAL — SAWREY E TELFORD
PSICOLOGIA — HENRI GARRETT
PSICOLOGIA — ROBERT S. WOODWORTH E DONLD G. MARQUIS
JULIETA SALOMAO JACOB

SEU FILHO JA' APRENDEU A LER?

LINA P.C. DOLL

Alguma vez, você que tem um filho em idade pré-escolar, teria feito a si mesmo a pergunta: como meu filho será alfabetizado?

Teria porventura obtido uma resposta satisfatória, ao ponto de tranquilizar-se quanto a este problema?

Eis pois algumas palavras, que despretençiosamente poderão lhe dar certa segurança ao colocar seu filho nesta ou naquela Escola.

Muitos atestam para a crítica destrutiva sobre determinadas cartilhas ou pré-livros sem contudo possuir argumentação que convença aos pouco informados do assunto. Apesar de não con venceram já amedrontam os pais responsáveis pela educação dos filhos, e logo, surgida a dúvida, procurarão matriculá-los com "uma professora" que use a mesma cartilha usada para alfabetizar seus ancestrais. Mal ou pouco orientados é claro e lícito, que os pais não queiram "arriscar" um ano de escolaridade do filho. Como educadores poderemos esclarecer-lhes a dúvida que paira em quase todos os lares.

Tendo sido estudado o modo de a criança perceber alguma coisa, chegou-se à conclusão de que ela percebe inicialmente o "todo", de maneira nebulosa e confusa. A medida que ela entra em contacto com esta mesma coisa, ou vai se familiarizando com o objeto, sua capacidade interpretativa se torna mais ampla e precisa e, por um processo de análise, as partes do todo passam a ser percebidas. Porém, o relacionamento destas partes é que constitui a unidade, o todo. Separadamente, cada parte nada significa. Exemplificando poderemos apresentar um grupo de letras: t, b, l, a, cada destes símbolos gráficos nada significa. No entanto se apresentados numa situação total se constituirão como elementos indispensáveis à unidade do todo.

Colocando-as em ordem obteremos a palavra **telha**. Ao apresentarmos à criança esta palavra associada ao objeto, estaremos atendendo às exigências de sua natureza. Em 1.º lugar estamos apresentando a palavra e não letras isoladas, em 2.º lugar, algo que para ela tem "significação", é concreto.

Ao iniciarmos a alfabetização da criança pela cartilha do **Baba**, estaremos contrariando a sua natureza perceptiva.

Dirão então os pais: — Como pode a criança ler uma oração ou palavra se não conhece as letras?

Ao iniciar-se a alfabetização a criança reconhecerá "Olhe a chácara" como um todo significativo, que possui forma, uma configuração. Ela verá aquela oração acima: "Olhe a chácara", dentro de um gradiente.

Além desta fundamentação psicológica baseada na Gestalt, corrente alemã encontramos justificativas pedagógicas, na aplicação do método global na alfabetização.

Ao apresentarmos um conto como recurso motivador da classe para a aula que se segue, e dando à criança oportunidade de reconhecer que o que está sendo contado também será lido ou escrito, estaremos dando a ela bagagem de experiências necessárias à aprendizagem da leitura. Neste período as experiências levam a criança a aprender a ler. E, tudo o que estiver sendo dado não deixa de fazer parte de "suas vivências".

Caso não haja possibilidade de recursos imediatos para a formulação de conceitos, o professor lança mão de representações, modelagens, desenhos e dramatização com frequência.

Os pré-livros são ricos em experiências que correspondem largamente aos interesses da criança. Enriquecem por este motivo, o vocabulário infantil, desenvolvem com grande rapidez a habilidade de expressão oral e estimulam a capacidade criadora.

Fisiologicamente o método global se justifica. Na fisiologia do ato de ler, sabemos que os olhos lêem por palavras e não por letras ou sílabas e a amplitude visual se torna mais desenvolvida pela leitura de palavras ou orações.

Dada a fundamentação do uso do método global virá outra pergunta dos pais:

— Quanto tempo dura a cartilha? Em quanto tempo a criança é alfabetizada. Comparando-se com as cartilhas antigas, as do método global exigem mais tempo para serem vencidas. Por este método a criança deve vencer as dificuldades em um ano escolar. Dirão então: Se a outra

alfabetiza em menos tempo, vamos a ela...

Mas a rapidez não corresponde à melhor preparação da criança para a leitura. Pois, voltando a analisar as vantagens do método global, poderão encontrar o reverso para o método sintético. E aprender pelas letras do alfabeto não é o mais simples.

O que é simples para o adulto não o é para a criança. A letra para ela nada significa enquanto as palavras ou orações são a expressão do pensamento — são algo significativo.

Se você que é pai, leu este ensaio, procure refletir e verá que tudo muda, que a nossa época é de evolução e que a educação e instrução acompanhando esta marcha não podem marchar a passos lentos. Procurem pensar, pais de família e decidam-se...

CRIATIVIDADE NO SUPERLATIVO — GREGOS GRÉCIA

Arlete Piai Silva

GRÉCIA

A Grécia atinge seu máximo esplendor no século V A.C., também chamado século de Péricles ou ainda "Idade de Ouro".

Presencia-se na Grécia a verdadeira liberdade de espírito levada até suas últimas consequências, produzindo seus frutos pela autêntica criatividade do homem.

Deparamos aqui com a "Verdadeira Democracia" (em relação à orgânica política).

No âmbito educacional o processo ensino-aprendizagem visa a formação integral da personalidade do educando e a melhor adaptação do educando ao meio (concepção esta tão ampla quanto a nossa).

As aulas eram ministradas ao som da lira, onde mestre e discípulos discutiam, concluíam, aplicavam conhecimentos.

A arte aparece na Grécia pela primeira vez personificada perdendo o caráter anônimo e coletivo das civilizações orientais.

Há a plena libertação da consciência do artista tão capaz de revelar a nudez não como uma vergonha, mas como uma verdadeira arte.

Enfim, aprioristicamente, podemos afirmar: a Grécia é o primeiro produto da inteira libertação da consciência individual.

Mas o que condicionou tal desenvolvimento?

Trata-se de uma raça pura?

Povo predestinado?

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Os primeiros povos que habitaram a Grécia foram os "pelasgos" (primitivo homem grego).

Em seus primórdios, a história da Grécia está ligada a história de Creta, ilha situada no Mediterrâneo, não muito distante da Grécia.

Seu povo era evoluído e adiantado, possuía frota marítima e através dela comerciava com os outros povos.

Dentre estes estão os pelasgos que sofreram o fenômeno de aculturação com Creta, onde houve consequente evolução.

Continuando o correr dos séculos, há uma invasão na Grécia por povos indo-europeus, os "Aqueus", advindo consequentemente uma nova estruturação social ficando os Aqueus, no ápice da pirâmide e os pelasgos na base, há a fusão da cultura e a formação da "Civilização Aquéia".

A evolução continua e posteriormente há novas invasões na Grécia das quais serão comentadas as que exerceram grande influência na situação política-social-econômica da Grécia. Assim, na Península do Peloponeso houve concentração dos Dórios, outro povo indo-europeu e em Esparta, situada nesta mesma região ou melhor da R. Lacônia.

Houve agora outra nova estratificação social, ficando consequentemente os Dórios no ápice da pirâmide e os Aqueus na base. Na península da Atica houve concentração dos Eólios e Jônios, povos centro-europeus e daqui decorre nova estruturação social: os eólios e Jônios no ápice da pirâmide e os aqueus na base. Notamos então que a história da Grécia não é a história de um único povo, de uma raça pura, sim

de um mosaico de grupos que fundamentaram um desenvolvimento estrutural.

CIDADES ESTADOS — FATORES GEOGRÁFICOS

Os fatores geográficos muito influem na evolução de um povo. Na Grécia o clima era seco, sem muitas chuvas, o que favoreceu o uso de teatros ao ar livre.

A terra pedregosa e estéril, dificultou a agricultura, trouxe o pastoreio de ovelhas e as plantações de oliveiras. O mar favoreceu uma costa recortada e incrustada de ilhas possibilitando o grande desenvolvimento da Grécia na navegação decorrendo a tendência do hábil guerreiro marítimo e do comerciante do mar. Também de grande importância foi o relevo da Grécia: montanhosa e acidental. Saliência e reentrâncias se sucediam, formando cidades isoladas. Cada cidade-estado era portanto totalmente independente da outra no tocante aos aspectos político-social-econômico-religioso. Tão independente eram que quando um indivíduo de uma determinada cidade da Grécia fosse para outra, lá ele era considerado estrangeiro (meteco). As cidades-estados gregas com o evoluir tornaram-se consideravelmente democráticas como Atenas que pode ser considerada como o protótipo da democracia na Grécia. Acontece porém que Esparta situada na região da Lacônia teve um desenvolvimento totalmente antagônico em relação a Atenas e as demais cidades-estados de uma maneira geral. Será feita a abordagem destas duas cidades estados mostrando o caráter democrático de Atenas e suas consequências na formação do espírito de um povo livre. A abordagem de Esparta: militarista, despota, tirânica, também com suas consequências.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE ESPARTA

Ficava situada na península do Peloponeso, na região chamada Lacônia e era fechada em vales, possuindo costas em falésias. Disto percebemos menor possibilidade de vivência social, fator que contribui para o sociocentrismo exacerbado.

SOCIEDADE

Era a seguinte a estratificação social em Esparta:

Cidadãos — eram os vencedores dórios, ficavam no ápice da pirâmide social e constituía a minoria.

Periecos virham logo após a classe dominante, eram os aqueus que colaboraram com os dórios na invasão. Os Ilotas eram aqueus que não haviam colaborados na invasão dos dórios. A minoria aristocrática possuía todos os direitos civis e militares, os periecos possuíam terras estéreis, eram livres, se dedicavam ao comércio, (praticamente marginais) o ilotas eram proprietários ou escravos do estado.

EVOLUÇÃO POLÍTICA

A evolução política em Esparta foi muito mais pobre em valores e menos profunda que em Atenas. No limiar de sua existência, Esparta possuía um governo baseado na realeza puramente nominal e acessorada por um conselho. Com a invasão dos dórios vai haver uma nova estrutura social de classes (como já foi comentado) e vai processar uma mudança no sistema político. Tendo conquistado pela força a Lacônia, os povos dórios procuraram manter sempre seu domínio pela força. Surge então a formação de uma aristocracia militar que procura a subordinação integral do homem aos interesses do estado. Há implantação da realeza dual-coadjuvada por três conselhos: Gerusia, Apela, Eforos que exerciam o poder legislativo, executivo, judiciário. Tinham domínio total na vida política-econômica de Esparta e subordinavam toda educação aos interesses do estado. Assim permaneceu a orgânica política de Esparta através dos tempos onde o povo nada mais era do que peças de uma grande máquina: "A cidade Estado".

EDUCAÇÃO

Vista a concepção política, obviamente podemos concluir o objetivo educacional espartano: atingir a maior perfeição física, coragem e hábito de obediência completa às leis, o homem deveria ser transformado num soldado ideal, insuperável na bravura. Foi o mais bem sucedido dos planos extremos de educação por imposição. As crianças recém-nascidas que fossem débeis deveriam ser mortas logo após o nascimento, para não vir deturpar mais tarde a raça do soldado perfeito. A educação na pri-

meira e segunda infância era realizada pela família já sob fiscalização do estado. Aos 7 anos a criança tornava-se propriedade do estado que era encarregado de sua educação (físico por excelência).

Os exercícios que as crianças executavam eram tão brutos que muitos periciam antes de atingir a adolescência. Estes fatores justificam o declínio demográfico de Esparta. No que refere à educação intelectual parece que o povo desconhecia até mesmo o alfabeto. As ciências e artes não eram apreciadas. A educação moral tinha por finalidade tornar o indivíduo bruto, indiferente ao sofrimento, amante fiel da submissão. Este tipo tirânico de educação não evoluiu, houve cristalização de seus princípios e leis através dos tempos. No referente à política Esparta é o exemplo de uma aristocracia militar atirando com suas mãos férreas sobre as massas. No âmbito educacional Esparta nada nos deixou de fecundo. Não sentimos aqui a criatividade do homem, o que realmente não poderia haver nestas circunstâncias, pois a ausência absoluta de liberdades seca a fonte de energia espiritual.

ATENAS

Embora Atenas tenha sido uma "cidade-Estado" democrática por excelência, soberana pelo espírito de criação de seu povo, devemos não esquecer que ela evoluiu através dos tempos até atingir sua máxima plenitude. Diferentemente de Esparta, pois Atenas não permanece com formas estereotipadas, mumificadas, mas foi sempre maleável às rovas exigências do homem.

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE ATENAS

Situava-se na península da Atica, cujo litoral era favorável às navegações. Nota-se pois a oportunidade da formação do espírito cosmopolitano pela oportunidade de relações sociais com os estrangeiros. A sociedade em seu limiar estruturou-se em 3 classes: os eupátridas (minoridade dominante), ocupavam altos cargos políticos e do exército. Os plebeus — homens livres e os escravos que não podiam ser vendidos. Havia ainda os metecos que eram os cidadãos estrangeiros.

EVOLUÇÃO POLITICA

Em Atenas o regime político inicial era monárquico de um rei não faustoso que era assessorado por um conselho. Há a queda da monarquia numa guerra travada entre aqueus e eólios e jônios, trazendo mudança na orgânica política social de Atenas. A queda da monarquia leva ao aparecimento da aristocracia, oligarquia ou arcontado. Esse sistema era constituído de nove arcontes e uma assembléa adjunta — o areópago — formada de ex-arcontes, funcionava como tribunal cujos membros possuíam as melhores terras e exerciam os melhores cargos. Como percebemos, há o domínio de uma aristocracia que fomenta a orgânica política e dela advem estruturação econômica e social. Há reação do povo ateniense que não se resigna a este regime: surgem lutas de classe com reivindicações dos plebeus. Para por fim ao derrame de sangue, Dracon é levado ao poder para sanar aquelas situações de lutas internas. Dracon

aplica 3 postulados: 1) severidade das leis; 2) igualdade de todos diante das leis; 3) codificação e escrita delas. Mais uma vez o despotismo não funciona, os atenienses desprezavam as imposições rígidas. Atenas apela para outro legislador: Sólon, homem de saber, poeta e filósofo. Sólon, tendo intenção de começar vida nova, faz com que todas as dívidas fiquem perdoadas, dando ensejo a um novo estágio de desenvolvimento em Atenas. Fêz também aprovação das leis que permitissem a circulação de propriedades entre nobres e plebeus. Transformou assim o governo num regime mais democrático. Ainda Sólon diminuiu a autoridade paterna não permitindo que os filhos sejam obrigados a trabalhar em excesso, nem vendidos como escravos ou dados pagos esse caso de dívidas.

Para criar um clima de maior entendimento e união da cidade, chama os exilados da pátria, aqueles que perturbavam a paz pública e que foram afastados por 10 anos. Sólon acreditava tanto no sucesso de suas mudanças que partiu em viagem enperado que cessaram lutas de classes. Surgem novas agitações originadas especialmente da ambição dos nobres. Dos conflitos, Pisistrato apodera-se do poder e governa como um tirano, ajuda bastante no aspecto cultural. Sonhando fazer dinastia deixa seus dois filhos Hipias e Hiparco. Hiparco foi assassinado, Hipias, muito cruel, foi deposto pela rebreza de Atenas. Surge então Clístenes, dando a última machadada no sistema aristocrático.

Clístenes é quem estabelece os verdadeiros fundamentos de uma democracia que vai culminar com Péricles. Com Clístenes todos os cidadãos podiam participar de todos os cargos, todos eram iguais diante das leis. Foi a elevação dos direitos humanos. Ele cria o maior marco da democracia no mundo: A Eclésia. A eclésia era a reunião de todos os cidadãos em praça pública, onde votavam as leis. Paira sobre Atenas a paz, a união, e impera a democracia, tipo de governo que vai ser copiado por outras cidades gregas. Com Péricles (séc. V A.C.) atingimos a chamada "Idade de Ouro" em Atenas. As sementes lançadas no governo de Sólon e Clístenes atinge seu ponto ótimo de amadurecimento — Passa a haver a unificação moral e social da cidade, que faz desaparecer todas as diferenças entre ricos e pobres. Nobres e plebeus se sentem ligados por um sentimento superior aos de seus particularismos egoístas: a solidariedade humana em face de um destino comum — base de toda verdadeira democracia — que representa a maior realização política da antiguidade. Embora não seja absolutamente perfeita a democracia de Atenas, ela foi capaz de oferecer a soberania do povo, forma de se exprimir e exercer. O clima político-social-econômico, oferece toda sorte de oportunidades para o estouro dos gênios. Sim, chegamos ao ponto ótimo de amadurecimento da sociedade ateniense. E o grego encontrou-se. Libertou-se. Tudo que era latente jorrou na criação do grego. O gênio apareceu livremente, sem peias, sem preconceitos.

Todas as manifestações artísticas inclusive a literatura e as próprias manifestações do pensamento abstrato encontraram entre os gregos neste período plena confirmação.

A literatura grega abre-se com duas obras

primas: a *Iliada* e a *Odisséia*, melhor poderemos dizer os "Poemas Homéricos".

Manifesta-se essencialmente pela poesia e é constituída pelas canções. O ritmo destas canções resulta da combinação em alternativa de sílabas longas e breves, é introduzido na poesia um elemento musical, que nunca mais se perderá.

No século VI a literatura passa a individualizar-se multiplicando por todo o mundo grego. Sua maior fonte de expressão foi o teatro; a mais alta manifestação literária do gênio grego.

A cerâmica foi amplamente desenvolvida em Atenas, conservando magníficos exemplares, alguns assirados por Eufrônio, o mestre ceramista mais notável da antiguidade grega. A nova técnica foi iniciada por ele posteriormente aperfeiçoada.

Geralmente nos vasos de cerâmica sobressaem graciosa e harmoniosamente cenas familiares e mitológicas.

A arquitetura e a escultura grega desenvolveram-se a par. O grande mérito da arquitetura foi o encorajamento da escultura, o escultor tinha como principal função o ornamento das grandes obras arquitetônicas.

O preconceito oriental introduzido na arte jônica, que levava a vestir as figuras reproduzidas acaba por ser vencido e por toda a Grécia canta a arte dos deuses na harmonia do corpo humano. Só o bárbaro, diz o grego, tem vergonha da nudez.

Esta liberdade deu origem a duas escolas de arquitetura: dórica e jônica. Na primeira predomina o nu masculino cujo conjunto é mais severo e pesado. Na segunda reproduz-se feminina mais imaginosa e delicada.

Temos muita criação grega também no campo da ciência, entre as quais podemos destacar a medicina, onde a arte de curar era estudada na sua realidade concreta e multiforme. Hipócrates iniciou na Grécia há 2.500 anos a medicina moderna.

O mundo foi ainda presenteado pela especulação filosófica grega. O pensamento filosófico grego é de valor inexaurível para a humanidade.

Eis aqui, em linhas gerais aquilo que é popularmente chamado "o milagre grego". "O milagre grego" (devido suas criações) nada mais é que a liberdade de espírito conseguida por este povo e levada até sua culminância, acompanhada por um profundo espírito de responsabilidade e de uma forte educação política.

Muitos são os fatores contribuintes para tal formação do grego como podemos concluir: o clima, a situação geográfica de encruzilhada por onde passam todos os caminhos do mundo antigo favorecendo o contato do grego com povos das mais variadas correntes de pensamento. A evolução social, ainda o que é mais importante: "A Democracia" e o verdadeiro espírito democrático. Sem ela tudo isto não seria possível. Percebemos que em Esparta o povo ficou canalizado pelo brusco regime militar ali reinante e a criatividade de seu povo foi nula. A ausência absoluta de liberdade como notamos seca a fonte de energia espiritual do homem.

Mas o ateniense é "livre", como "livre" é quase todo povo grego, e encontrando-se a si mesmo passa ser o amante fiel e desinteressado do saber.

Daí, todas as realizações...

Apartir de 9 de abril

Conhecer-Série Azul estará à venda em todas as bancas da Agência Lima.

Atendendo a milhares de pedidos vindos de todas as partes do Brasil, a Abril Cultura, resolveu reeditar, desde o primeiro fascículo, todos os números de Conhecer.

Assim, você também terá uma nova oportunidade de colecionar esta maravilhosa enciclopédia, que todas as semanas está à venda nas bancas de jornais.

Eis alguns dos assuntos que você encontrará logo nos primeiros fascículos de Conhecer — Série Azul:

O Sistema Solar — O Corpo Humano — Aparelho Circulatório — Cristais — A Guerra de Secessão — Giuseppe Verdi — O Átomo — O Planeta Terra — Os Primeiros Navios a Vapor — Brasil: Povoamento e Relêvo — Conhecer — Série Azul é a oportunidade que você esperava para colecionar desde o início todos os fascículos de Conhecer. Não vá perdê-la!



O JORNAL AO LADO DA EDUCAÇÃO

Por que "O IMPARCIAL" atendeu ao apêlo de um grupo de jovens professôres para publicar um suplemento dedicado ao ensino?

Apenas o desejo de enfileirar o jornal na batalha pelo desenvolvimento cultural da nossa juventude. Nada mais.

Divulgar noticia não é privilégio de jornal. Há u'a máquina no campo da divulgação — rádio e televisão — que ao lado do jornal, massacram ouvintes e leitores com o noticiário que o dia-a-dia proporciona em todos os campos da humanidade.

Cumpre-se ai o objetivo fundamental da informação contido no manual de qualquer curso de jornalismo.

Mas a educação do povo? Na luta pela sobrevivência, na concorrência dos mercados nem sempre os veiculos têm espaço ou horarios para dedicar à educação das massas. Daí o motivo essencial pelo qual êste jornal, sem embargo das dificuldades impostas pela limitação dos recursos gráficos, se propôs a publicação dêste suplemento dedicado à juventude de nossa terra.

Quando escasseiam as fontes de consultas ou quando mais encarecem as produções didáticas, surgiu a luminosa idéia de uma plêia de jovens professôres, ao enfeixar nêste encarte jornalístico uma sùmula dos assuntos abordados em aulas.

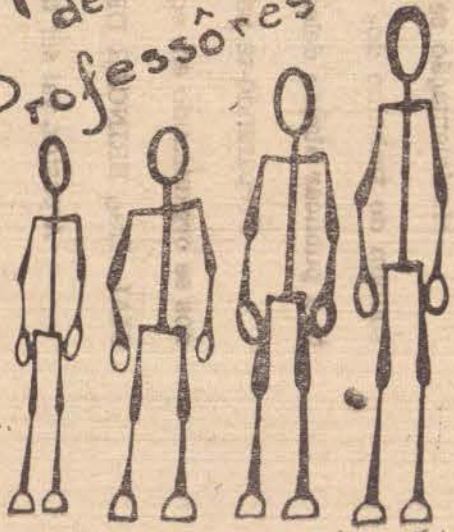
O jornal acredita que esteja cumprindo a sua função.

O IMPARCIAL

Suplemento Educacional

Ano I — N.º 4 — Direção do Prof. J. E. Campello Presidente Prudente, 21 de abril de 1.968

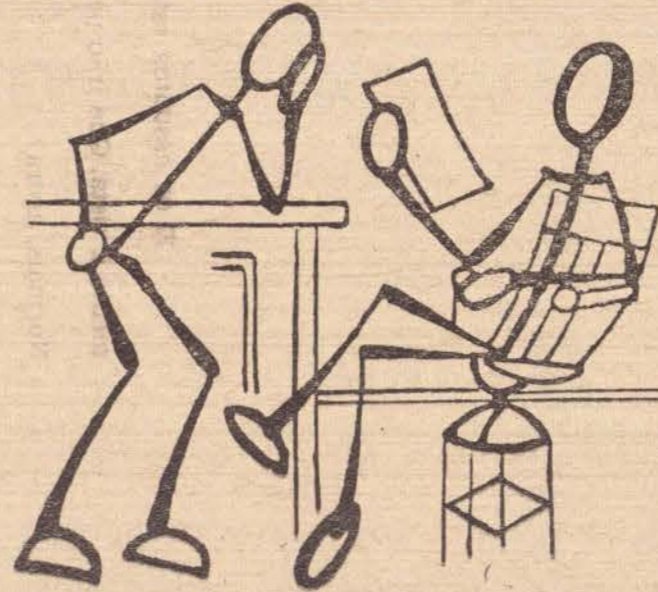
Tipos de Professores



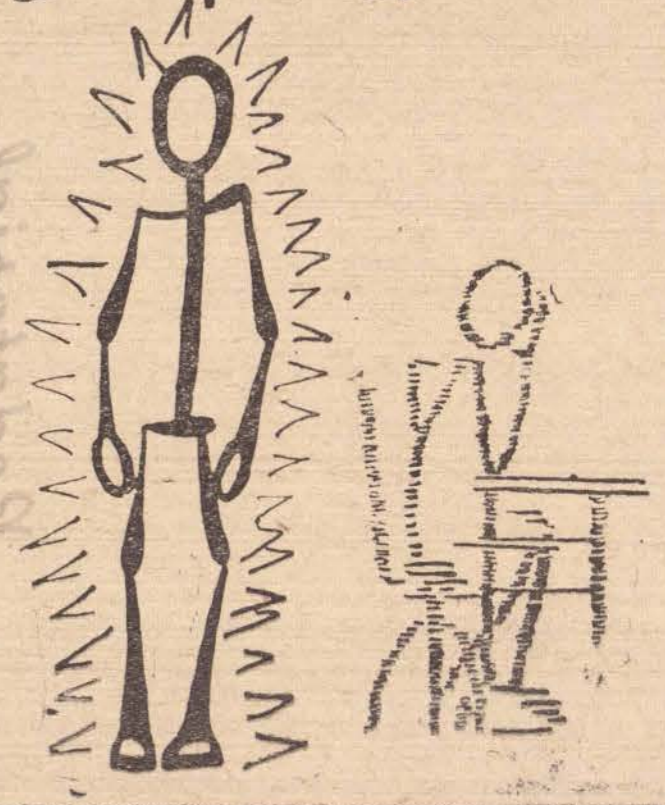
O orador



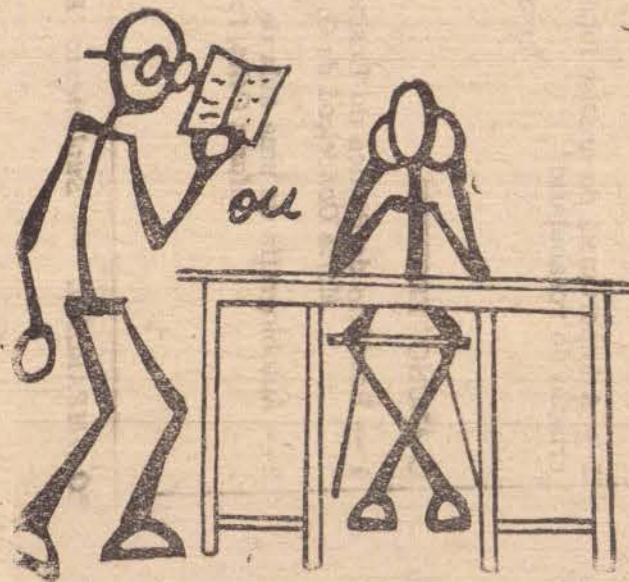
O comodista



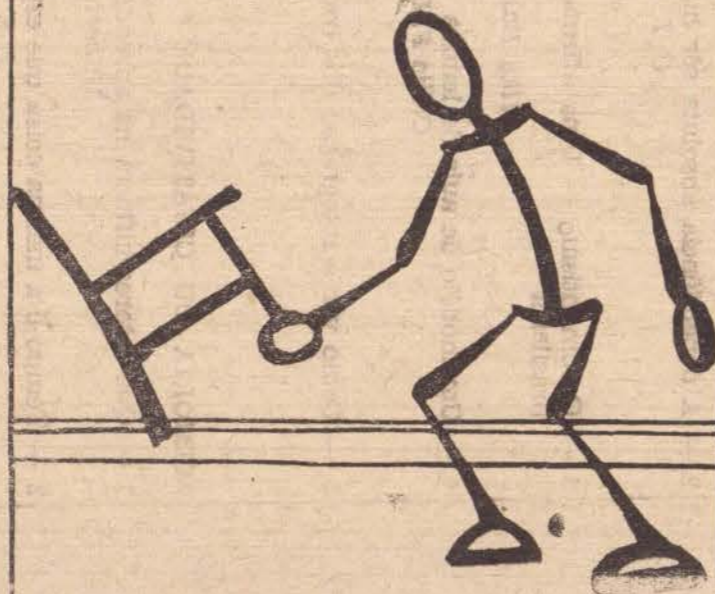
O simpático



O pensador



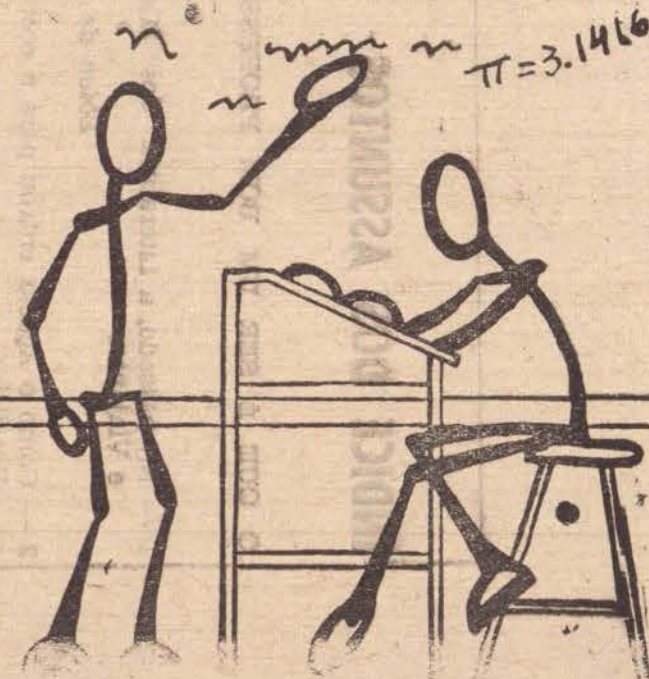
O exibicionista



O falso



O professor "de verdade"



INDICE DOS ASSUNTOS

O QUE É SER UM BOM PROFESSOR ?

- 1 — No passado, a Literatura dos Missionários e Viajantes
Ébion de Lima
- 2 — Como o Açúcar entrou para a economia Brasileira
Irene Inocentini
página 3
- 3 — O gado, antes uma atividade secundária
Maria Lygia M. Moreira
- 4 — O carvão, êsse desconhecido
Silvio Fróis Abreu
página 4
- 5 — Como os seres vivos se relacionam?
Willy Beçak
página 5
- 6 — A pedagogia é ciência e arte da educação
Maria Carmem Rubi Iuan
- 7 — O bom professor e a psicologia
Paschoal Quaglio
página 6

DO ÔVO A CIVILIZAÇÃO

- 1 — Como é a natureza humana
Diva Guimarães Maia
- 2 — A dependência absoluta sér humano
C. I. Landstrom
página 7
- 3 — O romantismo -- Uma afirmação da índole brasileira
Ilka Bastos Piolla
- 4 — Um modelo de aula de leitura
Clélia F. Lobo Tinti
página 8
- 5 — Como ver a integração dos conhecimentos ?
sugestões
página 9

MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE ?

- 1 — Que fatores influem na aprendizagem ?
Gilberto C. Iuan
- 2 — Tempo é a mesma coisa que espaço?
J. E. Campelo
- 3 — A importância da análise fonética na criação do vocabulário.
Lina P. C. Doll
página 10

O ALUNO ESCREVE

- 1 — Relatório de Prática do Ensino
Maria Conceição de O. Kesrouani
- 2 — Autobiografia de uma aula de leitura
Maria Célia, Ivete, Anisia
página 11

Redatorial

E os assuntos estão se esgotando. Um novo planejamento à vista. Que irão pesquisar os alunos de nossas Escolas Normais, agora?

A integração das áreas começa a aparecer:

"Eu sei que estou fazendo um trabalho, mas não sei de que matéria e para qual professor devo entregar", disse um aluno. Tudo parece igual".

A Cultura é formalmente dividida em *ciência*, mas os conhecimentos se relacionam de muito tempo. Nós é que não estamos acostumados a ver os assuntos dessa maneira. Para o aluno, compreendemos, é uma mudança brusca na forma de aprender e estudar. Antes agora, do que dizer mais tarde que não sabia ou que "o meu professor de Psicologia nunca falou nisso".

O "Ponto" não existe mais, NUNCA EXISTIU na vida prática.

Movimentação se faz nas classes; resultados se apresentam do trabalho dos alunos. Começamos neste suplemento a publicar alguns deles.

Preparando-se para a grande síntese já estão os alunos se organizando em equipes para a I GINKANA O IMPARCIAL. Irão BRINCAR DE ESTUDAR.

A postos, vai ser dada a partida.



O que é ser um bom professor?

A realidade brasileira é vista aqui no passado e presente.

No passado (português), vemos a pobreza de nossa literatura e a dificuldade de informações literárias daquela época. As primeiras manifestações econômicas da colônia aparecem com o açúcar de intensa produtividade naquela época ao lado da criação do gado bastante desconsiderada e que hoje ocupa a posição inversa na economia brasileira. Uma realidade de mudança.

O presente nos oferece um estudo do sub-solo brasileiro colocando o carvão como uma de suas riquezas.

Nos aspectos profissionais de um bom professor, mostra-se aqui o valor do, conhecimento da relação entre os seres, importância da psicologia e ainda mais se os professores são técnicos ou artistas.

No passado, a Literatura dos Missionários e Viajantes

Ébion de Lima

O ano de 1549 marca a data da chegada ao Brasil, dos primeiros jesuítas chefiados por Manoel da Nóbrega e que, a pedido de D. João III, vinham com a finalidade de catequizar o indígena.

A necessidade da catequese se fez sentir com urgência tão logo a Coroa percebeu que não poderia confiar o desenvolvimento da terra tão somente aos seus capitães-mores que dirigiam os imigrantes, dos quais grande maioria aqui vinha para permanecer passageiramente, a fim de conseguir meios de concretização dos sonhos arraigados em Portugal. Ajunte-se a isso o fato de grande parte desses colonos ser de baixa classe social, havendo entre eles até criminosos. Por outro lado, os indígenas, além da indiferença com que encaravam a colonização e de sua indole afeita à indisciplina própria de incivilizados, viviam em lutas entre si, o que não propiciava uma ordem social necessária ao bom desenvolvimento da terra. Gândavo, em seu *Tratado*, não acentua ingênuo que, às vezes, o caracterizado, relata e explica curiosamente a insubordinação dos índios nestes termos: A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras — scilicet, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente.

Aqui chegados, os missionários acertadamente procuraram se identificar com os costumes indígenas e conseguir o meio mais fácil de atingir sua apostólica finalidade. Aprenderam o tupi. Aderiram ao ritmo da dança e da música dos catequizados submissos àquela lei da congregação a que se refere Serafim Leite: Uma das regras da Companhia de Jesus é que todos aprendam a língua da terra onde residem se não vierem que é mais útil a sua própria. O ensino da língua tupi substituiu então o ensino do grego nas escolas brasileiras. Para tal concorreram então a *Arte da Gramática de Anchieta* como a *Arte da Língua Brasileira*, que se deve a Luís Figueira, ambas impressas em Lisboa, nos anos de 1595 e 1621, respectivamente.

Os missionários viram no teatro alegórico de fundo moralizante o meio mais fácil e intuitivo de captar a atenção daquelas mentalidades rudes. Essa atitude, porém, por várias vezes recebeu a censura de Roma e inclusive de autori-

dades eclesiásticas locais. Cite-se o fato de o bispo Fernandes Sardinha ter desaprovado com rigidez a introdução de instrumentos indígenas no culto divino.

O teatro foi, então, uma das primeiras manifestações culturais aqui radicadas. Veio de encontro à facilidade do indígena para a dramatização, ao seu gosto pela música e pela dança e aos seus dotes oratórios e repentísticos, como ressalta Cardim.

O teatro jesuítico tem suas raízes naquele filão que se inicia pelo século XII em França — quando se representavam os mistérios e os milagres nos adros das igrejas — passa pela Espanha — principalmente com Tórrres Navarro e Rui del Encina, a quem se devem os autos — e vem culminar em Gil Vicente que, com seu teatro, marca um ponto de convergência entre a idade média e o Classicismo, onde, entre, outras, abundam obras de caráter religioso e quase sempre didático.

A primeira composição teatral dos jesuítas — embora não tenha sido a primeira a ser representada — foi, ao que parece, o *Auto da Pregação Universal*, de Anchieta. Serafim Leite situa o nascimento dessa peça entre os anos de 1567 e 1570.

A finalidade do Teatro jesuítico se confunde, em parte, com a mesma finalidade da catequese. Sintoniza com a teologia horaciana da Literatura: *docere et delectare*. Enquanto, diverte, ensina ao indígena e recorda ao colono embrutecido aqueles princípios básicos da religião. As línguas usadas eram o tupi, o espanhol, o português e o latim. Muitas peças eram bilíngues e trilingues. As personagens, alegóricas, eram os santos, os demônios e as entidades mitológicas indígenas.

A chegada de personalidades importantes, as festas dos santos, o término do ano escolar, a recepção de reliquias ou imagens veneráveis ofereciam pretexto para as representações, que se realizavam, ora nos colégios, ora em praça pública. Como se pode conceber com facilidade, no início não houve preocupação estética, mormente naquelas peças que eram levadas à cena em praças públicas. As representações efetuadas nos colégios já eram mais cuidadas do ponto de vista artístico.

Dentre as comédias e tragédias, o auto se distingue como uma das espécies mais utilizadas. Compunham-no elementos da fauna, da flora, dos costumes indígenas, dos dogmas ou da hagiografia católica. Um dos autos mais importantes, dentre os representados no século XVI, está o das *Onze Mil Virgens*.

Ao lado do teatro, outros gêneros cultivados no século foram a crônica, a epistolografia e a poesia.

Na poesia, enquanto inicia no Brasil um elo daquela grande corrente poética do Camonianismo, que encontra continuadores até em nossa época, Bento Teixeira marca um ponto de sintonia com a poética vazia, laudatória e repleta

de lisonjas que, por certo tempo, foi tão intensamente praticada na metrópole.

A crônica e a epistolografia têm interesse meramente cultural e histórico, não literário. Sua finalidade era utilitária pois convinha que, conhecidas as belezas da terra virgem por explorar, para cá acorressem, em levas, os imigrantes dispostos a enriquecer, proporcionando à Coroa o desenvolvimento da colônia. Contêm importantes valores enquanto documento da realidade nacional em nossa primeira infância política, econômica e social.

De Lima, Ébion — *Lições de Literatura Brasileira* — Livraria Editória Salesiana, 3.a ed., 1965.

Come o Açúcar entrou para a Economia Brasileira

Irene Inocentini

A cana de açúcar, devido às exigências de clima, é um produto das regiões tropicais. Com algumas variações regionais verifica-se que no hemisfério norte o paralelo de 30 graus delimita as áreas de cana de açúcar e de beterraba.

Vamos colocar os países no quadro correspondente à sua participação do comércio internacional do açúcar:

- I — Países onde o açúcar é um dos principais produtos de exportação: Cuba, Java, Formosa, Filipinas, Havaí, Martinica, etc.
- II — Países que exportam apenas seus excedentes: Austrália, Polónia, Brasil, Bélgica, Alemanha, etc.
- III — Países que se bastam a si mesmos: França, Portugal, Itália, Japão, Índia, etc.
- IV — Países que completam sua produção doméstica insuficiente com importações: Inglaterra, Canadá, Suíça, China, Suécia, Irlanda, Egito, etc.
- V — Pequenos países que dependem quase inteiramente de importação: Chile, Uruguai, Finlândia, Grécia, etc.

Provavelmente oriunda da Madeira a cana parece ter sido cultivada no Brasil já antes de Martim A. de Souza ter fundado um engenho em São Vicente pois em 1526 sabe-se que em Lisboa havia imposto alfandegário sobre o açúcar brasileiro lá entrado. Como o açúcar era o produto mais lucrativo da colônia, logo os donatários se empenhavam em, ao mesmo tempo que povoavam seus quinhões, plantar cana e fabricar açúcar. Por volta de 1.600 o Brasil já era o maior produtor de açúcar no mundo.

(conclui na página seguinte)

Em Pernambuco e Bahia ficavam os engenhos mais importantes. A fabricação do açúcar foi aperfeiçoada com um novo tipo de engenho vindo do Peru. Os engenhos eram movidos a água, por bois ou escravos, e localizavam-se perto ou mais longe do mar.

Os "engenhos reais" possuíam grandes canaviais, lenha abundante, bois, barcos, escravos moendas, tachos de cobre, formas de barro, casas de purgar, feitores e mestres de açúcar. O funcionamento de um engenho requeria capital grande e a safra era remetida diretamente para Portugal em troca de produtos manufaturados como vinho azeite, farinha de trigo.

A produção de açúcar feito nas engenhocas era vendida aos comerciantes do porto mais próximo. Vários fatores contribuíram para que o açúcar brasileiro sofresse impactos:

I — A invasão dos holandeses especialmente a de Pernambuco em 1630.

II — A concorrência das Antilhas que era melhor aparelhada graças à abundância de capitais.

III — O ciclo da mineração que encareceu muito a mão de obra escrava indispensável. Apesar de um florescimento do nosso açúcar nos fins do século XVIII, ele não pode competir no mercado internacional com o açúcar de beterraba europeu, beneficiado por grandes aperfeiçoamentos técnicos.

Nem tampouco com as usinas modernas de outras partes da América e Ásia.

A economia dos engenhos de açúcar especialmente no Nordeste, gerou um tipo de sociedade característica simbolizado pela Casa Grande do "senhor de engenho" pela senzala onde moravam os escravos.

O Senhor de Engenho ocupava lugar de destaque na sociedade, acima dos demais proprietários rurais e criadores de gado.

Com a reconquista das terras brasileiras de açúcar aos holandeses pelos brancos, negros e índios, formando-se assim na colônia uma "consciência de espécie" foi o Nordeste abandonado por grande parte de judeus que haviam concorrido para dar ao nosso açúcar prestígio comercial colocando-o nos melhores mercados.

Acompanhados de escravos especializados nas atividades do açúcar, alguns desses judeus se deslocaram para outras áreas da América tropical como organizadores ou arimadores da agricultura da cana e da indústria do açúcar. A grandeza comercial de Nova York deve-se a homens que tiveram em terras brasileiras suas experiências de cultura de cana e fabricação do açúcar. De modo especial nas Índias Ocidentais, mais se evidenciou o valor da experiência adquirida pelos judeus no Brasil açucareiro.

A civilização do açúcar (no Brasil) foi uma transmissora de valores à outras civilizações.

Há toda uma literatura, toda uma arte, toda uma ciência social especializada em fixar, interpretar e analisar o esplendor e a decadência da civilização do açúcar brasileiro.

Na Literatura temos quase todos os romances de José Lins do Rêgo e alguns de Graciliano Ramos; de Joaquim Nabuco temos "Minha Formação", de Manoel Bandeira — "Evocação do Recife", de Mario Sette — "Senhora de Engenho", poemas de Augusto dos Anjos, Mauro Maíta, João C. de Melo.

Na Arte, pinturas de Telles Junior, de Cicero Dias, de Fedora, etc.

Desse esforço de análise, de interpretação e de evocação, dificilmente se pode separar o movimento chamado Regionalista que também a seu modo tradicionalista e modernista vem desde 1924 influenciando artistas, intelectuais e cientistas brasileiros de várias regiões depois de ter estipulado vigorosa aproximação de artistas, intelectuais e cientistas nordestinos, de temas e de problemas derivados da civilização regional do açúcar.

O Gado, antes uma atividade secundária

Maria Lygia M. Moreira

A carne de vaca foi, e ainda é, um dos gêneros fundamentais no consumo do brasileiro. Atualmente, os rebanhos destinam-se a satisfazer as necessidades da nossa população e ao mercado externo, iniciado com a I Guerra Mundial. As necessidades dos países participantes da Primeira Grande Guerra trouxeram o progresso da indústria da carne. Foram montados grandes e modernos frigoríficos no Rio Grande do Sul. O Brasil exportou carne frigorificada pela primeira vez em 1915. "A repercussão desse empreendimento

to — afirma João Ferreira Barreto — foi do mais alto significado para a tecnologia de carnes e produtos derivados... bem como para a nossa pecuária, que de então passou a florescer nas regiões sob sua influência a passo de gigante". Atualmente o Brasil ocupa o sexto lugar entre os países produtores de carne.

A carne, como hoje, desempenhou papel importante na alimentação da colônia, visto que a escassez de certos alimentos tornou-a imprescindível. Mais de 20.000 bois eram consumidos anualmente só em Salvador por volta de 1795. E Belém do Pará, com 13.000 habitantes apenas, em 1828, consumia 11.000 cabeças!

A pecuária era uma das principais atividades da colônia, embora fôsse eclipsada pela produção de açúcar e pela exploração do ouro e dos diamantes. Essa atividade "ainda aí está", idêntica ao passado, restas boiadas que no presente como ontem palmilham o país, tangidas pelas entradas e cobrindo no seu passo lerdo as distâncias imensas que separam o Brasil; realizando o que só o aeroplano conseguiu em nossos dias repetir: a proeza de ignorar o espaço. Há séculos esta cena diuturna se mantém em todo o país; e neste longo decurso de tempo não se alterou: as mesmas boiadas poderiam ressurgir hoje a atravessarem as estradas para maior desespero dos automobilistas. Estes não notariam diferença".

Anesar de sua importância no consumo e no grande papel que representou na colonização e ocupação de novos territórios, a pecuária foi assim mesmo uma atividade secundária e acessória. A cultura da cana não permitiu que se desenvolvesse em terras férteis. Desenvolveu-se no sertão do Nordeste, especialmente, onde a vegetação e a pluviosidade deixam muito a desejar. Foi nesta região ingrata que se desenvolveu a pecuária que abasteceu os núcleos desde o Maranhão até a Bahia. Daí o seu baixo nível econômico e índice de produtividade. Apesar das condições desvantajosas, as fazendas de gado rapidamente se multiplicaram e se estenderam por grandes áreas. Bahia e Pernambuco tornaram-se seus centros de irradiação. "A rapidez com que se alastraram as fazendas no sertão nordestino se explica pelo consumo crescente do litoral onde se desenvolvia ativamente a produção açucareira o povoamento; e também pela pequena densidade da indústria".

No sul também surgiram outras regiões criatórias, como os chamados Campos dos Goitacases, localizados a leste do atual Estado da Guanabara e os Campos Gerais, situados ao sul dos atuais Estados de São Paulo e Paraná. Devido a melhores condições naturais o gado destas regiões era, e ainda o é, superior ao do Nordeste. Sobretudo na região sul, ao lado do gado, criou-se também o cavalo, necessário aos trabalhos das próprias fazendas.

Os processos empregados na criação eram rudimentares. O gado no Nordeste vivia à lei da natureza, pastando ervas e folhas. Na região sul já encontrava mais o que comer, visto que a vegetação era mais herbosa e dava boa forragem. Não era costume, no início, dar sal regularmente ao gado. O sal era fornecido no Nordeste pelos "lambedouros", isto é, as salinas. Na região centro-sul aos poucos foi introduzido o sal na alimentação do gado.

Nas fazendas de gado do Nordeste não havia mão de obra escrava. O vaqueiro tinha a função de administrador e, além de um salário, participava do lucro da fazenda. Seus auxiliares, os "fábricas", em número de 2 a 4, recebiam salários por mês ou por ano. No Sul as fazendas de gado tinham o nome de "estâncias" ou "charqueadas". Nelas o trabalho era realizado pelo capataz e pelos peões e, às vezes, por negros escravos, brancos assalariados, índios ou mestiços. O negro escravo apareceu com relativa frequência. "A Capitania do Rio Grande foi considerada o "purgatório" dos negros, pois principalmente nas charqueadas eram tratados com muita rudeza". Nas ocasiões de muito trabalho se recorria aos peões extraordinários, recrutados na população andarilha. Esses homens ofereciam seus trabalhos em todo lugar, participando do "Chimarrão" e do "Churrasco". Estavam sempre em movimento e não se fixavam nunca. Essa gente concorria ao "rodeio", o grande dia da estância que se repetia duas vezes por ano, quando se reunia o gado e se fazia a inspeção, a marcação e a castração. Estes trabalhos eram feitos no meio de regozijos em que não faltavam as corridas de cavalos.

Deu um tipo humano bem especial: o gaúcho, alegre, robusto, vivaz, sempre a cavalo. O Nordeste também produziu um outro tipo: o vaqueiro, queimado pelo sol, de olhar triste, aspecto rude. Os seus núcleos de população conservaram melhor as tradições que o folclore nacional ainda exprime nas canções populares, nos desafios, nos romances e nas lendas.

Além do gado em pé, as fazendas forneciam a carne seca. O Ceará foi, no início, o grande fornecedor de carne seca e por isso, ain-

da hoje, o produto conserva o nome de "carne do Ceará". No final do século XVIII o Nordeste começou a sofrer a concorrência da carne charqueada do Rio Grande do Sul, que era exportada para o Rio, Bahia, outros pontos do Brasil e para Havana. O Rio Grande tornou-se o principal porto exportador a partir de 1814. Antes de adotar o processo do charque, no Rio Grande do Sul o principal objetivo da criação do gado era o couro, e era comum "abater o animal para tirar a pele, abandonando a carne". Nas charqueadas passou-se a aproveitar, além da carne e do couro, o sebo, os chifres e a crina.

Não podemos esquecer a importância do couro para o comércio colonial. Capistrano de Abreu fala numa "época do Couro", tal a importância desse produto da pecuária para o homem do sertão nordestino principalmente. O couro era exportado para Portugal e muito procurado na própria colônia para diversos fins. Com o couro faziam-se malas, surrões, bruacas, alforjes, mochilas, roupas e chapéus dos vaqueiros nordestinos selas e arreios das montarias, portas de casas, cordas, camas, cadeiras e utensílios domésticos.

Além do couro e da carne o gado fornecia a indústria de laticínios, praticamente desconhecida no Norte e que tinha em Minas Gerais um papel importante. Dessa região se exportava para o Rio de Janeiro e outros pontos da colônia o famoso "queijo de Minas". A manteiga e a coalhada eram produzidas e consumidas no Rio Grande do Sul.

A criação do gado desempenhou papel importante na formação geográfica do Brasil colonial. Os carros de bois e as tropas de animais asseguraram o desenvolvimento econômico; os lucros produzidos pela pecuária, ao contrário da mineração e da agricultura comercial, foram incorporados ao país, contribuindo para o seu progresso material. É verdade que não ostentou o brilho dos feitos políticos, nem apareceu na ordem dos grandes acontecimentos do país. Recalcada para o âmago dos sertões ficou escondida pela intensa vida do litoral, pelos engenhos, pelos canaviais e outras grandes lavouras. Também não teve os atrativos do ouro e dos diamantes. "O gado foi elemento precioso na formação da unidade nacional, ligando o centro e o sertão ao litoral, o sul às capitânicas do norte". Apesar de tudo, sem contar o papel que representou na subsistência da colônia, bastaria à pecuária o que realizou na conquista do território para o Brasil a fim de colocá-la entre os mais importantes capítulos da nossa história.

O Carvão, esse Desconhecido

Silvio Fróis Abreu

O CARVÃO MINERAL E SUA IMPORTANCIA TIPOS DE CARVÃO

Sob a denominação geral de carvão mineral compreende-se os carvões antracitosos e o antracito.

A diferença se faz pelo teor de matéria volátil, isto é, dos gases desprendidos quando o combustível é aquecido fora do contacto do ar (em presença do ar, o combustível seria queimado). Os carvões betuminosos contêm entre 15 e 40% de matéria volátil, os antracitosos contêm de 8 a 15% e os antracitosos cortem geralmente menos de 5% de matéria volátil.

Os carvões betuminosos são chamados carvões ou hulhas "gordas" e os antracitosos são carvões "magros". Os carvões betuminosos destacam-se os que têm propriedades coqueificantes, isto é, quando destilados produzem um resíduo aglomerado de "coque" com elevado teor de carbono. O coque é a substância usada nos altos fornos para reduzir o minério de ferro. Nem todos os carvões betuminosos produzem coque.

FORMAÇÃO DE CARVÃO — O carvão é formado pela alteração de vegetais sepultados nas camadas da Terra em períodos geológicos antigos e transformados, ao abrigo do ar e em ambiente de água doce, num combustível mais concentrado em carbono que as turfas e os lignitos.

Os vegetais formadores do carvão foram variados, porém por dominantemente os criptógamos, vasculares ou pteridófitas, representados hoje pelos fetos arborecentes e outras plantas em pequeno grau de evolução.

(conclui na página seguinte)

O fenômeno da incarbonização ocorreu em diversos períodos geológicos, sempre houve ocasião de se dar uma acumulação de vegetais ao abrigo do ar. As bacias carboníferas de carvão bom, embora mais numerosas no chamado mioceno, triássico, jurássico, cretáceo e terciário.

São de idade carbonífera os carvões da Escócia, Grã-Bretanha, Rhur, Passo de Calais, Pensilvânia, etc.

Na Alemanha há bacias de idade cretácea na França de idade jurássica e na Mandchúria, Japão e Indonésia, de idade terciária. No Brasil, África do Sul e Índia, de idade permocarbonífera.

PRINCIPAIS BACIAS CARBONÍFERAS DO MUNDO

GRÁ-BRETANHA: (Onde começou a exploração do carvão em grande escala). As jazidas de carvão são numerosas na Inglaterra, no País de Gales e na Escócia. As principais bacias são as do Northumberland e Durham junto à costa do mar do Norte, a bacia de Yorkshire, mais ao sul, as bacias do País de Gales (Cardiff etc.) e as bacias da Escócia Glasgow, Ayrshire etc.) São de carvões do carbonífero, contendo todos os tipos.

FRANÇA: Bacias do Norte e Passo de Calais, bacias em torno do Maciço Central (Commeny, Saint-Étienne, Blazy, Le Creusot, Autun etc.). Todos os tipos, carvões do carbonífero e alguns mesozóicos. Bacia do Moselle de carvões altamente betuminosos com extensões até Nancy. Bacia do Sarre entre a França e Alemanha, entregue à França depois da guerra com grandes reservas.

ALEMANHA: A principal é a bacia de Rhur (Essen, Bochum, Gelsenkirchem, Dortmund) a leste do rio Reno. Carvões de diversos tipos, de idade carbonífera, andar westphaliano, com mais de 90 camadas de mais de um metro de espessura. Região muito fraturada por falhas. Os poços são de pouco metros para o norte. Bacias da Saxônia, perto de Zwickau.

CHECOSLOVÁQUIA: Na Morávia e na parte checa da Silésia, no limite com a Alemanha e Polónia são jazidas, entre dobramentos terciários, e possantes em Kladno, e na parte da Alta Silésia em Ostrava-Karvina.

POLONIA: Possui a mais importantes reservas da bacia da Alta Silésia, com ótimas condições de extração. Fica na parte norte da Morávia entre Cracóvia e o Oder. As principais minas estão em Katowicz, e Dombrova. Há mais de 100 camadas exploráveis até 1.000 metros de profundidade, alguns têm espessuras de 8 até 20 metros. Carvões de diversos tipos e qualidades média, mas não excelentes, como no Rhur.

ESPANHA: Bacias no NW em Astúrias e Leão; a principal zona de produção está em Oviedo, com carvões dos vários tipos e antracito.

UNIÃO SOVIÉTICA: A maior parte do carvão está no continente asiático. Na Europa há 3 bacias importantes: A Donetz ao sul, a Tula, próximo a Moscou e a de Petch Petchora na bacia desse rio, ao norte, perto do mar de Barents. A bacia do Doretz é a mais importante, com tendo mais de 200 camadas com espessura pouco superiores a 1 metro. Contém carvão de todos os tipos, de idade carbonífera, com grande proporção de antracito e menor quantidade de carvões para coque.

A bacia de Moscou fica a 100 quilômetros ao sul da capital, contém carvão de má qualidade passando a linhito, de exploração fácil. A bacia da Petchora tem carvões coqueificáveis, sendo largamente explorada.

BACIAS A LESTE DOS URAIS: Representam a maior porção das reservas carboníferas da União Soviética, são: Bacia do Kuzbass ou do Kuznetsk, do Tunguska, do Yerissel e do Irkutsk, bacias do Extremo-Oriente e bacias da Ásia Central. Essas bacias asiáticas em 1.400.000 milhões de toneladas (700 vezes as reservas do Brasil)

BÉLGICA: As bacias se estendem por Mons, Charleroi até Liège, com camadas geralmente delgadas, inferiores a 1 metro, exploradas entre 500 a 1000 metros de profundidade.

HOLANDA: Possui jazidas de carvão no Limburgo, próxima à fronteira da Bélgica e Alemanha, contendo bons carvões de vários tipos inclusive produtos de coque.

CHINA: Constitui uma das áreas de maiores potencialidades carboníferas do mundo avaliadas já há muitos anos, pela Conferência

Mundial de Energia, em 1.011.000 milhões de toneladas (reserva provada e provável). Reservas maiores só existem nos Estados Unidos (1523.000 milhões) e URSS (1.183.100 milhões).

As reservas carboníferas da China podem ser divididas em dois grupos: o do norte compreendendo os Morgólia Interior, Cham-Si, Mandchúria, Corcia e Cham-Tung e o do Ang-Si São em geral, carvão do carbonífero, dos vários tipos betuminosos até o antracito. A bacia de Cham-Si produz, principalmente, antracito e tem volume considerável, com camadas de 10 metros de espessura, passando a carvões betuminosos na parte oeste.

A W de Pequim há uma camada de carvão de 6 metros de espessura observável em 100 quilômetros de extensão. A bacia da Mandchúria outrora explorada pelo Japão é uma bacia muito importante; havendo depósitos ao N que passam para o território russo e outros ao sul em Mukden, também já explorados antigamente pelo Japão. Na parte sul os depósitos do Yunnan são os volumosos da China, de carvão permocarbonífero e triássico, estes na maior proporção. Várias outras bacias se distribuem pelo centro e sul da China.

ÍNDIA: Há reservas grandes, de carvão permocarbonífero nos terrenos gandânicos, abaixo dos lençóis de asfalto. A bacia de Damodar a SW de Calcutá é a mais importantes. Os carvões de Damoda da Índia, embora maus, são melhores que os do Brasil.

VIET-NAN: Há carvão no antigo território Frances do To-Kir nas bacias Quan-Yen principalmente. São Carvões triássicos, antracitos e carvões betuminosos.

JAPÃO: Possui carvão ruim porém bem melhor que o carvão brasileiro. Os depósitos de Kiusiú são terciários e cretácicos, a maior parte (93%) é de carvão betuminoso. O Japão perdeu as importantes jazidas da Mandchúria, hoje com a China.

AUSTRÁLIA: Tem jazidas de carvão permocarbonífero na Nova Gales do Sul, Queensland e Vitória. Em Vitória o carvão é brown coal, de idade terciária e inferior aos demais explorados. Na nova Gales do Sul o carvão é bem melhor.

ÁFRICA DO SUL: Há depósitos no Transversal e na Colónia do Cabo, nos sedimentos gondwânicos; o carvão é betuminoso, de qualidade regular. Embora o permocarbonífero são muito superiores aos do Brasil.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: Possuem grandes reservas distribuídas em várias bacias. A mais recente avaliação indica reservas de... 4.000.000 de toneladas ou seja as mais importantes do mundo, correspondendo a 2.000 vezes reserva do Brasil.

As principais bacias são as dos Apalaches a leste nos Estados de Pensilvânia, Oeste, Virgínia, Kentucky, Tennessee, Alabama etc. a do meio-norte nos estados de Indiana, Illinois, Missouri Iowa, Kansas, Oklahoma, Arkansas. As bacias do Oeste, nos estados de Colorado, Utah, Wyoming, Montana etc. Há carvões excelentes do carbonífero e carvões mesozóicos, de qualidade inferior.

PRODUÇÃO MUNDIAL:

A produção mundial de carvão em 1962 acha-se a seguir:

	Milhões de toneladas
URSS	516
ESTADOS UNIDOS	397
COMUNIDADE EUROPEIA	327
(França, 52 - Bélgica, 21 - Alemanha, 141 - Holanda, 12)	
GRÁ-BRETANHA	201
POLONIA	116
CHINA	420
ÍNDIA	60
JAPÃO	54
AUSTRÁLIA	42
REP. ÁFRICA DO SUL	41
BRASIL	2
MUNDO (cerca de)	2.000

Comentários: A União Soviética passou a ser o 1.º produtor mundial, ultrapassando os Estados Unidos, que há muito estava na van-

guarda. A China demonstra com essa enorme produção um vigoroso surto de progresso. O Brasil ocupa um papel ainda de muito pouco realce no quadro da produção carbonífera, demonstrando situação de subdesenvolvimento.

UTILIZAÇÃO DO CARVÃO:

O carvão é queimado para produzir calor para aquecimento doméstico, movimentação de máquinas etc., é destilado para produzir gás e coque, (com subprodutos de alcatrão e amônia); é gaseificado em gasogênios para gerar gás combustível para movimentar máquinas e aquecer fornos etc.

Como os seres vivos se relacionam?

Willy Beçak

Os organismos que vivem num mesmo ambiente apresentam em comum certos caracteres que os tornam aptos a este meio. Esta semelhança é encontrada mesmo em formas sistematicamente distanciadas. Citamos, como exemplo, o tegumento reforçado que evita a perda de água dos animais e plantas do deserto, ou as reduções e acentuações de certos órgãos apresentadas por endoparasitas. A estas harmonias entre o ser e o meio denominamos adaptação. Existem adaptações morfológicas e fisiológicas, que se expressam respectivamente pela forma e pelo comportamento do organismo.

ADAPTAÇÕES MORFOLÓGICAS

Constituem adaptações à vida aquática dos animais, as branquias, nadadeiras e membrana interdigital e à vida terrestre os pulmões, quitina, pelos e penas. A cauda preênsil dos macacos e os dedos opostos dos papagaios são adaptações para a vida arborícola. Por outro lado, os vegetais xeromorfos, isto é, adaptados a regiões secas, têm cutícula reforçada, o que os protege da transpiração excessiva; possuindo folhas reduzidas, diminuem a superfície de transpiração e reservam água. Os vegetais higromorfos, isto é, adaptados a regiões úmidas, apresentam folhas delicadas de grande superfície sem cutícula e as vezes com apenas uma camada de células. As plantas de mangue possuem raízes caulinárias para fixação e pneumatóforos para respiração. As plantas aquáticas como a Vitória Régia, têm folhas flutuantes que lhes permitem a flutuação.

Uma adaptação morfológica curiosa é o "mimetismo", em que o animal imita a cor ou a forma do ambiente, em que vive. Há o mimetismo protetor, de defesa que protege o animal de outros predadores, e o mimetismo agressor, que facilita o ataque. Apresentam mimetismo de cor verde os insetos e répteis do deserto que têm cor de areia, os lagartos que vivem sobre vegetação imitando a cor verde e ainda os camaleões que mudam a cor segundo a da folha em que estão. Esta mudança de cor no camaleão é devida a movimentos de cromatóforos na epiderme e derme, por influência nervosa e hormonal.

Como mimetismo de forma, citamos a borboleta Callima paralecta que imita uma folha com pecíolo e certos caranguejos que imitam pedras.

Outras adaptação é aquela em que um animal imita outra mais forte para se proteger, como as mósas que imitam abelhas venenosas. Esse fenômeno é denominado "mimicry" pelos ingleses.

Um caso notável de adaptação evolutiva às condições ambientais foi estudado por Ford nas variedades escuras e claras da mariposa Boarmia repandata, nas regiões industrializadas da Inglaterra. Nas regiões não industrializadas, a variedade clara (recessiva), apesar de menos vigorosa, existe em maior número que as escuras (dominante) porque está disfarçada e protegida dos predadores. Com a industrialização, no século XIX, a incidência de escuras, agora camufladas com a fuligem, foi aumentada rapidamente, enquanto que as claras passaram a ser raras ou inexistentes, por serem mais visíveis aos predadores. Fenômeno semelhante ocorre na Amphidasys betularia e Odontoptera bidentata.

ADAPTAÇÕES FISIOLÓGICAS

Certos organismos são rigidamente adaptados às condições de temperatura, salinidade e pH do solo ou da água, não suportando quaisquer mudanças nestes fatores, enquanto outros são indiferentes a essas alterações.

(conclui na página seguinte)

Adaptações fisiológicas são as encontradas por exemplo, nas linhagens de bactérias resistentes à sulfa, de moscas resistentes a DDT e de trigo resistentes ao ataque do fungo *Puccinia graminis*. O valor adaptativo, isto é, a capacidade de adaptação depende do organismo e das condições ambientais. Bactérias resistentes a antibióticos têm valor adaptativo alto na presença do mesmo, mas num meio sem antibiótico serão eliminadas.

Denomina-se antígeno a toda proteína estranha introduzida por via parenteral num organismo e que não sendo degradada pelos enzimas do mesmo determina neste a produção de substâncias conhecidas como anticorpos, que reagem especificamente com a proteína introduzida. Entre os antígenos citamos as toxinas vegetais e as animais conhecidas como venenos. A capacidade de produzir anticorpos, que é um fenômeno relacionado à imunização, é uma adaptação fisiológica pois confere maior resistência ao organismo.

RELAÇÃO ENTRE OS SERES VIVOS

É frequente encontrar-mos na natureza seres vivendo em associações mais ou menos estreitas. Encontram-se associações entre animais, vegetais e entre animais e vegetais.

RELAÇÃO ENTRE SERES VIVOS DA MESMA ESPÉCIE

As associações em que os indivíduos só podem viver juntos denominam-se colônias. Uma colônia é formada quando, após a reprodução, os descendentes continuam ligados. Em algumas, os associados são iguais morfológicamente e fisiologicamente, desempenhando cada um todas as funções. Noutras colônias, encontram-se organismos morfológicamente diferenciados, executando diferentes funções. Nestas colônias portanto, já existe distribuição de trabalho. As bactérias do grupo "Coccus" podem apresentar colônias de dois ou mais indivíduos ordenados em uma, duas ou três dimensões. Na alga azul, "Gloeocapsa", os associados são presos numa massa gelatinosa comum, podendo separar-se. Na alga verde "Volvox" já existe divisão de trabalho, pois resta colônia ocorrem células sexuais e vegetativas. As células femininas denominadas óvulos são grandes, imóveis e as masculinas produzem espermatozoides, que são libertados na água. O espermatozoide ao penetrar no óvulo fertiliza-o, produzindo-se o ovo ou zigoto que por divisões refaz a colônia. As demais células são vegetativas sem papel na reprodução sexual. Um tipo de colônia animal, com divisão de trabalho é encontrado nos "Hydrozoa". Alguns indivíduos são destinados à nutrição, outros à defesa e outros à reprodução.

A Pedagogia é Ciência e Arte da Educação

Maria Carmem Rubi Iuan

A — SENTIDO ETIMOLÓGICO: Etimologicamente, Pedagogia é a ciência de dirigir crianças. Assim; Paidos: crianças; Ago: conduzir, dirigir; Logia: tratado, ciência.

Este conceito etimológico, porém, é insuficiente e impreciso e não corresponde adequadamente à idéia que tem o mundo científico de nossos dias, da Pedagogia.

B — CONCEITO CIENTIFICO CORRENTE: — A Pedagogia é ciência e arte da educação.

Explicação do conceito: A Pedagogia é ciência; isto é, um conjunto certo e sistemático de verdade referentes à educação.

Ciência — É conhecimento certo pelas causas.

A pedagogia é ciência porque é conhecimento certo da educação. Porque devo agir desta ou daquela forma, diante de tal problema do educando. O conhecimento científico se distingue do vulgar, do não científico. Assim, por exemplo, se eu sei que tal remédio é bom para tal doença, tenho deste fato, um conhecimento vulgar. Mas, se sei porque tal remédio é bom, tenho um conhecimento científico. Sei a causa, o porque.

Podemos dizer que a Pedagogia é

ciência por três razões principais: 1.o) toda a ciência possui um objetivo próprio. O objeto da Pedagogia é a Educação; 2.o) toda ciência possui uma série de métodos para resolver seus problemas. Ora, a Pedagogia possui seus métodos: Observação, Experimentação, Compreensão; 3.o) finalmente, toda ciência organiza o resultado de seus estudos em um conjunto unitário de conhecimentos, em sistema. A Pedagogia dispõe também de unidade e sistema

Arte: A educação foi originalmente uma arte. Era uma atividade do professor, sem normas fixas. Surgiram depois, certas regras que se podiam transmitir de uns a outros. Como sabemos, arte é um conjunto de regras que nos ensinaram a fazer alguma coisa. Assim, a arte de cozinhar ou costurar, se constitui em certas regras que nos ensinaram a realizar bem tais tarefas.

Também a Pedagogia é arte, pois constitui um conjunto de regras que nos ensinam como educar.

Também se pode dizer que a Pedagogia é arte, no sentido restrito, como sendo: formação, modelação. O educador cuida, neste caso, de formar ou modelar, uma personalidade.

Um e outro, educador e artista, são movidos por um objetivo ou ideal de formação. Um e outro têm, também, em comum, o fato de possuir certas condições pessoais, que dão estilo pessoal à ação e à obra.

O professor precisa possuir certas condições de artista. Além de conhecimentos científicos e teóricos, o educador deve possuir certos dons artísticos: capacidade de improvisar, de responder a situações novas, boas maneiras, aparência agradável, ser capaz de provocar interesse e entusiasmo, deve ser algo de artista, de orador ou poeta. O educador é antes de tudo um artista, um artífice do ser humano infantil que deverá educar e formar.

Também podemos definir a Pedagogia como "conjunto de conhecimentos sistemáticos referentes ao fenômeno educativo."

Bibliografia: — Luzuriaga (Lorenzo) — Pedagogia Romanda. — Gonçalves Pen tagna — Didática Geral.

O bom Professor e a Psicologia

Paschoal Quaglio

A palavra psicologia se compõe de duas raízes gregas: psique — alma, e logia — estudo, tratado. Foi inventada por Goclenius no século XVI (1590) em substituição às expressões: "estudo da alma" ou "estudo da psique" usuais entre os antigos. Foi, porém, vulgarizada somente no Sec. XIX, sobretudo pelos franceses da corrente eclética embora desde o século anterior tivesse sido aceita e usada por Cristian Wolff e por Emmanuel Kant.

Considera-se iniciador dos estudos psicológicos outros seres humanos;

- 2) comum a todas as raças e nacionalidades;
- 3) característica que, entre os animais, só o homem possui;

gicos o filósofo grego Sócrates (sec. V a VI A C) que chamou atenção para a observação interna do sujeito pelo próprio sujeito (introspecção). Tornou-se célebre o conselho que ele dava aos seus discípulos: "Conhece-te a ti mesmo". Até o século XVII a psicologia conservou seu caráter de indagação transcendental na essência da alma ou razão. Eis porque a definição mais corrente, dentro deste conceito, era "psicologia é a ciência da alma ou da razão".

A partir do Renascimento (sec. XV e XVI) houve profunda mudança nos métodos de conhecer. A observação, a experimentação e a verificação dos fatos passaram a serem a melhor maneira de conhecê-los. As ciências (física, as-

tronomia, química, biologia, etc.) se emanciparam e prepararam o caminho para uma nova psicologia. A psicologia passa por uma fase caracterizada pelo cunho empírico (sec. XVIII). Os psicólogos Locke, Condillac e Hume embora concebendo a psicologia como o estudo das faculdades mentais, representam novo ponto de vista conhecido por sensualismo (conteúdo da mente teria como ponto de partida as sensações). Pelo fato de adotarem o método indutivo, passando na experiência individual, receberam o nome de empíricos.

Somente na segunda metade do sec. XIX, graças as contribuições de Weber, Fechner e Wundt na Alemanha, e William James nos Estados Unidos é que se pode considerar fundada a psicologia experimental. A psicologia experimental se transformou passando de psicologia como "ciência da consciência", isto é, a psicologia considerada como ciência dos fatos da consciência ou seja, dos estados interiores dos quais o Eu toma conhecimento, sentindo, querendo, pensando e agindo para a psicologia como "ciência do comportamento", ou seja, a psicologia entendida como ciência que estuda as reações ou comportamentos do organismo, quando submetido a dadas situações estimuladoras.

Em nossos dias, verificou-se que era muito pouco estudar apenas as manifestações externas do indivíduo, suas reações visíveis e passou-se a considerar a psicologia como sendo a ciência da conduta, considerando "conduta" o conjunto do comportamento exterior do indivíduo, mais os seus móveis, as suas estruturas interiores, psíquicas.

O objeto de estudo da psicologia varia, evidentemente, segundo a definição previamente adotada. Para a psicologia clássica, filosófica, o objeto da psicologia é a alma. Para a psicologia moderna, científica, o objeto da psicologia é a vida mental ou o psiquismo, ou a vida psíquica. Podemos ainda dizer que o objeto é "o mundo interior e suas manifestações exteriores". Preferimos dizer que o objeto da psicologia é a conduta, especialmente a conduta humana.

Toda ciência, à medida que seus domínios se alargam e seus estudos se diversificam, passa a dividir-se em partes e a admitir especializações. Entre as muitas divisões da psicologia podemos selecionar pelo menos duas, pois obedecem critérios diversos: divisão quanto ao tempo ou histórica, divisão quanto ao conteúdo ou matéria.

Quanto ao tempo ou história dividimos a psicologia em: a — **Psicologia Racional** — estudo filosófico sobre a essência da alma (Platão, Aristóteles, Sto. Tomaz de Aquino, Descartes, Kant) b — **Psicologia Empírica** — estudo das faculdades mentais a partir das sensações, baseado exclusivamente no método introspectivo (Locke, Condillac, Hume); c — **Psicologia Objetiva ou Experimental** — estudo dos fenômenos psíquicos, baseado na observação exterior ou extrospecção (Weber Fechner, Wundt, William James).

Quanto ao conteúdo ou matéria, podemos dividir a psicologia em: I — **Psicologia Geral** — É a parte que estuda o objeto e métodos da psicologia e as leis gerais dos fenômenos psíquicos.

II — **Psicologia Especial ou Experimental** — É a parte que compreende as pesquisas e experiências realizadas em vários setores do psiquismo humano e animal. Subdivide-se em: a — **Psicologia Evolutiva Animal** — abrange todos os conhecimentos relativos ao comportamento dos animais, comparados entre si ou com o homem.

b — **Psicologia Evolutiva Ontogenética** — estudo do desenvolvimento do psiquismo humano, no todo ou em certas idades, ou aspectos; desde o nascimento até a idade adulta. Subdivide-se em:

1 — **Psicologia Infantil** — estudo das diversas fases da infância, procurando estabelecer os comportamentos típicos de cada uma delas. 2

— **Psicologia do Adolescente** — abrangendo os conhecimentos relativos ao comportamento do adolescente. c — **Psicologia Social ou Coletiva** — abrangendo os estudos relativos aos comportamentos do homem em grupo ou em sociedade.

d — **Psicologia diferencial ou individual** — compreendendo o estudo das diferenças individuais de inteligência, temperamento e caráter, e da formação e estruturação da personalidade, e — **Psicologia Patológica** — consistindo no estudo das reações psíquicas chamadas anormais ou psicopáticas. III — **Psicologia Aplicada** — É a parte que compreende a aplicação dos conhecimentos anteriores a outras ciências ou a diversas (conclui na página seguinte)

...setores da realidade prática. Subdivide-se em: a — a — **Psicologia Educacional** — aplicação da psicologia à educação. b — **Psicotécnica** — aplicação da psicologia à indústria e, de modo geral, aos processos de preparação e seleção dos profissionais conforme as suas aptidões técnicas. c — **Psicologia da Propaganda** — aplicação dos conhecimentos psicológicos ao estudo dos processos de sugerir e estimular o consumo de certos produtos, sentimentos e idéias, ou então, a redução e inibição de outros. d — **Psicologia da Arte** — aplicação da psicologia ao estudo da personalidade do artista, dos motivos sociais da arte e da qualidade psicológica da obra de arte. e — **Psicologia da Imprensa** — aplicação dos co-

...nhecimentos psicológicos ao estudo das preferências dos leitores e do poder sugestivo do jornal, do livro, da revista, etc. f — **Psicologia da Guerra**. g — **Psicologia do Criminoso** — h. **Psicologia da Gestante** — i — **Psicologia do Brasileiro, do Americano, do Judeu, etc.** Estudos psicológicos de certos grupos ou tipos humanos, cujo conhecimento é de interesse prático, pois permitiria sanar graves desajustamentos sociais. Métodos que nada mais são que caminhos para atingir determinado fim. Os métodos científicos são fundamentalmente dois, dos quais se derivam todos os outros.

Toda ciência no estudo de seu objeto usa métodos que são: 1 — **Método Dedutivo** — neste

método o nosso raciocínio caminha do geral para o particular. 2 — **Método Indutivo** neste método o nosso raciocínio percorre caminho oposto: do particular para o geral. Partimos da observação e experimentação sobre um fenômeno particular e de observação em observação, de experimentação em experimentação de fatos particulares, chegamos, através da generalização, a uma verdade universal.

Os métodos usados na Psicologia científica são de natureza indutiva. Baseiam-se na observação e na experimentação. Assim sendo a psicologia é uma ciência predominantemente indutiva.



A natureza humana se desenvolve, pois, pela interação com outras pessoas, e somente através desta. Daí o embotamento da natureza humana nos indivíduos que crescem isolados, privados completamente, ou mesmo parcialmente, da associação humana. Os homens feras, assim chamados porque, devido à falta de interação com outros seres humanos, não se socializaram, indicam bem claramente este embotamento.

Mas, mesmo depois de desenvolvida, a natureza humana poderá desintegrar-se caso o indivíduo já socializado seja colocado em completo isolamento. Isto significa que a associação e interação humanas não somente são fundamentais para o desenvolvimento da natureza humana, mas são também essenciais para a sua manutenção.

Em resumo, podemos dizer que a natureza humana é:

- 1) produto social, resultante da interação com característica que mesmo ele não possui ao nascer;
- 2) característica que depende de simpatia, isto é, da capacidade de assumir o papel de outrem, bem como dos sentimentos em que entra simpatia;
- 3) característica que se desintegra em condições de isolamento.

— Adaptado da obra **TEORIA E PESQUISA EM SOCIOLOGIA**, de Donald Pierson.

Diva Guimarães Maia

Como é a Natureza Humana

Diva Guimarães Maia

O homem não pode ser concebido fora de alguma espécie de sociedade, pois as qualidades que fazem dele um ser humano — linguagem, moral cultura — são em si mesmas, produtos sociais. Por isso é que a reclusão solitária por longo tempo, é psicológica e culturalmente nociva ao indivíduo. O que denominamos natureza humana só é adquirido graças à associação em grupos sociais, e é preciso um longo processo de socialização para adestrar e equipar o indivíduo para viver com seus semelhantes.

A questão que se levanta é a seguinte: — O que entendemos por “natureza humana”?

Cooley acredita que um dos meios de estudá-la é isolar os caracteres comuns a todos os seres humanos e que os diferenciam dos animais inferiores. Sustentou que estes consistem na capacidade de exercer simpatia, “simpathy” ou “fellow feeling”, e em sentimentos humanos nos quais entre esta capacidade: amor, ódio, vaidade, inveja, ciúme, confiança, piedade, antipatia humildade, egoísmo, e outros semelhantes.

Convém acrescentar que esta teoria de que os sentimentos são traços distintamente humanos não é bem aceita pelo homem comum, que acredita possuírem também os animais inferiores estes traços; o que porém, nunca foi comprovado cientificamente. Entretanto, a presença dos sentimentos depende da presença de simpatia, isto é da capacidade de identificar-se com outrem, de pôr-se no lugar dele, de assumir o seu papel e de olhar o mundo do seu ponto de vista. Não é possível, por exemplo, invejar alguém sem se colocar no seu lugar e imaginar o que ele sente. Esta capacidade de viver as experiências dos outros é uma capacidade espe-

cificamente humana. Forma a base dos sentimentos, os quais estão ausentes nos animais inferiores, já que não têm capacidade de “sair”, por assim dizer, do seu próprio comportamento e considerá-lo do ponto de vista de outros animais. Deste modo, o pavão não é vaidoso como pensamos, porque não é capaz de assumir o papel de outras aves ou outros pavões e formar julgamentos sobre si mesmo. Dizemos que ele é vaidoso porque, sendo nós humanos, experimentamos o sentimento da vaidade e associamos o seu gesto de espalhar sua plumagem e pavonear-se, com o comportamento do homem vaidoso.

A natureza humana é, nada menos nada mais, que esta capacidade de assumir os papéis de outras pessoas. E quando dizemos de uma pessoa “ela é humana”, queremos dizer que ela é capaz de exercer simpatia, isto é, de possuir em si mesma um sentimento especificamente humano, que surge da capacidade de assumir o papel de outrem.

Esta capacidade é universal na espécie humana, apesar da grande diversidade de culturas. Essa universalidade se deve ao fato de que a natureza humana se desenvolve nos “grupos primários”, cujas relações são idênticas em todas as sociedades. Por “grupos primários” Cooley tinha em mente aqueles grupos nos quais as relações são sempre íntimas e pessoais. Os melhores exemplos de tais grupos são a família, o grupo de brinquedos, a pequena vila, a tribo “primitiva”. Em cada um deles os indivíduos se conhecem de modo íntimo e pessoal e desenvolvem entre si laços sentimentais fortes e permanentes. Toda criança nasce num grupo primário e, gradual e inevitavelmente, liga-se aos membros desse grupo por laços de natureza sentimental.

Mas, para desenvolver a natureza humana é necessário não só que a criança esteja cercada de seres humanos capazes de entrar em interação com ela, mas, é também essencial que ela mesma seja capaz de compartilhar das suas experiências, penetrar em suas vidas, assumir os seus papéis, conseguir olhar o mundo pelo mesmo prisma. Somente quando é capaz de assim se comportar, de sair de si mesma para julgar-se que se pode dizer que a criança se tornou humana. Este é o traço fundamental e característico da natureza humana.

A Dependência Absoluta do ser Humano

C. I. Landstron

O óvulo fecundado é um novo organismo, na rigorosa acepção biológica, visto existir já nos organismos progenitores e conter uma herança biológica que remonta a gerações incontáveis.

Os mecanismos celulares, provavelmente de natureza bioquímica, iniciam um curso de desenvolvimento rigorosamente regulado. Segundo o critério geralmente aceito, as unidades materiais da Hereditariedade, os genes, são erzmias cujas funções consistem em estimular os processos químicos que se desenrolam dentro e fora das células numa direção definitiva, mas sem que eles próprios sofram qualquer modificação. As células dividem-se e formam uma massa redonda. Algumas células crescem mais depressa do que outras e são impelidas para a parte superior da massa. Ao mesmo tempo, forma-se uma cavidade, a “blástula”, no interior da massa celular, onde o organismo se desenvolve.

Desde muito cedo podem ser observadas três camadas distintas de germes, a partir dos quais se desenvolvem as diferentes estruturas celulares. A camada exterior, o ectoderma, foram os órgãos dos sentidos e outros mecanismos nervosos; as camadas centrais, o mesoderma, converte-se no esqueleto, músculos e órgãos circulatórios; e a camada interior, o endoderma, produz algumas das glândulas internas.

Esse curso de desenvolvimento ocorre, desde o princípio, num meio cujas condições químicas e outras devem ser adequadas, em relação às contínuas modificações no óvulo. As perturbações desse meio ambiente, o corpo da mãe, influenciam o desenvolvimento do embrião.

(conclui na página seguinte)

Durante a segunda semana de vida, o novo organismo prende-se ao útero e a fase embrionária começa. Sinais de atividades foram observados muito cedo, nesse período. O pulsar do coração é o primeiro, tendo sido registrado durante a terceira semana, quando o embrião tem apenas um par de milímetros de comprimento. Essas pulsações do coração são puramente musculares, porém, e o mecanismo de controle nervoso do coração só se desenvolve mais tarde.

Todos os elementos dos nervos requeridos para simples reflexos são formados por volta da sexta semana, mas não estarão aptos a funcionar senão no início do período fetal. As reações à estimulação dos nervos da pele podem ser observadas nesse período.

Verificou-se que, tocando numa região em redor da boca, o resultado é a cabeça procurar fugir ao estímulo. Essa reação, por um feto de sete semanas e meia de idade, é o primeiro sinal registrado de comportamento como resultado de um estímulo direto aplicado a um organismo humano.

Podemos falar aqui de um ponto zero do comportamento humano. Supõe ter sido estabelecida a comunicação entre os elementos nervosos no sentido de fora para dentro e de dentro para fora. Esse processo tem lugar na medula espinal; o córtex não funciona durante o período fetal. Isso só acontece um mês após o nascimento.

A LEI DE MATURACÃO MORFOLÓGICA ANTECIPADA

Sinais do reflexo de apreensão podem ser discernidos na décima-primeira semana. Um estímulo aplicado na palma da mão, nessa fase, provoca um fechamento breve, mas incompleto, da mão. O reflexo de apreensão é mais completa na décima-quinta semana, quando a mão pode-se fechar e agarrar um objeto. Nessa altura, os reflexos e movimentos estão mais completamente desenvolvidos e o feto tem os mesmos padrões de reação, excetuando os movimentos respiratórios e a voz, que se podem observar num bebê recém-nascido. Mas levará algum tempo para que possam funcionar satisfatoriamente.

Um princípio pode ser estabelecido nesse desenvolvimento inicial do órgão que torna possível, porém, a sobrevivência de um feto, ainda que o parto ocorra antes do prazo normal. Uma criança nascida três meses antes desse prazo tem boas perspectivas de sobrevivência. Este princípio, a que se chama usualmente lei da maturação morfológica antecipada, pode ser formulado da seguinte maneira: a capacidade para funcionar pode frequentemente ser demonstrada experimentalmente no organismo em desenvolvimento, muito antes do prazo em que as funções serão normalmente chamadas a desempenhar um papel ativo e significativo na vida do organismo.

Movimentos espontâneos do feto
Os chamados movimentos espontâneos ocorrem a partir da décima-quarta semana da fase fetal, mas, em regra, não são sentidos pela mãe antes da décima sétima semana, o início do quinto mês de gestação — quando tem início um grande aumento na atividade do feto.

Esse comportamento chama-se espontâneo porque nada de definitivo se conhece ainda sobre os estímulos que provocam esses movimentos. Supõe-se que sejam devidos a mudanças no ambiente interno ou a estímulo ainda desconhecidos que atuam sobre os órgãos receptores, nos músculos, tendões e articulações.

Uma questão interessante é saber se o comportamento do feto poderá ou não ser modificado pela aprendizagem. Não há provas conclusivas a tal respeito. Contudo, alguns críticos e juizes competentes são da opinião de que uma investigação realizada por Spelt em 1948 responde afirmativamente à pergunta.

Sabe-se que os estímulos acústicos aumentaram, normalmente, os movimentos no decorrer das últimas duas semanas do período pré natal. As mães observam, com frequência, que a ida a

um concerto, por exemplo, provoca uma atividade maior do feto. Spelt usava uma sonora matraca de madeira que fazia soar junto ao estômago da mãe. Isso provocava uma espécie de estremecimento por parte do feto.

A esse estímulo foi adicionado outro, consistindo num vibrador colocado sobre o estômago da mãe. Verificou-se que, de início, o feto não reagia à vibração por um movimento mais intenso. Portanto, as vibrações serviam como estímulos que levavam a reação condicionadas, isto é, aprendidas. As vibrações eram feitas primeiro e, cinco segundos depois, vinha o som da matraca de madeira. Após uma série de tais estímulos associados, verificou-se que só as vibrações provocavam reações de resposta. Assim, acorrera uma aprendizagem.

O Romantismo — Uma Afirmação da Índole Brasileira

Ilka Bastos Piolla

Enquanto o Brasil foi colônia de Portugal, toda e qualquer expressão literária era imitação da literatura portuguesa. Aliás, não se poderia conceber o colonizador português admitindo o desenvolvimento de um pensamento oposto a sua mentalidade. Entretanto, elementos que não podiam ser condicionados pelo colonizador foram surgindo, lentamente, com o correr dos tempos, tornando-se o alicerce da nacionalidade brasileira e, praticamente, a causa primária de revolução romântica que transformou o Brasil.

No século XVII, não só a influência do índio catequizado com os traços característicos de nossa formação, já se notava um sentimento nativista que brotava de uma raça nacional mameluca. João Ribeiro compreendeu profundamente a influência do mameluco quando afirmou: "Com a raça nova formava-se o que se poderia dizer a base física da revolução. O que sucedeu aqui sucedeu por toda a América latina, onde os mestiços acabaram prevalecendo sobre os elementos não puros, mas mais homogêneos, dos brancos. As revoluções americanas vestem formas liberais e cosmopolitas, mas são no fundo exclusivamente étnicas, patrióticas e nativistas; para o europeu que a descobriu, a América é a terra comum; para o americano é a terra exclusiva. As raças inferiores ou oprimidas jamais consentem repartir o solo com os adventícios, qualquer que seja o espírito liberal das suas leis, todas de imitação da literatura política estrangeira".

Assim, com a abertura dos nossos portos, em 1808, as várias influências culturais da Europa, encontrando aqui um terreno propício ao seu desenvolvimento, nada mais fizeram do que ativar o sentimento de autonomia do brasileiro. Podemos, pois, afirmar que o Romantismo foi um momento decisivo no pensamento brasileiro, foi a afirmação do que nós tínhamos de mais autêntico. Enquanto o Classicismo português foi para nós uma imposição, o Romantismo, apesar de seu exotismo, foi um estímulo. Foi o momento de eclosão de todo esforço criador e renovador, de todo sentimento nativista que existia no íntimo do brasileiro.

Partindo da época colonial em que a inspiração vinha de fora para dentro, o pensamento brasileiro toma consciência crítica da nossa literatura para, finalmente, atingir com o Romantismo a inspiração individualista. É a expansão de um anseio há muito acariciado por nossa raça: definição de uma literatura independente, exprimindo os sentimentos e os problemas de um país livre. A libertação literária viria confirmar a sua independência política e econômica. "Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio, como efetivamente manifestara pela proclamação da Independência; decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimiu, conforme as teorias do momento." (Antônio Cândido — Formação da Literatura Brasileira).

Considerar o Romantismo brasileiro como um simples produto de importação seria um grande erro. Na índole de nossa raça já havia o germen da liberdade, da sensibilidade, da religiosidade e do amor à natureza. O Romantismo europeu apenas os dinamizou. Nós já tínha-

mos o Romantismo no nosso sangue! Por isso tivemos um movimento romântico autenticamente brasileiro, livre de uma imitação servil. Aceitamos o Romantismo europeu e sua influência no que nos convinha e os adaptamos a nossa realidade.

Na luta de afirmação da realidade brasileira uniram-se políticos, diplomatas e artistas. Entretanto, a realidade cultural brasileira só foi conseguida, realmente, através da literatura. Nela vamos encontrar a sensibilidade dos nossos poetas, entremeadas de amor, melancolia e saudades, vamos descobrir as belezas da nossa natureza pujante. É e ainda, na literatura, que encontramos a valorização de nossa gente, dos nossos costumes, das nossas tradições. Para isso tivemos um Álvares de Azevedo, "poeta que sonhou e amou na vida", um Gonçalves Dias, o indianista que relembra em suas poesias o tantan das nossas florestas. Tivemos ainda Casimiro de Abreu, o melancólico poeta da saudade e Castro Alves, cheio de entusiasmo e juventude, defensor dos fracos e oprimidos! E como esses quantos outros não enaltecem a nossa terra com amor e carinho!

É certo que, levados ao exagêro, os autores românticos deformaram a realidade material e moral do Brasil, porém essa exaltação teve sentido naquela época. Ela apenas foi o espelho do idealismo e do eufórico patriotismo dos brasileiros, especialmente dos jovens, que tentavam uma renovação política e literária, de acordo com os ideais da época. Foi a luta para a criação de um pensamento nacional, foi a concretização do espírito romântico que dominava todos os homens.

O autor romântico é patriota e ama a sua terra com todas as tradições. Por que não exaltá-la, não colocá-la dentro dessa supra-realidade que ele próprio criou? Afinal, dentro do romantismo não é vedado sonhar!

Um Modelo de Aula de Leitura

Cléia F. Lobo Tinti

Plano de aula

Série: 2.ª primária

Livro: As mais belas histórias — Lúcia Casasanta

Lição: Os caramelos de Saca-Manim

TEXTO

Os caramelos de Saca-Manim

Uma vez, um homem bom e honesto, chamado Saca-manim, atravessava a floresta.

Uma fada deu-lhe um vaso mágico. Era só emborcar o vaso e dele começaram a cair caramelos deliciosos. Depois, era só pôr o vaso em pé, e os caramelos deixavam de cair.

Saca-Manim parou num hotel para descansar. O hoteleiro ficou com inveja de Saca-Manim foi-se embora, sem desconfiar de nada.

Chegando em casa, experimentou o vaso. Mas nada de caramelos! (até aqui, pág. 42). Saca-Manim, então, saiu furioso à procura do hoteleiro.

No caminho, encontrou a fada que já sabia de tudo e lhe deu outro vaso. Este vaso era engraçado. Era só deitá-lo e diabos começavam a sair com varas e com chicotes.

Saca-Manim chegou ao hotel, deixou o vaso no quarto e fingiu que ia sair.

O hoteleiro foi lá e experimentou o vaso, mas logo começou a gritar como um desesperado:

— Socorro! Saca-Manim! (pág. 43)

Saca-Manim correu e viu uma porção de diabos dando sovas no hoteleiro.

Saca-Manim, então, disse:

— Primeiro, eu quero o outro vaso!

A mulher do hoteleiro correu e trouxe o vaso.

Saca-Manim pôs o vaso dos diabos e os diabos desapareceram, Saca-Manim, então, voltou para casa com os dois vasos.

Em pouco tempo, Saca-Manim estava rico, riquíssimo.

Tudo isso porque Saca-Manim era bom e honesto.

I — OBJETIVOS:

Desenvolver as habilidades de:

- 1 — descobrir o significado das palavras usando técnicas variadas.
- 2 — consultar o índice.

- 3 — encontrar a idéia principal.
- 4 — encontrar pormenores.
- 5 — perceber a sequência dos fatos da estória
- 6 — ler criticamente, a fim de aquilatar a veracidade dos fatos.
- 7 — leitura silenciosa e oral.

II — PREPARAÇÃO:

Verificar, através de conversa, que experiências têm as crianças sobre estórias de ficção.

A — MOTIVAÇÃO

A estória que vamos ler hoje é sobre dois vasos. Mas não são vasos comuns. São vasos muito diferentes.

Procurem no índice, a lição: Os caramelos de Sacca-Manim.

B — APRESENTAÇÃO DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES PODEM CONSTITUIR DIFICULDADE:

1) — quanto ao reconhecimento

a) visualização: (cartões relâmpagos ou no quadro negro) atravessava, floresta, descansar, trouxe, riquíssimo engraçado, trocou-o por outro.

b) análise estrutural:

apareceram	rico
desapareceram	riquíssimo

2 — quanto ao sentido:

a) discussão do significado (apresentar orações em fichas ou no quadro-negro) furiosa, experimentou.

b) descoberta do sentido pela leitura do contexto: honesto, hoteleiro. Ex. O senhor Antônio é honesto, isto é, cumpridor de seus deveres.

Disse que o senhor Carlos é honesto, porque ele é dono do Hotel Itabaú.

III — LEITURA SILENCIOSA DIRIGIDA (direção parcelada)

Pág. 42 — Vocês vão ler para ver porque o vaso era mágico.

Comentário oral: — Porque o vaso era mágico?
— Quem deu o vaso a Sacca-Manim?
— Quem lhe roubou o vaso?

Pág. 43 — Leiam agora, para saber como era o 2.º vaso, e o que fez o hoteleiro desta vez.

Comentário: — Como era esse 2.º vaso?
— Quem Sacca-Manim encontrou quando ia procurar o hoteleiro?

— O que fez o hoteleiro?

Pág. 44 — O hoteleiro pegou também o 2.º vaso. Depois de saber o que ele continha, será que queria ficar com ele?

Comentário: — O hoteleiro quis ficar com o 2.º vaso? Porque? E o 1.º vaso, foi devolvido a Sacca-Manim?

IV — LEITURA ORAL COM FINS ESPECÍFICOS:

— Vou dar a vocês, algumas ordens por escrito. (na lousa).

Procurem no texto. Depois, leiam bem expressivamente, seguindo a ordem certa, de acordo com o desenrolar dos fatos da estória:

— Leia a parte que diz, que Sacca-Manim foi descansar no hotel.

— Leia a parte em que Sacca-Manim sai a procura do hoteleiro.

— Leia a parte que conta quem deu e como era o 1.º vaso.

— Leia o pedaço em que Sacca-Manim vem ao encontro do hoteleiro, que grita por socorro.

V — ATIVIDADES RELACIONADAS COM A LEITURA

1 — Fixação do vocabulário:

Substitua a palavra grifada na oração, por outra que tenha a mesma, ou quase a mesma significação, escolhendo-a nas colunas abaixo:

O homem bom e honesto ganhou dois vasos egoísta	grosseiro
cumpridor de seus deveres	bonfoso

O homem saiu **furioso** pela estrada

chorando	muito bravo
contente	devagar

Os diabos desapareceram no 2.º vaso

gostaram	sairam
quebraram	sumiram

2 — Atividade de compreensão:

Assinale **sim** ou **não**:

- Sacca-Manim ganhou o vaso de um velhinho. **sim** — **não**
- Quando ele punha o vaso de pé os caramelos saíam. **sim** — **não**.
- Foi uma fada que deu, tanto o 1.º como o 2.º

- vaso a Sacca-Manim. **sim** — **não**
- O hoteleiro foi surrado pelos diabos que estavam no 2.º vaso. **sim** — **não**
- O hoteleiro queria ficar com o 2.º vaso. **sim** — **não**

3 — Análise crítica:

Copie na coluna da direita o que é real nesta estória:

vaso mágico
fada
Sacca-Manim
hoteleiro
diabos saindo do vaso

VI — ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO:

- 1 — Desenhar a parte da estória que você achou mais engraçada.

Como ver a Integração dos Conhecimentos ?

sugestões

Para você que faz o segundo normal onde se analisa o tema de liberdade e dependência, seguem-se abaixo algumas sugestões para integrar os seus conhecimentos. Sugira aos seus profes-

sores alguns problemas semelhantes a esses ou outros que você gostaria de colocar.

1 — Que relação poderia haver entre vida pré-natal — 1.ª infância e o Romantismo? Que idéia está contida nesse paralelo?

2 — Há identidade na forma de agrupamento dos gens (ou das células) e dos indivíduos numa sociedade?

3 — A educação física antiga, poderia se dizer, estar no mesmo passo que a fase da garatuja no desenho infantil?

4 — As músicas modernas falam dos costumes dos jovens, de seu sentimento; poderia se dizer que há identidade com o espírito do romantismo?

5 — Na leitura compreensiva, uma mensagem ou idéia principal sempre fica para o leitor. Ela sempre irá influir no seu comportamento, nas discussões que o indivíduo participa. Uma revista como Capricho, Ilusão poderá fornecer uma mensagem, mudar comportamento, fornecer subsídios para discussões?

6 — Na primeira infância que processo social existe: acomodação, assimilação, ou acomodação?

7 — Imitando valores europeus no romantismo estávamos assimilando uma literatura estranha? Acomodamo-nos, por não termos a nossa, ainda?

8 — Faça um desenho abstrato, que contenha as principais idéias já desenvolvidas no seu planejamento.

9 — Diz-se que o Romantismo pretendeu formar (com o nativismo) uma autêntica sociedade brasileira. Está de acordo?



... Alguma coisa começa a se perceber dos alunos e *essa alguma coisa* é muito importante para nós. Um aluno de 1.º normal fez um relatório do que viu até agora em Prática do Ensino outras, apresentam as conclusões do que entenderam por uma aula de leitura.

Que fatores influem na Aprendizagem ?

Gilberto C. Iuan

CONCEITO, NATUREZA E FATORES DA "APRENDIZAGEM"

Bibliografia:

- 1) Psicologia Educacional-William-A. Kelly

- 2) Psicologia Educacional-Afro do A. Fontoura
- 3) Pedagogia Científica — A.M. Aguiar
- 4) Pontos de Psicologia-Célia S.G. Barros
- 5) Introdução à Psicologia da Criança — Osterrieth

Etimologicamente, aprendizagem significa "guardar para si", pois a palavra aprendizagem proveio da expressão latina "preendere".

Antigamente, conceituava-se a aprendizagem como sendo:

(conclui na página seguinte)

- a) aquisição de conhecimentos;
- b) fixação por parte das gerações imaturas de soluções antigas, já experimentadas com mais ou menos êxito pelas gerações amadurecidas.

Pelo exposto se deduz que aprender é "decorar", é saber de cor: regras de gramática, listas enormes de montanhas, rios batalhas, reis e datas.

Atualmente, aprendizagem é um processo de aquisição de nova forma de conduta ou uma modificação da conduta anteriormente adquirida. E' pois, saber fazer; modificar suas reações; ter novas atitudes; agir diferentemente. Em suma: "é modificar-se".

Natureza da Aprendizagem

A aprendizagem não é um processo de assimilação passiva. Ela só se processa pela atividade, da qual o educando deve participar. Sua característica mais importante é a atividade daquele que aprende.

Para aprender o aluno precisa entrar em atividade, sintonizar-se com a aula e com o professor. Atividade física e mental. Física, porque a criança ama o movimento, seu organismo exige movimentação. E mental, porque o aluno precisa ter a atitude de quem quer aprender: prestar atenção, concentrar-se. Pois quando estou aprendendo algo, estou me educando, melhorando, desenvolvendo a minha personalidade. Tal fenômeno não ocorre quando um aluno está decorando uma relação de ilhas.

Do que depende a aprendizagem?

A aprendizagem não depende só do conteúdo dos livros (informações), assim como não depende somente das explicações do professor, mas sim da reação mental do educando. Das modificações de atitudes.

Fatores da Aprendizagem

Irúmeros fatores influenciam na aprendizagem. Entre eles destacamos:

a) — **Condições fisiológicas:** Tudo leva a crer que a fadiga, a fome, a sede, o sono dificultam a aprendizagem. Podendo torná-la até deficiente.

b) — **Condições psicológicas:** Conforme o temperamento, as tendências, as simpatias e as capacidades de cada um, assim também cada um aprende melhor ou pior, com maior ou menor rapidez.

c) — **A Inteligência:** Nem todos nós aprendemos da mesma maneira. A aprendizagem depende das possibilidades intelectuais para aprender. Embora a inteligência seja um fator essencial na aprendizagem, nem sempre uma boa inteligência corresponde a uma boa escolaridade.

d) — **IDADE:** Não é em todas as idades que se pode aprender com a mesma facilidade. Cada idade tem os seus interesses próprios. A aprendizagem em geral se desenvolve até os 20 anos, isto é, até o final da adolescência. Dos 20 aos 45 há um pequeno declínio. Dos 45 em diante a capacidade de aprender decai mais rapidamente.

e) — **MEIO AMBIENTE** — Enquanto a hereditariedade fornece os potenciais com os quais começamos, o MEIO determina o que vai se realizar desses potenciais. Podemos observar a relação entre a inteligência e o NÍVEL SÓCIO-ECONOMICO dos pais. A medida que se sobe na escala profissional e social, sobe o resultado dos testes. Encontram-se mais crianças muito bem dotadas nos meios sócio-econômicos elevados do que nos baixos. E' porque os pais de situação sócio-econômica elevada têm mais facilidade para proporcionar meio educativo estimulante. Decorre daí uma aprendizagem mais ampla e eficiente.

CONCLUSÃO

- 1) — Sendo a aprendizagem um processo de desenvolvimento mental,
 - 2) — Ajudar os alunos a assimilar e organizar o conhecimento de uma maneira natural.
- requer orientação, direção e controle.

Tempo é a mesma coisa que espaço?

J. E. Campello

Ao sofisma colocado no artigo anterior vai aqui um comentário, já sugerido pelo título. Realmente foi muito importante derrubar aquele argumento e outros, como o das Flechas; nada de criatividade teria sentido e valor. O que se proporia em torno de ciência seria absurdo.

O Argumento

De princípio se eles saíram (Aquiles e a tartaruga), de um mesmo lugar, é que o espaço é possível de ser repartido. O Espaço.

Se eles passaram por momentos infinitesimais, esses momentos correspondem ao Espaço e não, ao Tempo. A suposição matemática serviu naquele argumento para confundir realmente o leitor ou o interlocutor; de fato tanto Aquiles ou a tartaruga teriam que passar por todos os espaços do caminho (Espaços), mas o Tempo seria o mesmo? A um tempo certo corresponde o mesmo espaço?

SÓCRATES

Para resolver os problemas do Movimento (existência da ciência), vieram Sócrates, Platão e conseqüentemente Aristóteles, através da metafísica refutar e comentá-los.

Provado o equívoco de tempo e espaço, a ciência se abriria com todas as possibilidades. Diz Sócrates: "se existe ordem no mundo e uma mesma coisa é vista em fases diferentes (pelo exemplo, um vegetal), como explicar essa transição, evolução; através do espaço?"

A evolução do conceito, da ciência, é feita no tempo. Como é conseguida? Através do esforço próprio. Cada indivíduo tem dentro de si os conhecimentos.

CIÊNCIA IGUAL À VIRTUDE

Se alguém quiser cumprir uma função com exatidão, com verdade e justiça, é preciso que tenha ciência dessa função, ou seja, conheça-a de todos os ângulos, saiba exatamente o que essa função exige.

Por outro lado um indivíduo é virtuoso quando não deixa nenhum dos seus deveres por serem cumpridos e os cumpre fielmente. Ex: Um pai virtuoso cuida dos filhos, moral espiritual socialmente. Conheça a função de pai. Observe-se então que ter ciência é o mesmo que tem virtude.

O famoso paradoxo socrático supõe então que nenhum conhecimento tem sentido se não dirigido ao Homem. Se o conhecimentos sofistas eram imprevistos não visavam a pessoa mas o momento ou circunstância, jamais poderiam levar alguém à virtude (e por conseqüência à ciência).

"O supremo ideal do homem deve ser a virtude". "O homem é virtuoso". "E' virtuoso porque é sábio".

E NASCEU A PSICOLOGIA

Para chegar a ser bom, virtuoso, o homem deve buscar o próprio interior. "Nosce te ipsum". Vai dizer Sócrates "procura o teu interior e aí encontras todas as verdades que necessitares".

Apareceu então o método introspectivo, aquela análise interior que só o próprio sujeito pode alcançar como demonstrou Sócrates no "Banquete". Até um escravo ter ciência é o que demonstra naqueles diálogos.

O DIÁLOGO

Muitos indivíduos (como os sofistas), através de um palavreado bem feito (sofisma) apresentam coisas falsas como verdadeiras, mostram-se os

danos das sabedoria é que eles nada conhecem ou conheçam muito pouco. para isso Sócrates sugere a IRONIA, como um processo derrubar conceitos (mal formados), daqueles que tudo julgam saber. Demonstra (ao final de uma ironia que o seu interlocutor nada sabe. Destroi os conceitos.

Na segunda parte do dialogo, com a matematica ele força o individuo que nada sabia a encontrar os conceitos verdadeiros: é o LOGOS o conceito. E' por assim dizem a arte de dar a luz a conceitos, (maieutica)

Conclusão

Muitas idéias ainda se poderiam colocar de Sócrates demos apenas a idéia básica de suas filosofia. Falta-nos agora perguntar:

Era criadora essa filosofia? Permittia a criação?

E as sofisticas palavras para a memoria de fatos e acontecimentos ou o seu saber era desinteressado como o de Sócrates?

Havia liberdade nas idéias socráticas? o Indústria a Ciência ou a construção.

A Importância da Análise Fonética na Criação do Vocabulário

Lina P. C. Doll

Considerando-se o fato de não ser, o indivíduo que reage simplesmente ao simbolismo gráfico, aquele que lê, chegamos à aceitação do atual conceito de leitura: "Ler é perceber, compreender, reagir e integrar".

Se a leitura é função que implica os mais complexos processos não pode o professor primário admitir que alfabetizar seja apenas levar a criança ao reconhecimento mecânico de símbolos.

Além do domínio do mecanismo da leitura, deve o indivíduo usá-la como instrumento de seu crescimento e como elemento de ajustamento pessoal e social.

Resta, pois, ao professor dar à criança uma preparação adequada, para que atinja o desenvolvimento de certas funções, importantes ao processo da alfabetização.

No decorrer da aprendizagem da leitura notam-se as necessidades da criança e procura-se, através de exercícios e situações adequadas, satisfazê-las. Muitas vezes são antecipados e outras, intensificados durante a fase de aprendizagem em que se encontra a classe.

A análise fonética, por exemplo, é de suma importância para apurar a discriminação auditiva, tornando o ouvido sensível às incorreções da linguagem; é considerada um processo de associação do som apropriado às formas impressas.

E' comum encontrarmos crianças que trocam sons de P por V de F por V, de T por D, não porque tenham aprendido errado, mas por não terem a habilidade de associar a cada elemento identificado o som que lhe corresponde.

Nestes casos o professor atento procurará corrigir a criança através da frequência de sua participação na emissão de certos sons, eliminando os que são confundidos e só deixando-a pronunciar os que correspondam ao certo. Ex: Se a criança trocar o som de V pelo de F pronunciando "felho" ao invés de "velho", deverá o professor dar, inicialmente, só palavras começadas por F, e não por V, que ela ainda não percebe. Assim, fixado e discriminado um som, será fácil introduzir o outro. Esta criança escreverá como fala ou ouve.

Se o professor não se preocupar em desenvolver a habilidade de ligar sons para formar um todo reconhecível, ou se não descobrir a falha logo no período preparatório, esta permanecerá, causando dificuldades para a criança.

Há também alunos incapazes de reconhecer sons semelhantes, como no caso das rimas, e, palavras que começam pelo mesmo som" As poesias, os cantinhos, os exercícios para completar, os jogos como "Lá vai uma barquinha carregadinha de..." bater palmas toda vez que o professor repetir na estória uma mesma palavra (Os velhinhos)

(conclui na página seguinte)



O Aluno Escreve

.....Alguma coisa começa a se perceber dos alunos e *essa alguma coisa* é muito importante para nós. Um aluno de 1.º normal fez um relatório do que viu até agora em Prática do Ensino outras, apresentaram as conclusões do que entenderam por uma aula de leitura. ...

Relatório de Prática do Ensino

Maria Conceição de O. Kesrouani

No primeiro dia de aula o professor nos explicou o tema a ser desenvolvido no 1.º ano normal "O que é ser um bom professor?", bem como seria esse planejamento.

Mostrou-nos que todos os nossos professores iriam trabalhar conosco informando-nos da realidade brasileira" como também de "aspectos da profissão" que escolhemos.

Numa outra aula o professor nos mostrou porque foi mudado o programa elaborado em 1949 para um novo, que é o de 1968.

O programa de 1949 visava o desenvolvimento integral da personalidade do educando portanto, era utópico, remoto e muito difícil de ser atingido, devido o ambiente, falta de materiais adequados, etc. Seria impossível nas condições que nós temos, talvez daqui a alguns anos, quando as condições forem melhores aquele objetivo pudesse ser atingido.

Então foi elaborado um outro programa, que é o de 1968, que é apenas parte do de 1949. Ele é mais real, visa o que é possível, o que está mais próximo de nós e da realidade (integração da personalidade).

Tivemos oportunidade de ler e pesquisar um artigo do suplemento educacional n.º 1, intitulado: "Hierarquia de valores Status atual do professor primário" e chegamos às seguintes conclusões:

1.º Os doutores ocupam o lugar mais alto da sociedade. Isto se deve porque desde os tempos coloniais, só podiam ser "doutores", os filhos das famílias aristocráticas, os filhos dos senhores de engenho, que tinham condições financeiras para poder mandar seus filhos estudar em Coimbra ou em outras capitais estrangeiras; era portanto "chic ser doutor", e atualmente acontece quase a mesma coisa. Devido ser um curso dispendioso, só possível para famílias abastadas. Muitos nem têm capacidade para ser doutor, mas como ocupa a profissão um lugar de prestígio na sociedade, lá vai ele doutorar-se.

O mesmo acontece com o caso: "SER PROFESSOR".

Muitos preocupam-se em ser professor porque isto garante uma colocação logo após o término do curso (garantia), que é rápido. Portanto consegue-se uma independência profissional aos 18 ou 19 anos. Além do mais, atualmente, um professor ocupa um lugar de destaque na sociedade, sem exigir grandes somas para a sua aquisição.

Vimos também no artigo citado acima, que as Escolas Técnicas, são postas em segundo plano porque antigamente todo trabalho braçal era feito pelos escravos. E como não ocupa um lugar de destaque, realce na sociedade, é desprezada.

Para melhorar essa mentalidade há necessidade de especialização nas escolas, conforme a capacidade de cada um. Só depois que isso acontecer, nós poderemos dizer que o Brasil será um país desenvolvido.

Em outro artigo — "Técnicas de Produção igual Capital Humano", percebe-se a preocupação da articulista nos 50 milhões de analfabetos que dispomos.

Ela diz que a educação é um meio de produção; é o principal capital de um povo, é capital humano, portanto capital de giro. Através da educação nós poderemos progredir o mais depressa possível. No Brasil isso é urgente.

Como a educação é um investimento, nós não devemos investir nada em coisas absurdas para a nossa realidade mas, em coisas reais e certas como profissionalizar o quanto possível. E, para chegar a ser um profissional nós precisamos de ter um mínimo de condições de vida na Escola, os 7 novos objetivos do Ensino Primário nos oferecem a meta que queremos atingir. Eles constituem uma das etapas para formarmos uma mentalidade profissional diferente da que existe até hoje. Nada adianta para o Brasil ter, indústrias com técnicos estrangeiros; precisamos de técnicos brasileiros. E por isso que o professor primário não deve só se preocupar em ensinar a ler, escrever e calcular mas sim claramente do educando para que no futuro não tenha dificuldade em escolher uma profissão adequada a sua capacidade podendo obter uma independência por si mesmo.

Autobiografia DE uma Aula de Leitura

Maria Célia — Ivete — Anísia

Observações — foram conclusões apresentadas por alunos de segundo normal com relação aos passos de uma aula de leitura.

MOTIVAÇÃO

Você sabia que sou o primeiro passo para uma aula de leitura? Eu desperto o interesse pela leitura do texto; devo ser sempre RELATIVA ao texto, mas não quero ser igual a ele. Gosto de ser original.

Posso aparecer em forma de lindas gravuras conversas, réalias, slides, gravação, discos, excursões, etc...

Quando estou sendo apresentada os professores têm mania de aumentar o vocabulário das crianças APRESENTANDO, 2, 2 ou mais palavras novas, para que as crianças não tenham dificuldade quando forem ler o texto. LEITURA SILENCIOSA DIRIGIDA

Deixo as crianças muito impacientes. O professor me prepara dizendo como as crianças deverão fazer para ler o texto. Não movimentem os lábios, sentem-se corretamente, etc., dizem eles. Então, o professor coloca na lousa uma pergunta, uma frase (em tiras ou com o giz) e eu DIRIJO a atenção da criança. Elas vão ler para compreender o que eu quero. Na classe não se escuta um ruído; é um silêncio tremendo.

COMENTÁRIO

Entre logo após a leitura silenciosa. Comigo as crianças ficam a vontade. Podem verificar por si mesmas pormenores do texto:

— dar outro nome para ele, um fim diferente para a estória (meio ou começo).

— dizer o trecho que mais gostou e o motivo.

— relacionar um texto com o outro, perceber a seqüência da estória, mudar os nomes dos personagens e até dar opinião do texto todo. LEITURA ORAL

Devo ser lida pelo professor com muito ênfase, bem pontuada, para ficar mais compreensível. Após o professor adoro ser lida pelos alunos mas, não todinha de uma vez. Isto torna-me aborrecida. Depois posso ser lida coletivamente em côra.

AVALIAÇÃO

Eu apareço em forma de testes de compreensão e detalhes, para ver o aproveitamento dos alunos em todas as partes da leitura.

ATIVIDADES RELACIONADAS

Posso ser uma música, ginástica, desenho, artes, dança etc., para melhor integrar o texto lido.

nhos do Corcovado — do livro A arte de ler e contar Histórias de Malba Tahan), bater palma toda vez que o professor falar uma palavra começada com determinado som. São excelentes recursos para a discriminação auditiva.

Na cartilha "Onde está o patirho?" ao darmos uma lição levaremos a classe a encontrar palavras que comecem com o som de "bolinha", de "Jaju" etc... Dadas as sugestões escreveremos em fichas de cartolina ou papel pardo e as colocaremos diante da classe, para que sejam lidas e lidas no seu vocabulário, através de orações. A princípio deve o professor levar à identifi-

cação, independentemente, e, uma vez surgidas as dúvidas comparar com palavras já conhecidas levando a criança à descoberta da sua pronúncia. Poderá ver o professor que a análise fonética na silabação se dará intensivamente e será mais observada na introdução de cada nova situação de aprendizagem. Também é de se observar que ao destacarmos elementos da situação total ou seja silabas das palavras, não devemos discriminá-las numa sequência, como se pertencessem a uma ordem pré-determinada: Ba, Be, Bi, Bo, Bu. Pela análise fonética a própria criança ao conhecer o som inicial de "Bolinha" (Bó,

deparando-se com novos todos como "Tolinha" (TO) ou "Colinha" (CO), estará apta a percebê-los com o mínimo de observação do professor. Com domínio da dificuldade se dará no momento em que a criança perceber que algo de diferente existe naquela situação. A assimilação de antigas estruturas (silabas) para formar novas estruturas (palavras) também, nesta fase, vem constituir-se como resultado da análise fonética. Com esta visão geral do valor da análise fonética deve o professor concluir, que a emissão correta e nítida das palavras é fator importantíssimo na alfabetização, sobretudo porque A CRIANÇA ESCREVE COMO FALA OU OUVE.

Atenção - Errata

- 1) Este clichê com a respectiva introdução que segue logo abaixo, deveria sair na página 9, mas por um lapso de nossa equipe de paginadores, foi inserido no lugar, de "O Aluno Escreve".
- 2) O artigo: "O Carvão, esse desconhecido" será concluído no próximo número.



Extremamente submisso a um fator, emocional por exemplo, o indivíduo pode aprender erradamente. Ficará sempre condicionado àquela lembrança desagradável que o forçou a aprender. Que fatores influem na aprendizagem então?

O problema da existência ou não da ciência vai aqui aumentado de informações e da genialidade de Sócrates. O defender a ciência para que tudo tivesse sentido futuramente, descortinou a CIENCIA em vários horizontes, dos quais alguns deles se devem aquele filósofo grego.

Antes da ciência e do aprender o indivíduo precisa colocar as idéias nos símbolos, TER A COMPREENSÃO DA PALAVRA. Quando se alfabetiza o maior perigo está quando começa a análise fonética.

I GINKANA "O IMPARCIAL"

5 de maio

FICHA DE INSCRIÇÃO — modelo

NOME DA EQUIPE

LÍDER

tel.

QUARTEL GENERAL

(enderço)

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA EQUIPE — 19 mais o líder

nome	classe	escola
1 João da Silva...	3.a A	IE
2 Maria Clovis	3.a B	CSP
3		
4		

RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO

PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO

RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO

ESPIRITISMO OCIDENTAL
SOCIABILIDADE
GENERALIZAÇÃO
PARTICIPACIONISMO
INTEGRAÇÃO
LIDERANÇA

PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO RESULTADO DO PLANEJAMENTO

Suplemento Educacional

Ano I — N.º 5 Direção do Prof. J. E. Campello

Presidente Prudente, 5 de abril de 1968

REDATORIAL

Suplemento Nº 5 — fim dos 3 primeiros planejamentos

*O que é ser um bom professor?
Do ovo à civilização
Memória ou criatividade*

SUPLEMENTO número 6.....??????...

Seria interessante ao final dessa primeira etapa analisarmos algumas falhas nossas.

1.º — Erros de ortografia e composição a matéria é muita, procuraremos melhorar)

2.º — Demora das edições — acúmulo de serviço; sem o suplemento nosso trabalho já é bastante.

3.º — Mudança de títulos de artigos — pretendemos dar também aos leitores uma integração à medida que os assuntos vão sendo apresentados.

Algumas vezes pudemos colocar títulos que ofereciam sentidos diferentes como, foi o caso do "Análise Fonética" ao invés de colocarmos "A importância da Análise...".

4.º — Número de exemplares — passamos agora a 4.500 avulsos, fora os assinantes normais do jornal, objetivo: atender a todos.

Apresentamos neste suplemento o resultado da aplicação não 2.º anos normal, nos demais anos, serão publicados nos suplementos seguintes.

Da ginkana temos já o número de inscrições.

8.º — equipes no 3.º normal, 6 no 2.º e 5 no 1.º ano Vamos torcer

Parece-nos interessante publicar com este redatorial a síntese de um capítulo de livro, para nos situar nesse trabalho:

"A EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO"

(Resumo do capítulo II do Livro "A Educação e a Crise" do livro — O Poder da Educação — de "Theodore Brameld".) Falzar Editores — 1.ª Edição — 1967.

O autor, convida-nos a analisar com ele os termos, Educação e Crise, para que possamos compreender o papel da educação no mundo moderno.

Educação, diz, é um fenômeno universal e apenas em grau diminuto é que diz respeito às instituições, às formas estabelecidas com o propósito específico do ensino e da aprendizagem. Tentando uma descrição, a educação é uma interação, comunicação recíproca que existe onde quer que duas pessoas ou mais vivam sob qualquer tipo de organização. Pode ser caracterizada como sendo a necessidade que sentem todos os agrupamentos humanos de aprender, transmitir e modificar os padrões, práticas, tradições e habilidades que se acumularam conforme foram os grupos se organizando e se consolidaram em cultura. Toda cultura é integralmente aprendida mediante um processo de aquisição que é universal para o homem. Ela não é transmitida por hereditariedade através dos gens. A medida que amadurece vai o ser humano se tornando capaz de dar continuidade às práticas, hábitos, atitudes, costumes e habilidades que gradativamente foram acumuladas pelo grupo, e à medida que aprende a transmitir a cultura a outros aprende igualmente a modificá-la. A educação é, portanto, um processo que dá continuidade à cultura e é ao mesmo tempo, um processo de correção de aperfeiçoamento, de modificação das experiências realizadas pelo grupo.

Crise é um deslocamento importante; um deslocamento das instituições, hábitos, práticas e atitudes básicas de uma cultura. É o momento em que as principais funções, os objetivos mestres de uma cultura são desarticulados.

Não se pode negar que vivemos hoje um período crítico. Nenhum país se mostra insensível a ela. Países há pelo contrário nos quais ela se torna mais nítida. As explosões: demográficas, científica, tecnológica, de comunicação, de in-

dustrialização do após guerra são apontadas como suas causas responsáveis.

Constata-se a crise analisando as sete áreas principais da cultura (norte-americana, mas que vale para outros países): Ciência, Economia, Relações humanas, Arte, Religião, Política e Educação.

Cada uma delas sofre de tensões entre as forças que tendem a estabilizar padrões tradicionais, dar continuidade a forças que tendem a se orientar no sentido de modificações, mais ou menos drásticas, daqueles padrões.

Este esquema que segue facilita uma interpretação.

- 1 — Ciência
- 2 — Economia
- 3 — Relações humanas
- 5 — Arte
- 5 — Religião
- 6 — Política

A Ciência debate-se com um problema novo, o da moralidade das descobertas científicas. O cientista não é indiferente e não pode sê-lo, hoje, aos efeitos que sua invenção ou descoberta pode ter para a humanidade. Ele descobre, cria, inventa e principalmente se preocupa com o destino da humanidade que pode advir de seu trabalho. O problema crucial da nossa época é o de como assegurar que tanto o poder como o conhecimento sejam aperfeiçoados e aplicados nem a moralmente nem imoralmente mas com a mais absoluta moralidade. Um cientista hoje ao criar não é indiferente ao fato de seu invento ir se tornar um mal monstruoso ou um bem magnífico para a humanidade.

A Economia, para citar um exemplo, enfrenta o problema da automação, do desemprego. As máquinas substituem o homem que se vê desocupado.

As Relações Humanas são difíceis: os "Híppies" pregando o amor e não guerra", os conflitos de raças, a dificuldade de diálogo entre pais e filhos, entre adultos e jovens, padrões e empregos provam-no.

INDICE DOS ASSUNTOS

- I — REDATORIAL
- II — A EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO
- III — O QUE É SER UM BOM PROFESSOR ?

- a — Problemas que você gostaria de ver solucionados neste tema
 - b — O ferro na economia brasileira
Lucilena Rodrigues Lorenz — página 3
 - c — Relação entre seres vivos da mesma espécie
Willy Beçak — página 4
 - d — O mimetismo
Messias Modesto dos Passos — página 4
 - e — Noções gerais das teorias das cores
Mariangela Marcondes — página 6
 - f — A arte moderna chegou no Brasil com 30 anos de atraso
Realidade n.º 5 — página 6
 - g — Ciências Auxiliares da Pedagogia
Maria Carmem Iuam e Helena F. de Barros — página 7
 - h — A Psicologia estuda as atividades psíquicas
Maria Carmem Iuam — página 7
 - i — O Carvão, esse desconhecido
Silvio Fróis Abreu — página 8
- IV — DO ÔVO À CIVILIZAÇÃO
- a — O ovo em desenvolvimento
 - b — A caminho da civilização
Roselux Paques de Barros — página 9
Priscila Guimarães Lebrão — página 10
 - c — Uma avaliação sugerida, um resultado obtido — *José Lopes Caires*. Página 11

V — MEMÓRIA OU CRIATIVIDADE

Maria Carmem Iuam

- a — A aprendizagem na Escola Tradicional e na Escola Nova —
- b — Uma questão nova? — *Dirce Mascarenhas* — Página 12
- c — Depois de Sócrates, Platão, — *José E. Campello*
- d — A integração no 3.º ano.

VI — INSTRUÇÕES PARA A GINKANA

As Artes refletem um homem sofrido emocionalmente enfermo. O teatro, a pintura, a música popular retratam sofrimento. (Vida e morte de Severina, Vidas secas, A banda, Os retirantes, Chora céu, são exemplos).

A Religião também não é estranha à crise. Tenta-se fazer o socialismo cristão. As igrejas vivem, como nunca os problemas humanos.

A Política — debate-se em crises sucessivas. Uma corrida de olhos pelos jornais dá a dimensão dos conflitos governamentais atuais. Tanto nacionais como internacionais. O nacionalismo ou internacionalismo é o dilema de muitos povos.

A educação — sendo área que se interrelaciona com todas as outras, sofre, participa, influencia esse deslocamento. Na crise a educação reflete a tendência da cultura e o faz de maneiras que não seriam tão evidentes numa época de estabilidade, harmonia e equilíbrio relativos.

Assim quando ocorre uma crise torna-se mais forte, mais evidente a segunda função da educação, a de modificar, a de inovar a cultura. A educação passa a ser vista como um poder estabilizador. Passa a exercer suas funções terapêuticas mais do que em época normal.

A troca, a inversão de funções (primeiro inovar, depois transmitir ou dar continuidade à cultura) é feita com desorientação e confusão típicas da cultura como um todo.

Dentro do próprio campo da educação há crise e os educadores se polarizam colocando-se em campos opostos.

Uma das maneiras de testar a educação é perguntar: até que ponto a educação no meu país está envolvida na crise que ocorre na ciência, economia, arte, etc.? Podemos avaliar a eficiência da educação se fizermos esta pergunta mas, melhor ainda se procurarmos saber se ela está sendo bem sucedida no desempenho de sua função modificadora e não apenas no seu trabalho de transmissão.

Nosso trabalho como educadores é portanto, hoje, de inovar modificar. Estamos fazendo?



O que é ser um bom professor?

Problemas que você gostaria de ver solucionados neste tema

1 — Se no Brasil não podemos mais preocupar-nos, com a agricultura mas sim com trabalho sistemático, técnico, quais seriam as possíveis soluções para os que nela trabalham?

2 — O sub-solo brasileiro é bastante rico. Temos técnicos especializados para iniciar o desenvolvimento desse aspecto da economia nacional?

3 — Há muitos excedentes nas Escolas Superiores, você acredita que já existem formados demais?

4 — Já experimentou verificar quanto emprega o governo brasileiro com educação comparado com outros países?

5 — O Japão e a Alemanha destruídos após a guerra, são hoje grandes potências. A formação do povo ajudou esse rápido desenvolvimento. Que aconselharia para o Brasil?

6 — Porque, principalmente no interior dos estados, o que antes era pretensão de muitos, formar-se DOUTOR, transferiu-se para a profissão: "PROFESSOR"?

7 — Quais os outros campos de trabalho para aquele que termina o Curso Normal?

8 — De que maneira a Educação física po-

deria dar uma especialização ao professor primário? Você já se informou?

9 — Você já experimentou conversar ou trazer um agrônomo a sua classe para que ele fale da introdução de outras culturas vegetais em nossa região?

10 — A agricultura prudentina se esvai; O DISTRITO INDUSTRIAL resolveria muito para uma cidade que ainda não parou. Que processos de industrialização ou que tipo de indústrias po-

deriam ser introduzidas aqui?

11 — Você já experimentou dar uma olhada numa especialização que seria necessária a esse Distrito Industrial? Você seria o primeiro?

12 — Que poderia você fazer antes, e no ato da instalação desse Distrito Industrial?

13 — Há relação entre Ecologia e Imigração?

14 — Pres. Prudente está começando do ponto de vista artístico; você que tem pendor para arte já viu a possibilidade de especializar-se e contribuir para um rápido desenvolvimento desse setor?

15 — Quanto de instrução e de educação você já recebeu durante sua vida. Quanto de cada uma?

16 — Há dois brasis no Brasil? Porque?

17 — Se a realidade que nos cerca é esta, que poderia você como professor fazer para melhorá-la?

18 — O Hino, Nacional é atualizado? Compreende você agora o quanto ele diz de nossa Pátria?

O ferro não foi o primeiro metal a ser empregado pelo homem, mas é hoje o mais importante de todos, o 1.º metal industrial.

É difícil localizarmos o ferro na superfície da terra pois quase todas as rochas contêm pelo menos 6% de ferro sob a forma de minério ou se ja, ligado a outros elementos.

A indústria não vai interessar-se por aqueles minérios que não resultem vantagem para a extração, isto é, que apresente mais de 25% de ferro como é o caso da pirita, magnetita, hematita limonita, itabirito, siderita etc.

Atualmente se utilizam normalmente e com benefício, minerais que há 40 anos pareciam industrialmente estéreis pois considera-se como minério de ferro qualquer rocha que tenha mais de 25% deste mineral.

Antigamente as explorações deveriam ser fáceis e os minerais fáceis de serem fundidos pois o único combustível que dispunham era o carvão vegetal e justamente por isto é que as minas conhecidas como mais antigas se encontram em regiões de bosques: Inglaterra, Suécia, França, etc.

Até fins do século XVIII estendeu-se o uso dos Altos Fornos usando como combustível a hulha e desde então o progresso do ferro vem se fazendo um ritmo acelerado. Assim começou-se a utilizar os minerais mais puros e mais ricos do globo com proporções de 50 a 70% de ferro, minerais da Suécia, da ilha de Elba do Lago Superior dos Estados Unidos, Rússia, etc.

Em um século (1800-1900) a produção anual de ferro gusa passou de 2 milhões de toneladas a 60 milhões de toneladas. Processos novos vem alargando o número de minérios aproveitáveis. Sendo porém, o minério uma mercadoria pesada

O ferro na economia brasileira

LUCILENA RODRIGUES LORENZ

e de pouco valor relativo a siderurgia ainda está adstrita a colocar os seus altos fornos na vizinhança das jazidas de combustíveis para evitar o transporte do minério antes de extraído do ferro gusa. Daí a concentração se operar na proximidade das minas de carvão, de preferência e a necessidade para uma região se tornar grande mercado metalúrgico, de possuir lado a lado, jazidas de carvão e ferro. O problema do ferro é pior, por enquanto, ainda um problema geográfico, em 1.º lugar, porque depende grandemente a sua solução da situação das jazidas de sua acessibilidade e dos meios de comunicação.

Os grandes mercados atuais produtores de minério de ferro são: Estados Unidos, Brasil, França, Inglaterra, Espanha, Rússia, etc.

Embora produtores muitos deles tem consumo interno muito grande, necessitando assim, importar o minério de outros países como é o caso dos Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental que importam do Brasil. A França foi grande exportadora de minério de ferro até o início deste século, passado a explorar consideravelmente suas jazidas após a 1.ª guerra mundial, principalmente na Normandia, Bretanha, tornandose marcante a indústria siderúrgica francesa

e mantendo intercâmbio direto com a Inglaterra de onde importa o carvão de Cardiff e Newcastle. Os outros centros de exportação de ferro são: Suécia que exporta para Rotterdam e Grã-Bretanha, a Espanha, para Grã-Bretanha etc.

O Brasil, desde 1930, vem notando o crescimento da porcentagem de exportação do minério de ferro, principalmente hematita, passando de um milhão de toneladas em 1951, para 12 milhões de ton. em 1965.

Os países industrializados, que visam assim, antes de tudo, ao seu mercado interior, ao lado dos proveitos diretos, resultantes da exportação de objetos manufaturados, máquinas e armas, recolhem também vantagens indiretas: as de ter, por exemplo, frete pesado para seus navios que vão além-mar abastecer-se de matérias primas para outras indústrias.

Daí, a sua exportação de ferro gusa e, de aço para os países menos industrializados.

O peso considerável da mercadoria e a necessidade absoluta de evitar transportes dispendiosos que viriam onerar, fazem com que não seja possível uma concentração dos mercados de exportação. O que o mundo civilizado, porém, procura fazer, tratando-se do ferro, é apenas centralizar a sua oferta e a sua procura em apenas alguns pontos. Daí a formação de escritórios de vendas, órgãos centralizadores, etc.

A tendência atual é tornarem-se os países independentes e de só receberem objetos manufaturados e especializados e ainda essa independência econômica, no mundo atual, é em parte baseada na possibilidade maior ou menor de abastecer o seu próprio mercado interno.

Assim, a tendência dos brasileiros é considerar no Brasil, a siderúrgica como o futuro econômico (conclui na página seguinte)

nômico mais desejável para a nossa independência uma vez que o Brasil possui as maiores riquezas em minério de ferro, capazes de alimentar todas as indústrias da Terra e está calculada em 22% das reservas mundiais. Só em Minas Gerais (Itabira, Pico do Canê etc) são encontrados 15 bilhões de toneladas de ferro, cujo teor de hematita alcança 65% de ferro. Um depósito mais modesto se encontra no Morro de Urucum, na região do pantanal matogrossense e outro no território do Amapá.

Antes de 1914 a exploração do ferro em Minas Gerais não era feita devido a situação interiorana das jazidas, locais difíceis de serem atingidos pelos escassos meios de transportes. Poucos anos antes da guerra, os ingleses, belgas e franceses obtiveram concessões que não chegaram a explorar. Em 1920, a Sociedade Belgo-Mineira instalou-se em Sabará, um alto forno aquecido com carvão vegetal e um laminador. Outras fundições foram montadas em Morlevede (Minas Gerais) e Santo André (São Paulo). Mesmo assim, a produção continuou insuficiente, uma vez que em 1945, o Brasil precisou importar 296.000 ton. de aço e 179.000 ton. de laminados. A penúria trazida pela guerra, os impulsos

do sentimento público e a eliminação da concorrência entre os países industriais, ricos em capitais, feita em benefício exclusivo dos Estados Unidos, que buscavam também, assegurar reservas para o futuro, contribuíam para inverter a situação.

Em 1941, o Brasil organiza através de uma emissão de títulos e com auxílio dos Estados Unidos, a Companhia Siderúrgica era um problema delicado: a usina precisava ser facilmente abastecida em matérias primas mas, no Brasil, os depósitos de carvão do sul ficam a grandes distâncias das jazidas de ferro de Minas Gerais. Necessitava ainda de localizar-se próximo dos mercados consumidores, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. A solução final foi Volta Redonda, apontada pelos estudos técnicos como o lugar ideal para a construção da siderúrgica brasileira a coque mineral. Estava equidistante das fontes de matérias primas e dos principais mercados consumidores. Tinha água em abundância, disponibilidade de energia elétrica, servida pela ferrovia e rodovia e próxima dos portos de Angra dos Reis e Rio de Janeiro, receptores do carvão do sul do Brasil ou dos Estados Unidos.

Atualmente Volta Redonda fornece a metade da produção metalúrgica do Brasil.

Em 1958 e 1960, respectivamente, a Usina de Volta Redonda apresentou os seguintes resultados:

coque:	507.822 t	e	704.085 t.
ferro gusa:	645.809 t.	e	784.269 t.
aço em lingotes: ...	811.491 t.	e	1005.600 t.

Volta Redonda é hoje, a afirmação das possibilidades brasileiras no domínio da tecnologia e também o primeiro empreendimento a projetar o Brasil internacionalmente.

A experiência de Volta Redonda e as que se seguiram, em matéria de Siderúrgica (Cosipa, Usina de Aço de Barra Mansa, Usiminas, etc), tiveram resultados satisfatórios, não apenas pela produção obtida, mas também devido haverem provado que somos capazes de assimilar os métodos de trabalho dos meios mais adiantados e de nos adaptarmos às exigências técnicas. Dia a dia, vem-se fortalecendo a tese de que, com orientação adequada e os recursos indispensáveis, podemos atingir produtividade tão alta como a de qualquer outro povo.

As associações em que os indivíduos só podem viver juntos denominam-se colônias. Uma colônia é formada quando, após a reprodução, os descendentes continuam ligados. Em algumas, os associados são iguais morfológicamente e fisiologicamente, desempenhando cada um todas as funções. Noutras colônias, encontram-se organismos morfológicamente diferenciados, executando diferentes funções. Nestas colônias, portanto, já existe distribuição de trabalho. As bactérias do grupo Coccus podem apresentar colônias de dois ou mais indivíduos ordenados em uma, duas ou três dimensões. Na alga azul, o Gloeocapsa, os associados são presos numa massa gelatinosa comum, podendo separar-se. Na alga verde Volvox já existe divisão de trabalho, pois nesta colônia ocorrem células sexuais e vegetativas. As células femininas denominadas óvulos são grandes imóveis e as masculinas produzem espermatozoides, que são libertados na água. O espermatozoide ao penetrar no óvulo fertiliza-o, produzindo-se o ovo ou zigoto que por divisões refaz a colônia. As demais células são vegetativas sem papel na reprodução sexual. Um tipo de colônia animal, com divisão de trabalho é encontrado nos Hydrozoa. Alguns indivíduos são destinados à nutrição, outros à reprodução.

Outra associação entre seres da mesma espécie é a "sociedade", na qual os associados são unidos apenas pelo instinto de associação.

Nas sociedades chamadas individualistas, as relações entre os organismos são muito frouxas, não existindo distribuição de trabalho. Os organismos poderiam separar-se não fosse o instinto associativo. Como exemplo citamos o cardume, o rebanho, a manada. Mas, mesmo nestas sociedades individualistas já se observa uma tendência para a divisão de trabalho. Assim, no rebanho existe um animal que serve de guia e no vôo das aves sempre há uma que toma a posição central.

Nas sociedades denominadas coletivistas, as relações entre os associados são mais estreitas, havendo distribuição de trabalho aos indivíduos diferenciados morfológicamente. Citamos as sociedades dos insetos, como abelhas, formigas e cupins. Nas sociedades de abelhas há uma rainha (fêmea), vários zangões (machos) e inúmeras operárias. Nas sociedades das formigas e termitas há, além destas castas, os soldados que defendem a colônia.

RELAÇÃO ENTRE SÊRES VIVOS DE ESPÉCIE DIFERENTE

Quando essas associações não acarretam prejuízo para nenhuma das espécies associadas, podendo mesmo beneficiar uma ou ambas, são chamadas harmônicas. Quando, porém, há um desequilíbrio de modo a existir uma espécie e outra dominada, as associações são chamadas desarmônicas.

O "inquilinizismo" é uma associação harmônica em que um organismo vive sobre o outro para auferir proteção. Um exemplo de inquilinizismo é encontrado em pequenos caranguejos (Pinnotheres), que vivem dentro das conchas de moluscos bivalvos (Pinna). Nos vegetais, essa associação é chamada epifitismo. Uma planta epífita vive sobre a outra para obter maior luminosidade, como a orquídea, por exemplo.

Outra associação harmônica é o "comensalismo", em que um animal procura o outro para aproveitar os restos de seus alimentos. Um ani-

Relação entre seres vivos da mesma espécie

Maria Luiza Beçak
Willy Beçak

mal se beneficia e outro não tem vantagens nem prejuízos. O peixe-piloto (Naucrates) é um comensal que acompanha o tubarão. São também comensais os ácaros, aranhas, crustáceos, dípteros e coleópteros, que vivem junto a sociedades de formigas ou termitas (cupins) nutrindo-se dos detritos alimentares ou cadáveres de insetos sociais. Alguns coleópteros são prejudiciais às formigas porque nutrem-se das reservas do formigueiro ou de larvas vivas. Nesses casos já encontramos uma transição para o predatismo. Existem coleópteros comensais que são trazidos e protegidos pelas formigas por secretarem éteres que são muito apreciados pelas mesmas, apesar de não terem valor nutritivo.

O "mutualismo" é uma associação harmônica na qual ambas espécies se beneficiam. Uma espécie procura proteger-se contra predadores e a outra encontra maior facilidade do alimento. É o que acontece com os peixes que vivem entre os tentáculos da Actínia. Esta, sendo fixa, se beneficia com as correntes de água produzidas pelos peixes, as quais trazem mais facilmente os alimentos. Por outro lado, os peixes conseguem proteção mais eficiente, em relação aos predadores, entre os tentáculos da Actínia.

A "simbiose" também é uma associação harmônica. As relações entre os associados são muito estreitas e necessárias havendo vantagens para ambas espécies. A simbiose entre alga e fungo é chamada "liquen". A algam realizando fotossíntese, fornece amido ao fungo que por sua vez, fornece à alga gás carbônico e água. Outra simbiose é a micorriza que consiste na associação de fungo com raiz de planta florestal. O fungo decompõe substâncias nitrogenadas, de difícil acesso às raízes fornecendo-lhes o nitrogênio sob a forma aproveitável e por sua vez encontra um meio favorável ao seu desenvolvimento na raiz. Se o fungo penetra nos espaços intercelulares ou no interior das células corticais a micorriza é, respectivamente, ectótrofa ou endótrofa. A simbiose do tipo bacteriorrizal é encontrada entre bactérias e raízes da leguminosas. As bactérias fixam o nitrogênio livre do ar em combinações orgânicas que serão aproveitadas pela raiz após a lise bacteriana. É de supor que antes de serem ingeridas, as bactérias encontrassem na raiz um meio favorável a suas atividades. Existem também simbioses entre animais e vegetais. Como exemplo citamos as zoooclorelas, ou seja, simbiose entre organismo de água doce (amebas, esponjas, hidras e turbelários) e algas verdes. Outro caso semelhante é da zooxantela, encontrada entre os organismos de água salgada (radiolários, foraminíferos, algas e celenterados) e algas amarelas. As algas, sendo autótrofas, podem fornecer amido aos animais que fornecem às algas o gás carbônico raro no ambiente.

Quanto às associações desarmônicas, são importantes o predatismo e o parasitismo.

O "predatismo" não seria associação e sim o caso de um animal mais forte procurar outro mais fraco para destruí-lo violentamente e se alimentar.

No "parasitismo", um organismo retira diretamente do outro, as substâncias de que necessita para sobreviver. Quanto à sua localização no hospedeiro, é denominada exoparasita ou endoparasita. Em relação ao seu tamanho, é microparasita ou macroparasita, sendo a penetração de um microparasita denominada infecção e a de um macroparasita, infestação. Existem organismos que são parasitas numa só fase vital e outros que o são durante todas as fases de seu ciclo vital. No primeiro caso são parasitas temporários e no segundo, permanentes. Alguns parasitas são monóxenos ou heteróxenos, segundo dependam de um ou mais hospedeiros.

Certos parasitas são obrigatórios, isto é, somente vivem de parasitismo e outro são ocasionais, isto é, eventualmente tornam-se parasitas.

O parasitismo pode influir modificando o parasita ou o hospedeiro. Como efeito do parasitismo sobre o hospedeiro citamos as lesões, obstruções de canais, hemorragias, intoxicações, subnutrição. Em alguns hospedeiros os parasitas, às vezes, causam alterações no sexo, como os crustáceos hemafroditas que se tornam unissexuados quando o parasita se localiza num de seus órgãos reprodutores, masculino ou feminino. Como efeitos sobre o parasita citam-se as reduções do aparelho digestivo e do locomotor, ou as acentuações do aparelho reprodutor e a existência de certos órgãos como ganchos, dentículos e ventosas.

O mimetismo

Messias Modesto dos Passos

O mimetismo constitui uma propriedade assaz vantajosa para a espécie que a possui, por torná-la menos suscetível ao ataque de seus inimigos. Quando esse disfarce natural é obtido pela cor, constante ou variável, recebe o nome de "homocromia"; todavia, pode haver também uma modificação de forma e de atitude. Em certos animais marinhos, o mimetismo consiste em sua completa transparência, de modo a se confundirem completamente com a água. A cor verde é muito comum entre animais que habitam florestas tropicais. Igualmente, é muito encontrada a cor da terra, entre os répteis que nela vivem. Os animais do deserto são frequentemente amarelados: leão, camelo, etc. Muitos animais das regiões frias mudam de pelagem antes do inverno, passando ao marrom ou cinzento ao branco que se confundirá facilmente com a neve. Os ratos, morcegos e outros animais noturnos confundem-se facilmente com a treva. Outros, como o camaleão, tem ainda a faculdade de mudar de coloração conforme o ambiente em que se encontram. É fácil observar com o camaleão, passando de uma a outra parede, modifica rapidamente a cor de seu corpo, o que é devido a células especiais denominadas cromatóforos.

(conclui na página seguinte)

Há crustáceos cujas formas jovens são transparentes, mudando, porém de coloração, conforme as algas do meio em que se encontram. Colocadas estas formas jovens num aquário com diferentes tipos de algas cada grupo de crustáceo coloridos procura a alga com a coloração correspondente. Muitas vezes o mimetismo caracteriza-se pela tendência de simular um outro animal, ora temível por sua agressividade, ora repugnante pelo gosto ou pelo cheiro, o que repele os predadores. Há, por exemplo, mimetismo no caso da borboleta *Trochilium apiforme*, que imita a *Vespa crabro*, não somente na conformação do corpo e no colorido, mas também no tipo de vôo. Na Amazônia, há borboletas do gênero *Dismorphia*, da família dos Pierídeos, que imitam os *Heliconídeos*, enquanto outras espécies do mesmo gênero conservam a cor habitual da família; os primeiros tem asas oblongas e cores vivas; os segundos são brancos. Tal simulacro se processa porque os *Heliconídeos* tem um gosto e um cheiro desagradável, sendo desprezados pelos animais insetívoros. Por vezes, este mimetismo se processa unicamente na fêmea. Entre as cobras, é frequente o caso de espécies inofensivas que imitam as venenosas. Outros casos de mimetismo tomam aspectos bastante curiosos. A largata do *Choerocampa elpenor* tem no quar-

to e quinto segmentos do corpo duas grandes manchas oculiformes, orladas de negro; quando ela é ameaçada, retrai a cabeça e os anéis anteriores, inflando fortemente o quarto, parecendo então uma cabeça de serpente com os olhos muito abertos. A *Caligo*, das Guianas e do Brasil, é uma borboleta muito grande, que pousa geralmente sobre os cipós, de cabeça para baixo, com as asas abertas mostrando a face inferior, ornada de manchas circulares assemelhando-se estranhamente a olhos de coruja e destacando-se sobre um fundo estriado de cinzento e marrom, que lembra bastante a plumagem daquela ave, de modo a assustar os pequenos mamíferos e pássaros que a temem, mas poderiam estar tentados a apanhar o inseto. Todavia, o mimetismo de diversas espécies animais não devem ser confundido com uma convergência evolutiva, em consequência da qual diferentes animais adquirem aspecto semelhante. Há, por exemplo, grande correspondência de forma e coloração entre espécies brasileiras e africanas, embora seja pouco provável qualquer tipo de contato anterior, que houvesse provocado mimetismo. Alguns chamam de "mimetismo isotípico" a semelhança existente entre espécies inofensivas da mesma região, de modo que se torna difícil atribuir ao fenômeno um significado defensivo. Fritz Muller

propôs uma explicação, pelo menos no que se refere a insetos: visto que os pássaros experimentam certo número de borboletas, a fim de se certificar quais são as comestíveis, deixando, depois, de atacar as que não o são, é de grande vantagem para diversas espécies comestíveis ter o mesmo aspecto. Outros tipos de mimetismo são dificilmente perepetíveis pelo homem, mas, segundo parece, há um "mimetismo olfativo", adquirindo algumas espécies o cheiro de outras que não são comestíveis ou que se tornam mesmo repelentes. É possível que exista igualmente um "mimetismo auditivo": parece que o môcho *Speotyto curicularia*, das campinas norte-americanas, imita o ruído do guizo de cascavel, assustando dessa forma até ao homem e aos cavalos. Existem diversas teorias sobre o mimetismo, sendo bastante frequente a explicação de que essa defesa natural se tenha fixado em determinadas espécies graças à SELEÇÃO NATURAL.

A camuflagem, empregada com tanta frequência nas guerras modernas, parece ser uma imitação direta do mimetismo animal.

BIBLIOGRAFIA —

- 1 — Biologia na Escola Secundária — Oswaldo Frota — Pessoa
- 2 — Enciclopédia Universal Ilustrada

AS EXPERIÊNCIAS DE ISAAC NEWTON

Este rotável físico inglês, Isaac Newton (1642-1727), se propôs a estudar o fenômeno das cores. Como cientista, a observação atenta foi o primeiro método usado por ele: observou que cristais lapidados, gemas cintilantes de Murano, quando bem iluminados por raios solares refrangiam estrias coloridas como o arco-íris. Porque? Seria a luz branca uma "mistura" de cores? Para esclarecer esta suspeita Newton fez a seguinte experiência.

Num quarto fechado, completamente escuro, ele fez passar através de um minúsculo orifício feito na cortina negra da janela, um pequeno fecho de luz e dispôs um prisma de cristal diante do furo, para que o raio solar caísse sobre ele. Depois de passar pelo prisma, o raio foi desviado de sua primitiva direção e foi cair numa tela branca propositalmente ali colocada. Sobre a tela, apareceu, então um estria luminosa de cores nítidas, graduadas de vermelho ao violeta, dentre as quais Newton distinguiu sete principais cores: vermelho, alaranjado, verde, azul, anilado e violeta.

A esta estria luminosa de cores ele deu o nome de "espectro".

Desta experiência podemos concluir, de maneira simples, que a luz se propaga em linha reta. Quando um raio de luz passa de uma substância a outra, que contém densidade diferente (exemplo do ar para a água) ele (o raio) é desviado de sua direção — A este fenômeno deu-se o nome de "refração" e ele é regido por leis particulares.

Provado que a luz branca não era senão a sensação produzida em nossos olhos por todas as luzes coloridas do espectro, em conjunto, o grande cientista raciocinou: "Se realmente a luz branca é igual à soma de todas as luzes coloridas do espectro, reunindo de novo estas últimas, por meio de uma lente convergente, deve-se obter a luz branca" — Depois de realizada a experiência, o seu raciocínio foi confirmado.

Outra experiência do grande Mestre que comprova a recomposição da luz branca pode ser reproduzida com o auxílio do famoso "Disco de Newton". Sobre o disco, estão colocados setores diversos tamanhos, cada qual colorido com uma das cores principais do espectro. Fazendo rodar o disco, nossos olhos percebem uma única cor, o branco (ra prática o branco cinzento) pela persistência das imagens na retina.

CÓRES PRIMÁRIAS E COMPLEMENTARES

Esta cor branco-cinzenta obtida com o auxílio do "Disco de Newton" pode-se conseguir na prática através da mistura conveniente de tintas das cores primárias (vermelho, azul e amarelo). Elas são assim denominadas (primárias ou fundamentais) por terem padrões fundamentais definidos e poderem formar todas as outras cores do espectro. Concluímos que a cor primária não pode ser obtida pela combinação de outras cores. São puras.

A cor complementar é aquela que falta à outra para completar a cor branca; ex. a cor azul (primária) tem como complementar a cor alaranjada (mistura do amarelo + vermelho). Azul + alaranjado formaram o conjunto das três cores primárias que, juntas, produziram o

Noções gerais das teorias das cores

(Prof. Mariângela Marcondes)

branco-cinzento.

Assim, o verde (azul + amarelo) será a complementar do vermelho e o roxo (azul + vermelho), do amarelo.

CÓRES SECUNDÁRIAS, TERCIÁRIAS E NEUTRAS

A mistura proporcionada de duas cores primárias vai dar origem às cores secundárias ou binárias. Veremos que misturando em partes iguais o vermelho + amarelo = teremos o alaranjado — amarelo + azul = teremos o verde — azul + vermelho = teremos o roxo ou violeta.

Pela explicação anterior poderemos concluir que toda cor complementar é secundária.

Por sua vez, a combinação de duas cores secundárias, dará roxo teremos o marron avermelhado... e assim por diante.

As cores neutras são assim denominadas por serem indefinidas. Auxiliam as cores primárias para a preparação das demais cores. São elas: branco, cinzento e preto.

A adição do preto ou do branco, numa determinada cor, modificará a sua aparência resultando uma cor clara ou escura. Exemplo: adicionando preto ao amarelo teremos o amarelo escuro, se o branco for adicionado teremos o amarelo claro.

A esta mudança da cor ocasionada pelo preto e branco, chamamos "tom".

Podemos concluir que os "tons" ou "tonalidades" de uma cor serão determinados pela mistura de uma cor neutra. Chamamos de "gradação dos tons" — "gama diatônica" ou "escala monocromática" à seguinte operação: Misturamos gradativamente uma cor neutra numa cor qualquer para a obtenção de tons cada vez mais claros ou escuros desta cor.

Exemplo: — misturamos

- 7 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 6 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 5 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 4 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 3 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 2 partes de vermelho + 1 parte de preto.
- 1 parte de vermelho + 1 parte de preto.

A cor vermelha, nesta operação, foi gradativamente se tornando escura, passando do claro para o escuro. É por isso que dizemos que o termo "claro-escuro", significa uma graduação de tons, e será através dele que conseguiremos perceber os relevos e as profundidades das coisas.

VALOR — NUANÇA

Toda cor tem um valor que será determinado pelo seu grau de intensidade. Determinando estes valores, podemos separar as cores em frias

e quentes. As cores quentes, são aquelas que lembram o fogo e são vivas, alegres e transmitem a sensação de calor. São elas: vermelho, amarelo, laranja e suas derivadas.

Ao contrário, as cores frias são escuras e tristes; transmitem a sensação de baixa temperatura. São elas: azul, roxo e suas derivadas.

Quando acrescentamos a uma cor, pequena quantidade de outra, observamos uma modificação a que damos o nome de nuance. As nuances seriam as modificações intermediárias verificadas na mudança de uma cor para outra. Podemos observar as nuances do espectro, quando da passagem das cores. Também a natureza nos oferece um espetáculo maravilhoso nos matizes das suas flores onde notamos perfeitamente as nuances.

HARMONIA

A sensação do belo e do feio, do agradável ou desagradável varia com o indivíduo, de acordo com a sua personalidade e ambiente. Cada um tem as suas preferências e predileções. Em se tratando de cores, não podemos estabelecer princípios absolutos de harmonias, senão enumerar aqueles já tradicionais, comprovadamente eficientes e atraentes.

Em primeiro lugar é conveniente lembrar os principais processos de combinação de cores que são: "monocromia" (emprego de uma só cor em tonalidades diferente) "isocromia" (emprego das matizes) e "polícromia" (emprego de várias cores).

Os tradicionais fundamentos da justa posição das cores, ou perfeita relação entre uma cor e outra, que é o que entendemos por "Harmonia das cores", são as seguintes:

1.º — HARMONIA MONOCROMÁTICA — ou de uma cor dominante, é aquela que emprega a monocromia, isto é, uma só cor aplicando vários tons de claro ou escuro da cor ou ambos. Nesta harmonia uma única cor domina. É a mais simples das justaposições e de grande efeito decorativo quando seu emprego é bem estudado.

2.º — HARMONIA DAS CORES ANALÓGICAS — ou das cores vizinhas, é aquela que emprega uma cor e suas derivadas. Exemplo: o verde justaposto com verde limão, verde garrafa, ou azul ultramar ou ainda de todas estas cores. Numa decoração esta harmonia é determinada suas cores análogas ou vizinhas. Dependendo do estudo criterioso ou não, ao ser adotadas, produzirão efeitos de beleza e bom gosto ou efeitos negativos de mau-gosto.

3.º — HARMONIA DAS CORES OPOSTAS — ou por contrastes à aquela que emprega uma cor e a sua complementar que lhe é contrastante. Uma cor justaposta à outra deve intensificar os seus valores. Nesta harmonia devemos lembrar que as maiores extensões devem ser constituídas das cores mais claras deixando as escuras para as extensões menores. A combinação de cores contrastantes baseia-se nas oposições dos tons claros e escuros.

Para finalizar devemos acrescentar que as cores neutras podem (e devem) ser utilizadas em qualquer das harmonias acima referidas, resultando efeitos sugestivos de coloração.

Em qualquer decoração devemos observar além dos nossos gostos individuais, um estudo rigoroso das combinações que serão empregadas para que haja realmente um efeito harmonioso.

Pode haver diversas razões para não se gostar de uma obra de arte. O trabalho pode, simplesmente, não ter grande valor artístico. Ou o observador pode não gostar do tema e rejeitar a obra em si, ou — o que é mais provável — pode procurar na arte do nosso tempo algo que ela jamais poderá dar, porque a sua intenção é outra.

Para chegar à origem deste choque entre expectativa e intenção, é preciso voltar ao Renascimento. Nos séculos 14 e 15, uma série de descobertas resultaram numa grande revolução do pensamento humano.

Pela primeira vez o homem europeu começou a ter confiança em sua inteligência; sentiu que podia descobrir as leis naturais que regem o universo. A queda da sociedade feudal antiga resultou na ascensão de uma classe mercantilista e de ricos aristocratas, que se cercaram dos grandes homens da época — sábios e artistas — protegendo-os e sustentando-os.

O GRANDE TEATRO DO MUNDO

A revolução cultural e social do Renascimento refletiu-se nas artes plásticas, pela procura de uma nova representação do espaço pictórico. Na Idade Média, as figuras eram representadas sem que tivesse a preocupação de criar uma ilusão de profundidade. O homem medieval acreditava que existia apenas uma realidade essencial: Deus. Os outros objetos do mundo não eram senão a representação dessa essência divina. Não era preciso, pois, conferir-lhes valores diferentes ao representá-los no quadro. Mas o homem do renascimento surgiu como um espectador do universo. Falava muito, na literatura e na poesia, do "grande teatro do mundo". E começou a pintar quadros que se apresentavam exatamente como o espetáculo teatral é visto da platéia, pelo espectador; de um ponto de vista único, com os objetos ordenados segundo uma escala fixa de grandezas, dentro de um espaço limitado. Essa visão rígida tornou-se pouco a pouco uma concepção, que com o tempo se transformou em dogma: estava definitivamente descoberta a maneira "natural" de registrar a realidade.

Durante cinco séculos, esta concepção dominou as artes plásticas e o habitante do mundo ocidental habituou-se a pensar que a perspectiva renascentista fornecia a ilusão perfeita da realidade. As formas anteriores de representação eram consideradas "ingênuas", "primitivas", erradas, em suma. Confiante na sua sabedoria, o homem se acreditava num instrumento necessário ao desenvolvimento harmonioso da vida sobre o planeta. Sentia que descobria um novo espaço o daquele universo que tão subitamente se expandira no século 14, com as grandes descobertas da ciência, as grandes expedições marítimas, as novas concepções astronômicas. Durante 500 anos, o homem pensou possuir uma imagem exata do universo.

UMA REVOLUÇÃO MUDA TUDO

Mas por fim chegou o século que traria profunda mudança no pensamento e na visão do homem ocidental. Com a revolução industrial do século 19, tudo mudou. A nova sociedade que surgiu não era iniciada nos valores da cultura anterior. Não se interessava tanto pelo antigo jogo dos valores humanos. Não se satisfazia em contemplar o universo, mas desejava dobrá-lo à sua vontade, com os instrumentos que a ciência lhe fornecia.

A máquina tudo transformava — o ritmo da vida, as noções do tempo e de distância. A própria noção de espaço. Era possível representar e reproduzir mecânicamente a natureza através da fotografia. Nada mais natural que as antigas formas de representação do espaço não mais satisfizessem às intenções dos artistas.

PINTURA IMPRESSIONISTA NÃO SURTIU POR ACASO

Era preciso romper com as fórmulas antigas, desvendar os mínimos detalhes da matéria, procurar familiarizar-se com as novas descobertas que estavam sendo feitas pelos cientistas acerca da qualidade da luz e dos fenômenos ópticos. Não foi por acaso que surgiu a pintura impressionista. Ela veio como resposta à necessidade social, à exigência de uma nova forma de expressão. Assim mesmo, os pintores impressionistas foram acolhidos em seu tempo como um bando de boêmios desocupados que se dispunham a romper com os cânones estabelecidos, por capricho ou por incompetência. A mudança de Degas, Monet, Renoir, Lautrec, Gauguin, Barnard, Van Gogh, Cézanne e outros parecia gratuita e desnecessária. "Isto não é arte! É uma loucura!" E no entanto, se tudo mudara, se toda a maneira de viver, se todas as relações entre

A arte moderna chegou ao Brasil com 30 anos de atraso

Mário e Vera Pedrosa
Realidade n.º 5

As pessoas mudaram, se o mundo se apresentava de uma maneira inteiramente nova, como não haveria de mudar a arte? E, por outro lado, como não entender que o público haveria de custar a aceitar a rebeldia desabusada desse punhado de artistas que ousavam desafiar, desmentir, destruir os dogmas defendidos pelos artistas do Renascimento? Como abrir mão de cinco séculos de segurança estética? Em nome de quem? De artistas que ignoravam ou desprezavam as leis do belo? Que desconheciam seus princípios mais indiscutíveis e imutáveis?

O conflito que se estabeleceu entre os artistas tradicionais, presos a uma civilização já morta, mas com o público desorientado ainda a apoiá-los, e os inovadores que tinham apenas uma visão incompleta de uma verdade nova, foi o primeiro exemplo do que se viria a chamar o conflito entre a arte e o povo.

CADA UM PINTA O QUE QUER

A revolução impressionista consistiu na ênfase dada pelos artistas à primeira emoção percebida, à sensação. A arte pretendia representar uma realidade subjetiva, ao invés de querer apresentar uma visão objetiva do mundo. Com isso, acendeu-se o estopim: a arte perde suas raízes, cada um que pintasse o que quisesse. Os estilos proliferaram, e quando o público começou a digerir o impressionismo já novos estilos surgiram.

Mas é preciso ter em mente que esta diversidade de estilos nas artes plásticas do final do século 19 ao decorrer do nosso não constitui um fator isolado. Como assinala o crítico Herbert Read: "A complexidade dos estilos em arte, a aparente descortinidade de seu desenvolvimento não é maior do que a complexidade daquilo que bem poderíamos chamar de moral, religião e economia social. Em toda parte existe a mesma falta de unidade, a mesma falta de autoridade, as mesmas quadras com as tradições".

A luta dos artistas impressionistas foi difícil e penosa. Alguns conheceram finalmente o sucesso, mas muitos morreram de fome, sem vender um só quadro, como Modigliani; outros morreram na miséria, na loucura e no desespero, como Van Gogh, ou no desterro, como Gauguin. Morreram sem apoio e sem incentivo incompreendidos pelos seus contemporâneos e, talvez, duvidando da utilidade de toda aquela luta.

Hoje, o impressionismo já não é considerado herético por ninguém. Entretanto, pelo fato de haver modificado substancialmente as técnicas de figuração espacial, o impressionismo abriu caminho para a conquista de novas formas de expressão. Estas, sim, viriam a perder todo o contato com a arte tradicional.

A VEZ DA ÁSIA E DA ÁFRICA

A influência de outros continentes começou a se fazer sentir na arte européia. Manet e Van Gogh, por exemplo, foram fortemente influenciados pelas gravuras japonesas que chegaram a Paris em seu tempo. E o espaço representado na arte oriental não é de modo algum aquele espaço tridimensional da tradição acadêmica. Depois da influência requintada e sutil do Oriente, outra presença estranha veio imprimir sua marca na cultura ocidental: a arte negra. Da mesma maneira que as gravuras japonesas levaram uma redefinição do espaço artístico, a arte da África contribuiu para libertar as emoções, pois a arte dos negros nada tem a ver com o racionalismo: é fruto de uma atitude mágica diante das coisas. Daí sua exuberante liberdade, jamais embaraçada por preocupações realistas e no entanto existindo uma tendência espontânea à disciplina geométrica e arquitetônica.

CUBISMO SEM OBJETIVIDADE

Picasso sofreu o impacto da arte negra em 1906, quando pintou *Les Femmes d'Alger*, que muitos consideram um dos maiores momentos da pintura moderna e o ponto de partida para uma nova revolução nas artes plásticas: o cubismo. Picasso procurou decompor a realidade em elementos mais ou menos geometrizarantes, co-

mo na escultura negra. Suas figuras foram inteliramente estilizadas. Nada de refletir a realidade "como o artista a vê", pois os artistas negros que Picasso tomava por modelo representava apenas a realidade "que eles a imaginavam livremente". Assim o cubismo não se preocupava com a objetividade.

Depois do cubismo, que floresceu em 1907 a 1914, a arte contemporânea conheceu uma multiplicidade de tendências.

O expressionismo continuou sua carreira, pois ao contrário do impressionismo era mais uma atitude do que uma escola propriamente dita. O expressionismo tem aparecido em vários períodos da história da arte, é uma atitude introspectiva por excelência, mas pode trazer um caráter de crítica social. Seu tema é o do homem, de sua miséria e de suas emoções: o ódio, o medo, o amor. Munch, Nolde, Coutine e Gross são expressionistas de diversas épocas.

PROTESTO CONTRA A GUERRA

Por volta de 1916, surgiu o Dadaísmo, expressão do protesto de artistas plásticos, poetas e músicos contra a sociedade capaz de gerar a Primeira Guerra Mundial. O Dadaísmo se opunha declaradamente à ordem social estabelecida e aos seus valores desumanos. Os dadaístas recorriam à colagem, à montagem, à utilização de objetos fabricados pela indústria, à utilização da palavra escrita para reforçar o significado da obra de arte. Hans Arp, Kurt Schwitters, Marcel Duchamp e Francisco Picabia pertenceram ao grupo dadaísta, que pode ser considerado o precursor das atuais pesquisas a que se dedicam os integrantes da "Pop-Art" e da "Nova Figuração".

Os anos que se seguiram trouxeram o desenvolvimento do "abstracionismo geométrico" (culminado hoje o "Op-Art") e do abstracionismo mais livre, ora impressionista (que leva ao que se chamou de tachismo) ora expressionista ("pintura de gesto" ou "action painting"). Trouxeram também o deslocamento dos centros do movimento estético. Hoje, os Estados Unidos representam, de certo modo, a vanguarda artística mundial. Numerosas escolas, de alto vigor e valor inovativo, florescem no continente norte-americano. Artistas de categoria de Pollock, Tobey, De Kooning, Calder, Jasper Johns, Rauschenberg, Albers, vivem e trabalham nos Estados Unidos, estendendo dali sua influência sobre os artistas do mundo inteiro. O Japão é também um centro de grande produção artística, bem como a Inglaterra, que assiste a um surto inédito de criação plástica.

Por outro lado, a América Latina, nesta segunda metade do século, vem revelando artistas que nada têm a dever aos mestres europeus. O artigo lapso cultural entre a América Latina e os países colonizadores está sendo superado. Da Argentina e do Brasil, sobretudo, mas também de outros países do continente, surgem agora artistas novos, donos de uma expressão própria.

Na época em que a Europa vivia a revolução impressionista, o Brasil continuava preso à tradição acadêmica. Havia artistas de qualidade inegável — como Amoêdo, Batista da Costa, Victor Meirelles, Décio Villares, Souza Pinto — mas seguiram os padrões antigos sem qualquer tentativa de criar uma linguagem própria. Nenhum de nossos pintores que viajaram para Paris, onde cursaram as academias tradicionais em plena explosão impressionista, tomou conhecimento da revolução em curso. Só em 1900 — com 30 anos de atraso — é que o impressionismo chegou ao Brasil.

Eliseu Visconti, tendo viajado para Paris, ficou integrado pelas novas formas de representação espacial. Voltando ao País, procurou introduzir elementos plásticos mais ligados ao Brasil em sua pintura. As cores de Visconti tinham muito do Brasil, com sua luminosidade tropical e suas calorosas imprecisões.

SEGALL PASSOU DESAPERCEBIDO

Depois de Visconti, o academismo continuava a imperar. Em 1913 — quando na Europa já se fizera a experiência fauvista, a experiência neoplasticista, a experiência cubista — Lazer Segall, de passagem pelo Brasil, realizou sua primeira exposição. A pintura de Segall era expressionista, com seus temas dolorosamente ligados ao drama humano. Mas a mostra foi em Campinas, e passou inteiramente despercebida.

Em 1916, chegada de estudos na Europa, a pintora Anita Malfatti apresentou a primeira exposição de "Arte Moderna" de São Paulo. A reação foi das mais violentas. Monteiro Lobato atacou o artista severamente no "Correio Paulistano", em artigo onde o mínimo que fazia era duvidar de sua honestidade.

Transcrito da revista "REALIDADE", de fevereiro de 1968.

A — Introdução:

A educação, objeto da Pedagogia, dirige-se à vida humana em sua totalidade. Nesse sentido, todas as ciências e disciplinas que afetam diretamente o homem, relacionam-se com a Pedagogia.

Entre estas, existem algumas, porém, que guardam com ela, maiores relações do que outras. São elas: Biologia, Sociologia, Filosofia, Ética ou Moral e Psicologia.

B — RELAÇÃO DA PEDAGOGIA COM A BIOLOGIA:

Somos corpo e alma. Não há possibilidade de estabelecer uma linha definida de separação entre o corpo e a alma. A educação depende muito do aspecto fisiológico do homem e quem vai estudar este aspecto é a Biologia. A Biologia (bios = vida) estuda tudo o que se relaciona com a vida dos seres vivos no espaço e no tempo.

Dentro da Escola Normal a Biologia ocupa lugar de destaque. O professor precisa conhecer aspectos, fatos importantes da vida, para poder bem educar. Como sabemos, há interdependência entre os estados do psiquismo e os do corpo. E os estados psíquicos influem na aprendizagem.

Uma criança doente, não tem atividade, não pode ser um bom aluno.

A Pedagogia vai buscar na Biologia informações sobre: a hereditariedade (que influe no desenvolvimento), etc...

C — Relações da Pedagogia com a Sociologia:

Uma vez que, no dizer de um filósofo antigo, o homem é um animal social, não resta dúvida que todos os problemas sociais interessam à Pedagogia.

Não é possível fazer o estudo concreto do desenvolvimento da personalidade, a não ser em função do meio ao qual a criança tem de se adaptar; ora, é principalmente o meio social que põe, em geral, ao homem, os problemas mais complexos e mais difíceis.

A Sociologia estuda o homem em grupo; em sociedade. A Pedagogia vai ensinar a educar para viver em sociedade.

A Pedagogia tem de considerar o problema educativo, também sob o ponto de vista social.

Ciências Auxiliares da Pedagogia

Maria Carmem Iuam e Helena F. de Barros

O problema pedagógico não é apenas psicológico e biológico; é também social.

D — Relação da Pedagogia com a Filosofia:

A Filosofia é a ciência que trata de todas as coisas nas suas causas primeiras, à luz da razão natural. Ela responde às perguntas: por que? para que?

A Pedagogia não pode prescindir da Filosofia. Assim, as perguntas que o pedagogo faz a si mesmo, ao encarar o problema educativo, são em grande parte perguntas filosóficas e só podem encontrar respostas no seio da Filosofia: que caminho devo seguir? como devo proceder?

A nossa opinião sobre Educação depende da nossa opinião sobre o homem, sobre a sua natureza, sobre o seu destino, sobre o seu fim.

O problema: "que é o homem? Qual é o seu destino?" deve ser resolvido antes de se tratar da educação do homem.

No fundo de toda Pedagogia há sempre uma Filosofia da Educação a servir-lhe de base e sobre a qual se formam os diversos sistemas.

E — Relação da Pedagogia com a Ética ou Moral:

MORAL é a parte da Filosofia que trata dos costumes e deveres do homem. É a ciência que dá as normas de conduta ou dos costumes como eles devem ser. Pressupõe que o indivíduo tenha uma inclinação natural e disponha do seu livre arbítrio, isto é, que seja um ente capaz de escolher o bom e o mau caminho.

A Moral se relaciona com a Pedagogia, pois a obra essencial da educação consiste em formar a consciência moral das crianças.

F — Relação da Pedagogia com a Psicologia:

Uma das ciências básicas da Pedagogia é a

Psicologia. Como sabemos, a Pedagogia não vai ensinar como educar, como instruir. Mas, não podemos educar e instruir, sem o conhecimento do objeto da educação: O HOMEM. E este conhecimento, quem nos vai dar é a Psicologia.

O professor tem na sua frente a criança. Mas, cada criança tem as suas características psicológicas diferentes das outras crianças. Assim, cada uma tem seu grau de inteligência, seu temperamento, seu grau de emotividade.

Ora, estas questões psíquicas são tratadas pela Psicologia. E a Pedagogia vai buscar nela, na Psicologia, informações, conhecimentos sobre o psiquismo do educando.

O pedagogo que pretendesse agir à margem da Psicologia, só por inspiração, realizaria uma obra sem base e sem consistência.

Segundo Noemy Rudolfer, os problemas de Educação dizem respeito à:

1) **Para que educar:** Questão a ser resolvida pela Filosofia, enquanto educar visa formar o homem, desenvolver a natureza humana e pela Sociologia educacional que vai indicar as exigências dos grupos sociais a que o indivíduo pertence (indica por exemplo, como formar o homem brasileiro, paulista, prudentino) ou analisar os aspectos sociais da educação.

2) **Quem educar:** Problema resolvido pela Biologia — que descreve o aluno, enquanto ser biológico.

PSICOLOGIA — que se preocupa com o desenvolvimento mental do ser humano.

SOCIOLOGIA — que descreve o aspecto social da personalidade humana.

Essas ciências ajudam também a aclarar os objetivos, proporcionando conhecimento da natureza humana.

3) **Como educar:** Objeto de preocupação da Didática ou Metodologia, da Psicologia Educacional.

4) **O que ensinar:** Problema resolvido pelas matérias específicas: Geografia, História, Português, Matemática, Ciências, etc...

BIBLIOGRAFIA:

Lorenço Luzuriaga — Pedagogia
Mário Gonçalves Viana — Pedagogia
Noemy da Silveira Rudolfer — Introdução a Psicologia Educacional.

- I — Auto-regulamentação ou homeostase
- II — Ritmo
- III — Globalidade
- IV — Intencionalidade
- V — Mutabilidade autoctone
- VI — Inventabilidade ou criatividade
- VII — Subjetividade
- VIII — Virtualidade
- IX — Imaterialidade

I — AUTO-REGULAMENTAÇÃO OU HOMEOSTASE: — Se inflingirmos a um corpo inanimado, a um mineral qualquer, um golpe que o machuque ou fragmente, essa lesão permanecerá nele indefinidamente, a menos que o homem intervenha para repará-la. Mas, se causarmos lesão semelhante num ser vivo, planta ou animal raramente se produzirá um processo de reparação, que conduzirá, após um período mais ou menos leve, ao restabelecimento de sua integridade interior (a não ser que a violência do golpe e as alterações por ele determinados tenham sido tão fortes que ultrapassem a capacidade defensiva de seu organismo e o levará à invalidez permanente ou à morte).

A essa capacidade de recuperação, chamamos homeostase.

Pois bem, nas atividades psíquicas acontece fato correlato. Quanto por qualquer motivo, as atividades psíquicas do indivíduo se vêm interrompidas ou alteradas, propendem a voltar ao ritmo funcional anterior, depois de um período de compensação. Assim, se num dia dormimos menos, no dia seguinte teremos tendência para sentir mais sono ou para repousar; se num certo momento nos resignamos e submetemos excessivamente ante algo ou ante alguém, não demoraremos em sentir a necessidade de rebelarmo-nos e deixar bem marcado nossa independência. Depois de muito tempo quietos, sentimos vontade de falar. Por causa desta homeostase, os fenômenos psíquicos adquirem uma forma periódica, ondulatória.

II — RITMO: — As atividades psíquicas não ocorrem de modo contínuo; sempre iguais, mas são periódicos, ondulantes. Assim, por exemplo, nossa alegria não é sempre a mesma, do mesmo grau, mas varia. Não estamos sempre tristes ou coléricos, mas mudamos sempre ou quase sempre, de humor.

A Psicologia estuda as atividades psíquicas

Maria Carmem Iuam

Este ritmo é determinado, não só por fatores constitucionais, (temperamentais ou fisiológicos), mas também pela pressão das circunstâncias, assim como pela intensidade de nossas aspirações e pelo esforço que fazemos para afirmá-las.

III — GLOBALIDADE: — Totalidade ou globalidade significa que as atividades psíquicas afetam sempre todo o organismo em que se processam mesmo quando subjetivamente parecem, às vezes, localizar-se no setor crânio-cefálico ou em outras zonas corporais (assim, é frequente ouvir dizer que "pensamos com a cabeça e sentimos com o coração") O que é uma unidade. O que acontece é que sentimos mais o pensamento na cabeça e, os afetos na zona cardíaca. Mas, não é por isso, que se pode dizer que tais fenômenos se encontram localizados exclusivamente nesses órgãos.

Quando o indivíduo passa do repouso a qualquer tipo de atividade psíquica, é fácil registrar modificações musculares, vasculares e secretórias em qualquer parte do corpo, inclusive nos dedos dos pés. A saudade e sentida pelo indivíduo e não por um órgão seu.

IV — INTENCIONALIDADE: — Isto significa que toda atividade psíquica tende para algo, possui direção e objetivo. Visa a obtenção de algo. Assim, por exemplo se tento resolver um problema é porque algo me leva a isto (uma tarefa da escola, o pedido de um amigo, o preparo para um concurso, a vida prática que o exige). Se estou triste é porque algo me aconteceu ou vai acontecer embora esse algo possa muitas vezes não estar ao alcance de meu consciente

(não sei porque estou triste, mas há um motivo). Todo fenômeno psíquico é uma tentativa de adaptação do indivíduo. Seu equilíbrio inicial foi rompido (sempre por uma necessidade) e o indivíduo tenta novo equilíbrio.

V — MUTABILIDADE AUTOCTONE: — Significa que a atividade psíquica não é rígida, monótona, uniforme, mas é capaz de mudar, de tomar nova forma ou modo de ação e expressão. E' graças a esta mutabilidade que existe sempre uma margem de imprevisibilidade na conduta de qualquer ser humano. Por isto é que ouvimos com frequência frases como estas: "mudei de parecer"; "já não gosto disto"; "ontem sentia pena dele, mas hoje não sinto mais"; "vou tentar outro modo de pensar, de enfrentar milhares de problemas, de encarar fatos, acontecimentos. Por isso, dizemos que a vida psíquica é rica, fato nenhum se repete: livro lido, ontem é diferente de livro lido hoje!

VI — INVENTABILIDADE OU CRIATIVIDADE: — É a capacidade de criar ou produzir reações originais, novas, nunca até então observadas. Como sabemos, os indivíduos são diferentes uns dos outros e estas diferenças são bem evidenciadas nas atividades psíquicas. Assim, por exemplo, posso responder a um estímulo de maneira completamente diversa da de meu irmão ou amigo. Mesmo nos gêmeos idênticos notamos esta característica: a individualidade.

VII — SUBJETIVIDADE — OBJETIVIDADE — Subjetividade significa que as atividades psíquicas se referem ao próprio Eu, são próprias do indivíduo, que as sente. São peculiares ao indivíduo, ircomunicáveis como tais. Significa também que correspondem ao nosso Eu, ou seja, à noção de nosso próprio existir. Assim, a alegria que sinto não é alegria que meu amigo sente, mas é só minha, é peculiar à minha pessoa. Assim também quando nos ensimesmamos, o que ressalta é a nossa consciência subjetiva, pois fechamos os olhos e ensurdecemos ante as solicitações do ambiente.

OBJETIVIDADE: — As atividades psíquicas podem também ser dirigidas para a realidade externa (conclui na página seguinte)

terior. Esta característica é a objetividade. Quando nos extasiamos diante de algo; por exemplo. A tristeza possui duplo aspecto: o **subjetivo** que é o sentido pelo próprio indivíduo — só ele sente, sabe como e quando sente; e o **objetivo**, que é manifestado — o choro e que pode ser presenciado pelas demais pessoas.

VIII — VIRTUALIDADE :— Significa que não há limites para a mobilidade, nem para a variabilidade de nosso pensamento, porque ele se dá num plano virtual, tanto em vigília (quando fantasiámos), como no sono (quando sonhamos). Como sabemos, os fatos físicos acontecem no denominado **espaço-tempo real**. Um passeio,

Um passeio, um experimento científico, uma guerra, a chuva. Mas isto não acontece com certas formas de atividade psíquica, notadamente as imaginações e representações (da inteligência). Assim por exemplo, ouvimos alguém dizer: "como passou depressa esta hora", ou "o relógio não anda". No primeiro caso, as horas nos parecem instantes em nosso **espaço-tempo virtual** ou psíquica. No segundo caso, ao contrário, os instantes nos parecem séculos.

Esta virtualidade do espaço-tempo psíquico é a que nos permite "saltar" rapidamente do ponto em que nos encontramos para o lugar mais distante do universo, ou nos deslocarmos do ins-

tante em que vivemos para bilhões de séculos antes ou depois dele.

IX — IMATERIALIDADE :— Toda e qualquer atividade psíquica é imaterial, isto é, não tem qualidade, não tem características sensíveis (que possam ser preerchdas pelos órgãos dos sentidos) e não ocupam lugar no espaço. É espiritual. Toda atividade psíquica para existir, isto é, na sua natureza ou na sua essência, não depende necessariamente da matéria ou do corpo para operar ou manifestar.

Bibliografia :— Psicologia Geral —

Emílio Mira Y. Lopes.

(conclusão do número anterior)

O gás para combustão, antigamente muito usado para iluminação, é composto principalmente, de hidrocarbonetos e hidrogênio; o benzol, toluol, o oxinol, o naftaleno e antraceno, usados na fabricação de anilinas explosivos, inseticidas, matérias plásticas, tintas, etc. A amônia dá fertilizantes de sulfato de amônio.

O coque que fica como resíduo da destilação tem uso em fundições e na redução do minério de ferro no alto forno. A proporção dos diversos subprodutos é aproximadamente a seguinte: gás — 20%, água amoniacal — 5%, alcatrão 5%, coque 70%.

A indústria carbonífera fornece energia a uma multidão de subprodutos do mais alto interesse em nossa época, por isso, seu desenvolvimento é um dos meios de aferição do progresso de uma nação.

RESERVAS MUNDIAIS DE CARVÃO

As estimativas das reservas mundiais de carvão acham-se no quadro a seguir: Estimativa da Conferência Mundial de Energia em Milhares de Milhões de Toneladas.

	Prováveis	possíveis
Europa (excluída a URSS)	548	1 551
Ásia	11	1 097
América do Norte	42	2 115
América do Sul	2	12
África	9	206
Austrália	4	14

Como se vê, a Europa, a América do Norte e a Ásia são os continentes onde o carvão parece ser mais abundante (todos no hemisfério Norte). A América do Sul, a África e a Austrália (a maior parte no hemisfério Sul) são áreas nitidamente pobres em carvão.

ANTRACITO: É um carvão "magro" isto é, de muito pouca matéria volátil, e composto principalmente, de carbono. Os antracitos conterdo cerca de 10% de cinza, geralmente, chegam a ter mais de 80% de carbono. É menos abundante que o carvão betuminoso; nos Estados Unidos a produção de antracito representa somente 5% do total dos carvões minerais produzidos anualmente. O antracito é usado como redutor ou como fonte de carbono, em indústrias químicas; é muito empregado no aquecimento doméstico porque queima sem chama fuliginosa e sem o mau cheiro característico da combustão dos carvões betuminosos. O antracito é um carvão já muito metamorfizado e às vezes chega a ter um caráter grafítico. É encontrado nas partes mais profundas de certas jazidas de carvão em consequência do maior metamorfismo sofrido. Explora-se o antracito na Grã-Bretanha, Polónia, Bélgica, Alemanha, União Soviética etc. em muito menos proporção que o carvão betuminoso.

Temos aqui no Brasil, carvões antracitosos, resultantes do metamorfismo térmico, provocado por diques e sills de diabásio, em Cerquilho, SP (7 a 10% de matéria volátil) Rio das Cinzas (PR)

O CARVÃO, ESSE DESCONHECIDO

Silvio Flóis Abreu

(5 a 10% de matéria volátil) Uruçanga, Rio Deserto, SC (10 a 12% de matéria volátil). No Rio Fresco, afluente do Chingu, PA, conhece-se um antracito com apenas 1 a 3% de matéria volátil.

No estado atual dos conhecimentos, não se atribui importância aos depósitos de carvão antracitos, do nosso país.

CARVÃO NO BRASIL — O Brasil é uma imensa área, muito pobre em carvão de pedra, constitui grande óbice ao seu progresso. Se compararmos a incidência de bacias carboníferas na Europa e no Brasil, encontramos uma demonstração de uma das principais causas de nosso subdesenvolvimento.

As reservas de carvão conhecidas, encontram-se nos estados meridionais, São Paulo possui cerca de 2 milhões de toneladas, Paraná possui cerca de 60 milhões. Santa Catarina possui cerca de 1 205 milhões e Rio Grande do Sul cerca de 700 milhões, o que dá um total de 1 967 milhões ou cerca de 2 000 milhões. Isto é muito pouco para um país de 75 milhões de habitantes e representa o consumo mundial em um ano. As possibilidades de se encontrar carvão noutros pontos do país e remota, conquanto seja possível, descobrir jazidas nos terrenos de idade carbonífera no Piauí onde há indicações geológicas e amostra de pequeníssimas camadas. Os estudos que têm sido feitos, ali, pelo Prof. W. Kegel, entretanto, não têm revelado condições animadoras.

A Amazonia já alimentou esperanças de possuir bacias com carvão de pedra, mas as pesquisas modernas visando ao petróleo têm afastado muito essas esperanças, que nos terrenos carboníferos, de facies marinha quer nas camadas, cretácicas acima dele. Nas sondagens para petróleo foi encontrado linhitó em abundância entre os rios Javari e Jutai, na Formação Pebas, de idade terciária, porém a grandes profundidades. O carvão brasileiro é de má qualidade a maior parte dos carvões permocarboníferos; entretanto, aqui é onde ele se apresenta com maior grau de impurezas e em camadas delgadas, entremeado com materiais estereis.

Entretanto apesar de tantas dificuldades naturais, a exploração do carvão no Brasil é uma grande demonstração de esforço e de compreensão do valor desse produto.

O carvão foi formado nos intervalos das diversas épocas da glaciação permocarbonífera, duma flora que se teria desenvolvido na terra CONDURA que abrangia o sul da América do Sul,

o sul da África, a Índia e a Austrália, então unidos num só continente.

Pela própria natureza das condições de sedimentação formaram-se camadas delgadas e contaminadas por deposição e argilas, criando o elevado teor de cinza. A matéria vegetal sofreu um grau de alteração diferente produzindo carvões desiguais, melhores em Santa Catarina, e mais chegados aos braun-kohle no Rio Grande do Sul. Além disso todo o carvão está impregnado de piritita que é um composto de enxofre muito nocivo aos combustíveis.

As camadas de carvão em São Paulo e Paraná, têm 0,30 a 0,60 m de espessura em Santa Catarina chegam a ter 1,80 m, separadas em diversas camadas. No Rio Grande do Sul alcançam mais de 2,00 m, contínuas, porém o carvão é o mais impuro e o de menor poder calorífico.

A produção de carvão em 1962 foi a seguinte:

São Paulo	nada
Paraná (município de Curiúva)	43 853 t.
Santa Catarina (município Criciúna, Laure Muller e Uruçanga)	1 730 385 t.
Rio Grande do Sul (município de São Jerônimo)	733 743 t.
TOTAL NO BRASIL	2.507.981. T.

O carvão catarinense é empregado principalmente na fabricação de coque, em mistura com carvão importado. Para isso é lavado numa usina em Capivari, município de Tubarão, SC onde se obtém o "Carvão Metalúrgico", mais puro e o "Carvão de vapor" usado para combustão em estradas de ferro, fábricas e usinas termelétricas.

O carvão catarinense é explorado em galerias, embocadas nas encostas das colinas, extraído-se o carvão a pequenas profundidades ou mesmo a céu aberto em certos locais, como Siderópolis nas minas da Companhia Siderúrgica Nacional. Só em Santa Catarina é que se obtém carvão especial para produção de coque metalúrgico.

O carvão do Rio Grande do Sul é de qualidade inferior de menor poder calorífico, e em alguns lugares é explorado por poços o galerias a profundidades da ordem de 300 metros (minas de Charqueadas) noutros pontos, o carvão está mais raso, sendo até extraído a céu aberto (mina Recreio, Candiota etc...)

O carvão rio-grandense é usado, principalmente, nas estradas de ferro daquele estado e em algumas fábricas, não longe da zona de produção.

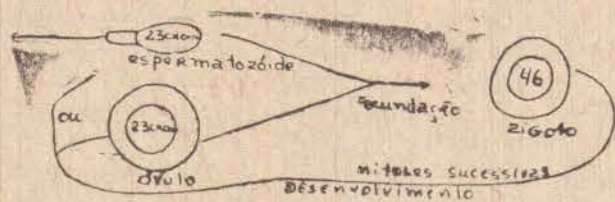
No Paraná, o carvão é usado, principalmente, na estrada de ferro, na usina termelétrica de Figueira, e na fábrica de papel de Monte Alegre (Irmãos). O fato de o Brasil produzir somente 2,5 milhões de toneladas de carvão e importar cerca de 1 milhão de toneladas, consumindo contanto cerca de 3,5 milhões de toneladas de seus habitantes que tem de recorrer à energia muscular para atender às necessidades mais elementares da vida material como obtenção de alimentos, transportes, vestiário etc.



O ovo em desenvolvimento

Rosilux Paques de Barros

Todos nós fomos há anos atrás, uma célula que resultou de uma fecundação. Essa célula recebe o nome de célula ovo ou zigoto e tem uma capacidade maravilhosa de desenvolvimento, pois multiplicando-se sucessivamente, por mitose, em pouco tempo, está formado um embrião com milhares de células. A célula ovo tem no seu núcleo, 46 cromossomos, portanto, 23 pares de cromossomos. Quanto ao número de cromossomos nossa espécie *HOMO SAPIENS* se apresenta assim: $2n = 46$ cromossomos. Herdamos de nosso pai, 23 cromossomos e de nossa mãe, também 23 cromossomos. Esses cromossomos existem na células gaméticas — o espermatozói- de e o óvulo. Da união dos dois núcleos dos gametas, resulta o núcleo do zigoto com 46 cromossomos e este ovo, multiplicando sucessivamente dá origem as células que forma o corpo de embrião, todas com 46 cromossomos no núcleo. Podemos esquematizar o que foi dito até agora:



As células vão se diferenciando e se reunindo formando tecidos, cada qual com funções determinadas. Quando o ovo se formou inicia o desenvolvimento de um novo ser, que já possui todas as potencialidades para, dependendo do meio ambiente, ser bem ou mau sucedido. Poderá nascer um menino ou uma menina "A cara do pai" ou "A cara da mãe", ou então como dizemos: "Um pouco da mãe e um pouco do pai". A verdade é que tanto o pai como a mãe transmitiu ao filho, cada um, 23 cromossomos.

Podemos recordar cinematograficamente ao pensamento, as transformações que sofrem as células para sua duplicação. A célula que vai entrar em divisão, apresenta modificações nos cromossomos. Estes, em outro estado da célula, são bastantes finos e é praticamente impossível, vê-los, mesmo quando coroados. Na célula que inicia o processo de duplicação, os cromossomos se tornam mais espessos e espiralizados. Nesta ocasião já ocorreu a duplicação das moléculas de A D N (ácido Desoxirribonucleico) e como ADN

está nos cromossomos, temos os cromossomos, duplicados. Na célula humana temos nesse momento, 92 filamentos, ligados 2 a 2; portanto, 46 pares de filamentos, que chamamos de cromátides, que estão unidas por uma determinada região chamada centrômero. Ao mesmo tempo que os cromossomos vão se tornando mais espessos a membrana nuclear e os nucleólos, aparentemente se desfazem e não podem mais ser vistos. A duplicação dos centríolos logo ocorre e a separação de 2 novos centros celulares que se movem em direção aos pólos opostos do núcleo. Enquanto os centros celulares se movimentam, as fibras que rodeiam os centríolos começam a se desenvolver e formam fuso, ao qual se prendem os cromossomos. Ao mesmo tempo que tudo isso vai acontecendo os cromossomos se movimentam em direção ao plano equatorial da célula. Os cromossomos estão no máximo de espiralização e são bem visíveis. Podemos, facilmente contá-los e veremos que cada espécie animal e vegetal possui um número constante de cromossomos em cada célula, a não ser que ocorra algum erro durante a divisão. Isso não quer dizer que o número de cromossomos determina a espécie: O homem, um tipo de peixe tropical e uma determinada árvore — *LIGUSTRUM*. Apresentam exatamente o mesmo número de cromossomos — 46.

A célula está ainda em mitose, estamos vendo os cromossomos duplicados no equador da célula, o centrômero se dividindo e as cromátides se separando. Começa agora o movimento das cromátides, que agora são cromossomos para direções opostas, uma para cada polo do fuso. As fibras do fuso se prendem ao centrômero de cada cromossomo filho e se contraem, puxando os cromossomos para os polos. Deste modo, cada polo da célula recebe o mesmo número e, exatamente, os mesmos tipos de cromossomos que a célula mãe possuía no início da mitose. O material nuclear se duplicou — o material original da mãe serviu de modelo para a formação de outro. Estamos notando que os cromossomos estão muito finos, pouco espiralizados. É que, atingindo o máximo de espiralização (enrolamento), os cromossomos iniciaram o processo contrário — desenrolamento. E agora não é mais possível contar os cromossomos e individualizá-los.

Em seguida começa a divisão do citoplasma e logo notamos as duas células filhas. São portanto duas sequências de acontecimentos: duplicação do núcleo e divisão do citoplasma. A célula humana com 46 cromossomos possui num determinado momento, 92 cromossomos; desses 92, 46 se movimentam para o "polo norte" da célula e 46 para o "polo sul". Cada célula filha recebe uma cópia de cada cromossomo original da célula mãe e, conseqüentemente, uma réplica da molécula de ADN.

E o citoplasma se divide em 2 partes, desencadeiam essa sequência ordenada na divisão celular. Essa falha no nosso conhecimento talvez seja a razão pela qual ainda estamos longe de conhecer e controlar muitos tipos de câncer que, relacionam-se com a divisão rápida e descontrolada das células. É possível que, quando se tiver uma explicação bem detalhada dos porquês para a mitose, possamos ser capazes de controlar o crescimento das células cancerosas. Já sabemos que, pelo menos parcialmente, a mitose é controlada por reações químicas.

Cada célula filha cresce até o seu tamanho máximo e se divide novamente. É isto que ocorre no crescimento de um organismo. Podemos esquematizar o raciocínio — a) mitose é um mecanismo que compreende uma duplicação nuclear e uma citoplasmática.

b) uma célula sofrendo mitose dá 2 células filhas iguais.

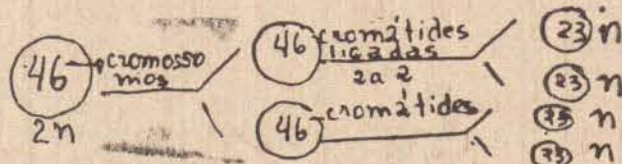
c) mitose é importante para o crescimento do organismo e é um mecanismo que contribui para se manter constante o número de cromossomos de cada espécie.

E agora outro problema — Como as células gaméticas possuem somente a metade do número de cromossomos de uma célula somática?

Pense um pouco — se os gametas também possuísem 46 cromossomos, o ovo teria 92 e este desenvolveria um embrião formado de células com 92 cromossomos. E a geração seguinte? E a outra? E a outra? Seríamos hoje cromossomos ambulantes?! Logo, você deve estar percebendo que essa redução à metade do número de cromossomos na célula sexual é muito importante para a manutenção do número de cromossomos e conseqüentemente do material genético, que contém em forma de código químico, todas as potencialidades do novo ser. Vamos pensar agora, no mecanismo que leva a formação dessas células que chamamos HAPLÓIDES (n) — haplo significa — metade.

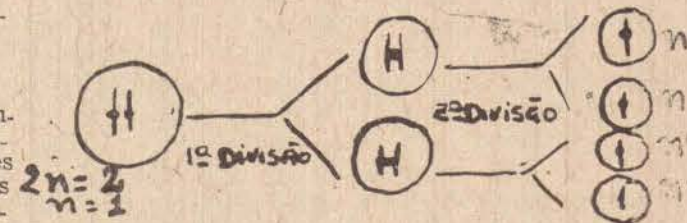
Esse mecanismo de divisão chama-se MEIOSE e compreende 2 divisões celulares e uma duplicação cromossômica.

PENSE: 1 célula com 46 cromossomos se divide 2 vezes, resultando 4 células, cada uma com 23 cromossomos.



46 cromossomos duplicam uma vez 92 cromossomos.

1 célula duplica 2 vezes 4 células logo para 4 células temos 92 cromossomos; portanto 23 para célula filha. Se considerarmos uma célula com 2 cromossomos temos:



Estamos analisando a primeira consequência da meiose, que é a redução à metade do número de cromossomos da célula mãe, justamente porque, para duas duplicações citoplasmáticas, há uma só duplicação cromossômica.

Vamos considerar o que acontece com os cromossomos, principalmente. No início os cromossomos são muito finos, pouco visíveis, desenrolados. Logo ocorre o pareamento, isto é, formação de pares de cromossomos homólogos (aqueles que apresentam a mesma sequência de genes). Há atração entre esses cromossomos. Logo em seguida ao pareamento, acontece a duplicação dos cromossomos.

Temos agora cada par de homólogos, com 4 cromátides, ligadas duas a duas. Os cromossomos estão se enrolando, estão ficando mais visíveis e acontece logo depois da duplicação a troca de pedaços entre as cromátides homólogas — Esse processo chama-se Permutação ou "crossing-over". Muita teoria existe a respeito das

(conclui na página seguinte)

possíveis causas da permutação. Há, no entanto, uma ruptura das cromátides, transposição dos pedaços e união dos pedaços das cromátides. (Analisar desenhos que serão feitos na lousa). Essa é uma explicação mecânica do processo. Para a ruptura, que acontece, explica-se que talvez seja devida ao aumento de tensão entre as "voltagens" ("espiras") das cromátides que estão muito próximas e se espinalizando, se enrolando. Pode ser que aconteça de modo diferente esse processo, isto é, no momento da duplicação, em cada cromossomo serve de modelo para a formação de outro, haja troca de modelo em determinado ponto ao longo da cromátida.

O importante é perceber a consequência da permutação - aparecimento de novas combinações gênicas. Aparecem então, cromátides com recombinação e são diferentes das originais.

Vimos no início, que os cromossomos formam pares de homólogos; pois, existia entre eles uma força de atração. Agora, depois da permutação, os cromossomos se afastam, pois há o aparecimento de uma força de repulsão entre eles. Dizemos que vai ocorrendo a **terminalização dos quiasmas** (analisar desenhos, que serão feitos na lousa).

Os cromossomos continuam se enrolando, estão ficando mais espessos, mais visíveis.

A membrana nuclear viria se desfazendo e também os nucléolos, os centríolos se dividiram e há como na mitose, a separação de 2 novos centros celulares. Formam-se o fuso e os cromossomos já no auge do enrolamento se dispõem, duplicados no plano equatorial. Logo depois começa a **separação dos cromossomos homólogos** (cada cromossomo com 2 cromátides, sendo que algumas apresentam recombinação. **Preste atenção:** 1.o) não houve divisão do centrômero; 2.o) a separação dos cromossomos se dá ao acaso.

Os cromossomos nos polos da célula - 46 cromátides ligadas 2 a 2, em cada polo, são rodeados por uma membrana nuclear e acontece a divisão do citoplasma. Temos nesse momento, o resultado da 1.a Divisão meiótica. Ainda não terminou o processo. Há um curto período, que chamamos de intercinese e começa a acontecer a segunda Divisão da Meiose. A célula já se dividiu uma vez. Uma célula produziu duas, mas os cromossomos ainda não terminaram a divisão - estão duplicados, mas, o centrômero ainda não se dividiu.

Novamente começa a desorganização da membrana, os centríolos dividem-se e se colocam num plano perpendicular àquele tomado na 1.a divisão. E também os cromossomos se dispõem perpendicularmente à posição tomada na 1.a Divisão. Agora em sequência, há a divisão dos centrômeros, separando as cromátides (agora cromossomos filhos) que ligados às fibras do fuso citoplasmático, se separam, movendo-se para os polos da célula. Quando os cromossomos atingiram o máximo de enrolamento, começam o processo contrário, até o final do processo.

As 2 células filhas resultantes da 1.a Divisão, tinham cada uma no núcleo, 46 cromátides ligadas 2 a 2. O centrômero se dividindo, são 46 cromossomos filhos e, destes, 23 vão para um polo, e 23 para o outro.

Forma-se a membrana nuclear ao redor de cada conjunto de cromossomos. Temos portanto haplóides, com a metade do número de cromossomos da célula inicial (diploide).

Esquemmatizando 1 célula ao meio são 4 células (Podemos voltar aos esquemas iniciais).

As células que sofrem meiose, estão na gônadas masculinas (testículos) e nas gônadas femininas (ovários). As células haplóides resultantes da meiose, serão os gametas.

Nos testículos ocorre a espermatogênese - origem de espermatozoides, e nos ovários ocorre a ovogênese ou ovulogênese - origem do óvulo.

A variedade de tipos de gametas é muito grande e isso é muito importante para a manifestação da tão grande variabilidade dos organismos. Mas porque? Ora, a célula primordial, o ovo, se origina da fusão ao acaso, dos núcleos dos gametas. Haverá portanto, uma variabilidade muito grande de tipos de ovo.

Podemos antes de analisarmos a importância da variabilidade orgânica; esquematizar as consequências do processo meiótico.

1.o) Redução à metade do número de cromossomos

Causa: para 2 duplicações celulares para uma duplicação cromossômica.

Importância: manutenção do número de cromossomos da espécie.

2.o) Formação de novas combinações gênicas.

Causa: ocorrência de permutação.

Importância: aparecimento de novos cromossomos com recombinações gênicas.

3.o) Formação de novos jogos cromossômicos.

Causa: migração ao acaso dos cromossomos para os polos da célula.

Importância: aparecimento de muitos tipos de gametas. E mais tarde vamos ver que a fusão dos Gametas (fecundação) acontece também ao aparecimento de um indivíduo igual ao outro que é imensamente pequena.

Na trompa de Fallipio aconteceu o início da vida de um novo ser. É maravilhoso considerarmos essa manifestação de vida - é um ovo que se desenvolve espetacularmente e contém todas as potencialidades para ser bem ou mal sucedido.

Vamos cuidar de conhecer esse novo ser rosso irmão.

Rosilux Paques de Barros

A vida não principia no nascimento, mas uns duzentos e setenta a duzentos e oitenta e quatro dias antes, no útero materno. Ao fim do segundo mês, pode-se reconhecer a forma humana da criança. Antes disso, iniciam-se algumas atividades corporais. O coração começa a bater ao fim da terceira semana; pela vigésima semana o cérebro está constituído com seus mais ou menos doze bilhões de células nervosas. A partir do terceiro mês, o feto responde por movimentos globais aos estímulos internos ligados ao seu desenvolvimento e à sua organização, e nele se notam essas alternâncias de atividade motora e de repouso bem conhecidas das futuras mães. Embora a maior parte dos movimentos das crianças, antes de nascer, se deva a estímulos internos, é também possível, às vezes, provocar movimentos por estímulos externos. Um observador notou, por exemplo, que uma criança agitava as pernas e fazia movimentos (trinta e um dias antes do nascimento), quando se batia com um bastão de metal nos lados de uma banheira onde estava sua mãe. Durante os últimos estágios da gravidez, algumas mães informaram que um concerto musical podia provocar aumento da atividade fetal. As condições da vida da mãe podem ocasionar uma atividade fetal maior do que o normal. Os movimentos fetais podem ser maiores, quando a mãe está emocionalmente excitada, do que em momentos de calma. Notaram-se também alterações no ritmo cardíaco do feto. Em alguns casos, o ritmo, após ter a mãe subido um lance de escadas, tornou-se mais intenso do que uns minutos depois, acelerando-se também após ter ela fumado um cigarro, mais do que um pouco antes ou algum tempo depois.

Podem as circunstâncias do ambiente da criança anteriores ao nascimento, influenciar o caráter, as disposições e o curso do seu desenvolvimento posterior? As superstições e as teorias relativas às influências antenatais têm perdurado através dos séculos. Uma lenda típica diz que, se

A caminho da civilização

Priscila Guimarães Lebrão

uma mulher grávida de amedronta ante um coelho, seu filho apresentará mais tarde um sinal de nascença em forma de patinha de coelho. Há também a teoria segundo a qual o feto é capaz de responder a influências "psíquicas", isto é, sentir se é ou não desejado por sua mãe. A criança participa, sem dúvida, da circulação sanguínea materna e não está, absolutamente, isolada; e alguns são levados atualmente a admitir que, por essa via, modificações químicas relacionadas com o estado psicológico da mãe poderiam ter ação no feto. Daí a admitir a transmissão de sentimentos e de idéias bem circunscritas, vai muito! O que sabemos de mais seguro, ao contrário, é que os sentimentos da mãe antes e durante a gravidez podem influenciar-lhe profundamente a própria atitude a respeito da criança quando esta nascer, e condicionar, de algum modo, a maneira pela qual a acolherá e pela qual com ela se comportará.

Felizmente, a maioria das crianças concebidas se desenvolve satisfatoriamente, como fetos e embriões, estando na vigésima quinta semana equipadas de todo o mecanismo necessário para sobreviverem como criaturas separadas, embora a maior parte dê esse mecanismo necessite de maior maturação. Às vezes, porém, o caso é diferente. O nascituro e a mãe enfrentam muitos perigos. Há limites quanto ao que a mãe pode dar e a criança receber uma hereditariedade falha ou os contratempos que ocorrem durante a gravidez ou por ocasião do nascimento podem causar muitos desastres e sofrimentos.

Alguns são perfeitamente claros: pode haver, num feto ou na mãe tanta carência dos elementos necessários a um desenvolvimento sadio que a criaturinha

vem a ser expulsa prematuramente, como natimorta, ou morrer por ocasião do nascimento.

As condições pré-natais precárias podem não ser tão fatais que provoquem a morte: podem, porém, causar sérios danos. Diversas pesquisas demonstram que muitas lesões cerebrais aparecem antes ou quase na ocasião do nascimento, provocadas por toxinas encontradas na corrente sanguínea (toxemia gravídica), hemorragias durante a gravidez ou insuficiência de oxigênio (anoxia). Os efeitos de tais lesões cerebrais podem ser claros no nascimento, ou podem não ser claramente perceptíveis senão mais tarde, quando a criança começa a encontrar dificuldades na escola. Tais lesões podem conduzir a uma "propensão a sofrer lesões, que vão desde a morte (durante o período fetal ou por ocasião do nascimento) "à paralisia cerebral, epilepsia, deficiência mental, incapacidade para a leitura e distúrbios de comportamento".

Ao fim de aproximadamente duzentos e oitenta dias após a concepção e, às vezes antes (prematuros), a criança é expulsa, por meio de contrações, do ventre materno e ingressa na civilização. A criança é arrancada do calor e da proteção do útero, onde o alimento fluía para seu corpo e onde nem mesmo era chamada a respirar. A partir de agora, precisa esforçar-se para obter alimentos, aspirar seu próprio ar e arfar, tossir, lutar para obtê-lo. Está exposta às mudanças de temperatura, aos raios luminosos que impressionam seus olhos, às ondas sonoras que lhe invadem os ouvidos. Em vez de flutuar num restrito ambiente líquido, que é macio, embora firme, jaz agora solta, despida, sem um envoltório, livre para mover-se, enquanto seus membros se agitam no espaço vazio. Sua cabeça verga se não a amparam. O corpo cai, se não o seguram. Acha-se a criança mergulhada, súbitamente, em meio social, cultural, histórico, no qual ela mesma vai agir por meio do choro e pelas e-

(conclui na página seguinte)

xigências das necessidades vitais. Antes mesmo de percebê-las claramente, a criança há de haver-se com pessoas de certo meio, de certa época, com suas maneiras de sentir, pensar, agir; antes mesmo de saber disso, toma lugar numa família humana com tudo que ela comporta de experiência acumulada, de pressuposições, de

exigências e de resignação. A criança penetra num quadro pré-fabricado ao qual vai se adaptar, segundo o qual vai aprender a reagir, na linha das potencialidades inerentes a seu organismo.

O nascimento faz, pois, parte de um processo maior, pelo qual a criança, com o correr do tempo, esforça-se por engati-

nhar, caminhar, sair a passos ávidos no encaixe do não experimentado e mergulhar com a mente curiosa no desconhecido.

Bibliografia

1. Jesrsild, A. T. — *Psicologia da Criança*
2. Osterrieth, P. — *H Introdução à Psicologia da Criança*

Nota-Baseado em 3 questões propostas para integração de conhecimentos, o aluno citado acima respondeu como se segue, ao tema "Do ovo à civilização". (sem correção).

1 — Você se enriqueceu neste planejamento? Sim ou não, porque?

Sim, porque a finalidade principal ou seja o objetivo principal deste planejamento foi fazer com que o aluno desenvolvesse as seguintes características: ter maior conhecimento de todas as matérias e assim sendo, os professores seguindo o tema "Do ovo à civilização", desenvolveram estudos integrados uns aos outros pois, pelo que aprendi em biologia o assunto não é muito diferente de psicologia e do desenho e assim em todas as matérias. Em biologia aprendemos as alterações e estímulos que o meio pode provocar na criança ou no feto ainda em formação. Enquanto que em sociologia aprendemos que os primeiros contatos com a civilização são muito importantes para a criança. O mesmo aconteceu em desenho vimos como a criança desenha e através disso poderemos calcular a idade mental dela. Essa idade mental vai variar conforme o meio da criança pois no teste de Goudenogh que apliquei numa criança de 4 anos de idade (cronológica) apresenta uma idade mental de uma criança de 8 anos e alguns meses; em compensação uma criança de 6 anos pode apresentar a idade mental de uma criança de 3 anos.

Em português desenvolvemos o romantismo no Brasil desde as primeiras idéias (Maciel Monteiro), até as idéias socio-humanistas de Castro Alves. Aprendemos também que a música serve para fixar hábitos nas crianças e a criança não distingue o certo do errado. Em artes fizemos cartazes da 1ª infância que vai do recém nascido até 1 ano e 3 meses. Já em Prática aprendemos o novo método de leitura para a criança em que não era ter apenas boa pontuação ou entonação de voz mas sim, que ler é **compreender** o texto.

Este planejamento em fim não teve por objetivo dar conhecimento das matérias estudadas apenas para fixação através da "descoberta" mas sim uma fixação do que foi discutido, apresentado, integrado em várias formas (jornal falado, música, conversa ao telefone, etc.), pois foi um modo gostoso recreativo de estudar.

Este tipo **gostoso** de estudar não trouxe só a

Uma avaliação sugerida, um resultado obtido

José Lopes Caires

maior integração da classe como também nos fez expandir em todos os pontos de vista.

Acima deste método, como eu disse acima, ainda tinha esse planejamento objetivos formativos. Pois nos desenvolveu **atitudes**, pois pudemos empregar ou demos mais calor a todas as matérias (pois no ano passado algumas matérias eram chatas), mas esse ano através do planejamento pude concluir que nós precisamos de tudo que aprendemos em nossa vida prática, seja em qualquer situação ou em qualquer lugar.

Habilidades, através das conclusões tomadas em classe em trabalhos de grupo nós ficamos mais desembaraçados (coisa difícil em aluno) em nos dirigirmos não só ao colega como a qualquer pessoa das variadas maneiras.

Hábitos — Fez-nos despertar para os livros, apostilas e jornais (dizíamos: que coisa mais chata era estudar por livros ou jornais, bom mesmo era estudar tudo ditado pelo professor).

2 — O que faltou neste planejamento? Apresente sugestões por matéria.

nota, como o aluno fez críticas **POSITIVAS**, mas citou nomes iremos omitir no sentido de uma reconsideração e aperfeiçoamento do trabalho.

Nem tudo é perfeito, mas alguns professores, vão me desculpar, como, por exemplo parece que não anda muito por dentro do sistema do planejamento pois ainda continua o método antigo ou seja o método expositivo em que o aluno copia e estuda para sabatina e passado alguns dias não se recorda de mais nada do que foi estudado. Não sei se os professores não compreendem que pelo método decoreba no dia da sabatina o aluno sabe tudo mas caso esqueça o começo de uma palavra perde o fio da meada toda. Não sei se notou que o que estava escrito no cader-

no é o mesmo da sabatina. Assim sendo no fim do ano os alunos fecharam as notas mas não sabem nada. E isto é importante? Acho que fulano de tal deveria se integrar nesse novo método e af com menos palavras ele cooperaria para o bem da classe, sei que é um professor de gabarito, que entende da matéria dada, mas não me adianta nada os conhecimentos dos outros se não os fixei ou entendi:

3 — Desenvolva o tema da sua unidade: Do ovo à civilização".

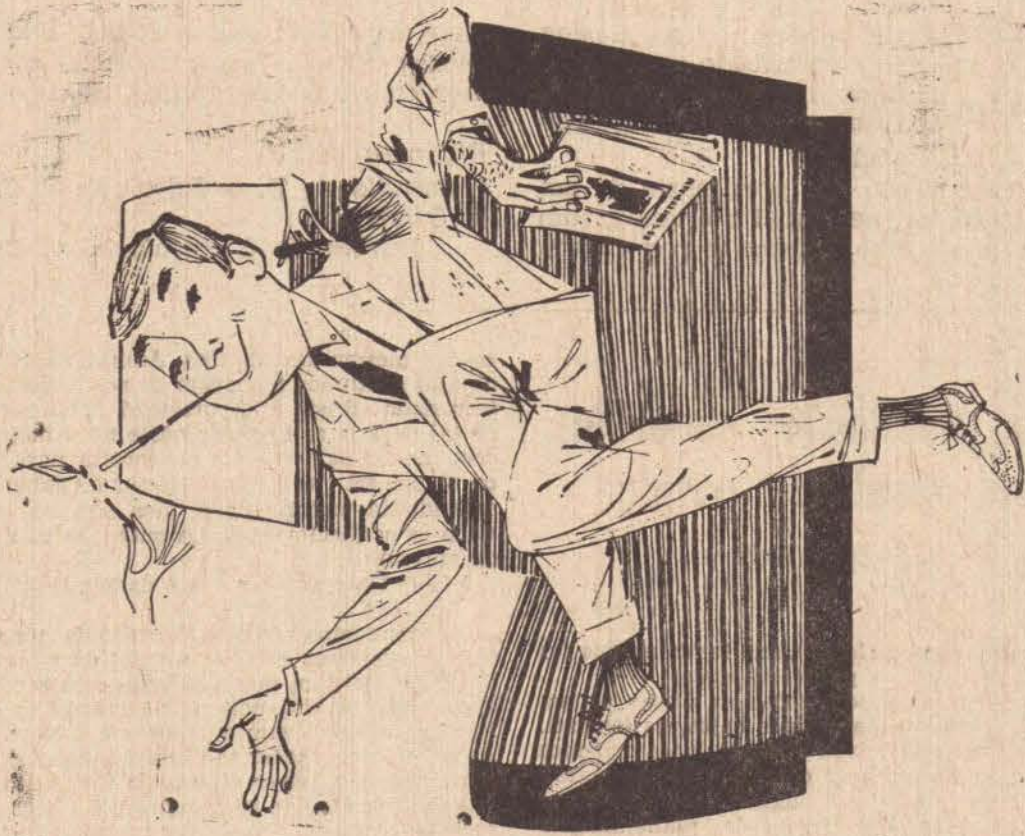
Aprendemos que pelo desenho de uma criança conheceremos a idade mental da mesma, esta idade mental tem muita relação com o meio em que a criança vive pois pais analfabetos ou que não ligam não levam a criança a desenvolver-se. As primeiras relações são importantes na vida de uma pessoa; se viver num meio sem cultura, sem relações sociais não se integrará tão bem numa sociedade como outra de um meio mais elevado. Neste último os pais compreendem ou tiveram vários instrumentos para fazer com que os filhos fiquem integrados à sociedade em que vivem pois eles conhecem o verdadeiro conceito de infância. A criança para eles não deverá ser tratada como adulto em miniatura ou como um anjo ou como um diabinho e sim como um ser humano em evolução.

Num ambiente bem elevado poderia haver influência recíproca entre os gens normais e o meio no segundo apesar dos gens normais não houve influência recíproca pois o meio não contribuiu.

Não integrada ao meio uma pessoa poderá tornar-se um marginal que na maioria pensam ser independentes. Assim como nos autores clássicos dependiam da mitologia para seus escritos os marginais vão depender de uma filosofia de vida para poderem viver daquela maneira.

Uma pessoa para estar integrada a uma sociedade primeiro ela precisa compreender (ler?) segundo, ser subjetivista e individualista com respeito às mutações da sociedade, para que não se torne uma pessoa bitolada a uma única idéia (como o classicismo bitolado pelos deuses), ela precisa expor também, seu ponto de vista, modo de pensar (romantismo).

Enfim o planejamento "do ovo à civilização", tem por objetivos mostrar-nos que somos independentes e dependentes ao mesmo tempo; que somos submissos e livres desde à concepção até à civilização.



A aprendizagem na Escola Tradicional e na Escola Nova

Maria Carmem Iuam

Bibliografia:

Sumário de Did. Geral — Luiz Alves de Mattos
Psicol. Educ.
Afro do Amaral Fontoura
Didática Geral — Romanda G. Pentagna
As Escolas Novas — Paul Foulquié
Manual de Pedagogia Moderna — Everardo Beckeuser
História da Educação — Theobaldo M. Santos

I — Aprendizagem na Escola Tradicional

Como vimos no ponto sobre o conceito, natureza e fatores da aprendizagem, antigamente conceituava-se a aprendizagem como sendo transmissão de conhecimentos. O aluno tinha que decorar o que o mestre transmitia verbalmente.

A Escola Tradicional insistia na cultura formal (currículo construído de disciplinas fixas, rigidamente discriminadas e estanques). Também na preleção formal, no saber livresco, na memorização de textos.

Valorizava a abstração e o verbalismo, o saber falar sobre os dados da cultura, mais do que a atualização prática desse saber em situações de vida.

O verbalismo reduzia o ensino a palavras, nada senão palavras. Palavras que o professor diz, o aluno escuta, grava e repete com muito acerto e precisão, mas não a integra na sua consciência, não a incorpora à sua personalidade, e, em consequência, não age de acordo com elas.

Passividade mental:— Exigia dos alunos passividade mental, silêncio e imobilidade, trabalho exclusivamente individual. O objetivo do professor (que era o centro do sistema escolar) era dar a matéria. E esta era apresentada sob a forma de lista de pontos e seguia ordem lógica e psicológica.

II — Aprendizagem na Escola Nova

Nova, que em linguagem vulgar significa apenas o oposto de antiga, em Pedagogia quer dizer também "o que não obedece à tradição do

ensino". Escola Nova equivale realmente à escola renovada, ou à escola renovadora.

Rápido histórico:— O primeiro movimento renovador da escola surgiu na Inglaterra, com Fundação da escola de "Abbotsholme", por Cecil Reddie, em 1889. Essa escola era denominada "New-School". O objetivo de Reddie, ao fundar esta escola, foi reagir contra a organização rígida e intelectualista das escolas públicas inglesas, as quais não se ajustavam às novas condições sociais e pedagógicas da Inglaterra. Essa escola era em forma de pensionato. Toda autoridade emanava do diretor, que escolhia entre os alunos os melhores, que correspondiam aos titulares de diversas funções. Situava-se em pleno campo. A "Abbotsholme" contava com 40 alunos. A maneira de viver nesse internato se aproximava, o mais possível, da vida familiar. Os professores eram colegas grandes, vivendo no meio dos escolares. Aos maiores eram confiadas diversas tarefas que os iniciavam na arte de administrar. Os meninos viviam num regime de liberdade, porém em obediência à lei. (liberdade era obediência à lei). Entretanto, a Escola Nova inglesa usava sanções.

A escola de "Abbotsholme" adquiriu desde logo, grande fama na Inglaterra influenciando sobre seus colégios conservadores e aristocráticos e determinando a criação de numerosas "escolas novas", inspiradas em seus princípios. A Inglaterra, apesar do seu espírito conservador e tradicionalista, possui um profundo respeito pela liberdade individual e pela iniciativa privada, o que a torna, paradoxalmente, um ambiente propício para as realizações revolucionárias em matéria de educação.

ESCOLAS NOVAS ALEMÃS — O movimento das escolas novas inglesas se refletiu nos círculos alemães. Eis porque Herman Lietz, após visitar a escola de "Abbotsholme", fundou em Ilseburg uma instituição congênere, com o nome de "Landerziehungsheim" (lares de educação no campo). O fim desta escola era o desenvolvimento integral do homem. Não praticava, como na maior parte das escolas novas, mistura de idades, que permitia confiar aos alunos maiores uma certa tutela dos menores. Assim cada idade se desenvolvia livremente, sem ser embaraçada pela influência dum idade diferente. Davam relevo especial aos exercícios físicos e pré-militares (educação cívica).

ESCOLAS NOVAS FRANCÊSAS — Na França, o introdutor das escolas novas foi Edmond Demolins, criando a escola de "Roches", em 1899, com 50 alunos. Idêntica à inglesa preocupava-se com a educação moral e religiosa, isto é, com a educação integral. Pois dedicavam-se também, aos trabalhos manuais, tendo à escóla os seguintes: marcenaria, forja, desenhos, gravura em madeira, modelagem, cerâmica, encadernação, jardinagem etc. São dignos de men-

ção os ensaios de aplicação do ensino público francês de certos métodos ativos de educação. Haja vista o método de Cousinet (trabalho por equipes), a técnica de Freinet (imprensa escolar) e o método de Profit (cooperativas escolares).

ESCOLAS NOVAS BELGAS E HOLANDESES:— Ovídio Decroly, o grande mestre da pedagogia moderna, foi o principal animador do movimento na Bélgica. Quanto à Holanda, desde 1915 suas escolas públicas e particulares vêm sofrendo, de maneira crescente, a influência da educação renovada.

ESCOLAS NOVAS RUSSAS:— A influência das "escolas novas" sobre o sistema escolar russo se fez sentir desde antes da guerra de 1914. Uma das primeiras instituições que se organizaram sob a inspiração das novas idéias educacionais, foi a colônia escolar de "Chatzy", fundada em 1911, nas proximidades de Moscou. Nesta colônia foram aplicados métodos ativos de ensino. Nesse período, são dignos de nota a escola de Iasnaia Poliana de Tolstói.

ESCOLAS NOVAS NORTE-AMERICANAS:— Johan Oewey — Helen Parkst (Dalton). Apesar da influência das Escolas Novas européia o movimento de renovação educacional dos Estados Unidos se processou de maneira independente e original. Muito contribuiu para isso o espírito pragmático e experimentalista dos norte-americanos. Daí a variedade de tipos de "escolas novas" que vamos encontrar nesse país, onde a maioria das instituições educativas, públicas ou particulares, estão sempre animadas de um movimento incessante de progresso e de renovação.

ESCOLAS NOVAS NO BRASIL — Por volta de 1925, surgem os primeiros livros pregando a renovação educacional. As obras de CARNEIRO LEAO, MEDEIROS e ALBUQUERQUE e de JOSÉ AUGUSTO pregavam a reconstrução do sistema escolar brasileiro à luz das novas doutrinas educacionais.

A primeira das realizações concretas, no âmbito educacional, resultante dessa atmosfera revolucionária, foi a reforma do sistema escolar de MINAS GERAIS, empreendida em 1927, por Francisco Campos e Mário CASASSANTA — (BELO HORIZONTE).

Em 1928, Fernando de Azevedo planeja e realiza a reforma do ensino no Distrito Federal (Rio).

Em 1931, LOURENÇO FILHO, na direção do Departamento de Educação de São Paulo realiza a reforma do ensino primário e normal desse Estado, à luz dos princípios e das técnicas da Escola Nova.

Como vimos, as escolas novas não surgiram por uma espécie de geração espontânea. Seu nascimento era provocado pelo exemplo dum outra escola. As primeiras escolas novas apareceram como criações livres e iniciativas audaciosas, rompentes com os princípios e os usos tradicionais.

NOMES RECEBIDOS

Sob o nome de ESCOLA NOVA designaram-se coisas muito diversas. Para alguns educadores, escola nova seria a "liberdade absoluta da criança". Para outros, escola nova requeria a existência no edifício escolar de uma sala de biblioteca, um cinema educativo, um museu. Outros ainda, denominaram-na de "escola ativa". Para Kerschensteiner "escola nova" é a "escola de trabalho". Uns, chamaram-na de "escola única". Porém tudo isso não é senão aspectos da ESCOLA NOVA. Nesta, o centro do sistema escolar é o ALUNO. O método é utilizado em função do aluno. A matéria deve ser significativa, funcional, programada, dosada. Baseia-se na atividade, pois a criança é fundamentalmente ATIVA. A ATIVIDADE é a condição básica de seu desenvolvimento. Se a criança precisa de atividade, em vez de lhe dizermos 30 vezes por dia, "menino fica quieto" (o que seria o mesmo que dizer "passaro não voe", ou "boi, não rume"), o que devemos é dar atividade à criança, e proporcionar-lhe, dentro da aula, exercícios, trabalhos, jogos didáticos que lhe permitam ter atividade.

Ver, pegar e sentir, reminiscências da Escola de Trabalho de Kerschensteiner, e do alargamento desta pelos americanos, decretando o "learning by doing" (aprender fazendo), são os requisitos essenciais para uma boa aprendizagem.

Com o aparecimento das Escolas Novas, a educação visava a formação INTEGRAL DO EDUCANDO. HOJE, com a nova reformulação da ESCOLA, observamos que a finalidade soberana é ENSINAR A CRIANÇA A PENSAR. "PENSAR E" "CRIAR".

Por que lêem os adultos e as crianças?
 Uma pergunta, várias respostas surgiriam sem fugirem, entretanto, a pontos comuns. Se a questão proposta fôsse outras: como se pode desenvolver na criança a capacidade de ler inteligentemente, daria margem à várias opiniões apoiadas nas correntes pedagógicas circulantes.

Longe de ser mau para o ensino renovado que se propõe, esta diversidade pode dar margem a pontos de partida positivos para o professor que vive esta fase histórica da educação, em grandes mudanças.

Seria oportuno, entretanto, que ele agisse como Galileo diante da verdade "aristotélica" por outros respeitadas quase religiosamente a queda dos corpos. Ele decidiu fazer experimentações a fim de verificar a veracidade dessa afirmativa. E descobriu ele, a verdade sobre o assunto. Poderá alguém ainda, acrescentar algo à descoberta de Galileo.

Em questão pedagógica também não há verdades aristotélicas ou perenes, mas para alguns professores ainda há. Felizmente há Galileos também.

O que compete ao professor, responsável, pela educação numa sociedade em mudança é tomar a descoberta dos Galileos pedagógicos experimentá-las com espírito crítico e científico como alguns já estão fazendo, para que possam escolher o que há de melhor neste momento, sobre o assunto, a fim de nortear o trabalho educacional, dando margem a que novos caminhos possam surgir, amanhã.

Tudo isto, para retomar o ponto inicial como se pode desenvolver na criança a capacidade de...

Muita coisa nos deixou Sócrates mas a sua maior obra sem dúvida foi seu discípulo Platão. Um era pobre, vivia do que os outros lhe davam o outro rico de família nobre. A Criatividade grega não tinha classes.

A CIÊNCIA DE PLATÃO

A aquele dito sofista" a ciência é produto da opinião, da ilusão. Sócrates concentrou o mundo da ciência no próprio indivíduo; Platão foi além, para sair do particular como os sofistas pretendiam. A Ciência não está neste mundo.

O DUALISMO PLATÔNICO

As idéias, não podem encontrar-se no mundo da doxa (opinião para os sofistas), elas são sub-existent. Todas as idéias existiram antes de forma abstrata como se fôsem um Mundo de Idéias. Elas existindo por si mesmas, contemplaram-se as outras. A Alma do indivíduo que estava presente, viu todas as idéias (sorrer, pátria, covardia, medo, etc.), conhecia-as perfeitamente (tinha ciência). Acontece que ao tomarem um corpo, elas se perdem totalmente, isto é, a Alma que havia contemplado tudo ao descer ao Mundo Sensível, esquecia-se da sua primeira visão. (Mito da caverna).

- 1 — Uma composição criadora depende do método de alfabetização?
- 2 — Que forma de aprendizagem poderia se chamar criatividade?
- 3 — Faça um cartaz psicodélico com as principais idéias do seu planejamento
- 4 — Criar significa "bolar", ou ensaiar até acertar?
- 5 — Que existe de grego em nossa civilização?
- 6 — Pode-se dizer que as "receitas sofistas", eram composições criadoras?
- 7 — Quantos aspectos criadores você observou na sua participação em classe durante este planejamento?
- 8 — A montagem de cartazes está de acordo com que corrente psicológica?
- 9 — Que porcentagem de memória deve haver no ato de aprender?

Uma questão nova?

Dirce Mascarenhas

Ao professor que se preocupa com esta questão, o ponto de partida será, desenvolvendo a capacidade de pensar, desde o início da aprendizagem da leitura, na alfabetização.

A escolha de um método se impõe e os processos entram em jogo. Qual empregar? O do conto sentenciado, e palavrão, em fases estanques ou o conto, sentenciado e palavrão conjuntamente? Nenhum dos apontados é exclusivo deste ou daquele pré-livro (conteúdo adaptado) sendo o mais usado o último, dada a rapidez e eficiência, do mesmo.

Também na análise fonética há diferenças. De um modo, geral analisando-o, percebe-se os detalhes diferenciados.

Fases do aprendizado da leitura

I INICIAL

A) Conto, sentenciado, e palavrão conjuntamente, desde as 1.as lições do pré-livro até o final seguindo-se os mesmos passos para a leitura.

- PASSOS: 1 — Preparo — incentivo apresentação de palavras novas
- 2 — Leitura silenciosa dirigida, — comentário

Depois de Socrates, Platão

José E. Campello

Temos aí alguns conceitos: Mundo das Idéias da ciência, dos conhecimentos; Mundo do Sensível — da opinião, do aprisionamento, do esquecimento, da ilusão. E' por esse motivo que Platão é dualista na concepção do mundo da ciência. Dá uma dupla interpretação ao problema do conhecimento.

EDUCAÇÃO

A educação passa a ser então "um esforço que o indivíduo faz para lembrar-se de idéias contidas anteriormente" ou "educação é reminiscência do Mundo das Idéias".

Propõe Platão dessa maneira uma auto-educação. O indivíduo é que consegue educar-se. E o professor? E' abolido no sistema platônico?

A integração no 3.º ano

A memória vem antes ou depois desse ato?

- 10 — O uso das cores modernas é criador?
- 11 — Um texto, é bom de ser lido porque nele vê algumas coisas que já conhecia ou, porque é totalmente original?
- 12 — O conformismo hindu, dominado por uma filosofia espiritualista, bitolava a memória ou favorecia a criatividade?
- 13 — A competição gera a criatividade. Havia competição entre os espartanos?
- 14 — Sócrates, através do seu método supu-

3 — Leitura em voz alta

4 — Atividades relacionadas — fixação do vocabulário compreensão análise fonética

Ao atingir mais ou menos 50 palavras dominadas em leitura — palavras do pré-livro do equipamento da classe, as crianças começam a perceber semelhança em sons e formas em partes das palavras, dando início a outra fase, nas atividades relacionadas.

B) Análise fonética.

1 — Das palavras chaves apenas uma sílaba seria dominada. Exemplo: Pepito, e Casa, apenas a sílaba "to" e "ca".

Ao se esgotar o alfabeto (pela ordem ou não) começaria a sistematização das sílabas já conhecidas.

2 — Sistematização: é feita a sistematização das sílabas conhecidas com vogais outras em palavras já lidas, apresentadas no pré-livro, preparando para esta fase.

II — Desenvolvimento rápido, esta fase é atingida geralmente com a entrada no 1.º livro básico, a criança já terá atingido um desenvolvimento desejável em leitura no final de um ano, dominando completamente esta fase ao final de 2 anos aproximadamente.

PASSOS: os das fase inicial.

Todo o exposto serve de ponto de partida, visto que a questão ler inteligentemente, é a meta a ser atingida; quando defrontamos, já com opiniões controversas, de autoridades no assunto, o processo de ler é complexo para alguns autores, e simples na opinião de outros.

O campo está aberto.

Não, a função do mestre é "apenas colocar estímulos para que seus alunos trabalhem e descubram (relembrem) a idéia necessária".

TRANSMIGRAÇÃO DE IDÉIAS?

Onde teria buscado Platão esse ciclo do "apêgo e desapego; lembrar, esquecer?". Com os orientais? Os hindus? Um espiritualismo de idéias?

A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E O ESTADO PLATÔNICO

O esforço na lembrança da idéia é que iria determinar a posição do indivíduo na sociedade. Assim aqueles que se lembravam mais (os filósofos) deveriam governar, dirigir; os guerreiros com seguim menor índice de lembrança por isso concentravam-se na defesa; aos artesãos meros capazes ficava a manutenção da subexistência do Estado.

Era então o Estado, um indivíduo ampliado, cabeça, tronco e membros (filósofos, soldados e artesãos).

O que comunicava o Estado platônico: a capacidade individual, o próprio indivíduo. Haveria competição ou pelo menos possibilidade disso? Não sei, também naquela época Platão andou correndo para muitos lugares. Nunca pôde ver seu Estado realizado.

nha que todo indivíduo poderia criar. Certo, ou errado?

15 — Quando Sócrates observou que a Ciência seria destruída pelos sofistas reagiu imediatamente de toda maneira possível. Posto isto perguntaríamos: o instinto de defesa obriga o indivíduo consultar sua memória ou a criar situações novas?

16 — A capacidade da criança brincar com sílabas que aprendeu formando palavras novas, poderia ser chamada de memória ou criatividade?

17 — O estado socialista espartano impedia a livre expansão do indivíduo e o democrático ateniense o libertava. A criatividade era então: subbetida? estimulada? Como?

18 — Se você tivesse poderes de deslocar-se no tempo e no espaço, que soluções criadoras daria uma educação como a tradicional (chineses, hindus)

Regulamentação da 1a.

Ginkana « O Imparcial »

- 1 — Os carros e os membros das equipes deverão ser conduzidos com moderação e esportividade.
- 2 — Problemas de trânsito deverão ser resolvidos pela própria equipe; a Comissão não se responsabilizará por quaisquer problemas que possam aparecer.
- 3 — Os carros da Ginkana não deverão estacionar no trajeto da rua dr. Gurgel compreendido entre as ruas Djalma Dutra e José Dias Cintra (frente ao Colégio).
- 4 — A Comissão Central estará em reunião permanente nos salões do Colégio São Paulo.
- 5 — Toda dúvida poderá ser esclarecida com a Comissão no Colégio São Paulo.
- 6 — Não poderá reclamar a equipe que não entendendo o obstáculo ou prova apresentar problemas, na hora do julgamento.
- 7 — Os carros deverão ser pintados com dizeres alusivos ao planejamento.
- 8 — Cada equipe deverá providenciar um gravador.
- 9 — A prova constará de 3 listas de obstáculos que serão entregues da seguinte maneira:
 - 1.a lista às 8 horas — 2.a lista às 13 horas
 - 3.a lista às 16 horas.
- 10 — Os postos de recepção das listas pelas equipes serão:
 - 1.º normal — Praça da vila Maristela
 - 2.º normal — Jardim Bongiovani
 - 3.º normal — próximo ao Tênis Clube (ponto ônibus)
- 11 — Nos salões do Colégio São Paulo funcionarão 3 comissões de julgamento; uma para o primeiro outras para o segundo e terceiro anos.
- 12 — A 1.a lista deverá ser entregue até às 11 horas
A 2.a lista até às 15 horas
A 3.a lista até às 17 horas
- 13 — Não serão julgadas pela comissão listas de equipes que se atrasarem de tempo marcado.
- 14 — No ato da entrega da lista à comissão, apenas deverá fazê-lo líder, ficando os outros membros nas dependências reservadas ao público.
- 15 — Cada equipe determinará 2 elementos para funcionarem como fiscais (o líder e mais um)
- 16 — Os resultados serão julgados parceladamente mas apresentados apenas no final dos trabalhos das comissões (depois da 3.a lista)
- 17 — Os obstáculos constarão de:
arrumar coisas, elaborar coisas, responder coisas, bolar.
- 18 — Serão concedidos prêmios aos primeiros lugares bem como diplomas de participação.
- 19 — A comissão sugere às equipes que se dividam:
 - equipe de comunicação (telefone, etc...)
 - equipe de pesquisa — cadernos jornais, livros didáticos, enciclopédias
 - equipe de campo — carros com elementos de ligação
 - equipe de confecção — pessoas ou colegas que tenham habilidades de pronta execução
 - ter como centro de trabalho um ponto central
- 20 — Não deverão ser consultados os professores da classe que estudam nem os membros da COMISSÃO.

A COMISSÃO

Equipes Participantes

3.º ANO NORMAL

- N.º 1 — Equipensanti — líder Nildo Pagnosi
- N.º 2 — Metralha — líder José Carlos Guedes
- N.º 3 — Equiparada — líder Mario França
- N.º 4 — Equiparigo — líder Mary Bravo
- N.º 5 — Equipodélica — líder Roberto Casrotte
- N.º 6 — Equipicada — Maria Elizabeth
- N.º 7 — Equipersa — líder José Antonio.

2.º ANO NORMAL

- N.º 1 — Chamalaka — líder João Roberto

- N.º 2 — Equipitanga — líder Lenita M. Neirão

- N.º 3 — Equipenada — líder Maria Célia
- N.º 4 — Equipesper ta — líder Onaide Coltini
- N.º 5 — Zas-Trás — líder Vladimir Loma
- N.º 6.º — Equibobera — líder Jandira Trombeta.

1.º NORMAL

- N.º 1 — Equipilantra — líder Cornel Ramos
- N.º 2 — Equipelada — Carlos Salomão
- N.º 3 — Equipe Coimbra — líder Mauricio Marangoni
- N.º 4 — Equipe Integração — líder Eduardo.